CENTENÁRIO

da Convenção Batista do Estado de São Paulo

Convenção Batista São Paulo

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Damy Ferreira
Autor-organizador

TEOLÓGICA

Estudar aqui faz diferença. Pode crer!

Cursos de Graduação
e Pós-graduação

- Bacharel em Teologia
- Bacharel em Música Sacra
- Mestre em Teologia
- Especialização em Aconselhamento Pastoral

Desde 1957, oferecendo qualidade na formação ministerial contextualizada

Cursos Especiais

- Noções de Música
- Básico de Teologia (aos sábados)
- Básico de Música (aos sábados)
- Básico para Professores da Igreja (aos sábados)
- Formação de Professores em Musicalização Infantil Utilizando Flauta Doce (parceria com Yamaha)

Verbus

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Rua João Ramalho,466, Perdizes
CEP 05008-001, São Paulo, SP
Fone (11) 3865-3255
(14h às 21h, seg-sex)
Fax 3673-4148 (24 horas)
www.teologica.br
faculdade@teologica.br

Missões em São Paulo

Campanha 2005

Alvo Missões
600 Mil Reais

Alvo PAM-SP
200 Mil Reais

CBESP
Bradesco
Ag. 092-2
c/c 12.056-1

Convenção Batista São Paulo

CBESP - BRADESCO
Agência 092-2 - Conta Corrente 12.056-1
Peça a Boleta para remessa
Tel. (11) 3801-4403 Fax (11) 3673-7959

O Centenário da

Convenção Batista do Estado de São Paulo

Dezembro de 2004

Expediente

"O Centenário" é uma publicação histórica da Convenção Batista do Estado de São Paulo

Edição 2004

Autor-organizador: Damy Ferreira
Colaboradores da III parte do livro: Antonio Mendes Gonçales, José Vieira Rocha, Valdo Romão, Salovi Bernardo, Irland Pereira de Azevedo, Lourenço Stélio Rega, Eli Fernandes de Oliveira, Marcelo dos Santos Oliveira, Izoleide Matilde de Souza, Moacyr Tang,
Comissão do Centenário: Damy Ferreira, Daniel Andrade Vieira, Francisco Cid, Ivan Gonçalves, Izoleide Matilde de Souza, José Benedito Pereira Cunha Júnior, José Nemésio Machado, José Vieira Rocha (relator), Leonice Duarte Dantas, Lourenço Stélio Rega, Luiz Araújo, Mércia Neto Madeira e Silva, Moacyr Tang, Nanci Fonseca Leitão Meleiro, Valdo Romão.
Produção Pr. José Vieira Rocha; Apoio editorial: Consuelo Rodrigues Santana Zeller, Joelson Batista de Souza, Harumi Gianastácio, Ivone França Lemos, Maria da Penha Corte Reboredo; Contato publicitário: Pr. Salovi Bernando Jr. (011) 6191-7950; Editoração - @rteri@ - Miriam Cristina da Silva - (011) 98546-0907
Capa: Miriam Cristina da Silva
Fotolitos, Impressão e Acabamento: Imprensa da Fé

Todos os direitos autorais foram cedidos a CBESP.

Convenção Batista do Estado de São Paulo

R. João Ramalho, 440, CEP 05008-001 - São Paulo - SP
Fone (011)3801-4403 Fax: (11) 3673-7959

CBESP - Bradesco - Ag. 092-2 - C/c 12.056-1

SUMÁRIO

Do Presidente da Convenção 009
Antonio Mendes Gonçales
Sobre o Autor 011
José Vieira Rocha
Apresentação 013
Damy Ferreira

I PARTE: Retrospectiva – Uma Visão do Passado

Prólogo 017
Nossos Centenários e o Marco Inicial 017
O Centenário da Convenção 018
Panorama da Cidade de São Paulo 019
Outros Progressos no Contexto 020

1 – Antecedentes

Despertamento Missionário Entre os Batistas do Sul dos Estados Unidos 021
O Movimento Liberal na Política do Brasil Colônia 022
Aspectos Constitucionais do Período 022
A Derrota dos Sulistas Americanos 023
O General Alexandre Travis Hawthorne 024
Movimentos Imigratórios Europeus 024
A Igreja Batista em Santa Bárbara D´Oeste 025

2 – Organização das Seis Primeiras Igrejas Batistas em Solo Paulista

Primeira Tentativa em São Paulo 027
Primeira Igreja Batista em São Paulo 028
Igreja Batista em Jundiaí 031
Primeira Igreja Batista em Santos 032
Primeira Igreja Batista em Campinas 036
Igreja Batista da Liberdade 038
Primeira Igreja Batista do Brás 042
O Pastor Raphael Gióia Martins 043
O Pastor José Vieira Rocha 043
Conclusão do Capítulo das Seis Primeiras Igrejas 045
Lista das Vinte Primeiras Igrejas na Ordem de Organização 043

3 – Igrejas Batistas Étnicas

..... 047
Igrejas Batistas Letas 047
Igrejas Batistas Eslavas 048

Igreja Batista Russa, lideranda por Simeon Molochenko - capital 049
Igreja Batista Russa, liderada por Karlis Grigorovisk - interior 049
Os Batistas Estonianos 050
Igreja Batista Húngara 050
Atual Posição das Igrejas Batistas Étnicas 051

4 – Organização da Convenção Batista do Estado de São Paulo
..... 053
O Surgimento da Nossa Convenção Estadual 054
Cópia da Primeira Ata da Nossa Convenção 055
Anos Subseqüentes 057
O Batista Paulistano 060

5 – Ordem dos Pastores Batistas do Estado de São Paulo
..... 061
O Surgimento da Ordem 061
O Pastor mais antigo do Estado 063
Os Cem Pastores Mais Idosos do Estado de São Paulo 065

6 – União de Esposas de Pastores Batistas do Estado de São Paulo
..... 069

7 – Ordem dos Diáconos Batistas do Estado de São Paulo
..... 071

8 – A Doutrina dos Pioneiros
..... 075

9 – Missões Estaduais
..... 079

10 – Colégio Batista Brasileiro
..... 091
Antecedentes 091
Os Começos 092
As Dificuldades Iniciais 092
O Prédio do Colégio 093
A Biblioteca 094
As Grandes Realizações do Colégio 095
Lista dos Diretores do Colégio 096

11 – As Faculdades Batistas de São Paulo
..... 099

12 – Educação Teológica
..... 101
Seminário Teológico Batista do Estado de São Paulo 102

Faculdade Teológica Batista de São Paulo 102
Biblioteca “Dirce Rodrigues Kaschel” 103
Faculdade Teológica Batista de Campinas 104

13 – Campanhas Nacionais de Evangelização
A Campanha de 1965 – “Cristo, a Única Esperança” 109
A Campanha de 1999 - “Jesus Cristo é a Única Esperança” 110

14 - Projeto de Adensamento
..... 113
Antecedentes 113
O Que é o Projeto 114
É Um Projeto Resposta 114
É Uma Resposta Desafiante 115
Busca Um Compromisso Novo 115
Exige Uma Estratégia Eficiente e Eficaz 116
Mobilizar Todo o Povo de Deus 116
Levar o Evangelho a Todas as Pessoas em Todos os Lugares 117
Os Resultados a Curto e a Longo Prazo 117

15 – União Feminina Missionária
..... 119
Resumo dos Anos a Partir de 1922 120
Diretoria de 2004, Ano do Centenário 124

16 – União Masculina Missionária
..... 125
Lista dos Presidentes desde 1982 126
A Diretoria de 2004 126

17 – Juventude Batista do Estado de São Paulo
..... 127
A Diretoria de 2004 130

18 – O Acampamento Batista de Sumaré
..... 131

19 – Entidades de Assistência Social
Lar Batista de Crianças 135
Ação Social de Fé Batista – Recanto dos Avós 136
Policlínica Batista 137

20 – Problemas Doutrinários
..... 139
O Primeiro Problema Pentecostal 139
O Movimento da Assembléia de Deus 140
O Movimento de “Renovação Espiritual” 140

21 – Uma Celebração Digna de Registro
..... 145

II PARTE: INTROSPECTIVA UMA AVALIAÇÃO DO PRESENTE
..... 151

22 – Avaliando o Presente
..... 153
Preliminares 153
Movimento Eclesiástico 154
O Plano Cooperativo 154
Distribuição do Plano Cooperativo 156
Cooperação Denominacional 156
Área de Ação Social 157
Patrimônio 158
Avaliando Nosso Ministério Pastoral 159
Pesquisa Realizada em 1997 159
Aplicação dos Dados Coletados à Nossa Realidade 160
Uma Avaliação da Nossa Atual Conjuntura Eclesiástica 161
Uma Lição de Vida 166
Conclusão das Avaliações 169

III PARTE: PERSPECTIVA – UMA PROJEÇÃO DO FUTURO
..... 171
Justificativa 172

23 – Uma Visão do Século XXI
Damy Ferreira ***173***

Preliminarmente 173
Principais Características deste Novo Século 174
O Homem do Século XXI 177

24 – Evangelismo e Missões – Uma Projeção Para o Nosso Próximo Centenário
Damy Ferreira ***179***

Conceito de Evangelismo 179
O Lugar da Igreja no Evangelismo 181
Que Metodologia Aplicar 181
Missões e Evangelismo 184
Missões Urbanas – O Grande Desafio do Futuro 184
Missões Urbanas – Várias Fronteiras Numa Só Cidade 185
No Futuro, o Missionário Urbano 186
Conclusões 186

25 – Depois dos Cem Anos, Como Poderá Ser a Convenção?
Valdo Romão ***189***

Palavras Introdutórias 189
Considerando o Passado e o Presente 190
A Convenção, Sua Natureza e Suas Finalidades 191
Planejamento Estratégico – Uma Exigência 193
A Convenção e Suas Instituições como Prestadoras de Serviços às Igrejas 195
A Convenção, Suas Instituições e Seus Fóruns de Decisões 196
Conclusão 198

26 – Planejamento Estratégico de Crescimento de Igrejas na História da CEBESP e Para o Futuro
Salovi Bernardo ***199***

Introdução 199
O Planejamento Estratégico para a Convenção Deve Ser Sempre Global 201
Como Era São Paulo até 1954 202
O Trabalho Batista em São Paulo de 1954 – 2004 203
A Necessidade de Planejamento Estratégico Para o Crescimento de Igrejas 207

27 – O Pastor Batista do Futuro
Irland Pereira de Azevedo ***209***

Como Será o Pastor do Futuro? 211
Caráter e Perfil do Pastor Batista do Futuro 211
Compromissos do Pastor Batista do Futuro 213
Competências do Pastor Batista do Futuro 213
Desafios ao Pastor Batista do Futuro 214

28 – O Que Esperamos da Educação Teológica e Ministerial?
Lourenço Stelio Rega ***217***
Ênfases na História da Educação Teológica e Ministerial 217
O Futuro Requer Uma Educação Teológica e Ministerial Integral 222
O Futuro Requer uma Educação Teológica e Ministerial Orientada 225
O Futuro Requer que Consideremos o Caráter Estratégico da Educação Teológica e Ministerial..226
Palavras Finais 230

29 – O Futuro das Crianças no Ministério Batista
Eli Fernandes ***233***

30 – Perspectivas para a Juventude do Século XXI
Marcelo Santos ***243***
Planejando Atividades para o Ministério 244
O Processo de Transição 245

Conclusão 246

31 – União Feminina Missionária – Uma Projeção para o Futuro
Izoleide Madilde Souza* *247
Projetando o Futuro de Acordo com o Presente 248
Visão do Futuro na Área da Capacitação 249
Visão Numérica para o Futuro 249
Conclusão 249

32 – União Masculina Missionária- Uma Projeção Para o Futuro Batista do Estado
Moacyr Tang* *251
O Futuro é Hoje 251
O Futuro das Organizações 253

EPÍLOGO

..... 255
A Parábola do Pequeno Riacho 255
O Riacho que Nasceu no Templo 257
O Rio de Águas Vivas 258

APÊNDICE
..... 259
Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira
..... 261

BIBLIOGRAFIA
..... 275

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
..... 277

Pr. Antonio Mendes Gonçales

Que bela e preocupante história!

Lembro-me, quando ainda criança, das investidas missionárias por parte dos americanos, no Norte do Estado do Paraná. Isso aconteceu na década de 1940. Olhando para trás, e vendo tudo o que aconteceu ao longo dos anos, fico grato a Deus pela história dos batistas que marcou não somente a minha vida como a de muitos também.

Aliás, uma das marcas da nossa história é o trabalho missionário. É difícil encontrar um batista que não tenha um missionário como exemplo para sua vida. Agora as coisas mudaram um pouco, mas no meu tempo de juventude, as classes da Escola Bíblica Dominical tinham nomes desses verdadeiros heróis da fé. Lembro-me de missionários que se hospedavam em nossa casa. Que alegria era recebê-los! Eram tratados como pessoas muito especiais e parecia que eles traziam uma bênção muito especial para nós.

Na minha adolescência ouvia os grandes vultos, os príncipes dos púlpitos batistas, homens que fizeram também nossa história. Homens que até hoje se constituem em exemplos de fidelidade à Palavra. Homens que estão inseridos nas nossas famílias, pois apresentaram bebês ao Senhor, realizaram cerimônias de casamento, bodas de prata, de ouro. É comum ouvirmos histórias como de um Rubens Lopes pregando o Evangelho nas escadarias do Palácio dos Campos Elíseos, na presença do então governador Ademar de Barros. Lá estávamos como anunciadores da cam-

panha “Cristo, a Única Esperança”. Lembro também do estádio do Pacaembu lotado para ouvir o grande evangelista Billy Graham. São vários e bonitos episódios que marcaram de forma muito bela a nossa história. Ficaríamos muito tempo e preenchendo páginas e páginas recordando nosso passado.

Infelizmente não podemos só lembrar o nosso passado. É preciso olhar para o presente e para o futuro. No presente vemos o crescimento de igrejas que se dizem evangélicas mercadejando a fé, vendendo bênçãos e transformando o Evangelho da Graça em mercadoria. O presente trás preocupações também em nosso meio. É comum ver igrejas sendo levados por ventos de doutrina que não se conformam com a Verdade. São igrejas que perdem o que chamamos de identidade batista. Entendo que a nossa identidade não é desenhada pela tradição, e sim pela convicção doutrinária, pela certeza de que temos uma denominação centrada tão somente na Palavra de Deus.

Se o presente já trás muitas preocupações, imaginem o futuro. As grandes realizações da nossa denominação vão ocorrer. Mas, e a doutrina, e a ética e os posicionamentos ante os princípios eternos da Palavra de Deus? É preciso que resguardemos a “sã doutrina”; é mister que nos empenhemos em mantê-la sem nos deixarmos levar por modismos, que substituem a edificação profunda e real do Corpo de Cristo, por programas e shows que agem superficialmente na vida das pessoas.

Os padrões divinos não podem ser rebaixados para atender os caprichos de uma sociedade corrompida pelo pecado. Eles precisam falar mais alto e as igrejas precisam ter a coragem de aplicá-los, mostrando assim ao mundo que há opções de seriedade para aqueles que querem realmente servir ao Senhor.

Que neste centenário firmemos o propósito de manter o legado da “sã doutrina”, que foi, que é, e que será a marca distintiva dos Batistas do Estado de São Paulo. A nossa história só poderá continuar bela, desde que não haja distanciamento do nosso povo, das nossas igrejas do ideal divino que é a evangelização dos povos, a capacitação dos santos, a defesa da “sã doutrina” e a glorificação do nosso Deus.

Pastor Antonio Mendes Gonçales
Pastor da Primeira Igreja Batista de Atibaia - SP
Presidente da Convenção Batista do Estado de São Paulo

SOBRE O AUTOR

Por José Vieira Rocha

O autor Pastor Damy Ferreira

Deus nos abençoou ricamente com a escolha do Pastor Damy Frerreira para preparar o "Livro do Centenário da CBESP". Damos muitas graças a Deus porque Ele preparou esse querido colega para tão nobre tarefa.

Obreiro aprovado, escritor competente, preparo exuberante, vida ministerial digna, séria e fiel, com 47 anos de ministério pastoral dedicados à Denominação Batista, ele foi escolhido pela Comissão do Centenário para recolher material histórico e escrever nossa história de modo significativo, que agora colocamos nas mãos dos amados leitores. De agora em diante, nossos Pastores, Seminaristas e o povo Batista em geral têm onde consultar sobre a história dos Batistas no Estado de São Paulo.

O Pastor Damy Ferreira é Capixaba, nascido no Município de Boa Sorte (Afonso Cláudio), ES, filho de Grigório Ferreira Paiva e Etelvina Silva Ferreira. Seus filhos são: Dalel, Davis, Doneivan e Dorine. É casado em segundas núpcias com Salete Sabino Ferreira. Bacharel em Teologia, Bacharel em Direito (Advogado), Mestrado em Artes Religiosas e Doutor em Teologia.

Pastoreou Várias Igrejas, dentre elas: Igreja Batista da Liberdade (SP); PIB de Araçatuba (SP);

Igreja Batista de Tauá, Ilha do Governador (RJ); First Portuguese Speaking Baptist Church, San Francisco, Califórnia (USA); Portuguese Speaking Baptist Church, Dambury, Connectticutt (USA); Igreja Batista de Vila Formosa (SP). Atualmente pastoreia a Igreja Batista Central em Osasco, Osasco (SP).

Exerceu inúmeras funções na nossa Denominação, tais como: Presidente de Associações Regionais; Vice-Presidente da CBESP por duas vezes; membro da JMN por dois períodos em épocas diferentes; membro da JMM por um período; Secretário Executivo da Convenção Batista Carioca de 1987 a 1992; Secretário Executivo da Associação das Igrejas Batistas Brasileiras da América do Norte, 1995-1996 – AIBBAN – USA.

Autor de uma dúzia de livros, dos quais citamos: Evangelismo Total, 5a. edição, Editora Horizonal, Rio de Janeiro, 2004; Ecologia na Bíblia, Juerp, Rio de Janeiro, 1992, edição esgotada; Capelania Hospitalar Cristã (juntamente com o Prof. Lizwaldo Mário Ziti), Editora Socep, Santa Bárbara D´Oeste; Teologia do Louvor, Editora Horizonal, Rio de Janeiro, 2004. Está saindo o livro: 360 Esboços de Sermões para Ocasiões e Eventos Especiais (Editora Horizonal).

Nos Estados Unidos, lançou dois livros: Evangelizacion Total – Metodos Y Estrategias, Casa Bautista de Publicaciones, e Crisis em la Alabanza, El Paso, Texas.

Publicou também quatro revistas para EBD:

Clonagem Humana e Outros Temas da Bioética;

O Meio Ambiente Segundo o Seu Criador;

A Bíblia – Origem e Formação.

Os Dons Espirituais

O Pastor Damy Ferreira é membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil

Louvamos a Deus por vida tão abençoada e abençoadora, como tem sido e como continuará sendo. Rogamos a Deus que o Senhor da Glória recompense ao Pastor Damy Ferreira, por tão grande esforço em preparar esta obra histórica.

Pastor José Vieira Rocha
Pastor da PIB do Brás
Diretor Executivo da CBESP
Diretor Executivo da OPBB-ESP

APRESENTAÇÃO

Inicialmente agradeço à Comissão do Centenário, da qual também faço parte, a honra que me concedeu escolhendo-me para tão importante tarefa, a de escrever o Livro do Centenário. Na ocasião foi votado que eu ficasse livre para elaborar o roteiro do livro uma vez que, segundo pronunciamento de um dos membros da comissão, eu já tinha experiência na área como escritor. Isto, realmente, me ajudou a elaborar o roteiro que agora apresento.

Louvando-me em várias sugestões que surgiram naquela reunião da minha indicação, veio logo à minha mente dividir o livro em três partes principais: 1) Retrospectiva – Uma Visão do Passado; 2) Introspectiva - Uma Avaliação do Presente; 3) Perspectiva – Uma Projeção do Futuro.

Na primeira parte cuidei de história, utilizando-me do que já está nos livros e buscando em atas das organizações, em O Jornal Batista e O Batista Paulistano, outros subsídios. Nesta área, aliás, não é fácil trabalhar entre nós. Para que se tenha uma idéia, o livro de atas da Convenção Batista do Estado de São Paulo mais remoto que se encontra arquivado data de 1919. De outros não nos foi possível saber.

Na segunda parte, quando me refiro a Introspectiva – Uma Avaliação do Presente, é no sentido de fazermos uma auto-análise do trabalho Batista no Estado. Evidentemente esta parte deixa a desejar por falta de dados mais detalhados. Como esta é uma análise ou avaliação histórica, ela não pode desprezar os problemas, os pontos negativos, além de ressaltar os pontos positivos.

A projeção do futuro é ainda mais difícil. Para ajudar nesta projeção, procurei alinhavar alguns aspectos das perspectivas mundiais do futuro, principalmente do ponto de vista da ciência, para poder aplicar nossos dados de crescimento e compreensão dos elementos que atualmente nos motivam na obra de Deus.

Como não temos, no momento, nenhum plano elaborado para o futuro, achei melhor pedir a alguns líderes que estão envolvidos há muito tempo com o trabalho do nosso Estado para escreverem artigos, em diversas áreas, sobre sua visão de como seria o trabalho dos Batistas neste século XXI. Assim é que escolhi: Damy Ferreira, sobre: Uma Visão do Século XXI e Evangelismo e Missões; O Pr. Valdo Romão, sobre: Depois dos Cem Anos, Como Poderá ser a Convenção?; Pr. Salovi Berbardo, sobre: Planejamento Estratégico de Crescimento de Igrejas na História da CEBESP e para o Futuro; O Pr. Dr. Irland Pereira de Azevedo, sobre O Pastor Batista do Futuro; O Pr. Prof. Lourenço Stelio Rega, sobre: O Que Esperamos da Educação Teológica e Ministerial?; o Pr. Eli Fernandes, sobre: O Futuro das Crianças no Ministério Batista; O Pr. Marcelo Santos, sobre: Perspectivas para a Juventude do Século XXI; A Sra. Izoleide Matilde de Souza, sobre: União Feminina Missionária - Uma Projeção para o Futuro; o Pr. Moacyr Tang, sobre: União Masculina Missionária – Uma Projeção para o Futuro Batista do Estado.

Estes artigos não são para discussão em plenário, naturalmente, mas para reflexão, o que nos ajudará quando estivermos realmente trabalhando em algum tipo de planejamento para o futuro.

A minha intenção inicial era expandir um pouco mais o conteúdo do livro, mas o tempo foi curto demais para as pesquisas e para a coleta de dados estatísticos. Para que se tenha uma idéia, tive apenas pouco mais de três meses para entregar o livro pronto para a revisão. No entanto, aí está um pouquinho mais do que já se possuía. Este pode ser um ponto de partida para um trabalho mais completo para o futuro. E, sobretudo, um desafio para que nos organizemos melhor para continuarmos escrevendo a nossa história.

Damy Ferreira

I PARTE

RETROSPECTIVA – UMA VISÃO DO PASSADO

Nosssos centenários e o marco inicial

Por ocasião do centenário da Primeira Igreja Batista de São Paulo, em 1999, o Batista Paulistano lançou uma edição especial comemorativa da data. No editorial, o Pr. José Vieira Rocha, então Presidente da nossa Convenção, falou do Primeiro Centenário dos Batistas do Estado de São Paulo, naturalmente baseado na tese do marco inicial de 1882 .[1]

O assunto do marco inicial da nossa história Batista, tanto no Brasil, como em São Paulo, é bastante polêmico e há dois grupos distintos: um que defende o marco inicial com a organização da Igreja Batista em Santa Bárbara D´Oeste, em 1871; outro que defende o marco inicial a partir da organização da Primeira Igreja Batista do Brasil, em Salvador, em 1882.

A tese do grupo que defende 1882 é que a Igreja Batista de Salvador nasceu pelo trabalho direto de missionários que aqui chegaram para esse fim, para evangelizar os brasileiros, enquanto que a Igreja Batista de Santa Bárbara D´Oeste surgiu exclusivamente pela união de imigrantes, para atender suas necessidades espirituais, eis porque os cultos eram em inglês.

A respeito da polêmica, diz o Pr. Dr. Rubens Lopes, em artigo publicado em o Batista Paulistano em 1949, por ocasião do Jubileu de Ouro dos Batistas em São Paulo, intitulado: E Santa Bárbara?

“Não foi ali, no interior do Estado, que se iniciou o trabalho batista, muito antes de se ter organizado a Primeira Igreja Batista da Capital?

Por que então considerar como jubileu do Campo aquilo que a muitos se afigura apenas o jubileu da Primeira Igreja Batista de S. Paulo?

São perguntas que não podem ficar sem uma resposta que justifique...

De fato, a Igreja Batista de Santa Bárbara foi organizada no dia 10 de setembro de 1871 e a Primeira Igreja de S. Paulo só no dia 6 de julho 1899.

Mas a Igreja de Santa Bárbara foi criada por americanos e para americanos, isto é, com o único objetivo de oferecer assistência espiritual a um reduzido grupo de imigrados.”

E mais a frente:

“E foi assim que surgiu a Igreja Batista de Santa Bárbara. De americanos e para americanos, tanto que os cultos eram realizados em língua inglesa.

Na fachada do gracioso templo, rodeado de esbeltas palmeiras, lia-se: “Memorial Chapel”.

A definição da tese de 1882 havia começado de maneira mais patente a partir de uma proposta de J. Reis Pereira na Assembléia da Convenção Batista Brasileira, reunida em Fortaleza, em 1968, para que o dia 15 de outubro, data da fundação da Primeira Igreja Batista em Salvador – considerada a Primeira Igreja Batista do Brasil – fosse considerada o Dia Batista do Brasil.

A proposta é aprovada, mas a sua homologação definitiva ficou para a Assembléia do ano seguinte, 1969, a realizar-se em Niterói. E de fato foi definida a tese, com a data de 15 de outubro de 1882.[2]

Nos dez anos seguintes à decisão da Convenção Batista Brasileira em Niterói, de preparação para o centenário, entrou na polêmica D. Bety Antunes de Oliveira, esposa de pastor e filha de imigrantes. Ela escreveu o livro: Centelha em Restolho Seco - Uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil.[3]

Na Assembléia de Niterói, em 1969, não aparecendo objeções formais, a proposta foi ratificada e a data foi homologada oficialmente.[4]

O Centenário da Convenção

Evidentemente, se seguirmos a tese de J. Reis Pereira de que a Igreja Batista de Santa Bárbara, a despeito de seu grande valor para o Reino de Deus, não constitui marco no sentido missionário, realmente festejamos em 1999 o centenário da Primeira Igreja Batista em solo Paulista. Como defender uma tese não é o escopo deste livro, vamos aceitar o que está oficializado, sem entrar no mérito da questão.

E agora, a partir da organização da nossa Convenção, estamos festejando o nosso centenário como denominação, o que não tem nada a ver com a tese de âmbito nacional, da polêmica do marco inicial pois, inquestionavelmente, a nossa Convenção Surgiu em dezembro de 1904.

Assim, não é demais lembrar que em 1999 celebramos o centenário da Primeira Igreja Batista de São Paulo, marco inicial do trabalho Batista no Estado de São Paulo, dentro da tese oficial do marco iniciado em Salvador, em outubro de 1882, aprovada pela Convenção Batista Brasileira. E em 2004 estamos celebrando o centenário da nossa existência como denominação devidamente organizada.

Panorama da Cidade de São Paulo

Não desejando engrossar por demais este volume, quero, no entanto, prosseguir, apresentando uma breve visão do panorama da Cidade de São Paulo quando nossos pioneiros começaram a trabalhar em nosso campo.

São Paulo havia passado à categoria de cidade a partir de 1711, mas ela só se firmou como cidade e capital da Província no início do século XIX, com a independência do Brasil, ocasião em que passou a ser sede de uma Academia de Direito. E daí marchou para ser importante centro intelectual.[5]

Em 30 de abril de 1854 foi inaugurada a primeira estrada de ferro da América do Sul. Sua extensão era de 37 quilômetros e recebeu o nome de Estrada de Ferro D. Pedro II. Mais tarde seu nome foi mudado para Estrada de Ferro Central do Brasil. Em razão dos muitos desastres que aconteciam, o brasileiro, já naquele tempo muito criativo, costumava chamá-la de "estrada de ferro cabeça de burro" (E.F.C.B) ou, ainda, "empresa funerária caixão branco".[6]

É bom lembrar que esta era a primeira linha férrea no Estado de São Paulo e não do Brasil. A primeira do Brasil, foi a que ia do Rio de Janeiro a Petrópolis, para atender as viagens do Imperador. Esta foi construída até mesmo antes da linha de Curitiba que, segundo alguns historiadores teria sido a primeira.

Como a primeira iniciativa deu certo, em 1856, após vários entendimentos empresariais, foi formada uma linha férrea vindo de Santos em direção aos bairros do Brás e do Guaré (hoje estação da Luz). Iniciada em 1856, foi inaugurada em 1865 e recebeu o nome de São Paulo Railway Company (SP.R). Esta foi a Santos-Jundiai.

Por essa época, havia um fluxo muito grande de imigrantes europeus. Na virada do século, em 1895 a população de São Paulo contava com 130 mil habitantes, dos quais 71 mil eram estrangeiros.[7] Em 1900 este número subia para 239.820. Foi nesta época também que surgiram as primeiras linhas de bondes (tração animal), reservatórios de água e iluminação a querosene.

Como vimos, a primeira ferrovia no Estado de São Paulo surgiu em 1854 que vinha de Santos até o bairro do Brás. Mais tarde foi estendida até Jundiaí, ficando conhecida posteriormente como Santos-Jundiaí. Mas, até surgirem os primeiros veículos motorizados, o grande sistema de transportes coletivos eram as carruagens de tração animal. Em São Paulo, ao tempo do início dos trabalhos Batistas, funcionava o bonde a tração animal.

Em alguns percursos, o Rio Tamanduateí era navegável para barcos e canoas, com cerca de 4 portos, que permitia o transporte de mercadorias, principalmente verduras e legumes.[8]

Por aqui ficamos sabendo como se locomoviam e como viviam nossos missionários.

Outros progressos no Contexto

No final do século, a expansão da lavoura cafeeira em várias regiões paulistas, somada à já citada inauguração da estrada de ferro Santos-Jundiaí, dava à cidade de São Paulo uma fisionomia de muito progresso. O Brás e a Lapa tornaram-se bairros operários, pois ali concentravam-se as indústrias nas proximidades dos trilhos da estrada de ferro. A região do Bexiga foi ocupada pelos imigrantes italianos e a Avenida Paulista e adjacências, com muitas árvores, exibia os palacetes dos grandes cafeicultores.

Podemos alistar as seguintes grandes realizações do período: 1) a abertura da Av. Paulista (1891); 2) a construção do Viaduto do Chá (1892), que ligou o chamado "centro velho" com a chamada "cidade nova", compreendida pela Rua Barão de Itapetininga e adjacências; 3) a construção da nova estação da São Paulo Railway – a famosa Estação da Luz, cujo material de construção, do tijolo aos parafusos, veio da Inglaterra; 4) A criação do cargo de Prefeito Municipal, cujo primeiro titular foi o Conselheiro Antônio da Silva Prado. Igualmente foi definida a relação entre o poder executivo e legislativo, separadamente.

Em 1895, a população da Cidade de São Paulo era de 130 mil habitantes, chegando a 239.820 em 1900.[9] No final do ano 1906, a capital de São Paulo, segundo registro de A R Crabtree,[10] contava com 300.000 habitantes. No Estado todo havia 10 Igrejas Batistas, com 303 membros. As cidades maiores fora de São Paulo contavam, em média, entre 50 e 100 mil habitantes.

1

ANTECEDENTES

"Lembrem-se dos dias do passado; considerem as gerações há muito passadas. Perguntem aos seus pais, e estes lhes contarão, aos seus líderes, e eles lhes explicarão" (Dt. 32.7 – NVI).

Para falarmos do surgimento dos Batistas no Estado de São Paulo, temos de retroceder um pouco a alguns fatores que muito contribuíram para que surgisse a primeira Igreja Batista em solo Paulistano.

Despertamento Missionário entre os Batistas do Sul dos Estados Unidos

Em 1850 começa a surgir entre os Batistas do Sul dos Estados Unidos o desejo de enviar missionários para as Américas Central e do Sul. No ano seguinte, sendo mais específicos, a Convenção, através de sua Junta de Missões Estrangeiras, recomendou a abertura de missões em qualquer uma ou em todas das seguintes cidades: Havana, México, Rio de Janeiro, Valparaíso e Panamá.[11]

Em 1860 é feita a primeira tentativa, quando a Junta enviou o casal T. J. Bowen, que havia fundado a Missão Batista de Yoruba, no oeste da África, mas havia tido problemas de enfermidade e resolvera tentar outro clima. Mas também não deu certo. J. Reis Pereira observa que o Rev. Bowen, que falava dialetos Africanos, começou a se aproximar de escravos, o que levantou suspeitas sobre seu papel no País. Chegou até a ser preso por esta razão.[12]

Nesse interregno estoura a guerra americana entre o norte e o sul dos Estados Unidos e todo o movimento missionário é prejudicado.

Somente em 2 de março de 1881, aportou no Rio de Janeiro, o primeiro casal que daria certo: William Buck Bagby e sua esposa, Anne Luther Bagby. E então o trabalho começa a ganhar força.[13]

O Movimento Liberal na política do Brasil - Colônia

Colonizado por Portugal, País radicalmente católico, o Brasil foi posto debaixo da mesma rigidez. Só para citar um pequeno detalhe, em 1800 o cientista Barão von Humboldt foi impedido de visitar o Brasil, pois Portugal temia que ele pudesse envenenar a mente do povo com suas "novas idéias e princípios falsos".[14]

Segundo a Constituição de 1824, a religião católica era a religião oficial do Estado. Cemitérios pertenciam à Igreja Católica, casamentos também eram feitos por ela.

A fuga de D. João VI para a colônia do Brasil começou a abrir um movimento chamado de Liberalismo. Dentre outras coisas que aconteceram, foi criado um Banco Nacional, foram suspensas as restrições à imprensa e abertos os Portos do Brasil ao comércio estrangeiro.

D. Pedro II entra no circuito e vem com uma mente mais liberal ainda, e prepara o terreno para o estabelecimento da liberdade religiosa no País. A época era favorável ao estabelecimento da democracia em virtude da queda da Bastilha na França. Igualmente, pela mesma época, acontecia a independência das colônias norte-americanas. O surgimento de homens de mente liberal como: Rio Branco, Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, quebranta o radicalismo católico no Brasil, para abrir as portas para o Evangelho. Sobretudo, pela atitude liberal de D. Pedro II, as sociedades bíblicas começam a despejar Bíblias no Brasil.[15]

Pelo menos do ponto de vista oficial, as portas estavam abertas para o Evangelho no Brasil.

Aspectos constitucionais do período

A primeira Constituição do Brasil, promulgada em 25 de março de 1824, no 3º ano da Independência, determinava, em seu Art. 5º: "A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo". E o Art. 179, parágrafo 5o, complementava: "Ninguém pode ser perseguido por motivo de religião, uma vez que respeite a do Estado, e não ofenda a moral pública".

Esta Constituição foi reformada várias vezes: Lei nº. 1, de 1º de outubro de 1828; Lei n º 12, de 12 de outubro de 1832; Lei nº 12, de 12 de agosto de 1834; Lei nº 105, de 12 de maio de 1840; Lei no. 234, de 23 de novembro de 1841.[16]

Por ter a Igreja Católica como religião oficial do Estado, os outros religiosos enfrentavam muitos problemas com cemitérios e registro de casamento. Eis porque a Igreja Batista de Santa Bárbara criou seu próprio cemitério.

Com a proclamação da República em 1889 veio, em 1890, o Decreto que determinava a separação oficial entre a Igreja e o Estado, que foi seguido da Constituição de 1891. Nesta, são regulamentadas, de vez, a questão da liberdade religiosa, a natureza dos cemitérios e do casamento, como segue:

Art. 72 (constituição de 1891):

Parágrafo 3º "Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum".

Parágrafo 4º "A República só conhece o casamento civil, cuja celebração será gratuita".

Parágrafo 5º "Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a prática dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não ofendam a moral pública e as leis".[17]

Assim, no caso de São Paulo, afora o caso da Igreja Batista de Santa Bárbara D´Oeste, que foi organizada em 10 de setembro de 1871, a Primeira Igreja Batista de São Paulo, que foi organizada em 06 de julho de 1899, já estava legalmente amparada pelas regras da República, que logo teve sua nova Constituição (1891).

Não entraremos no capítulo das perseguições pois fugiria ao escopo deste trabalho. Mas digamos de passagem apenas que mesmo sendo amparado pela lei, o povo Batista teve de enfrentar muita perseguição, pois a Igreja Católica não gostou das novas legislações.

Todavia, este capítulo de perseguição faz parte da trajetória dos Batistas e, ao final, acaba sendo um fator estimulante do crescimento. E foi o que aconteceu em São Paulo.

A derrota dos sulistas americanos na guerra de secessão

Tendo perdido a guerra, muitos sulistas americanos começaram a sonhar em tentar a vida em outro País. O Brasil estava em evidência na época no mundo pelo seu progresso. A partir de 1865 vários americanos imigraram para o Brasil, a maioria evangélica e muitos deles vieram estabelecer-se em Santa Bárbara, na Província de São Paulo.

Dentre os evangélicos do grupo que chegava, estavam: Presbiterianos, Metodistas e Batistas. Animados pelas boas condições para agricultura, logo começaram a estabelecer suas Igrejas. Em 1871 surgiu a Igreja Presbiteriana, logo depois, a Metodista, e, a 10 de setembro, a Batista.[18]

Essa Igreja, posto que composta só de americanos, foi a primeira organizada no Brasil e a primeira em solo Paulista. Apesar de sua intenção ter sido de atender as necessidades espirituais da colônia americana, ela exerceu grande influência no sentido de reforçar o interesse missionário dos Batistas do Sul dos Estados Unidos pela implantação do Evangelho no Brasil.

O General Alexander Travis Hawthorne

Advogado americano bem-sucedido, Hawthorne alistou-se no exército sulista americano durante a guerra. Deu-se e comportou-se tão bem, que recebeu a patente de general. Derrotados os sulistas, Hawthorne, tentando começar a vida de novo, veio ao Brasil para verificar a possibilidade de estabelecer uma outra colônia, e chegou a demarcar uma área na Bahia. Seus patrícios sulistas já haviam chegado a Santa Bárbara e ali se estabelecido. Ele não era crente ainda. O Pr. Edson Borges de Aquino, em artigo de página inteira de O Jornal Batista, em 15 de outubro de 1882, sugere que ele deve ter tido contato com os Batistas de Santa Bárbara que, naturalmente, o impressionaram sobre o Evangelho (O Jornal Batista, edição especial do centenário, p. 63 – Os Batistas do Estado de São Paulo). J. Reis Pereira conta que Hawthorne, voltando à América passou por dura experiência com a morte de sua filha única. Isto o levou para Deus.[19]

Convertido, tornou-se Batista, e logo passou a ser entusiasta propagandista da obra missionária no Brasil. Em 1880, ao participar de uma assembléia da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, em Lexington, foi nomeado relator de uma comissão destinada a opinar sobre a abertura de trabalho missionário no Brasil.

Seu relatório foi dos mais otimistas. Mencionou que o Império do Brasil era tão grande quanto os Estados Unidos, excluindo-se o Estado do Alasca, e que o País tinha 10 milhões de habitantes. Seu relatório completo está na obra: História dos Batistas no Brasil, J.Reis Pereira. E foi tão convincente que ele mesmo foi nomeado agente de Missões Estrangeiras no Estado do Texas. Foi quem influenciou os primeiros casais de jovens missionários que vieram ao Brasil, e depois, especificamente para São Paulo.[20] Sobretudo, foi ele que, usado por Deus, convenceu a então jovem Anne Luther, mais tarde, Anne Luther Bagby, a mudar de idéia de ir para a Birmânia, para vir para o Brasil.[21]

Movimentos imigratórios de europeus

Desde bem cedo começaram movimentos imigratórios de povos de diversas partes da Europa para o Brasil devido a crises no “velho mundo”, por um lado, e as farturas e facilidades imigratórias oferecidas aqui.

O Pr. Osvaldo Ronis, em seu volumoso livro: Epopéia de Fé: A História dos Batistas Letos no Brasil, menciona a chegada de vários grupos para vários Estados, principalmente para os Estados do Sul: em 1818 chegaram 2.000 suiços-alemães de

Cantão de Friburgo, na Suiça e fundaram a colônia de Nova Friburgo no Rio de Janeiro. Mais tarde, a partir de 1824, os alemães vieram em grandes grupos para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Espírito Santo. Em 1866 vieram norte-americanos para várias partes, principalmente para São Paulo, região de Santa Bárbara D´Oeste. Em 1871, vieram italianos para o Estado de São Paulo, Paraná, Santa Catatarina e Rio Grande do Sul. Em 1875 começam a chegar os eslavos – poloneses, ucranianos e outros, ocupando partes do Paraná. Em 1890, começam a chegar os holandeses, os húngaros, os lituanos e os letos. Os húngaros, lituanos e letos, explica Osvaldo Ronis, eram contados como russos.[22]

Na composição desses grupos, havia muitos crentes, principalmente Batistas. É dessa primeira leva que surge a Igreja Batista Leta de Nova Odessa, no interior de São Paulo, em 1906.

Em são Paulo, o grande movimento leto, começa mesmo após a organização da Igreja Batista Leta de Nova Odessa, em 26 de dezembro de 1906, e depois da Primeira Grande Guerra, com a fundação da Colônia Varpa.[23]

Como resultado desse movimento imigratório, surgiram algumas Igrejas étnicas em são Paulo ao mesmo tempo em que surgiam as brasileiras, como é o caso da Igreja Batista Russa, organizada em 1906, em são Paulo, com 55 membros.[24]

A Igreja Batista em Santa Bárbara

Com a derrota dos sulistas na guerra contra o norte dos Estados Unidos, muitos americanos do sul começara a procurar uma nova vida em outro País. O Brasil, na época, era uma opção promissora e as portas estavam abertas. Assim, um grande grupo veio para o Brasil, o principal dele para Santa Bárbara D´Oeste, no interior de São Paulo. Havia no grupo muitos crentes, principalmente Presbiterianos, Metodistas e Batistas.

O Pastor José Vieira Rocha, em sua mensagens na Assembléia Legislativa de são Paulo, por ocasião de homenagem que aquela Casa prestou aos Batistas de são Paulo, assim se expressa sobre esses imigrantes:

"Motivados pela Guerra Civil ocorrida nos Estados Unidos em 1865, os americanos começam a buscar outras terras onde pudessem tentar a vida. O Brasil é um dos países escolhidos, e, em 1867, grupos de americanos que somavam mais de 8.000 pessoas desembarcam no pequeno Porto de Iguape, SP. Avançando para o continente escolhem a cidade de Santa Bárbara d'Oeste para adquirirem terras e fixarem residências, atuando na formação de forte agricultura. Entre os emigrados muitos eram evangélicos e entre esses, muitos eram Batistas".[25]

Estabelecidos no novo lar, logo cuidaram de organizar suas Igrejas. Assim é que além das Igrejas Presbiteriana e Metodista, foi organizada a primeira Igreja Batista em solo brasileiro e, em particular, em solo paulista, em 10 de setembro de 1871.

O Batista Paulistano, edição de julho de 1949, informa que "seu templo, rodeado de lindas palmeiras, trazia na fachada a frase: Memorial Chapel". Informa mais o

mesmo jornal que ela deixou de existir em 1910. A razão principal do seu desaparecimento foi a mudança de seus membros para outras cidades. Mas doze dos seus membros saíram com carta demissória e foram participar da Igreja Station (Estação), também de americanos para americanos. Esta também logo desapareceu por causa da epidemia de febre amarela. Sobrou apenas um membro.[26]

Essa Igreja, apesar de não ser de brasileiros, obteve mais tarde a ajuda de missionários que vieram desenvolver Igrejas entre brasileiros, e exerceu muita influência lá nos Estados Unidos para o envio de missionários para o Brasil.

A esposa do ex-governador do Estado de São Paulo, Paulo Egídio Martins, Sra. Maria Elisa B. Byington é descendente de imigrantes que fundaram a Igreja Batista de Santa Bárbara. Ela editou um livro em Inglês intitulado: Cartas de um Soldado Confederado e outros, à Senhorita Sally Strong – 1862-1869. Há muito material precioso neste livro editado em Inglês, em 2001, por ela mesma. O prof. Aloísio Furtado de Mendonça possui um exemplar da obra autografada pela autora.

Igualmente, alguns trabalhos de D. Bety Antunes, principalmente seu livro: Centelha em Restolho Seco - Uma Contribuição para a História dos Primórdios do Trabalho Batista no Brasil. Edição da autora, 1985, apresenta excelente trabalho sobre a vida dessas Igrejas em Santa Bárbara D´Oeste

2

A ORGANIZAÇÃO DAS SEIS PRIMEIRAS IGREJAS BATISTAS EM SOLO PAULISTA

"Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt.16.18 – ERC)

Primeira tentativa na Cidade de São Paulo

Em agosto de 1888 o missionário E. H. Soper e sua esposa, depois de uma visita pastoral em Santa Bárbara, tentaram abrir um trabalho na cidade de São Paulo. Logo foram surpreendidos pela morte de seu filho único. A despeito da dor sofrida, prosseguiram e começaram uma Escola Dominical (como era chamada naquele tempo – os americanos até hoje usam a mesma nomenclatura: "Sanday School"), visitando o povo, distribuindo literatura e pregando o Evangelho. Nesse interin, foram insistentemente convidados pelos irmãos do Rio de Janeiro para ajudá-los, uma vez que o trabalho lá florescia bastante e era a Capital Federal. Acabaram desistindo de São Paulo e indo para o Rio de Janeiro.

Em dezembro de 1891 foram organizadas duas Igrejas em solo Paulista, uma em São Paulo, outra em Campinas, ambas compostas de estrangeiros europeus. A de São Paulo desapareceu pouco depois, com a mudança de seus membros para outras partes do País. A de Campinas foi totalmente destruída em 1892 pela epidemia de febre amarela que vitimou todos os seus membros, restando apenas um (que não é identificado pelo historiador).[27]

Primeira Igreja Batista em São Paulo

Em maio de 1899 chegaram os primeiros missionários batistas da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, com o fim de começar o trabalho Batista em São Paulo. Eram eles: J.J. Taylor e J.L. Downing e suas respectivas famílias.

Houve muita resistência do catolicismo no sentido de impedir que conseguissem algum lugar para se reunirem, mas em junho do mesmo ano conseguiram uma loja na Rua Santa Efigênia, no. 90A, e no terceiro domingo daquele mês inauguraram os trabalhos como "ponto de pregação".

Como chegaram outros irmãos para engrossar fileiras com os missionários, em menos de um mês, em 6 de julho de 1899, o "ponto de pregação" foi transformado em Igreja com 18 membros, alguns vindos do Rio de Janeiro, outros de Belo Horizonte e, outros ainda, de Santa Bárbara d´Oeste, ficando como membros fundadores:

J.J. Taylor, J. L. Downing, Mary B. Wilcox, Berth R. Stenger, Ada L. Taylor, Merlin M. Taylor, Ada B. Downing, Sara R. d´Oliveira, Brígida R. d´Oliveira, Jorge Cassiano, C. F. Hammett, Srta. Hammett, Jessie Limpkim, José Alt, Amélia Ellert, Carlos Ellert, Maria Alt e Eugênio Hermann.

O Dr. J. L. Downing, que era médico e excelente pregador, e o Pr. J.J. Taylor ficaram à frente dos trabalhos da novel Igreja. No mês seguinte foi batizada a primeira pessoa em solo paulistano, a irmã Alvina Ellert. Em setembro, foi batizado o segundo fruto do trabalho: o irmão Pasqual Giuliani. Com um movimento de membros por cartas de transferência de Campos (RJ) e Rio de Janeiro (RJ) a Igreja encerrou aquele ano de 1899 com 22 membros.

Esses mesmos missionários assumiram os trabalhos da Igreja de Santa Bárbara, estabelecendo 5 pontos de pregação entre seus membros espalhados pela região, e um deles era composto de brasileiros, de onde vários foram recebidos para o batismo. Informa-nos Crabtree que a Igreja de Santa Bárbara mantinha duas escolas dominicais em cooperação com outras denominações Evangélicas, o que é comum em comunidades estrangeiras, por causa da língua.

A escola dominical de São Paulo usava um "catecismo" preparado pelo Dr. Entzminger para doutrinar os novos crentes e instruir os interessados.[28]

O trabalho em São Paulo, segundo nossos historiadores, foi "lento,constante e sólido", devido à personalidade do seu líder, Dr. J.J. Taylor. Ele era homem culto e espiritual; criterioso, paciente. Não era dotado de boa saúde e aparentemente débil no seu físico, mas era sábio na administração de situações difíceis e de perseguição, eis porque não teve muitos problemas nesta área, principalmente com a Igreja Católica.

Em 1900, dos obreiros que estavam em São Paulo, Miss Berta Stenger e Miss Mary Wilcox voltaram aos Estados Unidos. O Dr. Downing, que era médico, aceitou o convite para ser médico de uma grande companhia em São Paulo, mas regressou, também, aos Estados Unidos um ano depois. O missionário J.J.Taylor foi aco-

metido de um problema na garganta e ficou alguns meses sem poder pregar, tendo sido substituído pelo Rev. Florentino da Silva, por algum tempo.

Algumas informações escapam. Mas é no término do século XIX que chega a São Paulo, depois de regressar de um período de férias nos Estados Unidos, o casal W.B. Bagby e Anne Bagby. Este vai ser o período de ouro do trabalho em São Paulo, e logo vai surgir o Colégio Batista Brasileiro, em 1902.[29]

A Igreja, em virtude do seu crescimento, teve de mudar de endereço várias vezes. Dentre estes, lembramos: em janeiro de 1900, Rua dos Guayanazes, 45; em 1905, um salão na Rua General Osório, 9A; em agosto do mesmo ano, Rua Timbiras, 37, onde ficou até 1910. Dali transferiu-se para a Travessa São João, 1, onde permaneceu até 1915. Em seguida, em caráter provisório, ocupou o Salão Nobre da Associação Cristã de Moços, na Pça. da República, onde ficou até 1916. Finalmente adquiriu um terreno no Largo dos Guayanazes, hoje Praça Princesa Isabel, onde inaugurou seu templo em 06 de julho de 1917. Na inauguração, que se deu diante de grande multidão, falou o Pr. Dr. F.F. Soren, da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. A Igreja contava então com 108 membros.

Em 1921, sob o pastorado do missionário F. M. Edwards e por sua sugestão foi adquirida uma velha casa e terrenos contíguos ao tempo, o que aumentou a área da localização do templo. Em 1926, outra aquisição valiosa: o prédio da Rua General Rondon, no. 01, situado na parte dos fundos do templo, o que serviria para residência pastoral. Isto ocorreu no pastorado do Pr. Emílio W. Kerr.

Já no pastorado do Pr. Dr. Manoel Tertuliano Cerqueira (1949-1957) foram feitos estudos para a construção de um novo templo, o que aconteceu em 1957, onde foi construído o atual santuário e prédio de educação religiosa.

Em artigo publicado em O Batista Paulistano, em Julho de 1949, o Pr. Rubens Lopes, falando do Jubileu de Ouro da Primeira Igreja Batista de São Paulo, informa que, naquele tempo, ela contava com 813 membros.

Em 1971 tomou posse no pastorado da Primeira Igreja Batista de São Paulo o Pr. Irland Pereira de Azevedo. Seu período de ministério foi longo, pois foi até 1997. Neste período podemos registrar os seguintes feitos, dentre muitos outros:

1. Batismo de quase 2.000 irmãos;
2. Organização de 13 igrejas filhas no interior do Estado e na Capital;
3. Consagração de 27 novos obreiros;
4. Expansão da visão e da obra de Missões tanto na área nacional como internacional;
5. Preparo constante de lideranças para a Igreja, pelo funcionamento por mais de duas décadas do núcleo de Educação Teológica de liderança cristã;
6. Conclusão do Edifício Educacional, com aquisição e instalação de dois elevadores. As construções estavam no 2º andar quando assumiu o pastorado da Igreja;
7. Aquisição e instalação do órgão de tubos, de grande valor material e musical;
8. Estabelecimento de um sério compromisso com a sã doutrina e a fidelidade aos princípios denominacionais;
9. Manutenção de boa qualidade da música da igreja e da ordem do culto;

10. O pastor participou da vida denominacional e de sua liderança a nível estadual, nacional e internacional;

11. Participou também do ensino teológico desde sua chegada a São Paulo, ministrando aulas na Faculdade Teológica Batista de São Paulo e noutras escolas de formação de obreiros.

A inauguração do prédio de educação religiosa ocorreu no pastorado do Pr. Irland Pereira de Azevedo, em 1984, ajudado de perto pelo Diácono Gidalthy de Oliveira Gomes.

Em 27 de julho de 1997, o Pr. Irland Pereira de Azevedo, em festa solene, despediu-se da Igreja por decisão pessoal.

Por seu ardor evangelístico e missionário, ao longo dos anos, a Primeira Igreja Batista em São Paulo organizou 31 outras Igrejas. A primeira, Igreja Batista da Liberdade, surgiu 10 anos após sua organização, como segue:

1. Igreja Evangélica Batista da Liberdade – 11.04.1909;
2. Igreja Batista da Lapa – 11.09.1924;
3. Igreja Batista Casa Verde – 24.08.1930;
4. Igreja Batista Pompéia – 15.08.1933;
5. Primeira Igreja Batista de Taubaté – 12.03.1940;
6. Primeira Igreja Batista de São Caetano do Sul – 01.01.1941;
7. Igreja Batista Parada Inglesa – 02.03.1941;
8. Igreja Batista Belém – 26.01.1946;
9. Primeira Igreja Batista São Miguel Paulista – 24.04.1948;
10. Igreja Batista Vila Formosa – 25.12.1949;
11. Igreja Batista Piratininga – 20.12.1952;
12. Igreja Batista Bairro do Limão – 01.01.1954;
13. Igreja Batista Vila Nova Cachoeirinha – 11.09.1954;
14. Primeira Igreja Batista de Itapevi – 15.11.1956;
15. Igreja Batista Quitaúna – 12.10.1957;
16. Igreja Batista Tatuapé – 13.12.1958;
17. Igreja Batista do Brooklin – 01.05.1960;
18. Igreja Batista Unida do Brás – 04.07-1965;
19. Igreja Batista A E Carvalho – 13.12.1967;
20. Primeira Igreja Batista Itatiba – 20.12.1975;
21. Primeira Igreja Batista em Jandira – 03.03.1978;
22. Igreja Batista em Campos do Jordão – 10.03.1979;
23. Igreja Batista em Engenheiro Gulart – 17.03.1919;
24. Igreja Batista do Bom Retiro – 24.03.1919;
25. Igreja Batista Casa Branca – 25.08-1919;
26. Igreja Batista Central de Carapicuíba – 20.10.1979;
27. Igreja Batista de Mococa – 21, 05.1983;
28. Igreja Batista de Mairinque – 16.07.1983;
29. Igreja Batista Memorial do Centenário – 24.09.1984;
30. Igreja Batista do Butantã – 16.04.1988;

31. Igreja Batista Nova Aliança – 1999

Em 12 de dezembro de 1998, assumiu o pastorado da Primeira Igreja Batista de São Paulo, o Pastor Paulo César Faustino. Seu pastorado foi relativamente curto, tendo deixado aquele ministério em 18 de abril de 2004, com o propósito de ir para o Japão, atendendo um chamado missionário. Mas acabou ficando no Brasil e assumiu o pastorado da Primeira Igreja Batista de Santos, em outubro de 2004.

Imediatamente à saída do pastor Paulo César Faustino, a Igreja decidiu convidar de novo o Pastor Irland Pereira de Azevedo para um pastorado interino, com o propósito de liderar a sucessão pastoral, o que efetivou-se em 30 de maio de 2004.

Sua interinidade está sendo exercida, na verdade, com atividade pastoral plena, sendo acatado com muito carinho e apoio de toda a Igreja.

Estrutura Eclesiástica e Administrativa

A Primeira Igreja Batista em São Paulo está estruturada atualmente em ministérios, que são:

Ministério Pastoral – Pr. Irland Pereira de Azevedo (interino);
Ministério de Música e Louvor – Arnaldo Pereira Secomandi;
Ministério de Evangelização e Missões – Pr. Benelizio Soares Coimbra;
Ministério de Integração – Pr. José Luis Garcia de Oliveira;
Ministério Educacional – Sueli Barbosa Cavalcanti Jardim;
Ministério de Ação Social – Conselho Diaconal.

"A Primeira Igreja Batista em São Paulo tem diante de si grandes desafios, entre os quais alcançar toda a comunidade do bairro de Campos Elíseos e adjacências, multiplicar-se em células familiares que lhe garantam o crescimento em todas as dimensões, a mobilização e o envolvimento de todos os seus membros, "até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Relatório da Própria Igreja).

A Igreja Batista em Jundiaí

Em fevereiro de 1902 (presume-se), foi iniciada a obra na cidade de Jundiaí. Os presbiterianos já haviam tentado, mas enfrentaram muitas dificuldades e estavam muito fracos. Aliás, quando os Batistas chegaram, os Presbiterianos retiraram-se e doaram os móveis aos Batistas. Veio então para Jundiaí, em abril, o Pastor Herman Gartner para dedicar-se àquele trabalho, e a 14 de maio a igreja foi organizada com 10 membros. Aqui a Igreja prosperou mais rapidamente do que em outros lugares do Estado. No final do ano já contava com 29 membros. O pastor Herman Gartner era obreiro bastante preparado, idôneo e dedicado. Um excelente obreiro.[30]

Esta foi a segunda Igreja a ser organizada no Estado.

Foi nesta Igreja que, em dezembro de 1904, surgiu a Convenção Batista, com o nome de União Baptista, que mais tarde veio a se chamar Convenção Batista do Estado de São Paulo.

A partir de 1908, segundo informações de Antonio Neves de Mesquita, esta Igreja, juntamente com outras, lutou muito, porque era pequena e sofria muita perseguição do catolicismo.[31] Esta parece ser a última menção histórica da Igreja Batista de Jundiaí.

Na década de 60, esta Igreja aderiu ao movimento de "renovação espiritual", uma cisão entre os Batistas. A despeito de vários esforços de nossa parte, não conseguimos com os atuais líderes da Igreja um resumo historio, pelo menos até à época em que ela desligou-se da nossa Convenção, o que seria de muito valor para nós. Não há, em nossos arquivos, nenhuma informação sobre os dados históricos desta Igreja desde esta última informação dos nossos historiadores, a partir da organização da Convenção. É evidente que, nas celebrações de aniversários, as Igrejas faziam um resumo histórico de sua existência e era de um resumo desses que nós precisávamos para os nossos registros. Mas não o conseguimos.

Primeira Igreja Batista de Santos

A atual Primeira Igreja Batista de Santos é, na verdade, a terceira Igreja Batista do Estado. Ela não tem, a rigor, mãe eclesiástica. Foi organizada em 19 de fevereiro de 1903 ou, como se costuma dizer, foi proclamada Igreja nesta data, sem aquela formalidade de convidar Igrejas e Pastores para a formação de um concílio de organização.

Num resumo histórico feito pela própria Igreja, apresentado na celebração do seu centenário, durante a 95ª Assembléia convencional realizada na cidade de Santos em 2003, exatamente por esta motivação, se lê:

"Começava o terceiro ano do século vinte, quando William Buck Bagby, graças a seu Verbo inspirado, olhou para o litoral do Estado de São Paulo e viu o promissor campo missionário. Graças a Deus!

"Em 1903, a República era nova, a escravidão já não existia, o café colocava o porto de Santos em um patamar de destaque no País e no mundo. Mas, o pecado deixava a muitos cativos na escuridão. Contra isso, o Espírito de Deus moveu o coração de Bagby e mais seis crentes e, em 19 de fevereiro, às dezenove horas, era organizada a "Primeira Igreja de Cristo em Santos, denominada Batista", passando, em 1942, a chamar-se Primeira Igreja Batista de Santos, cujo primeiro endereço foi Av. Ana Costa, nº 5. Deus nos abençoou sobremaneira (como ainda hoje o faz) e com apenas seis meses de organização realizamos os primeiros batismos, celebrados no mar, na chamada "praia de São Vicente", fato que causou comoção na cidade" (Assina o resumo, Rosimeire Carvalo Batista).

Ao que tudo indica os Bagbys estavam de volta dos Estados Unidos e começavam a trabalhar em São Paulo, pois foi por esta época que D. Anna Bagby começava o Colégio Batista em São Paulo, que mais tarde se chamaria Colégio Batista Brasileiro. W.B. Bagby, na ocasião, não era o pastor da Primeira Igreja Batista de São Paulo.

Curioso observar que, segundo nos informa o Dr. Crabtree, a Igreja iniciada a 19 de fevereiro foi declarada encerrada no dia 18 de junho, numa sessão dirigida pelo próprio W. B. Bagby, por falta de obreiro, uma vez que ele não poderia pastoreá-la, e concedeu cartas aos 16 membros para unirem-se com outras Igrejas Batistas. Mas aqueles irmãos não aceitaram aquela decisão de encerrar uma Igreja numa cidade como Santos que, naquele tempo, não possuía nenhuma outra Igreja Evangélica. Mais tarde, uma carta do irmão José Azevedo Botelho, datada de 3 de setembro, fala do batismo de 4 pessoas em S. Vicente no dia 27 de agosto e que se uniram à Igreja de Santos, mencionando ainda outros interessados que já se preparavam para o batismo. No fim daquele ano, segundo continua informando Crabtree, a Igreja reunia-se na Rua Amador Bueno no. 20, e estava mantendo trabalho em S. Vicente e Porto de Campos. Uma sociedade de esforço cristão mantida na Igreja de Jundiaí contribuiu para o desenvolvimento de pregadores, e assim o trabalho prosseguiu.[32]

A igreja então uniu suas forças. Cremos que eles podiam dizer como Paulo: "Uma grande e oportuna porta se nos abriu e os adversários são muitos" (1 Co. 16.9). Logo receberam mais 14 membros por batismo e mantinham pontos de pregação em diversos lugares.[33]

O irmão Berto Germano, membro ativo da Igreja de Santos e que morava no Alto da Serra de Cubatão, começou a pregar o Evangelho aos seus vizinhos. Tendo havido interesse de várias pessoas, foi convidado o irmão A.C. Oliveira para visitar o local e ajudar na evangelização daquele povo. Depois de três visitas ao local, com boa freqüência de vizinhos, os missionários começaram a dar assistência àquele ponto de pregação. O superintendente da estrada de ferro que residia no local, Sr. Cristiniano, inglês, franqueava sua casa para as reuniões e ainda hospedava os pregadores. Como o prestígio dele na região era grande, tudo isto ajudava e o trabalho prosperava rapidamente.[34] Era a Igreja Batista de Santos em ação.

A Igreja ocupou vários endereços, mas em 1921 adquiriu a propriedade da Praça José Bonifácio, no. 11 onde está até hoje. O templo, com um projeto modesto, foi inaugurado em 30 de setembro de 1933. Uma noite festiva, foi coroada com a presença do Dr. S. L. Watson, Diretor Geral da Casa Publicadora Batista e Secretário-Tesoureiro da Junta Patrimonial do Sul do Brasil, que foi o orador oficial.

A propriedade da Rua João Pessoa, 214/216 foi adquirida em 1959, completando assim nosso parque eclesiástico.

Aos poucos, a Igreja foi sendo composta de pessoas de profunda visão missionária, espírito liberal e sincero amor ao próximo, o que levou a Igreja a adquirir propriedades visando futuros trabalhos missionários em várias regiões como: São Vicente, Guarujá, Cubatão, Itanhaém, Peruíbe, outras cidades do Litoral, além de vários bairros de Santos. E isto realmente aconteceu. A influência da Igreja Batista

de Santos prevaleceu em todo o litoral, em outras regiões do Estado de São Paulo e até em outras regiões do País.

Para que se tenha uma idéia dessa influência, basta lembrar algumas das suas filhas: Igreja Batista do Calvário, Igreja Batista Memorial de Santos, Primeira Igreja Batista em São Vicente, Primeira Igreja Batista de Cubatão, Igreja Batista de Areia Branca, Primeira Igreja Batista de Itapema, Igreja Batista Nova Jerusalém, Igreja Batista Bertioga, Igreja Batista Ponta da Praia, Igreja Batista de Peruíbe, Segunda Igreja Batista em São Vicente, Igreja Batista em Itanhaém, Igreja Batista em Caraguatatuba, Igreja Batista Nova Cintra, Igreja Batista em São Sebastião e, por participação, Igreja Batista em Vila Mariana (São Paulo) e Igreja Batista em Ilha Bela.

Querendo cuidar do "homem global", a Primeira Igreja Batista de Santos participou de vários movimentos da área social, colaborando com a Santa Casa de Misericórdia de Santos, Orfanatos da Cidade e, em 1943-1945, época de grande racionamento de alimentos por causa da Segunda Grande Guerra Mundial, montou escalas entre seus membros para que, de madrugada, ficassem nas filas para comprar farinha e açúcar para as famílias carentes, não só da Igreja, mas também para outros necessitados.

A Igreja viveu alguns fatos notáveis. Dentre eles, o batismo do ex-padre Aníbal Pereira Reis. Durante um culto público, ele tirou a batina e entregou sua carta-renúncia ao clero. Foi batizado pelo então pastor Eliseu Ximenes, ingressando logo no Seminário Batista para atualização teológica, sendo depois consagrado ao Santo Ministério. Veio a tornar-se grande evangelista pelo Brasil inteiro e grande escritor.

Ao longo de sua história, passaram pela nossa membresia pessoas reconhecidamente operosas na Causa, como: Pr. Rubens Lopes, Olinda Silveira Lopes, Dr. Silas Botelho, o poeta e General do Exército Mário Barreto França, a missionária pioneira na África, Adalgiza Wanderley Maurício, o missionário pioneiro na Bolívia, Pr. Tiago Nunes Lima, Maestro Carlos Purgaillis, Maestro Pr. Marcílio Oliveira Filho, Pr. Dr. Artur Alberto da Mota Gonçalves, e muitos outros. Muitas dessas pessoas foram ajudadas no seu preparo e treinamento para a Causa do Reino. Lembra-se com carinho, a passagem da irmã Marinita Lima Lacerda que, por 30 anos foi secretária da Igreja, a qual ajudou a manter viva a história da nossa Igreja

Passaram pela Igreja Batista de Santos, ao longo da história, os seguintes pastores:

1903-1904 – Pr. Dr. Willian Buck Bagby
1904-1905 – Pr. Dr. José Nigro
1905 - Pr. Dr. J.J. Taylor
1906-1907 – Pr. Herman Gaetner
1909-1911 – Pr. Dr. Willian Buck Bagby
1916-1927 – Pr. Dr. T.C. Bagby
1927-1929 – Pr. Miguel Damiani
1929-1936 – Pr. Dr. José Nigro
1936-1961 – Pr. Alberto Augusto
1961-1962 – Pr. Dr. Werner Kaschel

1962-1982 – Pr. Eliseu Schimenes
1982-1990 – Pr. Arídio Pinto Barreto
1991-2004 – Pr. Odilon dos Santos Pereira
2004 - Pr. Paulo Cesar Faustino

Desta lista, alguns dos pastores, como se nota, eram missionários e, em alguns casos, pastoreavam mais de uma Igreja ao mesmo tempo em razão da falta de obreiros. O Pr. Dr. José Nigro, por exemplo, vai aparecer na linha de frente em vários lugares e em várias ocasiões.

Os pastorados mais longos são de Alberto Augusto, que foi realmente um obreiro brilhante, Eliseu Ximenes, que ainda vive entre nós e com bastante vitalidade, atualmente jubilado e membro da Igreja Batista de Vila Mariana. Outros pastorados menos longos, foram o de T.C. Bagby, José Nigro e Arídio Pinto Barreto. O do atual pastor, Odilon dos Santos Pereira, já passa dos 13 anos, mas exatamente ao tempo desta assembléia em Atibaia, 2004, está saindo para pastorear Igreja de Brasileiros nos Estados Unidos.

Há um espaço vago entre 1911 e 1916 que ainda não temos informação histórica.

O período do Pr. Odilon tem sido marcado por muita ênfase em evangelismo e missões, inclusive na área de missões urbanas. Homem de projetos arrojados, como núcleos de estudos Bíblicos nos lares, muito usado na campanha de adensamento da Convenção Batista do Estado de São Paulo, e agora participando com o Dr. Darell Robinson no projeto internacional Igreja Total, a Igreja tem experimentado grandes realizações. Nasceu sob sua inspiração o projeto Pró Viver Obras Sociais e Educacionais, uma instituição que atende crianças do centro da cidade de Santos. A Igreja mantém também o ministério com surdos "Mãos Fortes", o Exército Boas Novas, os Núcleos de Estudos Bíblicos, o Conselho Missionário, o Fundo de Ação Missionária, o Culto do Alvorecer do Ministério de Intercessão, e outros. A esposa do pastor Odilon, D. Olga Colomietz dos Santos Pereira, é ajudadora eficiente e produtiva na área espiritual.

A Igreja conta atualmente com 25 diáconos, número maior do que a primeira membresia da Igreja em 1903, quando foi organizada. Ao completar seu centenário, no ano passado (1903), além das Igrejas filhas, a Primeira Igreja Batista de Santos já contava com igrejas "netas" e até "bisnetas".

Na 95ª Assembléia da Convenção Batista do Estado de São Paulo, realizada em Santos, foi celebrado o Centenário da Primeira Igreja Batista de Santos, com linda apoteose, que procurou relembrar no palco os começos da Igreja, com pessoas vestidas à moda daquele tempo.

Fato notável, foi a presença da neta dos Bagbys, a Sra. Anne Lou Bagby Braley, filha do missionário T.C. Bagby, que por sua vez era filho de W. B. Bagby. Anne, que tem o mesmo nome da avó, foi batizada na primeira Igreja Batista de Santos em 1932. Sua presença àquela celebração foi muito significativa para todos nós.

Em outubro de 2004, o Pr. Odilon deixou o pastorado da Primeira Igreja Batista de Santos, para trabalhar como missionário no Estado da Geórgia, Estados Unidos, cidade de Atlanta, a convite da Primeira Igreja Batista daquela cidade, com uma

missão de brasileiros. O culto de despedida foi no dia 10 de outubro. No dia 14, tomou posse o novo pastor, Pr. Paulo César Faustino.

Curiosidade sobre W.B. Bagby

Ao revermos todos estes fatos históricos, notamos que esses pioneiros estavam em todos os lugares, a despeito dos demorados e cansativos meios de transporte. E eles eram simplesmente maravilhosos.

Bagby era um desses. Uma história marcante que às vezes escapa aos pesquisadores, passo a relatar, para que nos deliciemos com essas vidas fantásticas.

Quando nossos missionários iniciavam a Primeira Igreja Batista do Brasil em Salvador, um escravo começou a freqüentar os cultos. Quando seus donos souberam, eles que eram católicos ferrenhos e contra a "nova religião", o proibiram, com ameaça de morte. Bagby reuniu a Igreja e, apesar das poucas possibilidades financeiras do grupo, decidiram comprar o escravo e libertá-lo.

Lamentavelmente o livro que conta este fato não traz o nome do escravo nem o preço que pagaram por ele. De qualquer maneira aquele homem negro agora era duas vezes livre: livre da escravidão e livre do pecado, em Cristo.

Maravilhado com a obra de Deus, o homem tornou-se membro da Igreja.[35] E tem mais: ele foi o segundo brasileiro membro da Igreja – se é que, como escravo oriundo da África, era considerado Brasileiro. O primeiro brasileiro membro da Igreja foi o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque.[36]

A Igreja Batista de Campinas

Com o crescimento do trabalho em São Paulo, surgiram novos pontos de pregação. Um serviço de colportagem (vendedor ambulante de Bíblia e livros) ultrapassou os limites da cidade e foi para o interior.

Em fins do ano de 1900, foi organizada a Igreja Batista de Campinas com 5 membros. A Igreja mantinha uma Escola Dominical e um ponto de pregação na Vila de Valinhos.

Essa Igreja inicialmente enfrentou alguns problemas. Liderada pelo Rev. A B Deter e ajudada por vários outros obreiros, como: Ramiro S. Falque, Manoel Martins, os problemas foram sanados, principalmente com a aplicação de disciplina a alguns membros com problemas, e a vida espiritual começou a crescer na Igreja, mas essa igreja não vingou (Crabtree, p.289). Ela funcionava na Rua Álvaro Machado, 109 (informação histórica da Igreja atual). Isto foi em 1904. Seus membros foram dizimados pela febre amarela. Sobraram 4 membros: Manoel Joaquim Martins, Rosa D'Otto Martins, Bettagne Quirino e Thereza Bettagne, que passaram a freqüentar os cultos de uma Igreja Presbiteriana Independente.

Em 3 de outubro de 1907, cerca de 3 anos mais tarde, os mesmos irmãos que cooperavam com os Presbiterianos voltaram a se reunir sob a liderança do missionário Pr. Dr. W.B. Bagby. O secretário leu o pacto e declaração de fé contidos no livro "Origem dos Batistas", livro este escrito pelo Rev. S. H. Ford, e versão de Zacharias Clay Taylor, sendo o pacto unanimemente aceito por todos, passando a figurar como membros: Bettagne Quirino, Elisa Thereza Bettagne, Rosa D´Otto Martins e Manoel Joaquim Martins. Ficou como pastor interino o Dr. W. B. Bagby.

Desde 1907 até 1920 a Igreja reuniu-se em 10 lugares diferentes. Em 1920, tendo o Pastor Sebastião Angélico de Souza como seu presidente, foi comprada uma propriedade na Rua Senador Saraiva, nº 50 (esquina com a Rua Ferreira Penteado). Feitas algumas reformas para adaptar-se às necessidades da Igreja, essa propriedade serviu-lhe por 43 anos. No dia 31 de janeiro de 1962 celebrou-se o último culto neste local e a Igreja transferiu-se para uma casa adquirida na Rua Ferreira Penteado, 196, onde permaneceu até 1970. Em 10 de janeiro de 1971 mudou-se para a nova sede, na Av. Andrade Neves, nº 1848, sob a orientação do Pr. Ary da Costa Cabral, que havia assumido o pastorado em 31 de maio de 1969. Esta é ainda a atual sede da Igreja.

Quadro de pastores desde 1907

1907 - Dr. William Buck Bagby
1909– Missionário F. M. Edwards
1911 – Pr. José Grosemberg
1916 – Pr. Ricardo Inke
1917 – Missionário J.J. Taylor
1917 – Dr. W. B. Bagby
1919 – Pr. Sebastião Angélico de Souza

O Pr. Sebastião Angélico de Souza permaneceu dois anos no pastorado. Após sua saída a Igreja era visitada mensalmente pelo Dr. W. B. Bagby.

1922 – Pr. Henrique Penna
1923 – Pr. Pedro Gomes de Mello
1925 a 1927 – Pr Paulo C. Porter
1928 a 1930 – Pr. Axel Anderson
1931 a 1932 – Pr. Paulo C. Porter
1933 a 1934 – Pr. Luis de Assis
1934 a 1935 – Pr. Paulo C. Porter
1936 a 1937 – Pr. Walter Kaschel
1939 a 1941 – Pr. José Siqueira Dutra
1946 a 1951 – Pr. Luis de Assis
1952 a 1969 – Pr. Egídio Gióia – Aposentou-se em 1969
1969 a 1989 - Pr. Ary da Costa Cabral
1989 a 1998 – Pr. Paulo César Faustino
1999 - Pr. Carlos Water Marques da Silva

Segundo registro de O Batista Paulistano, edição especial do Jubileu de Diamantes dos Batistas na Cidade de São Paulo: 1899-1974, a Primeira Igreja Batista de Campinas tinha, em 1969, 181 membros. Em 1974, tinha 307.

Igreja Batista da Liberdade

Esta foi a segunda Igreja Batista da Capital de São Paulo, cujos trabalhos foram iniciados pela Primeira Igreja Batista de São Paulo, quando pastoreada pelo pastor A B. Deter. A congregação era dirigida pelo então missionário americano James Jackson Taylor. A organização deu-se a 30 de abril de 1909, tendo sido o Pr. J.J. Tayor nomeado o presidente da organização e logo depois tornou-se o primeiro pastor da novel Igreja. Neste começo, a Igreja se chamava: Segunda Igreja Batista de São Paulo.

O primeiro local de cultos estava na Pça. da Liberdade, nº 15. Posteriormente foi para a Rua Galvão Bueno, nº 45. Nesse endereço, aliás, foi construído o primeiro templo da Igreja. O terreno havia sido doado pelos irmãos Antonio Ernesto da Silva e sua esposa. Em 1919 a Igreja instalou-se no seu atual endereço, Rua Santo Amaro, 412, na Bela Vista.

JJ Taylor foi o pastor da Igreja de 1909 a 1911. Homem operoso, culto e espiritual, trabalhou tanto que ainda no seu tempo a Igreja Batista da Liberdade organizou duas novas Igrejas: a Primeira Igreja Batista do Brás (08-06-11) e a Primeira Igreja Batista de Mogi das cruzes (12-06-11). Foi também no seu tempo que se organizou a Sociedade Auxiliadora de Senhoras (23-02-10), a Sociedade Juvenil (17-03-10), e a Escola Dominical, com eleição do seu diretor, em 05-07-11),

Depois de JJ. Taylor, a igreja foi pastoreada por vários pastores, em curtos períodos: Pedro Sebastião Barbosa (1913) e F.M. Edwards (1912-1914), período em que adquiriu sua personalidade jurídica com o registro de seus estados. E aí mudou o nome para Igreja Evangélica Batista da Liberdade. Outros pastores se seguiram: T.C. Bagby (1915, interinamente) e depois W.B. Bagby (1915-1917), ocasião em que foi organizada a União de Mocidade, em 12 de julho de 1916.

A partir de 1918, outra vez sucederam-se vários pastores na direção da Igreja:

1918-1919 – JJ. Taylor, pela 2a vez;
1920-1924 – Antonio Ernesto da Silva;
1924-1925 – Ruffins B. Stanton, interinamente;
1926-1927 – Pedro Gomes de Melo;
1928 – Emílio Ker, interinamente;
1928-1933 – José Gresemberg.

Com tantas mudanças de obreiros, a Igreja não cresceu sensivelmente, mas conseguiu organizar mais uma igreja: Igreja Batista de Bauru (07-03-20).

Em 1934 assume o pastorado o Pr. Djalma Cunha, um grande teólogo e doutrinador, tanto que mais tarde teve que assumir a direção do Seminário Teológi-

co Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro, ocasião em que deixou o pastorado da Igreja (1936).

Nesta época assume o Pastor Erodice Fontes de Queiroz, que iria marcar época não somente na Igreja mas na denominação toda (1936-1968), 32 anos de profícuo ministério.

Erodice era homem de origem simples, filho de fazendeiro, criado num rígido ambiente católico. Certa ocasião, declarou: "Minha religião era um misto de simplicidade e ignorância espirituais, cumuladas das superstições e idolatria do paganismo católico romano. Buscava a Deus em orações, simplesmente por medo de cobras nos campos e assombrações quando sozinho, nas horas caladas da noite."

Formado pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil em 1923, Erodice tornou-se um grande pregador. Estilo doce, poético, que a todos agradava, chegou a ser cognominado "o príncipe dos Pregadores Batistas do Brasil". Além de dedicar-se com afinco ao pastorado da sua Igreja, viajava muito, pois era conferencista muito buscado. Na famosa Praça da Luz, notabilizou-se como pregador ao ar livre, onde às vezes se juntavam a ele outras Igrejas. Escreveu dois livros, dentre outros escritos menores. Um foi a narrativa do ex-cangaceiro Narciso Lemos: Porque Deixe a Indústria do Crime. O outro, intitulava-se: "A Razão de Viver".

No tempo de Erodice, foi iniciada a construção do atual templo, que passou por várias dificuldades. Uma primeira dificuldade, foi a falência do engenheiro responsável pelas obras, o que ocasionou sua paralisação. A segunda dificuldade, foi a iniciativa da Igreja de cavar mais um sub-solo, depois de fincadas as estacas, o que ocasionou rachaduras numa casa vizinha. O vizinho acionou a Igreja e ela gastou muito para refazer aquela construção, o que atrasou ainda mais o prosseguimento das obras. Seu sucessor, Pr. Damy Ferreira deu avanço considerável às obras, mas elas só foram concluídas no Pastorado do Pr. Joélcio Barreto.

Foi no tempo do Pr. Erodice que surgiu o Inter-Liber, um instituto de inverno promovido sempre no mês de julho. Era da Igreja, mas movimentava mais as Igrejas Batistas da Capital do que qualquer outro evento denominacional. A juventude que comparecia era numerosa, pois havia muitos programas dinâmicos, gincanas bíblicas, esportes e a presença de preletores famosos.

Os 32 anos de ministério de Erodice foram verdadeiro celeiro, de tal maneira que em 1949 já havia passado pelo rol de membros da Igreja 1.467 pessoas. Ainda mais: no seu ministério várias outras Igrejas filhas surgiram:

Igreja Batista em Pindamonhangaba – 26-05-39;
Primeira Igreja Batista de São Caetano do Sul – 01-01-41;
Igreja Batista de Pinheiros- 20-01-50;
Igreja Batista de Vila Matilde – 12-12-51;
Igreja Batista Nova Galiléia – 19-04-57;
Primeira Igreja Batista de Itapetininga –07-09-60;
Primeira Igreja Batista de Apiaí – 07-07-64;
Primeira Igreja Batista Peniel – 24-07-65;
Primeira Igreja Batista de São Sebastião – 01-01-66;

Igreja Batista Central de Utinga – 30-11-68.

Consagrado ao Santo Ministério em 23 de dezembro de 1923, em 1968 já estava com 45 anos de trabalho duro. Era tempo de parar. E, de fato, aposentou-se. Em seus últimos anos de ministério havia se dedicado a muitos trabalhos externos. Por vários problemas técnicos e escassez de recursos, as obras estavam paradas.

A transição, por este tempo (1968) tornou-se bastante difícil. Afinal, um longo e marcante pastorado sempre oferece dificuldades para a substituição.

O missionário americano Elton Jhonson Júnior, que era membro da Igreja na época, a convite da mesma assumiu o pastorado interino, o que fez com rara maestria por 11 meses.

Por esse tempo, pastoreava em São Paulo um jovem pastor de 12 anos de ministério naquela época, que havia sido cogitado para o pastorado da Primeira Igreja Batista de São Paulo, que também estava vago, mas quando já estava para ser escolhido, acabou desistindo de prosseguir nos entendimentos. Por conta da Associação Centro, esse pastor, Damy Ferreira, era também o diretor de Evangelismo da Capital, pela Campanha das Américas.

Imediatamente, a Igreja da Liberdade foi buscá-lo e, depois de muita oração e vários entendimento, ele assumiu o seu pastorado.

Os desafios eram muitos para o novo pastorado. A Igreja estava com as obras paradas há 10 anos. Um tapume de madeirite já apodrecido, desanimava. Três subsolos partindo da Rua Japurá e nivelando com a Rua Santo Amaro, a frente principal, dava um aspecto de desolação.

As finanças estavam baixas. A cooperação denominacional quanto ao plano cooperativo estava parada temporariamente. E a Igreja não possuía um sistema administrativo definido e ordenado. Em virtude dos últimos anos do Pr. Erodice terem sido de problemas de saúde, a Igreja estava nas mãos de um ou dois líderes que faziam o que podiam, mas não conseguiam elaborar um plano para sair da situação e ver um futuro promissor.

A primeira iniciativa do novo pastor foi criar um GT para estudar um sistema administrativo para a Igreja. E então sugeriu a Departamentalização da Igreja. Os primeiros estudos, com a ajuda de vários especialistas e advogados, já vieram com regulamentação para cada departamento.

Assim é que foram criados, dentre outros: Departamento de Patrimônio, com uma eficiente comissão de construção, Departamento de Finanças, Departamento de Assistência Social, Departamento de Música, Departamento de Evangelismo, Departamento de Educação Religiosa, Inter-Liber, Departamento Jurídico, dentre outros. Na liderança de cada um desses departamento foram postas pessoas da área. Nas finanças, tínhamos dois gerentes de Banco, além de economistas e empresários. Na assistência social, tínhamos uma assistente social da Prefeitura, e assim por diante.

Alguns pontos altos do ministério Damy Ferreira podem ser lembrados: A retomada das obras, com revisão da parte legal e técnica e prosseguimento das obras até 3 andares acima da nave. Na época a Igreja levantou o maior empréstimo

jamais conseguido na nossa Junta Patrimonial Batista, o que deu para levar as obras até àquele ponto. O segundo destaque foi, apesar das obras, a Igreja avançou no crescimento de cooperação denominacional, tendo conseguido uma das mais altas posições em ofertas missionárias e plano cooperativo da época. O terceiro destaque foi o sucesso do sistema departamental que culminou com o excelente trabalho do Departamento de Música e da vinda do Maestro Almir Rosa como Ministro de Música de tempo integral – uma atitude pioneira na época.

Em meados do seu período, Damy Ferreira foi ajudado pelo Pr. Daniel Guimarães, como pastor auxiliar e, numa fase de enfermidade, foi ajudado pelo Pr. Walter Kaschel, numa interinidade de 3 meses. Damy Ferreira, recuperado da enfermidade, retomou os trabalhos e prosseguiu até uma boa fase das construções. Em 1974, sentindo que seu tempo havia findado na Igreja Batista da Liberdade, Damy Ferreira deixou o pastorado num clima de paz e prosperidade da Igreja.

Nesta nova transição de um pastorado que durou 7 anos e alguns meses, assumiram o pastorado interino os pastores Thurman Bryant (1976), missionário da Junta de Richmond e também diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo (Perdizes), e Thomas Robuck (1977-1978).

No dia 11 de fevereiro de 1979, tomou posse o Pr. Joélcio Rodrigues Barreto. Jovem bem formado, com Bacharelado no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro, e pós-graduado pelo Seminário Batista em Forth Worth, no Texa, Estados Unidos, na área de Educação Religiosa. Filho de pastor, de uma família Batista de grande tradição, Joélcio pastoreava a Igreja Batista de Copacabana quando foi trazido para a Liberdade. Seu grande desafio foi terminar o templo, principalmente na parte de acabamentos. Como não poderia deixar de ser, devido à sua especialidade, Joélcio deu grande ênfase à área de Escola Bíblica Dominical e formação de professores, promovendo periodicamente reciclagem dos mesmos para o aprimoramento da E.B.D. Foi no seu tempo que a Igreja adotou, pela primeira vez, um Ministro de Educação Religiosa; Pr. João Martins Ferreira. É bom lembrar também que o Maestro Almir Rosa, que entrou no período de Damy Ferreira, continuou no tempo de Joélcio Barreto até, mais ou menos ao tempo em que Joélcio deixou o pastorado. Contou, além disso, com os pastores auxiliares: Marcos de Paula, Eduardo Teófilo Figueiredo de Melo, Chrispin Gomes da Silva (29.11.75), e Marcos Petriagi (08.08.81). Joélcio deixou o pastorado em 1983 (cinco anos).

Em 1984, assume o pastorado o Pr. Eli Fernandes. Jovem dinâmico, havia sido presidente da Juventude Batista Mundial (Órgão da Aliança Batista Mundial). Com uma dinâmica e um carisma especiais, ele continua até o presente momento na direção da Igreja, cujo crescimento tem sido extraordinário. O novo templo é pequeno para a grande multidão que ali se reúne dominicalmente.

O grande avanço na área musical com Almir Rosa, avançou ainda mais e se aperfeiçoou com o Maestro Donaldo Guedes e sua esposa, Selma Guedes. A Igreja possui vários corais, uma orquestra de câmara e um grande número de instrumentistas.

Na área de Missões Urbanas, a Igreja mantém algumas missões étnicas: hispânicos, chineses, japoneses e judeus. Mantém ainda uma missão em Manduri e

outra em Águas de Santa Bárbara, no interior de São Paulo. Além disso, e além de participar do plano cooperativo, sustenta integralmente missionários na África e Amazonas.

Destacam-se dentre suas muitas programações: cultos semanais dirigidos à família (quartas-feiras); cultos familiares (células); distribuição do "sopão" a moradores de rua.

Atualmente, a Igreja conta com uma membresia de 1.540 pessoas na sede e mais 600 pessoas nas diversas congregações.

Falecimentos: O missionário JJ Taylor, segundo nos informa A R Crabtree, foi chamado à glória a 15 de janeiro de 1924, quando estava nos Estados Unidos, em descanso. Ele havia dedicado quase toda sua vida à Causa Batista no Estado de São Paulo.

Igualmente, E. M. Edwards adoeceu enquanto dirigia uma reunião de diáconos. Na mesma reunião disse que havia chegado a hora de deixar o pastorado. No mesmo instante, enquanto balançava o molho de chave num dos dedos, teve um começo de derrame. Levado para o hospital, veio a falecer 4 dias depois, a 11 de setembro. Foi sepultado no Cemitério do Redentor.[37]

Primeira Igreja Batista do Brás

Segundo os historiadores da própria Igreja, em 1911 a cidade de São Paulo tinha apenas duas Igrejas: A Primeira Igreja Batista em São Paulo e a Igreja Batista da Liberdade. O melhor meio de locomoção na época era o bonde movido a tração animal. O Brás era o bairro mais populoso e movimentado, separado do centro, que ficava perto, pelo Rio Tamanduateí, que no tempo era navegável. Barcos e canoas trafegavam transportando produtos hortigranjeiros da região, e havia vários portos para o ancoradouro. A iluminação era feita por lampiões a querosene.

Foi neste bairro que começou a funcionar uma congregação da Igreja Batista da Liberdade que, após dois anos de trabalhos, a 8 de junho de 1911 foi oficialmente organizada com o nome de "Egreja Baptista do Brás". Era liderada pelo Pastor William Buck Bagby que, com sua esposa, Professora Anne, dividia seu tempo com a administração do Colégio Batista Brasileiro, que havia sido fundado em 1902. A Igreja contava com 23 membros.

Nos seus primeiros 16 anos de existência a Igreja ocupou seis diferentes endereços no Bairro. Depois fixou-se por 55 anos no templo que foi construído na Rua Maria Marcolina, nº 75, numa área de 460 m^2. Desde 13 de março de 1985 a Igreja está instalada no amplo imóvel de 4.500 m^2, onde construiu seu templo, com estacionamento para 120 veículos e também o Edifício dos Ministérios, compreendendo uma área total construída de 3.600 m^2. O atual templo foi concluído e inaugurado em 8 de junho de 1991.

Em seus primeiros 66 anos de existência a Igreja foi liderada por 14 pastores, a saber:

1. William Buck Bagby;
2. F. M. Edwards;
3. T. C. Bagby;
4. José Gresembert;
5. Edgar A. Ingrand;
6. Antonio Ernesto da Silva;
7. Plácido Morfeira;
8. Francisco Afonso de Carvalho;
9. Emílio Kerr;
10. José Furtado deMendonça;
11. Raphael Gióia Martins;
12. Walter Kaschel;
13. Ilgonis Janait;
14. Henrique Wedemann Filho.
15. José Vieira Rocha, desde 28 de dezembro de 1977.

O Pastor Raphael Gioia Martins

A notícia do seu batismo e o resumo histórico da sua conversão foram publicados em o Batista Paulistano de 30 de abril de 1931. Ele já era ex-padre quando se converteu, pois deixou a batina para casar-se. Era um padre influente: ex-lente de exegese bíblica do Seminário Católico de Campinas, ex-padre coadjutor de Pirasununga e de Itapira; ex-vigário de Posse da Resaca, Pedreira e Campinas, ex-padre consultor da Diocese de Campinas; ex-redactor da "Tribuna", órgão oficial da Diocese de Campinas; e em caminho de ser nomeado Cônego. Contava na época 33 anos. Ele foi batizado na Primeira Igreja Batista de São Paulo, com sua esposa, D. Elsa Guerreira Gióia Martins, no dia 12 de abril, mas tornaram-se membros da Igreja Batista Paulistana.

O Pastor José Vieira Rocha

Em 28 de dezembro de 1977 tomou posse no pastorado da Primeira Igreja Batista do Brás, o Pr. José Vieira Rocha, que permanece no seu pastorado até hoje, e, ao lado de sua esposa, D. Diail Teixeira Rocha, exerce profícuo ministério. Possui um corpo diaconal composto de 35 diáconos.

O Pastor Vieira é o 15º Pastor na história da PIB do Brás, sendo também o mais longo Pastorado, completando 27 anos no dia 28-12-04. Ao assumir o Pastorado o Pastor Vieira encontrou a igreja com um rol atualizado com cerca de 350 membros. Hoje, o rol de membros compõe-se de 820 nomes, tendo sido organizadas no período

as seguintes igrejas: Piracaia, Parque Cecap, Nova Sião, no Jardim Brasil, Memorial de São Caetano e Jardim Paineira, em Itaquaquecetuba, além das outras que constam da lista que apresentamos abaixo.

A PIB do Brás é fidelíssima na cooperação com a CBESP, com o Plano Cooperativo e no levantamento de ofertas de Missões (Estaduais, Nacionais e Mundiais) além de ajudar no sustento de obreiros em Lucélia, Piracaia, Itaquaquecetuba, Missões entre os Árabes, Missões na Espanha e no Programa de Rádio da CBESP.

Uma das grandes bênçãos na vida da PIB do Brás, no atual Pastorado, foi a mudança do templo da Rua Maria Marcolina, 75 (460 m^2) para o novo e espaçoso imóvel da Rua Major Otaviano, 363 (4.500 m2). Ali a igreja construiu o seu novo templo com espaço para 1.000 pessoas, contando com amplo estacionamento para quase 140 veículos, além de ter construído mais 30 salas para funcionamento dos ministérios auxiliares. Atualmente a igreja está em fase de acabamento do Edifício dos Ministérios, com 1.800 m^2 de construção, no qual já investiu cerca de R$ 800.000,00, totalmente pagos. Todas as construções foram feitas por meio da fidelidade dos membros, que entregam alegre, fiel e liberalmente seus dízimos e ofertas. Para todo o seu ministério e construções a igreja nunca recebeu nenhum centavo de qualquer fonte externa. O total de área construída alcança hoje 3.650 m^2. Em 13-03-2005 completará 20 anos da aquisição do imóvel adquirido como resultado da bênção divina.

A PIB do Brás é administrada com 2 ministérios bíblicos (Pastor e Diáconos) e mais 5 Coordenadores de Ministérios Auxiliares: Ação Social, Administração, Educação Cristã, Evangelização/Missões e Música. Liderados por leigos, membros da igreja e todos irmanados no propósito de ganhar pessoas para Jesus e fazê-las crescer na vida cristã, frutificando para glória do Senhor Jesus.

Cerca de 4.500 pessoas foram levadas ao batismo pela Igreja ao longo desses 93 anos, e conta atualmente com um rol de 821 membros. A igreja tem sido movida por forte espírito missionário e está plenamente integrada à denominação Batista, cooperando com ela em todos os sentidos e por todos os meios, demonstrando de forma prática a sua cooperação no sustento denominacional e nas ofertas missionárias.

Ao longo de sua história, a Igreja Batista do Brás, hoje denominada Primeira Igreja Batista do Brás, organizou 28 outras Igrejas, a saber:

1. PIB de Suzano;
2. PIB da Penha;
3. Igreja Batista Nova Jerusalém;
4. Igreja Baista Monte Sião;
5. PIB de Santo André;
6. PIB de São Miguel;
7. Igreja Batista de Vila Esperança;
8. Igreja Batista de Vila Curuçá;
9. PIB do Ipiranga;
10. Igreja Batista de Vila Matilde;

11. PIB de Vila Maria;
12. Igreja Batista de Vila Alpina;
13. Igreja Batista Monte das Oliveiras;
14. Igreja Batista de Vila Salete;
15. Igreja Batista de Água Fria;
16. Igreja Batista de Vila Ester;
17. Igreja Batista de Jardim Vila Galvão;
18. Igreja Batista de Jaçanã;
19. Igreja Batista Central de Santo Amaro;
20. Igreja Batista de Jardim Etelvina;
21. Igreja Batista de Guaianazes;
22. Igreja Batista Nova Sião;
23. PIB do Parque Cecap;
24. Igreja Batista Memorial de São Caetano do Sul;
25. PIB de Piracaia;
26. Igreja Batista de Itaquaquecetuba
27. Igreja Batista de Buri
28. PIB em Jardim Paineira.

Conclusão do capítulo das seis primeiras igrejas

Bom seria se pudéssemos contar a história de mais igrejas do começo de nossa história, mas isto criaria um livro muito volumoso. Quem sabe um dia alguém se dê este trabalho. Não há dúvida de que saber destas histórias é altamente proveitoso.

Damos a seguir, para terminar este capítulo, a lista das vinte primeiras Igrejas na ordem de suas organizações.

As vinte primeiras Igrejas na ordem de organização

São Paulo, 1ª 06/07/1889
Santos, 1ª 19/02/1903
Nova Odessa, 1ª 16/12/1906
Campinas, 1ª 03/10/1907
Liberdade 30/04/1909
Brás, 1ª 08/06/1911
Mogi das Cruzes 12/06/1911
Alto Alegre 03/11/1911
Viradouro 12/10/1912
Potirendaba 21/11/1915
Nova Europa 19/07/1919

Bauru, 1ª 07/03/1920
Rio Claro 13/05/1920
Ribeirão Preto 14/11/1920
Assis, 1ª 20/02/1921
Central de Varpa, Tupã 07/04/1923
Húngara, 1ª 29/09/1924
Lapa 29/09/1924
Lavras, Cajati 15/11/1924
Penápolis 01/03/1925

(fonte: O Batista Paulistano, janeiro de 99, edição em Revista para o Centenário dos Batistas da Cidade de São Paulo, p. 1).

3

IGREJAS ÉTNICAS

Não podemos deixar de registrar o importante papel de várias Igrejas étnicas (estrangeiras) na evangelização do Estado de São Paulo. Lamentavelmente, de algumas delas não podemos oferecer minúcias históricas por falta de fontes e referências e, também, pela exigüidade do tempo de que dispomos para o preparo desta obra. De algumas falaremos mais, de outros falaremos menos e outras apenas citaremos.

Igrejas Letas

A Primeira Igreja Batista Leta organizada no Estado de São Paulo foi a de Nova Odessa, fundada em 26 de dezembro de 1906. Como não poderia deixar de ser, a figura maravilhosa de W. B. Bagby estava presente no evento. Ele, juntamente com o irmão Júlio Malves, um colonizador leto, que também era membro da Primeira Igreja Batista de São Paulo, reunindo 50 batistas vindos das Igrejas Letas do Estado de Santa Catarina, estabelecidas em 1892, proclamaram organizada a Igreja, como costumavam fazer.

Na mensagem oficial, o Dr. W. B. Bagby já infundiu o desafio da evangelização nos letos de Nova Odessa. Começaram a despontar, então, grandes líderes: André Leckning e seu irmão Willis, Frederico Puke, João Dieners (autor do hino de mensagem evangelística nº 259 do Cantor Cristão), e outros. E logo a evangelização por instrumentalidade de letos, principalmente jovens, eclodiu por todas as partes: Jundiaí, Campinas, Rio Claro, Piracicaba, Santa Bárbara D´Oeste e até na Capital de São Paulo. A sede da Associação Cristã de Moços foi muito usada para reuniões de evangelização, que chegava até a 60 pessoas. Os convertidos foram integrados à Primeira Igreja Batista de São Paulo.

Por volta de de 1912, durante os pastorados de Ricardo J. Inke, Carlos Leiman e Carlos Kraul, a grande ofensiva evangelística estendeu-se a outras colônias e igrejas letas, como:Nova Europa, Ibitinga, Jorge Tibiriçá, Nova Paulicéia, Corumbataí e Gavião Peixoto. Uniram-se aos líderes nessa região os jovens João Sprogis e Eduardo Alksbirze.

Em 1914, no Sul do Estado, em Pariquera-Açú, Município de Iguape, foi organizada uma Igreja Batista Leta que desenvolveu um grande trabalho na região.

Mais tarde levantaram-se líderes letos como: Ilgonis Janait, Raini Peterlevitz, Felipe Peterlevitz, Carlos Ricardo Strautman, Ilona Peterlevitz Tikerp e outros.

Continuando sua ação evangelizadora, a Primeira Igreja Batista de Nova Odessa organizou a Segunda Igreja Batista de Nova Odessa, a Igreja Batista de Areias, a Igreja Batista de Araras, a Igreja Batista de Americana, a Igreja Batista de Santa Bárbara e a de Capivari.

A grande contribuição, no entanto, dos Batistas Letos veio pela organização da Igreja Batista de Varpa, fundada em 1922, quando veio um grande grupo de imigrantes da Letônia. A igreja que ali surgiu era, na época, a maior Igreja Batista da América do Sul, com 1750 membros. E eles trabalharam muito na evangelização dos brasileiros nas fazendas.

Curioso é que em Varpa, Palma, foi fundada uma Escola Missionária do Sertão, mais tarde extensão do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, sob a orientação dos professores: Dr. Paulo C. Porter, J.L. Riffey e W.C. Taylor. A escola funcionou durante 23 anos preparando obreiros para o sertão. Desse esforço foram abertas mais de 70 congregações, das quais resultaram cerca de 55 igrejas Batistas na chamada Alta Sorocabana e Alta Paulista. Ainda mais: mais de 100 obreiros, de 12 nacionalidades, foram preparados por aquela escola, dentre eles: eslavos, letos e brasileiros. Diversos obreiros formados nessa Escola foram aperfeiçoar seus estudos no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, cerca de 40, na área teológica, e mais de 50 em Música Sacra.

Dali os missionários letos se espalharam por todo o Brasil, indo até à Bolívia. Foram também organizadas: a Associação das Igrejas Batistas Letas do Brasil e a Associação das Igrejas Batistas Eslavas do Brasil.[38]

Igrejas Batistas Eslavas

O exemplo dos letos, que imigraram para o Brasil, despertou o interesse de Batistas moradores na Ucrânia, pois o regime comunista estabelecido na Rússia em 1917 era muito duro. Os irmãos de Varpa se interessaram pelo assunto, acertaram a possibilidade de trazer 50 famílias, e enviaram à Europa dois líderes da Colônia Varpa para assessorar as famílias na viagem: Os Pastores Karlis Grigorowitsh e Carlos Rodolfo Anderson. Os dois falavam russo e Carlos falava também alemão.

Igreja Batista Russa, liderada por Simeon Molochenko

O primeiro grupo chegou ao Brasil em janeiro de 1926, e o segundo, poucos meses depois desta data. E foram direto para o interior de São Paulo. O primeiro grupo, liderado pelo russo Simeon Molochenko, formou uma congregação, que Grigorowitsh pastoreava. Mas logo o Pr. Molochenco transferiu-se para a Cidade de São Paulo com a família e ali surgiu a Primeira Igreja Batista Russa do Estado de São Paulo, o que aconteceu em dezembro de 1926.[39] Essa Igreja desenvolve-se separadamente da Missão Leta. E então continuou no interior uma outra Igreja Batista Russa, liderada pelos letos.[40]

Igreja Batista Russa, liderada por Karlis Grigorovosk

Como se nota, surgiram duas linhas de trabalho entre os eslavos: a liderada pelo Pr. Karlis Grigorowitsh, do interior, e o dirigido pelo Pr. Simeon Molochenco, na Capital. E daí surgiram duas organzações gerais: a liderança leta criou, em 1935, uma União de Igrejas Batistas Eslavas do Brasil, incluindo também igrejas de imigrandes búlgaros e bessarábios. Grigorowitsh foi o seu primeiro presidente. Em 1957, essa União contava com 12 igrejas e 1.143 membros.[41]

Os Batistas eslavos lidrados pelo Pr. Simeon Molochenko, e que reunia também búlgaros, bessarábios e poloneses, também fundou uma união, um órgão cooperativo, que se chamou: Convenção Batista Russo-ulcraniana, em 7 de fevereiro de 1936.

Mais tarde, essas duas organizações se juntaram, em 15 de abril de 1965, com o nome de União Baista Eslava. O primeiro presidente foi o Pr. AndréYastrebov.

Em 1976 foi comemorado o jubileu dos batistas eslavos. Da comissão constavam alguns nomes que muitos de nós ficamos conhecendo: André Yastrebov, André Peticov, Demétrio Coev e Waldemkro Tymchak (Secretário Executivo da JMM).

Não dá para especificar todas as Igrejas que surgiram desse grande e abençoado trabalho. Dentre as muitas Igrejas, está ainda hoje a Igreja Batista Boas Novas, na Vila Zelina, que foi fundada pelo Pr. Grigorowitsh e, mais tarde, foi pastoreada pelo Pr. Waldemiro Tynchak.[42]

Um extenso artigo publicado no Batista Paulistano em 1974, alusivo ao Jubileu de Diamantes do trabalho Batista em São Paulo, fala mais dos Batistas Eslavos no nosso Estado (pp. 39-41).

OS Batistas Estoneanos

Os estonianos, que não são eslavos, vieram também para o Brasil em grande grupo. Dentre eles, muitos Batistas. Em São Paulo, sob a liderança do Pastor Jacó B. Veiderpass, fundaram uma Igreja, em 24 de dezembro de 1926, na casa do pastor, na Vila Prudente. Eram 14 os membros fundadores. Por volta de 1982, estavam sem pastor e não tinham templo próprio, reunindo-se nas dependências da Primeira Igreja Batista de São Paulo, na parte da tarde.

Muitos deles, na verdade, se uniram às nossas Igrejas.[43]

Os Batistas Húngaros

De 1924 a 1926, mais ou menos na mesma época da chegada de outros grupos étnicos, chegaram ao Brasil cerca de 100.000 húngaros, dentre eles, muitos Batistas e a maioria veio para são Paulo, indo estabelecer-se em Caiuá, na Alta Sorocaba. E logo surgiu uma Igreja, sob a liderança do Pastor Gabriel Kelemen.

Ainda em São Paulo, mais húngaros foram se estabelecer em Ribeirão Preto, onde também organizaram Igreja. Na capital de São Paulo, um grupo de Batistas húngaros começou a reunir-se nas dependências da Primeira Igreja Batista, e na Igreja Batista da Lapa, onde recebiam assistência pastoral dos pastores: Emílio Kerr e William Bagby. Havia também reunião nas residências. A partir de outubro de 1925, os diversos grupos passaram a reunir-se no templo da Igreja Batista da Lapa, e naquela ocasião o Pr. W.B. Bagby batizou alguns novos crentes.

Em 2 de agosto de 1931, em Concílio presidido pelo Pastor João Klawa, da Igreja Batista da Lapa, foi organizada oficialmente a Igreja Batista Húngara, com 30 membros. Nessa mesma época, em Concílio realizado na Primeira Igreja Batista de São Paulo, foram consagrados dois pastores ao Ministério da Palavra: Alexandre Toro e Antonio Molnar. Alexandre ficou como pastor da novel Igreja e Antonio ficou como pastor auxiliar. Em 1934, Molnar tornou-se pastor único. Mais tarde Molnar matriculou-se no Seminário Teológico Baista do Sul do Brasil, onde formou-se em 1940. Ficou na direção da Igreja até 1950, quando transferiu-se para os Estados Unidos, para pastorear Igrejas húngaras em solo americano.

Em 1938 a Igreja Húngara inaugurou no bairro da Lapa seu templo próprio. Com a saída de Molnar, assumiu o pastorado Estêvão Nagy. É bom que se diga que tanto um quanto outro foram muito ativos nos trabalhos dos Batistas do Estado de São Paulo. Nagy ficou no pastorado por 30 anos, até 1979. Quando o deixou, assumiu o pastorado um pastor Brasileiro: José Ferreira dos Santos. A Igreja ainda mantém o nome húngaro, mas os cultos são em português.[44]

Atual posição das Igrejas étnicas

Todas estas Igrejas foram absorvidas pela cultura brasileira. Naturalmente os filhos vão surgindo e se acostumando à língua portuguesa, enquanto os mais antigos vão partindo para a eternidade.

A Igreja Russa oriunda dos Molochenkos ainda continua na Rua Prates, em São Paulo, porém com culto em português.

A Igreja Russa de Vila Prudente, tem hoje o nome de Igreja Batista Vida Nova.

A Igreja Russa de Vila Zelina, continua também, mas totalmente aculturada ao sistema brasileiro de Igrejas Batistas, e tem o nome de Igreja Batista Boas Novas.

A Igreja Batista Húngara continua no mesmo endereço, Rua Pio 11, na Lapa, com o nome de Igreja Batista Metropolitana.

De outras, não temos registro.

É preciso que se diga que todas estas Igrejas étnicas exerceram papel importante no crescimento da obra Batista no Estado e na Capital de São Paulo. Dentre outros fatores, surgiram muitos obreiros de grande valor que continuam sendo uma bênção entre nós.

4

A ORGANIZAÇÃO DA CONVENÇÃO BATISTA DO ESTADO

Só para fazermos uma conexão histórica, a tentativa de organização de uma Convenção em São Paulo provinha da experiência que os missionários tinham de seu País.

No início do século XIX, havia 100.000 batistas na América e apenas um colégio religioso – Rhode Island. E então havia apenas uma Convenção que se reunia trienalmente, com mensageiros das áreas de Boston, New York, Filadélfia, Charleston e outros, mas sem muitos objetivos definidos.

A conversão ao sistema batista, de Adonirão Judson e Lutero Rice (que eram missionários dos Congregacionais na Índia), foi o desafio inicial. Eles teriam agora de sustentar esses missionários em terras estrangeiras.

Em 1814 representantes Batistas reuniram-se em Filadélfia e fundaram a Convenção Trienal. Logo surgiram sociedades de missões nacionais, publicações e educação. Um grupo mais forte foi estimulado pelo movimento de missões estrangeiras.

A partir de 1821 começaram a surgir Convenções Estaduais em quase todos os Estados principalmente para promoção de missões e educação, e aí surgiram colégios denominacionais e seminários teológicos, Jornais Batistas e Escolas Dominicais.

Tanta inovação provocou, evidentemente, oposições por parte de alguns e começaram algumas lutas internas.

Em 1845 houve a marcante separação entre os Batistas do Norte e os Batistas do Sul por causa da escravidão, e foi criada, então, a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos (Southern Baptist), na cidade de Augusta, Estado da Geórgia, nos Estados Unidos que logo deu ensejo ao surgimento da Junta de Missões Nacionais (Home Mission Board) e a Junta de Missões Estrangeiras (Foreign Mission Board - conhecida no Brasil como Junta de Richmond), Junta de Escolas Dominicais (Sunday School) e Junta de Beneficência.[45]

Os Batistas do Norte só criaram sua Convenção em 1907, quando já havia sido criada a Aliança Batista Mundial, em 1905, em Londres. Os antigos Batistas do Norte hoje chamam-se Batistas Americanos (American Baptists).

Em 1925, os Batistas do Sul adotaram o Plano Cooperativo, na base de uma contribuição de 10%, denominada: dízimo dos dízimos.

O surgimento da nossa Convenção Estadual

A rigor, e a nível nacional, a nossa Convenção Estadual foi a segunda a ser organizada. Em 1894, no Rio de Janeiro, havia sido criada uma União Batista com representantes da Cidade do Rio de Janeiro (então Distrito Federal – Capital), do Estado do Rio e do Estado de Minas Gerais. Esta foi uma Convenção Regional, que logo deixou de existir com o surgimento de outras Estaduais.

Mas a primeira Convenção Estadual a ser organizada foi a de Pernambuco, em janeiro de 1901 e recebeu o nome de União Batista "Leão do Norte". A segunda foi a Paulistana, em dezembro de 1904.[46]

De acordo com breve artigo escrito pelo Dr. José Nigro, em o Baptista Paulistano de 30 de julho de 1931, a Convenção Batista do Estado de São Paulo foi organizada em 20 de abril de 1904, na cidade de Jundiaí, com o nome de Convenção Batista Paulistana, organismo de cooperação, que era o primeiro passo do desenvolvimento da Convenção. Antonio Neves de Mesquita mantém a data de 20 de abril.[47] Na foto publicada naquele Jornal aparece uma placa com a data: 20 de abril.

Segundo A R Crabtree, o primeiro nome da Convenção era União Baptista Paulistana e, ainda, põe a data para 16 de dezembro. A Ata daquela ocasião, no entanto, registra a reunião realizada nos dias 16, 17 e 18 de dezembro de 1904. Como o Pr. José Nigro estava escrevendo em 1931, é possível que tenha deixado escapar os detalhes. Realmente, a seqüência da história consagra a data de dezembro. Mencionamos o fato apenas por fidelidade aos registros. Mais tarde mudou o nome União Baptista Paulistana para Convenção Baptista Paulistana e, finalmente, para Convenção Batista do Estado de São Paulo.

O Primeiro presidente dessa Convenção foi o Dr. José Nigro, que mais tarde veio a ser presidente da Convenção Batista Brasileira, trinta anos mais tarde. Os representantes da referida assembléia vinham das Igrejas: Igreja Batista de são Paulo, Igreja Batista de Santos, Igreja Batista de Jundiai (uma das mais influentes do interior), Igreja Batista de Campinas, Igreja Batista de Limeira e Igreja Batista de Piracicaba, além da Igreja Batista de Santa Bárbara. Crabtree registra que eram 7 igrejas (naturalmente contando com a de Santa Bárbara), com 280 membros.[48]

Curioso notar que a Convenção Batista Paulistana nascia 3 anos antes da Convenção Batista Brasileira, que aconteceria somente em 1907, por iniciativa do missionário Bagby, acompanhado dos seus companheiros Zacarias Taylor, A B.

Deter, e Salomão Ginsburg, na Bahia. Na mesma ocasião foi criada a Junta de Missões Estrangeiras, ficando o missionário Bagby como seu Presidente.[49]

O primeiro Presidente da recém criada União Baptista Paulistana, foi o Dr. José Nigro (na ocasião, pastor da Igreja Batista de São Paulo, como ele mesmo declara no referido artigo, e também pastor da Igreja Batista de Jundiai, que hospedava o evento). É bom lembrar que o articulista, Dr. José Nigro, escreve em 1931, 27 anos depois. Ele relata que a grande preocupação naquela assembléia era a falta de obreiros, diante de tantas portas abertas e de tantos desafios para a evangelização do Estado.

Comenta o Dr. José Nigro que na época da organização da Convenção eram 6 igrejas nativas, com um número de membros estimado em 300 (Crabtree registra 280), todas funcionando em casas alugadas, e agora, em 1931, são 45 Igrejas, com cerca de 5.000 membros, todas funcionando em suas propriedades.[50]

Afora a controvérsia da data da organização e do primeiro nome, apresentamos cópia da primeira Ata que foi publicada no Batista Paulistano, edição especial do centenário

Cópia da Primeira Ata da nossa Convenção

"União Baptista Paulistana"

"Nos dias 16, 17 e 18 do corrente, dezembro de 1904, as igrejas baptistas do Estado de S. Paulo resolveram, a bem do trabalho evangélico, organizar uma União cujo nome serve de epigraphe a esta notícia, a qual teve logar no espaçoso salão da Igreja Baptista de Jundiahy. Alli compareceram mensagaeiros de todas as egrejas baptistas e congregações deste Estado, os quaes, tomando parte activa nos trabalhos da União, contavam as boas novas de seus campos. Dia 16, às 7.12 horas da noite o Rev. Dr. Bagby tomando o logar competente expoz o fim da reunião, dando em seguida a palavra ao Rev. José Nigro, que proferiu o sermão de abertura baseado sobre o perdão das offensas (Math. 18.35) a um numeroso auditório. Dia 17, às 7.12 horas da manhã, reunião de oração dirigida pelo Rev. J.J.Taylor. Às 8.12, reunião para eleição da mesa a qual foi assim constituída: - Presidente, ver. José Nigro; vice-presidente professor Pedro Duarte; 1o. Secretário, Onofre dos Santos; de Missões Nacionaes e Extrangeiras, Dr. J. J. Taylor e W. B. Bagby; de Assuntos Extraordinários, Ignácio Bueno e Berto Germano; de Escolha de pregadores, Prof. Pedro Duarte e Francisco Affonso. Foi encerrada a reunião com um pequeno discurso pelo presidente. Ao meio dia foi novamente aberta a sessão para continuar os trabalhos da União. Foram apresentadas pelas comissões acima, seus relatórios contendo bons pareceres os quaes foram considerados. Sobre o parecer da comissão de Evangelização discutiu-se com bastante critério, concluindo por nomear-se os irmãos representantes para, em suas egrejas tratarem do assumpto conforme tinha sido deliberado na União. Foi encerrada a sessão às 3 horas da tarde, tendo em

seguida todos os crentes presentes sahido em passeio campestre; e nessa occasião foram photografhados.

Às 7 horas da noite, reunião de oração, dirigida pelo Rev. José Nigro, e finda a mesma foi pelo presidente da União convidado o irmão Manoel Guimarães para fazer o sermão do dia, o qual dissertou sobre as sublimes palavras de Christo: "Bemaventurados os pacificadores", demonstrando a necessidade de sermos pacificadores no mundo com Deus; terminando o sermão tomou a palavra o Dr. Bagby, perguntando às pessoas extranhas presentes se não havia alli alguém que quizesse fazer a paz com Deus, e se manifestaram 3 pessoas. Em seguida foi pelo presidente da União offerecida a palavra ao Dr. Eliezer dos Santos Saraiva, para fallar sobre o Esforço Christão, o qual em brilhantes considerações demonstrou, as vantagens que offerece esta sociedade na Egreja de Christo.

Dia 18. As 7.12 horas da manhã reunião de oração dirigida pelo irmão Antonio Pereira dos Passos. As 11 horas, Escola Dominical, sendo dirigida do seguinte modo: classe de homens, pelo irmão Corrêa, das senhoras, pelo irmão Guimarães e das creanças pelo irmão Passos. Ao meio dia, sermão missionário pelo incançavel trabalhador do Senhor, Rev. Dr. W. B. Bagby, que dissertou satisfatoriamente sobre as seguintes palavras do apostolo Paulo, "Christo é tudo em todos", no qual elle explicou que todas as coisas desde o Éden têm referencia a Christo. A´s 3 horas da tarde continuaram os trabalhos da União, sendo nessa ocasião apresentados os pareceres das comissões indicadas os quaes foram discutidos e approvados. A´s 7 horas da noite reunião de oração, dirigida pelo irmão Antonio Corrêa de Oliveira; ás 7.12 sermão pelo Rev. José Nigro, que fallou em torno do brilhante texto: "Eis que estou á porta e bato" (Apoc. 3.20), fazendo algumas referencias á mornidão da egreja de Laodicéia.

Terminado o culto foi aberta a sessão para encerramento dos trabalhos da União, fallando diversos irmãos que manifestaram seu regosijo pelos bons pareceres approvados pela União.

Pelo irmão Antonio Corrêa de Oliveira, foi proposto, e approvado pela União, que fosse lançado na acta um voto de agradecimento á Egreja de Jundiahy, pelos relevantes serviços prestados na hospedagem dos mensageiros; nessa ocasião foi tirada uma collecta para Missões Estrangeiras. Em seguida foram os trabalhos terminados com a mão fraternal dada pelos mensageiros aos crentes da Egreja de Juntiahy, candando-se o hymno "Deus vos guarde até nos encontrar", e bênção apostólica pelo Rev. Dr. Bagby.

A´s 10 horas da noite foi offrerecida a todos uma mesa de chá e nessa occasião os irmãos Ignácio Bueno e Onofre dos Santos, agradeceram á União pela lemb rança de escolher o salão da Egreja a que pertencem para suas reuniões, tendo por acclamação, o irmão Manoel Guimarães respondido aos discursos d´aquelles, irmãos; também fallaram os irmãos Francisco Affonso, Guilherme Thomaz, Antonio Corrêa de Oliveira, Prof. Pedro Duarte e Dr. Bagby.

É mister registrar nesta noticia a indizível gratidão de que somos devedores, a nossa prestimosa irmã methodista, miss Hortência Smith, que, durante os trabalhos da União, nos ajudou nos cânticos, tocando o órgão em todas as reuniões.

Todas as reuniões foram bem concorridas.

Deus seja servido abençoar esta União.

S. Paulo, 20-12-1904

A C. Oliveira

Nota

As 3 pessoas que se manifestaram no sábado á noite foram, domingo, acceitas pela Egreja de Jundiahy, e 2 destas foram á tarde d´aquele dia baptizadas pelo Dr. Bagby, presenciando o acto mais de cem pessoas, que, após o mesmo, ouviram a exposição da Palavra Divina, pelo irmão acima citado, ao ar livre. O irmão Rev. J. Taylor, muito sentiu por não ter assistido a todos os trabalhos da União, visto ter tido necessidade de se retirar no sabbado á tarde, para dirigir os cultos de Domingo, 18, nesta Capital.

Para a 2a. convenção desta União, no anno vindouro, foi designado o salão da Egreja Baptista desta Capital.[51] (apresentamos o material como foi redigido, na ortografia antiga).

Anos subseqüentes

Não temos livros de Atas das Assembléias dos primeiros anos. O livro de Atas mais antigo é do ano de 1919. Mesmo a partir daí, faltam alguns.

A. N. de Mesquita nos dá detalhes de algumas delas, como as de 1911, 1914, 1916, 1918. Apenas informa que “as convenções dos últimos anos deste período teem sido grandes e modelares...”.[52]

Um balanço dos primeiros anos

O mesmo autor faz uma avaliação do trabalho Batista em São Paulo, desde o seu início até 1935, que resumimos como segue: [53]

Em 1907:

a) não havia nenhum pastor brasileiro. Todos estrangeiros;

b) Somente 6 igrejas em volta da Capital;

c) Um colégio pequeno e sem casa própria;

d) “Não havia um tijolo a que os batistas chamassem seu, um palmo de terra em que pusessem o pé, diríamos: eram pobres! (p. 331)

Em extenso artigo publicado em O Jornal Batista em 15 de outubro de 1982, a propósito do Centenário dos Batistas, o Pr. Edson Borges de Aquino, falando dos Batistas do Estado de São Paulo, assim resume o desenvolvimento do nosso trabalho nas primeiras décadas:

1. Finda a primeira década, operavam em São Paulo as seguintes Igrejas:

a) Primeira Igreja Batista de São Paulo e Liberdade, na Capital;

b) Alto da Serra, Campinas, Corumbataí, Jundiaí, Nova Europa, Nova Odessa (dos letos), Santos e Tambaú.

2. A segunda década, que começa em 1911, com a organização das Igrejas do Brás e Mogi das Cruzes, seguidas da organização, em 1912, de pequenas Igrejas que não vingaram, como foi o caso de Bom Jesus, perto de Mogi das Cruzes e Córrego grande, em Catanduva.

a) Em 1913, já contávamos com 16 Igrejas no Estado.

b) Em 1920, já entram para a lista: Igreja Batistas de Rio Claro, Ribeirão Preto e Bauru, o que vai significar grande reforço e avanço para o Evangelho no interior do Estado.

c) O mesmo artigo ressalta também a importância das Convenções. Suas reuniões eram precedidas de estudos bíblicos e doutrinários, eclesiásticos e denominacionais, feitos por preletores escolhidos. Ele destaca entre os preletores preferidos: Juvenal Ricardo Meyer e Silas Botelho. Juvenal Ricardo Meyer era cientista, que destacou-se no campo científico, diga-se de passagem, e por muitos anos, pastor da Igreja Batista Paulistana. Silas Botelho, grande intelectual, por muitos anos Diretor do Colégio Batista Brasileiro.

3. Na terceira década, o destaque é o número maior de obreiros brasileiros: oito, contra 6 estrangeiros.

a) Em 1922 já havia 18 Igrejas, 16 delas com templos próprios;

b) Em 1924, duas perdas irreparáveis para os Batistas do campo Paulista: as mortes de J.J. Taylor, em 15 de janeiro, de férias nos Estados Unidos, e de F.M. Edwards, em 11 de dezembro, no Hospital Samaritano, em São Paulo.[54]

Em 1925:

e) o Campo Paulistano se apresentava como um dos mais notáveis entre os campos batistas do Brasil, com 21 Igrejas e mais de 2.500 membros

f) De 1910 a 1925, o número de igrejas passou de 10 para 15

g) Um crescimento maior do que o primeiro período.

Em 1927:

Registra-se a perda do grande pioneiro, chamado “o judeu errante”, grande valor na educação teológica, grande evangelista, falecido em 31 de março. Foi sepultado no Cemitério do Redentor, ao lado de F.M. Edwards.

Em 1931:

h) Um primeiro fato notável: a conversão do ex-padre Raphael Gióia Martins

i) No ano seguinte, houve o batismo de 800 pessoas

j) Na Colônia Varpa havia uma Igreja de 1.200 pessoas, na sua maioria letos.[55]

k) Na assembléia realizada em 1931, na cidade de Rio Claro, anunciou-se que dos 4.690 batistas registrados até a época, no Estado de São Paulo, 2.642 são estrangeiros e os restantes 2.048, brasileiros.

Em 1934:

D. Luzia Breternitz Furtado, hoje com 74 anos, esposa do prof. Aloísio Furtado de Mendonça, conta que, quando menina de 4 anos mais ou menos, na cidade de Pedreiras lembra do Pastor T. C. Bagby que visitava muito a casa dos seus pais. Ela se recorda de que ele costumava carregar seu órgão portátil de fole nas costas, como se fosse uma mochila. De repente ele sumia. Logo ele era encontrado na praça principal da cidade, em frente à Igreja Católica, tocando seu órgão e pregando o Evangelho (por volta de 1934 – Depoimento pessoal oferecido ao autor em 21 de agosto de 2004).

Em 1935:

l) Uma Convenção animada;

m) O melhor edifício colegial batista;

n) Lindos templos evangélicos;

o) Um grande número de pastores ocupados com os ministérios das igrejas;

p) Quarenta e duas (42) igrejas espalhadas pelo Estado;

q) Dois evangelistas ocupados no evangelismo;

r) Várias Igrejas e organizações de imigrantes.[56]

Em 1939:

a) Ao terminar este ano, havia 71 Igrejas no Estado;

b) A última Igreja do período foi a de Americana, organizada em 08 de outubro de 1939.

Entre 1940 e 1950, o crescimento não foi muito grande, tendo sido organizadas apenas 58 Igrejas no período.[57]

Em 1974:

Época do jubileu de diamantes da Convenção, havia 394 Igrejas cooperantes, o que representa um crescimento de mais de 500% em 34 anos.

Em artigo em O Jornal Batista de 15 de outubro de 1982, o Pr. Salovi Bernardo fornece uma escala de crescimento de Igrejas, como segue, a partir de 1974:

1976:

09 Igrejas; 1977: 11; 1978: 17; 1979: 20; 1980: 21; 1981: 22; 1982: 48.

Aliás, em 1982, época do artigo que já mencionamos, escrito pelo Pr. Edson Borges de Aquino, contávamos com 530 Igrejas, representando um crescimento, em oito anos, de 136 Igrejas, média de 17 Igrejas por ano. O aumento de Batista no

período foi de 25 mil, perfazendo um total hoje de 83 mil batistas no Estado. Somos 28 Associações em todo o Estado. O total de pastores na época é de 498, atuantes em todo o Estado.[58]

Em 2004, a 96ª Assembléia foi realizada na cidade de Atibaia, não muito longe da Capital, nas dependências da Primeira Igreja Batista daquela cidade. Aliás, a Assembléia Convencional foi hospedada pela Primeira Igreja. Tudo transcorreu na mais perfeita ordem, e com muito entusiasmo e muita espiritualidade. A motivação era o centenário.

A Diretoria para o próximo período ficou assim constituída:

Presidente: Pr. Antonio Mendes Gonçales;
1º Vice-Presidente: Pr. Eli Fernandes de Oliveira;
2º Vice-Presidente: Pr.Hélio Schuartz Lima;
3º Vice-Presidente: Pr. Olney Basilio Silveira Lopes;
1ª Secretária: Leonice Duarte de Souza Dantas;
2º Secretário: Pr. Marcelo Gomes Longo;
3º Secretário: Pr. Antonio Alves Lopes;
4º Secretário: Pr. Elton de Oliveira Nunes.
Diretor Executivo: Pr. José Vieira Rocha

O Batista Paulistano

Colocamos aqui os dados sobre O Batista Paulistano uma vez que, sendo órgão de divulgação, faz parte da própria história da Convenção.

A primeira tentativa de lançar um jornal entre nós em São Paulo, segundo nos informa Antonio Neves de Mesquita, surgiu em 1910, com o nome de A Pequena Voz, que depois deu lugar ao Batista Paulistano, que se mantém até hoje.[59]

Mas segundo informações contidas em O Jornal Batista de 7 de setembro de 1922, artigo do Pr. Sebastião Angélica Souza, este jornal foi fundado em 1909, pelo missionário J.J. Taylor, com edições mensais de 8 páginas. Assim, até 1922, seus diretores, além de JJ. Taylor, foram: A B Deter, J. Gresenberg, A. Ernesto, F. M. Edwards, e Sebastião Angélico de Souza.

Dali para a frente, o jornal tem sido publicado regularmente, sendo sempre um fiel porta-voz da denominação em sua vitoriosa trajetória. Em épocas especiais, O Batista Paulistano tem lançado edições ampliadas em forma de revista, como foram os casos do Jubileu de Diamantes da Convenção, do centenário dos Batistas da Cidade de São Paulo, em 1999, e do centenário da Convenção, para a assembléia em Atibaia, em 2004.

Infelizmente, não dispomos de outros dados históricos sobre este importante Jornal que, atualmente, sai regularmente em excelente apresentação, feito por profissionais e que muito tem colaborado para o progresso da Causa de Deus em nosso Estado.

O exemplar mais antigo de O Batista Paulistano que se encontra nos arquivos da Convenção data de 3 de janeiro de 1928, tendo o saudoso e grande líder Silas Botelho como redator.

5

ORDEM DOS PASTORES DO ESTADO DE SÃO PAULO

"E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado..."
(Ef. 4.11,12 - NVI).

Naturalmente, os primeiros pastores de São Paulo foram os missionários pioneiros.

As raízes desta organização surgiram com a chamada "reunião de obreiros", que desde o início acontecia, principalmente nas dependências da Primeira Igreja Batista de São Paulo. Os pastores sentiam a necessidade de estarem juntos e compartilharem as lutas e as vitórias.

Antonio Neves de Mesquita informa que surgia notícia publicada pelo "O Jornal Batista" de 1912, de uma "União de Obreiros" reunida na cidade de Santos. Informa, ainda, que "de sua continuidade temos informações de que tem atravessado os anos em crescente e notável atividade"[60]

Ao longo dos primeiros anos do trabalho, eles atuaram sempre ligados ao trabalho geral, mas sem uma organização específica deles. Os trabalhos eram intensos. Os pastores na cidade de São Paulo davam assistência a igrejas muito distantes, como é o caso de Belo Horizonte, Minas Gerais. Os meios de transporte eram precários: cavalo, carruagens de tração animal, trens e navios. Tudo muito demorado.

O Surgimento da Ordem dos Pastores Batistas do Estado de São Paulo

Somente em 18 de agosto de 1942, numa sala anexa da Primeira Igreja Batista de São Paulo, foi organizada a Ordem. A iniciativa havia partido de um grupo de

pastores que reunidos na dita sala anexa para tratar de certo problema, resolveram convocar todos os colegas para tratar da organização de uma ordem. Na ocasião, 28 de julho do mesmo ano, foi designado o pastor Salvador Farina Filho para convocar os demais, o que foi feito em 5 de agosto, cujos termos da carta acham-se no livro do Jubileu de prata, publicado em 1967, p. 17.

Pastores presentes a esta primeira convocação:

Antônio de Oliveira, Alcides Franco, Carlos Gomes Monteiro, Damiani Rascov, Erodice Fontes de Queiroz, Ernesto de Souza, Joaquim Bueno, Joahann Ziegler, Miguel Daniani, Rubens Lopes, Rodolfo Keidann, Samuel Bagby, Salvador Farina Filho, Severino Batista, Tece Bagby e Dr. Tertuliano Cerqueira (pastor e médico). Justificaram a ausência os pastores:Valentim de Andrade e Francisco Afonso de Carvalho. O Pr. Rubens Lopes foi escolhido para presidir os trabalhos até que a diretoria fosse eleita.

A primeira diretoria eleita foi:

Presidente – Pastor Professor Rubens Lopes;

Vice-Presidente – Pastor Dr. Rafael Gióia Martins;

Secretário-arquivista – Pastor Salvador Farina Filho;

Tesoureiro – Pastor Samuel Bagby

Deu posse à diretoria, a pedido do Pr. Rubens Lopes, o Pastor Missionário T.C. Bagby.

Dois pastores ofereceram suas Igrejas para sede da Ordem: Pr. Erodice Fontes de Queiroz, Igreja Batista da Liberdade, e Pr. Tertuliano Cerqueira, da Primeira Igreja. Foi aceita esta última oferta, ficando estabelecido que o escritório funcionaria na sala da secretária da Igreja, que dispunha de máquina de escrever e mimeógrafo.

Ficou decidido que as reuniões mensais seriam às 20:00 horas da quarta segunda-feira.

Os Estatutos da Ordem foram aprovados na sessão seguinte, dia 24, mediante anteprojeto apresentado pela mesa.

Na ocasião, foi registrada a quantia de 51$000 (cinqüenta e um mil réis) recebida do Pastor Francisco Afonso de Carvalho, em nome dos pastores de Bauru.

A apresentação solene da Ordem à Denominação deu-se em 10 de outubro do mesmo ano, no santuário da Primeira Igreja Batista de São Paulo, precedida de um jantar de confraternização.[61]

Segundo informação da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil, Secção do Estado de são Paulo, estima-se que há, atualmente (em 2004), cerca de 1.600 pastores no Estado de São Paulo. Evidentemente, alguns deles atuando em ministérios específicos, outros atuando como pastores auxiliares e alguns sem pastorado.

O Pastor mais antigo do Estado

Altino Vasconcelos

Nascido em Nioaque, MS, aos 09 de junho de 1902, contando, portanto, 102 anos de idade quando escrevemos esta página, o Pastor Altino Vasconcelos é o pastor mais antigo do Estado, que ainda vive, e está lúcido.

Seu pai, Fernando Vasconcelos era advogado. Sua mãe era Maria Francisco Vasconcelos.

Altino Vasconcelos fez seus primeiros estudos em Bela Vista, MS. Com o falecimento precoce de seu pai (aos 55 anos), ingressou no Exército, aos 17 anos, nele permanecendo até 1932, tendo alcançado o posto de 1o. Sargento, destacando-se como excelente cavaleiro e recebendo até prêmios por saltos ornamentais no Rio de Janeiro, onde também serviu no antigo XV Regimento de Cavalaria. Como militar, participou das revoluções de 1922 e 1932.

Sua conversão a Jesus Cristo deu-se em fins de 1928 em Bela Vista, MS, onde servia o Exército. Tocava violino na banda de sua corporação e foi convidado por uma vizinha crente para tocar no Culto de Natal da Igreja Batista. Ensinaram-lhe a acompanhar a partitura dos hinos do Cantor Cristão e ele o fez muito bem. Chamaram-no para tocar outra vez e ele aceitou. Diz ele que quando não o convidaram mais, ele foi assim mesmo, e nunca mais deixou de ir. Entretanto, seu batismo deu-se somente em 14 de setembro de 1930, em Bela Vista, MS.

Cursou teologia no Paraguai de 1930 a 1933, tornando-se co-pastor da Igreja Batista de Bela Vista, por um ano.

O Pastor Altino sempre foi um homem vigoroso em tudo na sua vida, na família, na Igreja, na pregação. Seus sermões eram sempre ilustrados com experiências marcantes e apropriadas. Certa vez ele pregou uma série de mensagens especialmente para adolescentes na Primeira Igreja Batista de Bauru. A mensagem final foi sobre o poder do Evangelho e, antes de terminá-la, cantou o hino 191 do Cantor Cristão com sua voz cheia da graça de Deus:

"Oh! Que mensagem cheia da compaixão de Deus,
A do Evangelho santo, que nos conduz aos céus!

Eis a nova: Quem em Jesus confia,
Dele há de ter verdadeira luz,
Vida, perdão e alegria!...

Ao terminar de cantar completou a mensagem e fez o apelo. Mais de vinte adolescentes entregaram suas vidas a Jesus Cristo.

Ele viajava com suas pesadas malas, de segunda classe (porque não havia de terceira) no trem, desde Bauru até Mato Grosso, de cidade em cidade, pregando o Evangelho no próprio trem, nas igrejas, nas casas, nas ruas e praças, desbravando

campos, confirmando pessoas, famílias e Igrejas em Cristo. Centenas de vidas foram alcançadas pela Salvação. Na década de noventa éramos missionários no Paraguai e lá encontramos pessoas salvas pela instrumentalidade do Pr. Altino Vasconcelos.

Era um estudioso da Bíblia. Certa ocasião o Pr. Henrique Cyrilo Corrêa pregava, tendo o Pr. Altino ao lado. Em determinado momento, ao pretender fazer uma citação bíblica, o Pr. Corrêa teve um pequeno lapso de memória, então virou-se para o seu companheiro de púlpito, Pr. Altino, e disse: "Vou consultar a quem conhece bem a Bíblia". E imediatamente foi ajudado com o texto pretendido. De fato ele era uma verdadeira enciclopédia bíblica ambulante. Ao visitá-lo recentemente perguntei-lhe quantas vezes havia lido a Bíblia toda, e a resposta foi: 120 vezes. Atualmente a vista não estava ajudando mais.

O Pastor Altino exerceu o ministério pastoral nas seguintes Igrejas:

De 1935 a 1937 – Igreja Batista de Três Barras, MS;

De 1937 a 1944 – Igreja Batista de Aquidauana, MS;

De 1944 a 1950 – Missionário da Convenção Batista Paulistana na região Noroeste do Estado, tendo pastoreado nesse tempo as Igrejas de Penápolis e Segunda de Bauru (hoje Bereana);

De 1950 a 1957 – Primeira Igreja Batista de Campo Grande, MS;

De 1957 a 1958 – Igreja Batista de Guararapes, SP;

De 1958 a 1967 – Igreja Batista de Marechal Hermes, RJ;

De 1967 a 1974 – Igreja Batista de Madureira, RJ;

De 1975 a 1978 – Primeira Igreja Batista da Taquara, RJ;

De janeiro a Dezembro de 1980, outra vez serviu a Primeira Igreja Batista da Taquara, RJ.

Após esse período, diminuiu suas atividades diretas no pastorado, passando a atender convites que antes não podia atender. Foi eleito pastor emérito das Igrejas de Madureira e Taquara, RJ, e Pastor Honorário da Igreja Batista em Marechal Hermes, RJ.

O Pastor Altino sempre foi um homem comprometido com a Denominação Batista. Assim sendo, foi Presidente da Convenção Matogrossense e de sua Junta Executiva por cinco anos; Secretário Executivo da Junta Matogrossense; Redator-chefe do Jornal Batista Matogrossense; Membro da Junta de Missões Estrangeiras (atual JMM) da CBB; Membro da Junta do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil; Professor de Velho Testamento no Curso de Extensão do S.T.B.S.B, em Campo Grande, MS; Professor dos livros de Neemias e Provérbios e de Administração Eclesiástica no mesmo Curso; Orador oficial da Convenção Batista Mineira, em 1964; Orador oficial da Convenção Batista Brasileira, em 1973; Pregador em Igrejas do Paraguai, Estados Unidos e Canadá; construtor de vários templos nas Igrejas pelas quais passou. Atuou também entre Índios "terenas", pregando e ensinando, em MS.

Um aspecto relevante na vida desse pastor extraordinário é a sua família. Ele casou-se bem jovem, em 1923, com Dionina Jatobá Vasconcelos (Ele com 19, ela com 15 anos). Dona Dionina faleceu em 1994. Tiveram os seguintes filhos: Eber Vascon-

celos, pastor falecido em setembro de 2002, em Brasília; Estela Vasconcelos de Araújo, viúva; Dalva Vasconcelos Heiderich, viúva; Débora Vasconcelos Watkins, falecida em 1997, no Rio de Janeiro; Íber Vasconcelos, pastor; Gláucia Vasconcelos Wilkey, pastora nos Estados Unidos; Marlene Vasconcelos Castro, professora. Dos filhos, recebeu 23 netos e 25 bisnetos.

Recebeu da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil, em 2001, Diploma na categoria "Diamante", pelos 65 anos de pregação do Evangelho. Possui várias placas e cartões de prata de igrejas e da Ordem dos Pastores Batistas do Estado de São Paulo, subsecção Alta Paulista, pelo mesmo motivo: vida, exemplo, ministério.

O Pastor Altino tem sido sempre um homem jovial. Agora, depois dos cem anos ele diz que está começando a envelhecer. Os Batistas do Brasil conheceram bem o seu filho, Pr. Eber Vasconcelos que foi, durante décadas, pastor da Igreja Batista Memorial de Brasília. Era homem bondoso, agradável, sorridente. Imprimiu marcas na vida e nos Cultos de sua Igreja, uma delas a da reverência durante os Cultos. Contaram-me que numa das grandes homenagens que a Memorial ofereceu ao Pr. Éber, foi a presença de seu pai como orador oficial. Até o momento do sermão do Pr. Altino Vasconcelos, o homenageado não sabia bem porque seu pai estava presente, e o Culto transcorreu dentro do estilo do Pr. Éber. Esta foi a primeira surpresa. A segunda surpresa foi que, quando o Pr. Altino começou a mensagem, contou a história de um menino inteligente, vivo, que como menino normal fez todas as coisas de menino, revelando a toda a Igreja algumas coisas que não eram de seu conhecimento. Ao concluir a parte inicial, disse o pregador: "Esse menino é meu filho"! Houve então uma descontração com uma risada generalizada. O Pr. Altino sempre foi risonho e sabia fazer o público rir de uma forma muito simpática e agradável.

Algumas anotações do Pr. Altino foram encontradas pelo seu filho, Pr. Íber Vasconcelos. Ei-las: "Em minha morte quero que seja lido o texto de Apocalípse 7.9-17 e que seja cantado o hino 499 do Cantor Cristão, "Tudo Feliz" (encontrado na página do seu Novo Testamento, ao lado de sua cama).

Outra anotação: "Na 2a. Carta a Timóteo 2.14 Paulo diz: "traze estas coisas à memória. Durante longos anos decorei rigorosamente o texto e procurei viver assim. Hoje, nos meus 99 anos completos procuro guardar em minha mente os santos princípios de Deus. Absoluta paz ronda a minha vida, já perto da eternidade". (Anotação feita quando completou 99 anos, no verso de uma pequena página biográfica, provavelmente refletindo sobre a sua vida .[62]

Os cem Pastores mais idosos do Estado de São Paulo

1. Altino Vasconcelos 09/06/02
2. Janis Roberto Jansevskis 17/02/10
3. José Siqueira Dutra 15/02/12
4. Teovils Purens 15/06/14
5. Anatole Pyrilampo 22/08/14
6. João Gomes Ferreira 15/06/15

7. Oscarlindo Barcelos 01/02/16
8. Redeman Elbert da Silva 07/06/16
9. Eliezer Pereira de Barros 25/12/16
10. Okx Schimenes 29/06/17
11. Manoel Rodrigues de Lima 23/07/17
12. João Lemos 10/03/18
13. José Evangelista de Oliveira 31/05/18
14. Ciro Costa e Silva 14/07/20
15. Manoel Luiz sobrinho 30/11/21
16. Werner Kaschel 04/04/22
17. Laurindo Candeia dos Santos 31/07/22
18. José Motta dos Reis Pessôa 27/08/22
19. Miilton Netto de Azevedo 22/02/23
20. Thedomiro Quadra 02/04/23
21. Isaías Gonçalves Ribeiro 07/08/23
22. Oswaldo de Miranda 12/12/23
23. Pedro Gonçalves 06/03/24
24. Nelson Lopes 23/03/24
25. Mario Fernandes Doro 01/05/24
26. José Sanches Morales 16/06/24
27. Natanael de Barros Almeida 13/07/24
28. Tiago Nunes de Lima 08/09/24
29. Rafael Garcia 02/10/24
30. João Vieira Neto 15/10/24
31. Edson Borges de Aquino 01/07/25
32. Plínio Moreira da Silva 03/07/25
33. Francisco Antonio de Amorim 23/07/25
34. Dmytro Bucky 23/09/25
35. José Vieira dos Santos 05/02/26
36. Luiz Carlos Ricardo Schubert 08/02/26
37. Duarte Pereira dos Passos 15/05/26
38. Salovi Bernardo 16/05/26
39. Daniel da Rocha Guimarães 30/05/26
40. Mario Gomes de Barros 13/10/26
41. Francisco Sabino Fernandes 17/10/26
42. Timofei Diacov 22/11/26
43. Gamaliel Pires Floriano 08/03/27
44. João de Oliveira 22/04/27
45. Francisco Alves Sobrinho 21/05/27
46. Elias Rodrigues da Rocha 22/05/27
47. José Salustiano da Costa 01/09/27
48. Constantino Custódio Jorge 27/09/27
49. Forbino Pereira de Paiva Neto 31/12/27
50. Bonifácio dos Santos 14/03/28
51. João Quirino de Castro 23/06/28
52. José Bretones Junior 06/07/28
53. Roque Waldemar Gaetani 16/08/28
54. Roque Almeida Gomes 30/08/28
55. Albino Faustino 03/12/28
56. Enzo José dos Santos 28/01/29
57. Benelisio Soares Coimbra 03/02/29
58. Edgar Martins 30/07/29
59. Edson José Ribeiro 08/09/29
60. Benedito Pinto 07/10/29

61. Hélio Rangel 25/10/29
62. Pedro Lino do Nascimento 20/11/29
63. Vicente Santos do Amparo 03/02/30
64. Marcos Sepriano 15/03/30
65. Mário Florentino Barbosa 17/03/30
66. Rivas Lopes Bretones 02/05/30
67. Natanael Branco de Oliveira 01/06/30
68. Elias Antonio de Oliveira 03/06/30
69. Francisco de Assis C. Carvalho 12/06/30
70. Humberto Fernandes S. Oliveira 12/07/30
71. Cesar Thomé 18/07/30
72. Moisés Henriques Surita 04/09/30
73. Luiz Rezende Neto 07/09/30
74. Walter Roosch 09/09/30
75. Josias Soares Ribeiro 11/09/30
76. José Rodrigues de Aguiar Quina 15/10/30
77. Flávio Barbosa de Souza 25/11/30
78. Luiz José da Silva 13/12/30
79. Paulo Moreira 13/12/30
80. José Lopes do Carmo 31/03/31
81. Ibraulino Batista de Souza 26/07/31
82. Orozino Pereira Lisboa 28/07/31
83. Fernando Souza Brito 13/09/31
84. Irineu Tenório Gomes 26/02/32
85. Clodoviro Del Corso 31/03/32
86. Antonio Alves Barbosa 04/04/32
87. Neves P. da Silva 04/04/32
88. Valdomiro Souza Ribeiro 09/04/32
89. Nelson da Mota Reis 04/06/32
90. Julio Joaquim de Farias 21/07/32
91. José Jerônimo de Souza 13/08/32
92. Manoel Lourenço da Silva 15/08/32
93. Francisco Mei Funlo 03/09/32
94. Martiniano Folha Duarte 16/10/32
95. Onofre Cisterna 05/11/32
96. Lourival Soares da Silva 22/11/32
97. Bertoldo Gatz 01/12/32
98. Francisco Antonio de Souza 19/02/33
99. Humberto Viegas Fernandes 26/02/33
100. Raimundo Nonato Correia 26/04/33

A atual Diretoria da Ordem dos Pastores, Secção de São Paulo é a seguinte:

Presidente – Pr. Valdo Romão
1º Vice-Presidente – Pr. João Martins Ferreira
2º Vice-Presidente – Pr. Fernando Costa Fernandes
3º Vice-Presidente – Pr. Edvaldo Fernandes Rosa
1º Secretário – Pr. Antonio Alves Lopes
2º Secretário – Pr. David dos Santos Amador
3º Secretário – Pr. Luiz Antonio da Costa
Diretor Executivo - Pr. José Vieira Rocha

6

UNIÃO DE ESPOSAS DE PASTORES BATISTAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

A União das Esposas dos Pastores Batistas do Estado de São Paulo foi organizada em julho de 1971, no Acampamento Batista de Sumaré, com a presença de cinco esposas de pastores, ocasião em que foi eleita a irmã Eugeny Manvalier Lima, esposa do Pastor Nelson Nunes de Lima, como presidente. Inicialmente ela se chamava Ordem das Esposas dos Pastores Batistas do Estado de São Paulo. Hoje ela se chama "União".

A finalidade principal desta União é desenvolver a comunhão, o crescimento pessoal e espiritual das esposas de pastores, para o que promovem sempre encontros inspirativos e retiros deliberativos. Promovem também atividades sociais e recreativas.

Ao longo destes anos, algumas mulheres muito especiais fizeram a história desta União:

Zulmira Corrêa de Azevedo – de 1973 a 1975/1978 a 1983/1986 a 1987.

Mary de Azevedo Carvalho – 1976 a 1977.

Edeuzita Sales Figueiredo – 1984 a 1985.

Cinira Arruda do Nascimento –1987 a 1988.

Linda Lucille Wilson – 1989 a 1990.

Mércia Madeira e Silva – 1991 a 1994.

Elaine Ribeiro Queiroz – 1995 a 2000.

Givanilda da Silva – 2001 a 2003.

Nanci Fonseca Leitão Melleiro – 2004.

Destas, a irmã Zulmira Corrêa de Azevedo foi também a Presidente Nacional da União de Esposas de Pastores Batistas do Brasil.

Atualmente, a União realiza encontros mensais junto com a Ordem dos Pastores, na Primeira Igreja Batista do Brás, continuando a atender os seus objetivos.

A partir de 2003 nossa União passou a ser um Departamento da Ordem dos Pastores Batistas do Estado de São Paulo.

A média de esposas de pastores que participam dos nossos retiros é de 120 senhoras.

Nos dias 21, 22, e 23 de maio de 2004, ano do centenário da nossa Convenção, a União celebrou seu jubileu de pérolas, 30 anos, num maravilhoso retiro anual em Atibaia, São Paulo.[63]

7

ORDEM DOS DIÁCONOS BATISTAS DO ESTADO DE SÃO PAULO - ODBESP

"Da mesma sorte os diáconos sejam honestos, não de língua dobre, não dados a muito vinho, não cobiçosos de torpe ganância; guardando o mistério da fé em uma pura consciência" (1 Tm. 3.8,9 – ERC).

Por falta de material histórico publicado que pudesse ser usado como pesquisa, solicitei ao irmão, Dr. Luiz Araujo Silva, diácono, atual presidente da ODBESP, e militante incansável do diaconato no Estado e no Brasil, que preparasse um resumo histórico. Do documento que me enviou, desenvolvo a história desta querida organização.

No início do seu trabalho, o Dr. Luiz Araujo Silva diz: "A Ordem dos Diáconos Batistas do Estado de São Paulo sente-se honrada e agradecida a Deus pelo privilégio de estar inserida neste livro, testemunho do Centenário dos Batistas do Esado de São Paulo, Estado este conhecido como: "a locomotiva do Brasil".

As primeiras idéias de partir para uma organização de âmbito estadual dos diáconos começaram do raciocínio de que outras áreas de ministérios já estavam organizadas, como:músicos, professores, educadores, homens, senhoras, pastores, etc. E isto passou a ser um grande sonho.

Foi no dia 13 de dezembro de 1986, quando cerca de 100 diáconos, atendendo a uma convocação por carta, estavam reunidos no auditório Pr. Tece Bagby, da Igreja Batista de Vila Mariana. No momento de culto, de grande inspiração, o clima apontava para uma decisão objetiva. Durante as discussões, em clima de entusiasmo, decidiu-se pela organização da Ordem dos Diáconos Batistas do Estado de São Paulo. O primeiro presidente foi o Diácono Carlos Alberto Lopes.

Começando a existir com lutas e vitórias, a Ordem recém organizada partiu para seu reconhecimento pela Convenção, o que aconteceu em julho de 1991, durante a Assembléia realizada no Salão Nobre do Colégio Batista Brasileiro, por recomendação da Comissão de Assuntos Eventuais, que tinha como relator o Pr. Arthur da Mota Gonçalves. Foi reconhecida por unanimidade.

Ao longo da sua trajetória, os diáconos estão sempre lembrando do exemplo bíblico de Samuel, que disse: "Até aqui nos ajudou o Senhor!". Este sempre foi o lema do seu primeiro Presidente, Diácono Carlos Alberto Lopes.

A primeira Diretoria da ODBESP ficou assim constituída, em caráter provisório:

Presidente: Carlos Alberto Lopes (Igreja Batista de Vila Mariana);
1º Vice-Presidente: Luiz Araujo Silva (Igreja Batista de Vila Mariana);
2º Vice-Presidente: Natan Nunes Ribeiro (Igreja Batista de Artur Alvim);
1º Secretário: Odair Rodrigues (Igreja Batista Boas Novas);
2º Secretário: Jurandir Santos (Igreja Batista Nova Jerusalém – Santos);
1º Tesoureiro: Reinaldo Berzins (Primeira Igreja Batista do Brás);
1º Tesoureiro: Stefan Pedro Horvath (Igreja Batista do Ipiranga).

Imediatamente, a Ordem estruturou-se como pôde para avançar no seu crescimento. Assim é que constituiu várias comissões: Estatuto e Regimento Interno; Divulgação; Programas, Representação, Credendiamento junto ao Jornal Batista, Credenciamento junto ao Jornal Batista Paulistano, Recepção de Novos Sócios, Representantes junto às Regionais, Coordenadores para a Baixada Santista e ABC, Estudo dos Meios Financeiros para Sustento da Ordem; Modelo de Carteiras para Sócios; Elaboração do Código de Ética; Declaração de Fé; Evangelismo; Sociabilidade, e outras.

Em 17 de junho de 1989 foi eleita a Primeira Diretoria Oficial (para substituir a provisória), para o primeiro mandato, e ficou assim constituída:

Presidente: Carlos Alberto Lopes (Igreja Batista de Vila Mariana);
1º Vice-Presidente: Luiz Araujo Silva (Igreja Batista de Vila Mariana);
2º Vice-Presidente: Natan Nunes Ribeiro (Igreja Batista de Artur Alvim);
1º Secretário: Odair Rodrigues (Igreja Batista Boas Novas);
2º Secretário: Jurandir Santgos (Igreja Batista Nova Jerusalém – Santos);
1º Tesoureiro: Reiinaldo Berzins (PIB do Brás);
2º Tesoureiro: Stefan Pedro Horvath (Igreja Batista do Ipiranga).

Infelizmente, a Ordem ficou num compassou quase inativo por cinco anos, sem atividades relevantes. Uma das dificuldades foi o fato de ainda não ser contemplada pelos benefícios do "bolo" financeiro do Plano Cooperativo da Denominação. Também o dinâmico Presidente foi acometido de alguns problemas sérios de saúde, o que travou a marcha que vinha empreendendo à organização.

Na ausência do Presidente, e total impossibilidade de prosseguir dirigindo a Ordem, o 1o. Vice, Dr. Luiz Araujo Silva, por força de estatuto, assumiu a direção dos trabalhos que, segundo suas palavras, fará a Entidade Diaconal continuar "correndo na pista do sucesso".

Nesta conjuntura foi nomeado um GT vitalizador. Eis os componentes do GT:
Luiz Araujo Silva – Relator (Igreja Batista de Vila Mariana);
Valdison Rodrigues (Igreja Batista de Vila Mariana);
Reinaldo Berzins (PIB do Brás);
Cilas Alves (Igreja Batista Memorial de Vila Formosa);
Jurandir Santos (Igreja Batista Nova Jerusalém – Santos);
Adalho Cerqueira (Igreja Batista S. Luiz);
Natan Ribeiro (Igreja Batista de Artur Alvim);
Ivo Inácio Silveira (Igreja Batista de Itaquera);
Jorge Luiz Albuquerque ((Igreja Batista Nova Galiléia);
Rolando Sture (Igreja Batista Leta);
Antonio Násser (PIB de Atibaia);
Deusdedit de Jesus Silva (Igreja Batista de Vila Mariana);
Gézio Duarte Medrado (Igreja Batista da Liberdade);
Joracy Jardim (Primeira Igreja Batista de São Paulo).

Da agenda para o trabalho do GT constam:Encontros Inspirativos e de Despartamento Espritual, cursos, palestras e preparo para diáconos;diaconisas, e candidatos ao Ministério Diaconal nas Igrejas de várias regiões da Capital e algumas cidades do interior (mediante solicitação de igrejas, pastores e líderes).

A Ordem mantém o programa radiofônico "Diákonos", às 6as. Feiras, das 21:30 às 22:00 horas, que alcança a Capital e adjacências, de caráter inspirativo, evangelístico e noticioso.

A Ordem prossegue lutando e vencendo, dentro dos objetivos propostos:

1. Unir e reunir todos os Diáconos/Diaconisas deste grande Estado;
2. Promover o aprimoramento funcional dos associados, estimulando sua comunhão e integração;
3. Desenvolver a Ação Social, comunicação e integração;
4. Zelar pela dignidade e valorização do Ministério Diaconal dentro e fora da Igreja;
5. Estimular a comunhão e cooperação com a OPBESP e do Brasil;
6. Do mesmo modo, com as demais Associações de Diáconos dos Estados e principalmente, com a ADBB;
7. Dentro do possível, ajudar os Pastores e Missionários jubilados;
8. Exercer, com eficiência, as várias Diaconias esquecidas.

A meta maior da Ordem é conseguir sua estabilidade organizacional e financeira.[64]

8

A DOUTRINA DOS PIONEIROS

"Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues" (Rm. 6.17 – ERC).
"Retenha, com fé e amor em Cristo Jesus, o modelo da sã doutrina que você ouviu de mim" (2 Tm. 1.13 – NVI).

Creio que este é o melhor lugar, neste livro, para falarmos sobre a doutrina dos pioneiros. Quando examinamos a história, as lutas, as vitórias e o sucesso dos nossos pioneiros, a maneira como conseguiram estruturar uma obra duradoura e gigante como a que alcançamos hoje, vamos ver que parte desse segredo está na doutrina que ensinavam e sustentavam.

Lamentavelmente não nos foi possível aprofundar nossas pesquisas em razão da exigüidade do tempo que tivemos para este trabalho. Por exemplo, nossos historiadores, vez por outra, mencionam um "catecismo" ou panfleto de doutrina para novos crentes preparado pelo Dr. W. E. Entzminger.

Sabemos que quando foi organizada a Primeira Igreja Batisa do Brasil, em 15 de outubro de 1882, em Salvador, Bahia, foi adotada pelos pioneiros, a famosa "Confissão de Fé de New Hampshire. Posteriormente, essa Confissão foi adotada pela Convenção Batista Brasileira com o nome de "Declaração de Fé das Igrejas Batistas Brasileiras"[65] e, atualmente, adotamos a chamada "Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira".[66]

Cremos que eles estavam regorosamente obedecendo e seguindo essa orientação doutrinária para as Igrejas que iam surgindo em nosso Estado.

Aliás, W. E. Entzminger escreveu alguns livros, dentre eles: "O Poder do Alto" e "A Prática da Oração". Evidentemente, não dá para fazermos aqui um resumo dos trabalhos doutrinários dos pioneiros, o que tornaria esta obra muito exaustiva.

Em artigo publicado em O Jornal Batista, em 7 de setembro de 1922, intitulado: O Centenário e as Crenças Baptistas, o saudoso Pastor Manoel Avelino de Souza dá-nos um resumo daquilo que os pioneiros criam.

Vale a pena transcrever alguns trechos deste importante trabalho:

"Onde e quando quer que tenha havido um crente fiel às doutrinas do Novo Testamento, na sua pureza e simplicidade, sem augmento nem desvio dos seus ensinos, ahi tem estado um Baptista"

E continua:

"Têm sido leaes e cohesos no seu corpo de doutrinas fundamentaes, para sustenta-las e defende-las, muitos sacrificaram a propria vida. No meio da grande multidão dos christãos que se dividem nos matizes das denominações evangelicas, os Baptistas florescem e conquistam o respeito de todos pelos seus principios distinctos e firmes, preferindo perder amigos e interesses antes que serem infieis a elles".

E então Manoel Avelino de Souza (1886-1962) que, inegavelmente é um elo entre os primeiros pioneiros, prossegue enumerando as doutrinas dentro da seguinte divisão:

"I - Crenças que temos em comum com as outras corporações cristãs: 1. Acerca de Deus; 2. Acerca da Salvação; 3. Acerca da Bíblia; 4. Acerca do Pecado; 5. Acerca da Vinda de Cristo; 6. Acerca de Missões. Em todos os pontos ele põe a doutrina que conhecemos como caracteristicamente Batista.

II – Doutrinas Distintas dos Batistas: 1. Quanto à Regra Suficiente; 2. Quanto à Igreja e o Estado; 3. Quanto à Igreja; 4. Quanto ao Batismo; 5. Quanto à Ceia do Senhor; 6. Quanto à Liberdade de Consciência; 7. Quanto ao Individualismo; 8. Quanto à Democracia; 9. Quanto a Espiritualidade." Lamentavelmente nosso espaço não dá para transcrever os comentários do autor. Devo ressaltar que, quanto às espiritualidade, ele deixa claro que o crente recebe o espírito Santo quando crê, por isso que todos os crentes possuem o Espírito Santo.[67]

Naturalmente, Manoel Avelino de Souza está se referindo ao centenário da Independência do Brasil. Na verdade, a edição de O Jornal Batista em que foi publicado este artigo saiu em forma de grande revista e só abordou assuntos referentes à Independência do Brasil, com ênfase no desempenho dos Batistas dentro do período.

Notamos que os pioneiros eram todos Batistas autênticos. Por um lado, crentes fervorosos, submissos ao Espírito Santo, como se pode notar da obra de W.E. Entzminger, "O Poder do Alto". Por outro lado, eles estavam sempre fugindo de qualquer heresia que pudesse existir naquele tempo.

À propósito, sobre os exageros da doutrina do Espírito Santo em nossos dias, podemos notar que os pioneiros eram definitivamente contra a qualquer invasão doutrinária. Uma prova disso é a intervenção deles no caso da cisão da Primeira Igreja Batista de Belém do Pará, provocada pelos pentecostais: Gunnar Vingren e Daniel Berg, que chegaram àquela Igreja como Batistas suecos. E ali ficaram porque Eurico Nelson, o missionário e pastor da Igreja, era também de origem sueca. Inici-

almente comportando-se como Batistas, ganharam a confiança de Eurico Nelson. Aproveitando-se da ausência do pastor Nelson, começaram a minar a Igreja com reuniões de "batismo do Espírito Santo", com manifestações de Dom de Línguas. Raimundo Nobre, um jovem ainda não tão experiente, mas ajudado pelo organista Feli de Barros Rocha, promoveram uma assembléia extraordinária e baniram os heréticos. Isto foi exatamente em 1911 e esta foi a porta de entrada do pentecostalismo no Brasil, de onde surgiram as Igrejas Assembléia de Deus.[68]

Na verdade, em nenhum momento da história dos pioneiros notamos quebra das doutrinas tradicionalmente aceitas pelos Batistas. Primavam pelo caráter democrático e congregacional das Igrejas. Eram tão rígidos nisto que, em alguns casos, para um pastor pregar numa reunião Convencional pediam o voto do plenário.

Destes líderes podemos fazer conexões para outros que conhecemos melhor. Em 1914, Deter e Bagby voltavam de mais umas férias nos Estados Unidos, trazendo mais um missionário: L. W. Langston. Este tornou-se grande teólogo no Brasil. A doutrina que esposava podemos conhecer por seu compêndio de Teologia Sistemática, editado pela Casa Publicadora Batista, no Rio de Janeiro. Todas as suas obras estão ao nosso alcance.[69]

Com L. W. Langston, surge William Carey Taylor. Uma de suas mais completas obras é um grosso livro intitulado: Doutrinas – 400 perguntas e 400 respostas, publicado em 1952, pela Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro. Um passeio pelas perguntas que formula e pelas resposta que elabora, mostra sua fidelidade doutrinária, que era passada para os estudantes de teologia do Instituto de Treinamento Cristão, no Rio de Janeiro, onde lecionava.

Por este mesmo tempo já estavam em plena atividade grandes pregadores e doutrinadores, como: Pr. Djalma Cunha, Pr. Salvador Farina Filho, Pr. Rubens Lopes, e tantos outros, cuja linha doutrinária era inquestionavelmente a doutrina Batista.

Um dos aspectos mais extraordinário neste particular doutrinário está na hinódia elaborada pelos pioneiros. Salomão Ginsburg (1867-1927), foi considerado o pai do Cantor Cristão, tradutor e autor de 102 hinos do nosso hinário.[70] W.E. Entzminger (1859-1830) foi autor de 68 hinos.[71] É só nos darmos o trabalho de examinar a letra dos seus hinos, e vamos ver a pureza doutrinária neles contida.

Naturalmente, este é um assunto que merece um mais amplo desenvolvimento em ocasião própria. Cremos que vale a pena.

9

MISSÕES ESTADUAIS

No início dos trabalhos da CBESP, os próprios Secretários Executivos realizavam missões em todo o Estado de São Paulo. E, diga-se de passagem, no início os Secretários Executivos eram missionários americanos, uma vez que a Junta não podia sustentar um obreiro nacional. Era uma tarefa árdua. O mesmo secretário chegava a liderar e auxiliar oito Igrejas ao mesmo tempo, pregando, realizando batismos, celebrando Ceia do Senhor e coordenando os trabalhos evangelísticos.

Mais tarde, com o crescimento da obra batista, o Estado foi dividido em regiões e cada região recebeu um missionário que coordenava os trabalhos evangelísticos na área. Eles realizavam trabalhos tais como: abertura de novas frentes missionárias, plantação de novas Igrejas, e ainda auxiliavam o crescimento das Igrejas de sua região.

Após a divisão regional, as cidades passaram a contar com a ajuda de outros missionários residentes, e estes se dedicavam integralmente à obra missionária na cidade.

Os desafios constantes do crescimento da obra levaram a Convenção a organizar-se melhor na área de Missões Estaduais. E então passou-se a realizar convênios entre a Convenção e pequenas Igrejas, por tempo determinado, estipulando-se um tempo inicial e caindo o valor cada ano, até zerar o convênio.

Daí passou-se à organização atual de Missões Estaduais. Por algum tempo, a Convenção manteve um departamento de Missões com um diretor de tempo integral. Mais tarde, durante um breve período de dificuldades, voltou o Departamento a ser dirigido pelo próprio Secretário Executivo, mas com toda uma estrutura.

Em 1979, começa a circular a Revista São Paulo - Missões, que bem reflete a organização da área missionária estadual.

Para que tenhamos uma visão de cada ano missionário, daremos apenas os pontos principais e ressaltaremos uma ou outra notícia importante do período.

Ano de 1979

Começamos a trabalhar com dados mais precisos a partir de 1979, com o número 1 (um) de São Paulo – Missões

Presidente da Junta: Pr. Artur Alberto de Mota Gonçalves

Secretário Geral e Tesoureiro: Pr. Salovi Bernardo

Tema: Unamo-nos Para a Obra, Porque é Grande e Extensa.

Divisa: Neemias 4.19

Alvo: **1.600.000,00**

Pr. Elias Veloso do Carmo (Convênio com a PIB de Santos), em Caraguatatuba;

Pr. Lucas Alves (Convênio com a Igreja Batista Betel, São Paulo), em Serra Negra.

Na época, a Convenção sustentava 5 missionários:

Pr. Joaquim Marques Castanheira e eposa, em Aparecida;

Pr. Ismael Alves Pires Filho e esposa, em Mogi Guaçu;

Pr. Francisco Rodrigues Sobrinho e esposa, em Franca;

Pr. Manoel Gonçalves de Oliveira e esposa, em Piraju;

Pr. José Florêncio da Silva e esposa, em Taquaritinga.

Havia também dois missionários em convênio com Igrejas:

A Convenção contava também com 3 missionários para soerguimento de Igrejas:

Pr. Paulo Ortinho, em Ourinhos;

Pr. José Ribeiro da Silva, em São Carlos;

Pr. Idair Cerqueira Leite, em Votuporanga.

O alvo para aquele ano era de Cr$ 1.600.000,00 (Um milhão e seiscentos mil Cruzeiros). A divisa foi extraída de Neemias 4.19.

Neste ano de 1979, foi organizada a Primeira Igreja Batista em Aparecida do Norte (São Paulo – Missões Estaduais, verso da capa e p. 3).

Ano de 1980

Presidente da Junta: Pr. Artur Alberto de Mota Gonçalves

Secretário Geral e Tesoureiro: Pr. Salovi Bernardo

Alguns destaques:

A divisa deste ano foi: Josué 1.3 : "Vo-lo tenho dado todo o lugar que pisar a planta do vosso pé".

Tema: É feito da própria divisa, em duas partes –

Promessa – "Vo-lo tenho dado todo o lugar...

Condição – "... que pisar a planta do vosso pé"

Alvo: Cr$ 3.000.000,00

Aplicação do alvo:

1. Já havia 9 missionários;
2. Informa-se que os alvos de 1978 e 1979 foram alcançados;
3. O alvo para 1980 é de Cr$ 3.000.000,00 (Três milhões de Cruzeiros);

4. Pretende-se nomear mais 2 missionários; (Rv. Nº 2, contra capa).

5. Em um artigo sobre expansão missionária no Estado, o Pr. Salovi informa o seguinte, com vistas ao Plano de Adensamento:

a) A população do Estado é estimada em 23 milhões de pessoas, com uma projeção para atingir os 42 milhões no ano 2000;

b) Em 1980, éramos uma Igreja para cada grupo de 51.000 habitantes do Estado;

c) Para ganhar são Paulo para Cristo, teríamos que ter em média 100 igrejas por período até o ano 2000;

d) No referido artigo, começa-se a falar no "Plano de Expansão".(Revista Nº 2, p.27) Segundo esse plano, cada Igreja deve ter um ponto de pregação e uma congregação por ser Igreja, não importando o tamanho da Igreja. E, ainda mais, deve ter um ponto de pregação por cada grupo de 50 membros, e mais uma Congregação para cada grupo de 100 membros. Isso equivale dizer que qualquer Igreja deve ter pelo menos um ponto de pregação e uma congregação, e uma Igreja de 100 membros, deve ter 4 pontos de pregação e 2 Congregações. A idéia era fazer com que tivéssemos 2.500 pontos de pregação e 850 Congregações nos próximos anos. O alvo era, dois anos depois do lançamento do plano, estar sendo organizadas 100 novas Igrejas por ano.

Neste ano foi lançado o Projeto Piracicabano, com o objetivo de organizar 6 Igrejas nos próximos 5 ou 6 anos.

Ano de 1981

Presidente da Junta: Pr. Cesar Thomé
Secretário Geral e Tesoureiro: Pr. Salovi Bernardo
Tema: Expandindo a Obra Missionária
Divisa: Is. 54.2
Alvo: Cr$ 6.500.000,00

Noticia-se que o Estado de São Paulo terá 24 milhões de habitantes no final do ano.

Foi organizada a primeira Igreja Batista do Projeto Piracicabano, com capela própria (pré-fabricada).

Ano 1982

Presidente da Junta: Pr. César Thomé
Secretário Geral e Tesoureiro: Pr. Salovi Bernardo
Tema: Edificando e Multiplicando Através de Missões
Divisa: Atos 9.31
Alvo: Cr$ 18.000.000,00

Na aplicação dos recursos:
76,5% - sustento da obra já existente;
Expansão: 8,5%;

Plano de adensamento: 1983 a 1992 – 10%
Promoção: 5%
O grande desafio é que se levante a maior oferta missionária, no ano comemorativo do primeiro centenário dos Batistas Brasileiros.

Ano de 1983

1º ano do Projeto de Adensamento - Lamentavelmente, dos arquivos do escritório da Convenção não consta este número da revista São Paulo - Missões

Ano de 1984

2º ano do Projeto de Adensamento
Tema: "1984 – tempo de boas novas, vamos e anunciemos"
Divisa: 2 Reis 7.9
Alvo: 90.000.000,00
Presidente da Junta: Pr. Orivaldo Pimentel Lopes
Secretário Geral e Tesoureiro: Pr. Salovi Bernardo

Aplicação do alvo financeiro:
1. Sustento de 4 casais já trabalhando no campo;
2. Sustento de dois novos casais que serão contratados;
3. Mais quatro obreiros em convênio com Igrejas.
4. Total: 70%
5. Promoção de Missões: 7%;
6. Aquisição de equipamentos: 5%;
7. Projeto de Adensamento: 18%.

Notícias importantes desta edição da Revista de Missões Estaduais
1. de 1977 a 1983 foram organizadas 162 novas Igrejas;
2. No mesmo período foram iniciados trabalhos em 160 Municípios;
3. Em 1980 a cidade de Piracicaba tinha uma Igreja; agora tem quatro, e até o final do ano terá cinco Igrejas.
4. Em 1982 a cidade de Santa Bárbara d´Oeste tinha uma Igreja e agora já tem três e até o final de 1984 terá quatro Igrejas;
5. De 1979 a 1983 organizamos 136 Igrejas, elevando a média de organização de igrejas de 10 a 12 por ano, para 27.
6. Em 1983, os Batistas de São Paulo levantaram mais de Cr$ 90.000.000,00 para Missões Estaduais.
7. Atualmente somos 90.000 Batistas no Estado, aproximadamente.
8. O projeto de adensamento visa organizar 1.000 novas Igrejas Batistas em 10 anos (1983-1992).

Em 1984 deverão ser organizadas entre 40 e 50 novas Igrejas Batistas no Estado de São Paulo.

Ano de 1985

3º ano do Projeto de Adensamento
O Presidente é o Pr. Artur Alberto de Mota Gonçalves
O Secretário Geral e Tesoureiro é o Pr. Salovi Bernardo

Tema: Ensina e Anuncia a Jesus Cristo
Divisa: Atos 5. 42
Alvo: Cr$ 300.000.000,00

Aplicação do Alvo:
1. Sustento de 8 casais já trabalhando e de mais 6 casais em convênio com Igrejas – 60%
2. Nomeação de um ou dois casais – 9%
3. Promoção de Missões Estaduais – 8%
4. Aquisição de terrenos e equipamentos – 8%
5. Projeto de Adensamento – 15%

Outros destaques:
1. O Estado de São Paulo atingirá neste ano mais de 28 milhões de habitantes;
2. Será maior do que Argentina, o segundo País da América do Sul;
3. A Grande São Paulo ultrapassará a casa dos 14 milhões de habitantes passando a ter mais gente que todo o Estado de Minas Gerais que é o 2º Estado da Federação

Ano de 1986

4º ano do Projeto de Adensamento
O Presidente da Junta é o Pr. Artur da Mota Gonçalves
O Secretário Executivo e Tesoureiro é o Pr. Salovi Bernardo
Tema: Nas cidades – Oportunidades – Não te Cales
Divisa: Atos 18.9-10
Alvo: Cz$ 960.000,00

Aplicação do Alvo:
1. Sustento dos 8 casais já atuando no campo e de mais 6 em convênios – 60%
2. Nomeação de um casal de missionário – 09%
3. Promoção de Missões – 08%
4. Aquisição de terrenos e equipamentos – 08%
5. Projeto de Adensamento – 15%

Destaques:
1. O Estado de São Paulo apresenta-nos o desafio de ter 88 a 89% da sua população urbanizada.

2. A metade da sua população vive na região metropolitana da Grande são Paulo, e só a cidade de São Paulo abriga 1/3 da população estadual, que 10 milhões de habitantes.

3. Nossas lideranças começam a divisar, portanto, o desafio de Missões Urbanas.

Ano de 1987

5º ano do Projeto de Adensamento
Presidente da Junta é: Pr. Artur Alberto da Mota Gonçalves
Secretário Geral e Tesoureiro: Pr. Salovi Bernardo
Tema: Quem Pregará?
Divisa: Rm. 10.14
Alvo: Cz$ 3.150.000,00

Aplicação do Alvo Financeiro:

1. Sustento de 9 casais de missionários já trabalhando no campo e mais 6 obreiros em convênio com Igrejas – 70%
2. Nomeação de mais 2 casais de missionários – 8%
3. Aquisição de terrenos e equipamentos- 6%
4. Promoção de Missões – 6%
5. Projeto de Adensamento – 10%

Desafio: para este ano, a estimativa é que o Estado atingirá 31 milhões de habitantes. A nossa pregação deve alcançar o maior número possível dessa gente.

Ano de 1988

6º ano do Projeto de Adensamento
Presidente da Junta: Pr. Hélio Schwartz Lima
Secretário Geral e Tesoureiro: Pr. Salovi Bernardo
Tema: Libertação em Cristo
Divisa: João 8.16
Alvo: 19.600 OTN's ou Cz$ 20.000.000,00

Aplicação do Alvo Financeiro:

1. Sustento de 9 casais de missionários já no campo e mais 8 em convênio com Igrejas – 50%;
2. Nomeação de mais 3 casais em 1988 – 15%;
3. Aquisição de terrenos e equipamentos – 10%;
4. Promoção de Missões – 5%;
5. Projeto de Adensamento – 20%.

Notícia Principal: O Projeto Piracicaba foi Transformado em Projeto de Adensamento.

Ano de 1989

7º ano do Projeto de Adensamento
Presidente da Junta: Pr. Odilon dos Santos Pereira
Secretário Geral e Tesoureiro: Pr. Salovi Bernardo
Tema: Proclamemos Nossa Fé – Por Toda Parte
Divisa: Atos 8.4
Alvo: 23.500 OTNs ou equivalente

Aplicação do Alvo:

1. Sustento dos 13 casais já em ação no Estado e mais 10 em convênio com Igrejas: 50% = 11.750 OTNs
2. Nomeação de mais 4 casais – 15% = 3.525 OTNs
3. Aquisição de terrenos e equipamentos – 10% = 2.350 OTNs
4. Promoção de Missões – 5% = 1.175 OTNs
5. Projeto de Adensamento – 20% = 4.700 OTNs

Desafio: Dos 32 milhões de habitantes do Estado, cerca de 90% está vivendo em cidades pequenas e grandes.

Ano de 1990

8º ano do Projeto de Adensamento
Presidente da Junta: Pr. José Vieira Rocha
Secretário Geral e Tesoureiro: Pr. Salovi Bernardo
Tema: Firmes, Anunciemos Cristo a São Paulo
Divisa: 1 João 2.14b
Alvo: 280.000 BTNs

Aplicação do Alvo:

1. Sustento integral de 21 missionários em atividade, e mais 12 casais em convênio com Igrejas – 45% = 126.000 BTNs
2. Nomeação de mais 12 casais – 20% = 56.000 BTNs
3. Aquisição de terrenos, construção de templos e compra de equipamentos – 10% =28.000 BTNs
4. Projeto de Adensamento – 20% = 56.000 BTNs
5. Promoção de Missões – 5% 14.000 BTNs

Ano de 1991

9º ano do Projeto de Adensamento
Presidente da Junta: Pr. José Vieira Rocha
Secretário Geral e Tesoureiro: Pr. Salovi Bernardo
Tema: Neste Século e no Futuro, Jesus Cristo para são Paulo
Divisa: 1 Tm. 2.5
Orçamento: Cr$ 150.000.000,00

Receita da Oferta do dia 21 de maio: 100.000.000,00

Objetivos do Alvo:

1. Sustentar os 32 casais de missionários atuais;
2. Melhorar o sustento dos missionários;
3. Nomear entre 8 e 10 novos missionários.

Observação: Neste ano, a Junta apresenta um orçamento detalhado, que não transcrevemos. Está na Revista no.13.

Destaque: Pastor Salovi Bernardo fala da reta final do Projeto de Adensamento.

Ano de 1992

Último ano do Projeto de Adensamento
Presidente da Junta: Pr. José Vieira Rocha
Secretário Geral e Tesoureiro: Pr. Salovi Bernardo
Tema: Igreja Missionária, Celeiro de Deus
Divisa: Atos 13.1-2
Alvo: 200 milhões de Cruzeiros

Destaques:

1. No ano interior, mal o alvo foi atingido em 50%;
2. Cerca de 40 a 45% das Igrejas não levantaram a oferta do dia especial;
3. A conta de Missões está com deficit e as despesas estão sendo cobertas com outras contas;
4. E este é o último ano do Projeto de Adensamento

A nova Revista de São Paulo Missões

1. Pela primeira vez feita por profissionais da área;
2. Sendo feita pelos computadores adquiridos pela Junta;
3. Utilização de anunciantes escolhidos, para diminuir os custos de impressão;
4. Revista sendo posta à venda para outros interessados pelo assunto.

Ano de 1993

Presidente da Junta: Pr. Clóvis Vital Martinoff
Secretário Geral Interino: Pr José Vieira Rocha
Tema: Semeando a Palavra de Deus em Boa Terra

Destaques:

1. Sai o Pr. Salovi Bernardo da Secretaria Geral, para assumir a Secretaria da Convenção Batista Brasileira. Entra, interinamente, o Pr. José Vieira Rocha;
2. Encerra-se o Projeto de Adensamento.

Ano de 1994

Tema: Todos um, a fim de que o mundo creia
Divisa: João 17.19-23
Alvo: O equivalente a US$ 150,000 (Centro e cinqüenta mil Dólares)

1. Sai o Pr. Alberto D. Gonçalves da Coordenação de Missões e Evangelização; Entra, em seu lugar, o Pr. Jonathan Guy Key;
2. Sai o Pr. José Vieira Rocha como Secretário Geral Interino; entra o Pr. Onésimo P. do Nascimento Filho, como Secretário Geral do Conselho.

Ano de 1995

Presidente da Convenção: Pr. José Vieira Rocha
Coordenador do Comevan: Pr. Jonathan Guy Key
Secretário Geral do Conselho: Pr. Onésimo P. do Nascimento Filho
Tema: Fruto do que Você Plantar
Divisa: Mt. 12.33
Alvo: 200 mil Reais

Destaques:
1. Começa a ênfase em Missões Urbanas – Impacto Urbano;
2. Trabalho missionário com grupos específicos;
3. Começa Ministério em Presídios Feminino: trabalho pioneiro em presídios femininos, com a missionária Salete Sabino Ferreira, que trabalhava por contra própria e foi contratada pelo Comevan.
4. Começa o Projeto Luz do Tietê, com o barco missionário.

Nota: Não temos nos arquivos as revisas dos anos: 1996, 1997.

Ano de 1998

Presidente da Convenção: Pr. Eli Fernandes
Coordenador do Comevan: Pr. Zacarias Ferreira Lima
Secretário Geral do Conselho: Pr. Onésimo P. do Nascimento Filho
Tema: São Paulo tem fome... de Deus e de Pão
Divisa: Mt. 14.16

Destaques:
1. São Paulo: 34 milhões de habitantes;
2. Quase 30 milhões de não crentes – apenas 10% da população é evangélica;
3. Apenas 1 crente batista para 330 habitantes;
4. São 876 Igrejas, com 100 mil membros;
5. Temos neste ano 287 frentes missionárias;
6. Hoje, 75% das Igrejas enviam o plano cooperativo;
7. Temos 52 Igrejas participando do PAN

8. Os Batistas de São Paulo contam com a ajuda da J.M.Nacionais que mantém 9 missionários no Estado; A Missão Batista do Sul contribui com 22 missionários; a Missão Canadense, com 2; a Sociedade Missionária de Londres, com 4; A Missão Batista Conservadora, com 13; a Missão Batista Evangélica, com 6.

Ano de 1999

Presidente da Convenção: Pr.José Vieira Rocha
Coordenador do Comevan: Pr. Zacarias Ferreira Lima
Secretário Geral do Conselho: Pr. Onésimo P. do Nascimento Filho
Tema: Proclamemos em São Paulo: Jesus Cristo é a Única Esperança

Destaques:
1. Somos hoje 900 igrejas;
2. Temos 330 frentes missionárias;
3. Atuam no Estado 1.300 pastores e famílias;

Nota Especial: Neste ano comemora-se o Centenário da Primeira Igreja Batista de São Paulo (Ver o Batista Paulistano, edição especial 1999, ano 81).

Ano de 2000

Presidente da Convenção e do Conselho: Pr. Odilon dos Santos Pereira
Secretário Executivo: Pr. José Vieira Rocha
Tema: Enquanto é dia, proclamemos em São Paulo: CRISTO, A ROCHA DOS SÉCULOS
Divisa: João 9.4

Destaques:
1. Intensifica-se o esforço de Missões Urbanas – amplia-se o trabalho com grupos específicos
2. Intensifica-se a ajuda a pequenas Igrejas;
3. Realizados batismos dentro da prisão, com nosso batistério portátil.

Ano de 2001

Presidente da Convenção e do Conselho: Pr. Odilon dos Santos Pereira
Secretário Executivo: Pr. José Vieira Rocha
Tema: Usando Meus Dons na Edificação da Igreja e na Evangelização do Estado de São Paulo.
Divisa: 1 Co. 12.31
Alvo: 500 mil Reais
Desafio especial: alcançar 268 municípios no Estado que ainda não possuem trabalho Batista.

Destaques:

1. Continua o programa de fortalecimento de pequenas Igrejas;
2. Avançam os trabalhos com grupos específicos, principalmente presídios femininos e masculinos.

Ano de 2002

Presidente da Convenção e do Conselho: Pr. Eli Fernandes
Secretário Executivo: Pr. José Vieira Rocha
Tema: JESUS – A Resposta que o Povo do Estado de São Paulo Precisa
Divisa: 1 Pedro 3.15
Alvo: 500 mil Reais
Alvo PAM: 200 mil Reais

Destaques:

1. Somos 268 Municípios no Estado sem trabalho Batista;
2. Demarcados 70 Municípios com mais de 10 mil habitantes para serem alcançados;
3. Somos 994 Igrejas e 402 Congregações;
4. 83% das Igrejas possuem menos de 200 membros;
5. 17% das Igrejas possuem mais de 200 membros;
6. A Convenção mantém atualmente 102 convênios com missões e pequenas Igrejas.

Destaque Especial: comemora-se o Centenário do Colégio Batista Brasileiro.
A revista registra uma célebre declaração da Missionária Anne Luther Bagby:
"Se este Colégio deixar de ganhar almas, deixe-o morrer"

Ano de 2003

Presidente da Convenção e do Conselho: Pr. Eli Fernandes
Secretário Executivo: Pr. José Vieira Rocha
Tema: Contextualizando Missões no Estado de são Paulo
Divisa: João 20.21b
Alvo de Missões: 600 mil Reais
Alvo PAM: 200 mil Reais

Destaques:

1. Cai para 240 o número de Municípios sem trabalho Batista;
2. Igrejas estão trocando os retiros espirituais por expedições missionárias, para ajudar nossas igrejas na evangelização de suas cidades.

Ano de 2004

Presidente da Convenção e do Conselho: Pr. Odilon S. Pereira
Diretor Executivo: Pr. José Vieira Rocha

Tema: A Família Batista Realizando Missões em São Paulo
Divisa: Ef. 6.10-11
Alvo de Missões: 600 mil Reais
Alvo do PAM: 200 mil Reais

Destaques:

1. Ênfase no centenário que ocorrerá em dezembro deste ano;
2. Prepara-se para a grande Cruzada Summy Tippt, a realizar-se em junho, pouco antes da 96a. Assembléia, em Atibaia.
3. É realizada a cruzada, dias 24 e 25, precedida de uma semana com voluntários em diversas Congregações.
4. Chegou a 3 mil o número de decididos para Cristo nas Congregações e nas duas reuniões do Estádio da Portuguesa.
5. Tudo na cruzada, pelas misericórdias de Deus, foi um sucesso.

10

COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO

"Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles" (Pv. 22.6 – NVI).

Antecedentes

A história do Colégio Batista Brasileiro de São Paulo, bem assim dos demais Colégios no Brasil, está ligada a raízes filosóficas dos Batistas dos Estados Unidos. Tendo lutado muito em suas origens com a perseguição, os Batistas dos Estados Unidos, como se sabe, haviam se tornado grandes precursores da democracia, eis porque certos princípios que passaram para a Constituição Americana vieram por influência dos Batistas, através de nomes como Roger Williams e outros.

Acima de tudo, eles estavam convencidos de que "a escola pública é um dos esteios mais fortes da democracia americana e tem contribuído maravilhosamente para o progresso do povo americano. É por causa desta influencia que foi adotada a mesma filosofia em vários outros países. Estavam mantendo os batistas norte-americanos em 1929, 18 seminários teológicos e 146 universidades e colégios".[72]

Chegando ao Brasil, uma das grandes dificuldades dos missionários era lidar com um povo com alto índice de analfabetismo. Era muito difícil evangelizar um povo que não podia ler, sequer, a Bíblia. Um dos nossos missionários da época conta que ao chegar a certo distrito no interior do Brasil para pregar o Evangelho, não encontrou ninguém que sabia ler.[73]

Além do analfabetismo, outros problemas com a educação no Brasil desafiavam os missionários. As escolas católicas discriminavam filhos de protestantes. Além

disso, a pobreza também era discriminada. Ademais, o nível de uma Escola Batista seria bem melhor em razão dos ideais do Evangelho.

As primeiras tentativas para escolas Batistas vieram da iniciativa individual. Os próprios missionários começaram o movimento. Essas iniciativas aconteceram no Rio de Janeiro, 1888; em Salvador, 1894; em Campos, 1895, e em Belo Horizonte, 1898.[74]

Numa segunda etapa, vieram os colégios Batista Industrial, em Corrente, Piauí (1905); Colégio Americano Batista do Recife (1906), e o Americano de Vitória, em 1907.[75]

Então a Junta de Richmond começou a assumir a necessidade da educação em nosso campo missionário, com a fundação, em 8 de março de 1908, do Colégio Batista Shepard, no Rio de Janeiro.[76]

Os começos

A iniciadora da Escola que veio a ser nosso Colégio Batista Brasileiro em São Paulo, foi da missionária, Professora Anna Luther Bagby, esposa do pioneiro W.B. Bagby.

Depois de dedicar quase 20 anos do seu trabalho em Salvador e Rio de Janeiro, vieram para São Paulo, em 1901. Aqui reencontrou uma amiga, missionária Presbiteriana – amizade que vinha da sua chegada ao Brasil. Essa amiga também educadora era responsável por uma escola presbiteriana denominada Colégio Progresso Brasileiro.

Logo no primeiro contato com a amiga, professora Mary Ellis McIntire, souberam de sua intenção de vender uma Escola. Essa escola de propriedade da Professora McIntire, havia sido iniciada em Campinas em 1890, transferida mais tarde para a Capital, São Paulo. A professora Bagby sentiu que isso vinha de Deus e fecharam negócio por US$ 3,000.00 (três mil Dólares). A Escola permaneceu no mesmo endereço: Alameda dos Bambus, nº 5, que é a atual avenida Rio Branco de São Paulo. Ali permaneceu de 10 de janeiro de 1902 até 1915. Então foi transferida para a Praça dos Guaianazes, atual Praça Princesa Isabel. A R Crabtree informa que em 1906 o colégio contava com 130 alunos.[77]

Oito anos mais tarde, em 1923, foi adquirida a propriedade da Rua Dr. Homem de Mello, 537, onde permanece até hoje.[78]

As dificuldades iniciais

Realizada a compra, agora era trabalhar para o pagamento. É bom lembrar que tudo isto estava sendo feito pela missionária e não pela missão. Inicialmente veio

uma notícia de que a União de Senhoras Batistas Americanas ajudaria no pagamento do montante, mas depois soube-se que houve um mal entendido naquelas intenções e D. Anne teve que tomar outra direção na solução do problema.

Partiu então para a instalação de um Jardim de Infância na Escola, para aumentar a sua receita. Tendo conseguido ajuda de uma especialista na área, a Prof. Metodista Hortência Smith, do Colégio Piracicabano, o plano deu certo; tão certo, que logo teve que partir para o transporte escolar, o que foi feito através de veículo de tração animal, que trazia alunos até da Av. Paulista.

Outros cursos foram sendo implantados para acompanhar os modelos dos grupos escolares para admissão ao ginásio oficial, com aulas de inglês, francês e outras matérias. Neste meio tempo, a Junta de Richmond começou a ajudar.

Em 1912, 10 anos depois, a dívida foi zerada, quando a vendedora do colégio resolveu cancelar o restante do débito, no valor de 2.000$000 (Dois mil réis). Nota-se, portanto, que esta aventura de aquisição do nosso Colégio foi esforço pessoal da Professora Anne e não da missão. Foi por esse tempo que iniciou-se o internato feminino.

Aliás, é bom ressaltar que a própria professora Anne L. Bagby declarou que naquele tempo o Colégio era destinado ao elemento feminino, mas por motivos financeiros e atendendo a diversos apelos, passaram a adotar meninos de até 10 anos.[79]

Nota importante é que "a Bíblia era diariamente ensinada".[80]

A metodologia de ensino era a melhor possível, principalmente pela direção competente de D. Anne L. Bagby que acompanhava as novas linhas pedagógicas depois do término da Primeira Grande Guerra (1918).

À esta altura a Junta de Richmond já ajudava a obra educacional. Logo d. Anne decidiu afastar-se do Colégio, que ficou sob a responsabilidade de diversos missionários americanos até 1939.

Um desses diretores foi Edgard A Ingram, de 1919 a 1929, período em que o prédio principal da Rua Dr. Homem de Mello foi inaugurado.

Não nos é possível historiar a vida do Colégio ano por ano. Vamos apenas prosseguir falando de alguns aspetos mais importantes da sua trajetória.

O prédio do Colégio Batista Brasileiro

O Jornal Batista, edição de 7 de setembro de 1922, focalizando o centenário da Independência do Brasil, e analisando o desempenho de toda a denominação Batista até o momento, em extenso artigo, A G. Maya fala com entusiasmo do novo prédio do Colégio que, naquela época, estava em construção, no segundo andar, inclusive mostrando foto. Era diretor do Colégio o Dr. Edgard A. Ingram. Hoje o prédio, em excelente estado de conservação, ergue-se imponente e exuberante no quarteirão Batista nas Perdizes.[81]

O Batista Paulistano, edição especial do Jubileu de Diamante dos Batistas da Cidade de São Paulo, dá outros detalhes sobre os edifícios do Colégio Batista Brasileiro:

1. O grande edifício foi inaugurado em 1922. Informa-se que, apesar do número pequeno de Igrejas, até pastores ajudaram a carregar tijolos para edificar o prédio. A capacidade inicial do salão nobre era de 700 pessoas, e um refeitório para 200 pessoas.

2. Sob a direção do Pr. Enéas Tognini, outras edificações foram incorporadas, a chamada "ala nova", a parte voltada para a Rua Monte Alegre, com 15 novas salas de aula.

3. Mais tarde, outras construções surgiram para atender à Igreja Batista de Perdizes, que surgiu no salão de conferências do Colégio. Agora foi edificado o prédio de educação religiosa e a casa pastoral.

4. Por ocasião do nosso Jubileu de Diamantes (1974), foi inaugurado o Ginásio de Esportes, um edifício de 2.300 m^2, com quadra de basquete, de volei e handebol, vestiário para professores, para alunos, arquibancadas para 300 pessoas e oito salas especiais, com cerca de 100 m^2 cada uma. O engenheiro foi o Dr. Walfredo Thomé.

5. Além de todas estas dependências, o Colégio possui um salão de ginástica de 240 m^2, uma academia de Judô com capacidade para 40 alunos.

Aulas de artes industriais são ministradas em espaçosas oficinas, para trabalhos com madeira, metal, couro, gráfica e cerâmica.

6. Aulas de artes industriais são ministradas em espaçosas oficinas, para trabalhos com madeira, metal, couro, gráfica e cerâmica.[82]

Biblioteca

Por ocasião do Jubileu de Diamantes, a biblioteca contava com:

1. 23.497 volumes,
2. 164 coleções completas
3. 1763 revistas especializadas
4. 1479 revistas em geral
5. Uma biblioteca infantil para formar nas crianças o hábito da leitura

A biblioteca funcionava em dois períodos e usava o sistema de consulta e de empréstimo de livros

Atualmente, no encerramento do nosso primeiro centenário, a biblioteca foi totalmente modernizada, e foram adotados novos critérios de organização de obras literárias e serviços. Hoje, no encerramento do nosso centenário, ela possui:

1. Cerca de 15.000 volumes;
2. 25 títulos de revistas e periódicos;
3. Todo o funcionamento da biblioteca está informatizado;
4. Há vários computadores para pesquisa na internet;

5. Salas anexas para estudos em grupo;
O acervo é dedicado especificamente ao ensino médio

Grandes realizações do Colégio

Difícil seria contar, ano por ano, a trajetória do Colégio Batista Brasileiro. Vamos apenas mencionar algumas das grandes realizações destes últimos tempos.

1. A Igreja Batista de Perdizes

Preocupado com a vida espiritual das alunas do Colégio, o Diretor, Silas Botelho fez surgir nas suas dependências uma pequena capela. Em 1942, o Diretor, animado com os resultados da capela, resolveu fundar uma Igreja Batista dentro do Colégio. Foi então convidar o filho do seu amigo Taylor Crawford Bagby, mais conhecido como T.C. Bagby. O jovem era Samuel Adams Bagby, casado com Sara Lavender. Vieram diretamente dos Estados Unidos como missionários para cuidar da pequena Igreja. A esposa de Samuel, no entanto, não se adaptou ao País e eles tiveram que voltar aos Estados Unidos.

Silas Botelho cuidou da Igreja sozinho por dois anos e alguns pastores o ajudavam para os batismos, pois ele não era pastor.

Em 1944 Silas Botelho foi a Belo Horizonte e de lá convidou o Pr. Enéas Tognini. Depois de alguma demora, Enéas Togni aceitou o convite. Veio, tornou-se pastor da Igreja e a vice-diretoria do Colégio. A efetivação do pastorado deu-se em 1947. E daí a Igreja cresceu e ficou onde até hoje está, como todos temos conhecimento.[83]

2. A Faculdade Teológica Batista de São Paulo

Em 01 de março de 1957, por iniciativa do Colégio Batista Brasileiro, foi fundada a Faculdade Teológica Batista de São Paulo, tendo o Prof. Lauro Bretones como seu primeiro Diretor. Era Diretor do Colégio, o Pr.Enéas Tognini.

A faculdade permaneceu sob a égide do Colégio até 1965, quando dele foi desvinculada, passando a ser administrada por uma Junta própria.

3. O Colégio Batista de Bauru

Em 7 de abril de 1989 foi inaugurado o Colégio Batista de Bauru sob os auspícios do Colégio Batista Brasileiro. Hoje esse Colégio de Bauru é uma potência na cidade, a despeito de lutas e dificuldades porque passa, em razão da concorrência nesta área, que afeta várias instituições educacionais. A propriedade desse Colégio impressiona.

4. O CEBETEL

Ao longo da década de 90, foi construído o CEBETEL, nas regiões do Jaraguá, numa área de cerca de 7 alqueires, um moderno centro de recreação, que muito tem servido às Igrejas Batistas do Estado.

5. O Prédio do Seminário Teológico Batista do Estado de São Paulo

Também é do fim da década de 80, início da de 90, a construção do Seminário Teológico Batista do Estado de São Paulo, localizado em Piratininga, perto de Bauru, que fazia parte de compromissos e permutas com a implantação do Colégio Batista de Bauru.

6. A Mais Maravilhosa de Todas as Realizações

É preciso que se diga: a mais maravilhosa das realizações deste Colégio é a construção de vidas extraordinária de homens e mulheres que por ali passaram quando crianças. Se pudéssemos fazer um levantamento, iríamos descobrir muita gente importante em nossa Cidade, em nosso Estado e até em outros Estados e, porque não dizer, até em outras partes do mundo, que tiveram ali uma formação moral, intelectual e espiritual de solidez.

Se não é possível fazer este levantamento, este autor pode testemunhar de duas filhas e dois filhos que por ali passaram e hoje são homens e mulheres de alto nível intelectual, e que são servos de Deus.

Todas estas realizações foram custeadas pelo Colégio Batista Brasileiro.

Seu prédio, arquitetura antiga, mas bem cuidado e conservado, é um verdadeiro monumento no Bairro das Perdizes, que bem representa o nome do povo de Deus chamado Batista.

Lista de Diretores do Colégio

Ana Bagby	1902-1918
Edgar Alen Ingram	1919-1928
H. A Zimmermann	1928-1932
Paulo C. Porter	1924-1925
Paulo C. Portger	1931-1932
Finis A R Morgan	1933-1939
Essie F. Baptista	1938

Silas Botelho	1939-1956
Enéas Tognini	1956-1961
Werner Kaschel	1961-1967
Wrangles Bretenitz	1967-1987
José Nemésio Machado	1987-2004
Gézio Duarte Medrado	2004 -

(Fonte: O Batista Paulistano, edição Revista especial para o centenário dos Batistas da Cidade de São Paulo, janeiro de 1999, p. 17)

Em agosto de 2004, o Prof. José Nemésio Machado desligou-se da direção do Colégio Batista Brasileiro, depois de 17 anos de excelentes serviços prestados a esta causa educacional da Denominação. Houve uma despedida festiva, com a presença de vários líderes denominacionais e muitos amigos.

No dia 24 de agosto de 2004 tomou posse o novo Diretor do Colégio Batista Brasileiro, Prof. Dr. Gézio Duarte Medrado.

No dia 8 de outubro de 2004, falando ao Conselho Coordenador da Convenção, informou o novo diretor que o Colégio vai bem e que há um clima de muito otimismo entre professores, alunos, funcionários e familiares dos alunos.

Nesta mesma data nos foi informado que o atual número de alunos no Colégio Batista de São Paulo é de 1.202, nas diversas séries. O colégio Batista de Bauru conta com 621 alunos matriculados nesta mesma data.

11

FACULDADES BATISTAS DE SÃO PAULO

O sistema de Faculdades Batistas que funcionou no prédio do Colégio Batista Brasileiro começou a ser cogitado pela Junta de Educação em 1990 quando, em 07 de abril desse ano, sob a Presidência do Pr. Dr. César Thomé, foi elaborada uma Carta de Consulta e Projeto de Autorização dos Cursos do Instituto Batista de Ensino Superior. A tramitação do processo e dos estudos durou cerca de nove anos. Em 28 de julho de 1999 veio a autorização provisória para funcionamento, pela Portaria no. 1168 do MEC. O curso principal era Sistema de Formação. Este curso que conseguiu formar a primeira turma quatro anos depois, foi reconhecido recentemente, em 03 de junho de 2004, pela Portaria no. 1662, publicado no Diário Oficial da União em 08-06 de 2004.

Outros cursos que funcionaram: na área de administração, duas habilitações: a) Comércio Exterior; b) Gestão de Serviços de Turismo. Estes não chegaram a ser reconhecidos, mas estavam autorizados a funcionar provisoriamente.

Na área de Pedagogia também chegaram a funcionar duas habilitações: a) Informática Educacional; b) Gestão Educacional.

Também fazia parte os cursos Normal Superior, com mais duas habilitações: a) Habilitação Educacional Infantil; b) Ensino Fundamental. Autorizados a funcionar provisoriamente pela Portaria 2569, de 06 de Setembro de 2002.

Chegaram a funcionar quatro cursos completos.

No primeiro ano, a casa estava cheia, em 2000. Em 2001, houve mais procura na área de Comércio Exterior e Gestão de Turismo, mas não atingiu o número de alunos para manter o curso. Logo começou a evasão . A inadimplência atingiu 50%.

No vestibular de 2002 estávamos ainda com os dois cursos, mas não atingimos o número mínimo de alunos para mantê-los. No ano de 2003 não foram abertos vestibulares nas quatro habilitações já autorizadas: Pedagogia e Normal Superior.

Os motivos: pouca procura, inadimplência alta, e muitos cursos similares nos arredores da nossa Faculdade.

À esta altura, o Colégio Batista Brasileiro, que vinha bancando todas as despesas que as Faculdades não podiam cobrir, começou a ter dificuldades. Na Assembléia de Santos, a pedido da Junta, durante o parecer sobre o relatório da mesma, foi autorizada a transferência dos cursos para entidade que já estava interessada, e foi também autorizada a venda do Cebetel e outras propriedades menores pertencentes ao Colégio, para cobrir o deficit.

Voltando ao trabalho depois da Assembléia Convencional em Santos, a Junta pôs as propriedades à venda mas não foi possível vendê-las até hoje. A transferência dos cursos não logrou êxito por falta de garantias por parte das entidades pretendentes. O tempo passava e chegava a oportunidade de mais um vestibular. Depois de avaliações técnicas, a Junta decidiu por fechar as Faculdades, uma vez que o vestibular pretendido não cobriria 1/3 das despesas mensais, o que aumentaria a dificuldade financeira do Colégio.

Após fechadas as Faculdades, foram tomadas todas as providências no sentido de atender direitos de alunos ainda em curso, e foi realizada a formatura da primeira turma. Equipamentos da Faculdade foram vendidos.

12

EDUCAÇÃO TEOLÓGICA

A educação teológica em São Paulo começou incipiente, com o nome de Escola de Treinamento. A necessidade de pregadores era muito grande e os missionários se desdobravam para preparar pelo menos leigos que atendessem às muitas portas abertas. A primeira menção da Escola de Obreiros aparece em 1901, com a chegada dos missionários A. B. Deter e sua esposas, D. May. Eles são mencionados como muito preparados, provenientes do Seminário Rochester, ex-aluno do famoso teólogo Strong. Tendo aprendido a língua muito rápido, começaram a ensinar e a pregar.

No final de 1901 a Escola de Treinamento matriculou 5 alunos. Relata-se que 2 deles "afastaram-se do caminho", mas os outros 3 prosperaram.[84]

No final de 1902, a Escola de Treinamento, agora chamada Escola Teológica pelos historiadores enfrentava duas dificuldades: os alunos que queriam estudar não tinham preparo básico necessário e o prof. Dr. Deter tinha pouco tempo. Mas mesmo assim prosseguiu.

No apagar das luzes do ano de1906 Crabtree relata que "O campo ressentia-se da falta de pastores. Havia apenas um pastor brasileiro".[85] (p. 295).

O marco mais importante nesta área começa com os irmãos letos, em Palma, quando criaram um curso de extensão do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, que havia começado em 1909. O missionário Paulo C. Porter foi o grande herói dessa arrancada, de onde saíram grandes obreiros para a Causa no nosso Estado, e até para outros Estados.

Mais tarde o curso transferiu-se para Sumaré e Campinas. Posteriormente, já na direção de Thurman E. Bryant, foi para Bauru, passando a ser o Instituto Bíblico Batista do Estado de São Paulo, hoje Seminário.

Os diretores do Instituto até o momento, foram: Paulo C. Porter, Lester C. Bell, Paull Stouffer, Josué Nunes de Lima e, atualmente, Nelson Nunes de Lima.

Na Capital, na década de 20, F. M. Edwards muito se esforçou para manter cursos teológicos. Mais tarde, um Instituto funcionou na Primeira Igreja Batista do Brás; depois foi para a Igreja Batista da Liberdade.

Por fim, Thurman E. Bryant deu início à Faculdade Teológica Batista de São Paulo, nas Perdizes.

Seminário Teológico Batista de São Paulo

O atual Seminário Teológico Batista do Estado de São Paulo, segundo levantamento recente, apresentado no relatorio à 96a assembléia realizada em Atibaia, SP, de 26 a 31 de julho de 2004, é sucedâneo da Escola Missionária do Sertão, fundada em Palma pelos irmãos letos, tendo seu primeiro dia de aula em 17 de fevereiro de 1935, quando havia 17 alunos matriculados de 9 nacionalidades diferentes. O Diretor da época era o Pastor Karlis Grigorowisch, tendo sido auxiliado na docência pelo Pastor Arvido Eichmann e o Maestro Arthur Garancs. Em 1º de maio de 1940 a Escola passou a ser administrada pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, como curso de extensão e no fim da década de 50 passou para o domínio da Convenção Batista Paulistana e em 1o. de maio de 1960 fixou-se em sua sede própria, um edifício sito a Rua Azaria Leite, 20-53, em Bauru, quando era Diretor o Pastro Dr. Thurmon Bryant . Dali saiu para sua nova sede própria em 30 de abril de 1993, no Recanto Santa Cristina, Lote "D", Piratininga, SP. Eis porque a data de 17 de fevereiro de 1935 é considerada a data da fundação deste Seminário.[86]

Um grande potencial de recursos para preparar obreiros, principalmente no interior do Estado, este Seminário tem sido uma grande bênção. Por ocasião da Assembléia da Convenção Batista do Estado de São Paulo realizada em Atibaia (96ª Assembléia), era Diretor, o Pr. Nelson Nunes de Lima.

Poucos meses depois da citada Assembléia, o Pastor Nelson Nunes de Lima deixou a direção do Seminário, e assumiu interinamente o Pr. Natanael Gabriel da Silva, também Diretor da Faculdade Teológica Batista de Campinas.

Faculdade Teológica Batista de São Paulo

Foi fundada em 01 de março de 1957, ligada ao Colégio Batista Brasileiro, tendo sido seu primeiro diretor o Prof. Lauro Bretones, que atuou até 1960. De 1961 até julho de 1972, o diretor foi o Dr. Thurmon Bryant, falecido em julho de 2004, exatamente enquanto estávamos reunidos na 96a. Assembléia da Convenção Batista do Estado de São Paulo, nas dependências da Primeira Igreja Batista em Atibaia.

De julho de 1972 a julho de 1988, dirigiu a Faculdade o Pr. Dr. Werner Kaschel, até hoje muito ligado a ela. De julho de 1988 até 6 de janeiro de 1997, o diretor da Faculdade foi o Pr. Dr. Artur Alberto de Mota Gonçalves.

Desde 7 de janeiro de 1997, é diretor da Faculdade o Prof. Lourenço Stelio Rega. Há informações históricas de que em pequenos intervalos dirigiram a Faculdade interinamente o Prof. José Novaes Paternostro, grande psicólogo entre nós, já de saudosa memória e o Dr. Nills Friberg, que foi missionário americano entre nós, hoje na América.

Como Deões da Faculdade atuaram: Pr.Dr. César Thomé, Pr.Dr. Bertoldo Gatz, Prof. Lourenço Stelio Rega, e o Pr. Itamir Neves de Souza, que em 1999 atuava como Deão interino.

Começando a atuar nas dependências do Colégio Batista Brasileiro, a Faculdade mudou-se para sua sede própria, no grande quarteirão Batista das Perdizes, em 1959, para a rua Ministro Godoy, 749, antiga residência do Diretor do Colégio, e onde funcionou por muito tempo o seu pensionato masculino e feminino.

Em 1965 a Faculdade foi desvinculada do Colégio, passando a ser administrada por Junta própria, mudando então seu nome para Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Em 1966 iniciou-se a construção do edifício próprio, à Rua João Ramalho, 466, prédio onde funciona até hoje, com quatro pavimentos e é chamado Edifício Thurmon Earl Bryant.

Em 1984 começou a funcionar a unidade da Penha, no edifício de educação religiosa da Primeira Igreja Batista da Penha.

Além do seu prédio-sede, a Faculdade utiliza o templo da Igreja Batista de Perdizes para a realização de seus cultos, e ainda algumas salas do Colégio Batista Brasileiro. O grande desafio hoje é a construção de seu novo prédio de aulas e atividades acadêmicas, previsto para nove andares, com um piso de estacionamento, localizado atrás do atual edifício da Faculdade.

A Faculdade Teológica Batista de São Paulo foi a primeira instituição entre os Batistas brasileiros a atender os alunos que tinham de trabalhar durante o dia em busca de seu sustento, mas que, chamados convictos, precisavam estudar à noite. Lançou um currículo apropriado aos dons e talentos do povo de Deus, a partir de 1970, e foi também a primeira Faculdade evangélica a criar um curso de Bacharel em Missões, visando atender a grande vocação missionária do povo de Deus no Brasil.[87]

Biblioteca "DIRCE RODRIGUES KASCHEL"

A Biblioteca da Faculdade Teológica Batista de São Paulo atende de segunda a sábado. Temos percebido um aumento expressivo no uso da Biblioteca por parte de alunos e professores. Além das atividades rotineiras que foram atendidas durante o período, foi possível desenvolver outras importantes atividades, especialmente ligadas ao processo de informatização da Biblioteca. Neste caso utilizamos o sistema Winisis, desenvolvido pela UNESCO. É um sistema muito ágil, fácil de utilizar e cujo custo é compensador pelos benefícios que trás ao funcionamento da Biblioteca.

Abaixo, listamos os materiais já cadastrados no sistema, e disponíveis para consultas dos usuários.

A biblioteca conta com um excelente acervo, constando de livros, periódicos, vídeos, partituras, monografias e outras utilidades da área, como abaixo relacionamos, com base em dados fornecidos pelo seu bibliotecário, irmão Sidney Roberto da Silva (CRB8/4807):

Materiais	**Total**	
Livros		31764
Periódicos	Títulos (Coleções):	496
	Fascículos:	9059
Monografias		196
Materiais		
Audiovisuais		1256
Partituras		886
Materiais Cartográficos		63

Faculdade Teológica Batista de Campinas

Até a década de 70, o vocacionado que desejasse estudar teologia ou educação cristã numa instituição batista, teria que sair da sua cidade e ir para um grande centro.

Quando o governo brasileiro começou a olhar para o interior do país e a desestimular a migração para os grandes centros, investindo em cidades pequenas, as lideranças batistas de todo país viram a necessidade de ter escolas de ensino teológico nos Estados, onde o aluno pudesse estudar sem um esforço financeiro muito grande e sem ter que abandonar tudo para ir a outro lugar. Várias Convenções Estaduais organizaram seus Seminários ou Faculdades Teológicas.

Neste contexto nasceu a idéia da fundação de uma escola teológica de formação superior na cidade de Campinas que atendesse toda a região. A facilidade das estradas e o número de pastores e igrejas tornava possível tal projeto. A Ordem dos Pastores Batistas da Associação de Campinas e Adjacências, reunida no Acampamento Batista de Sumaré em 10 de março de 1977 discute o assunto e decide convocar uma reunião com o Dr. Werner Kaschel, da Faculdade Teológica Batista de São Paulo para detalhar o plano.

A Ponte entre o Sonho e a Realidade

No dia 12 de abril de 1978, no prédio da Junta de Rádio e Televisão - JURATEL, o assunto é amplamente discutido entre o Dr. Werner e a Ordem dos Pastores. Decidem incluir o assunto na agenda da Assembléia Anual da Associação e, sendo aprovado, encaminhar solicitação à Junta de Educação Teológica da Convenção Batista de São Paulo - JET - para administração, e a JURATEL para o uso das dependências. Para dar prosseguimento aos estudos e viabilizar tais decisões é criada uma comissão que decide informar às igrejas da pretensão de organizar em Campinas uma escola de ensino teológico superior, com um curso noturno, de segunda à sexta-feira e solicita aos pastores que façam o levantamento de possíveis alunos. Em junho o Colégio Batista de Campinas coloca à disposição da nova escola o equipamento gráfico, material de secretaria, assessoria administrativa e local para reuniões da comissão. Ainda em junho, na Assembléia Anual da Associação Batista de Campinas e Adjacências o assunto é apresentado em forma de painel, com a participação de seis membros da comissão, que abordam aspectos diferentes dos resultados positivos da possível escola teológica. A assembléia aprova e elege uma comissão para dar andamento ao planejamento.

Em 11 de agosto é enviada uma carta à JURATEL solicitando o uso das dependências. O assunto não é decidido imediatamente, ficando para decisão em reunião futura. Em 15 de setembro a Junta de Educação Teológica envia uma carta apoiando a idéia e se propondo a encaminhar o assunto à Assembléia Anual da Convenção Batista do Estado. Sem uma resposta da JURATEL sobre a disponibilidade do uso das suas dependências, em 22 de setembro a comissão envia uma carta ao Seminário Presbiteriano de Campinas, solicitando o uso de suas salas, no período vespertino. A resposta é negativa.

Em outubro foi acrescentado à comissão os nomes: Dr. Werner Kaschel, Edwart Cavalcante de Albuquerque, Ricardo Gibbs e um assessor jurídico, Dr.Paulo Rizzi. É feito o estudo de possíveis professores e criam uma subcomissão para estudar o currículo. Na reunião de 1 de dezembro é aprovado o currículo e corpo docente do primeiro semestre de 1978 e chegam as respostas positivas dos pedidos de uso das dependências das igrejas Batistas Central, Nova Jerusalém, Vila Nova e a resposta negativa da Primeira Igreja Batista de Campinas. A comissão decide pelo nome Faculdade Teológica Batista de Campinas e elege como diretor o Pr Ilgonis Janait.

Em 10 de dezembro de 1978, numa reunião extraordinária da Associação na Primeira Igreja, o Dr. Paulo Rizzi apresenta o relatório da comissão teológica com nome, diretor, possível corpo docente e currículo. O relatório é aprovado na íntegra, sendo assim, organizada a Faculdade Teológica Batista de Campinas.

A campanha de doação de livros para a nova entidade é um sucesso e chega a 1000 volumes. A missionária Peggy Stouffer é eleita responsável pela biblioteca. Vota-se a filiação à Associação Brasileira de Instituição de Ensino Teológico - ABIBET.

Em 3 de fevereiro de 1978 é aprovado o calendário do primeiro semestre e no dia 25 acontece a primeira reunião do corpo docente e no dia 3 de março com um culto

solene, no templo da Igreja Batista Central de Campinas instala-se a Faculdade Teológica Batista de Campinas. A aula inaugural é proferida pelo Dr. Werner Kaschel e conta com a participação especial do coro da Igreja Batista do Cambuí.

As aulas começam no dia 4 de março em uma sala do prédio da Juratel com 17 alunos matriculados. A sala é pequena e o último aluno a chegar, senta-se à porta.

No segundo semestre de 1978 a Faculdade passa a usar as dependências da Igreja Batista Central de Campinas. A Associação cria um conselho de educação para Administrar a Faculdade.

Sede Própria

A primeira possibilidade de sede própria foi em dezembro de 1977, quando a comissão de Educação Teológica da Associação foi informada da possível doação da senhora Helena Kerklis de um terreno de 8 alqueires em Paulínia. Esta doação foi aceita pela Associação e pela Convenção Estadual, mas não pode ser concretizada.

Em agosto de 1984 a Convenção autoriza a Junta de Educação Teológica a lançar uma campanha para compra de uma sede para a Faculdade Teológica de Campinas. Esta não foi consumada. Dois anos mais tarde nova campanha é lançada em todo o Estado. Os resultados são poucos. Em setembro de 1989 e Junta de Missões Mundiais estuda a possibilidade de ceder um espaço no terreno do Jardim Rosolém, Hortolândia, para construção do prédio da faculdade. O que também não foi concretizado.

Em setembro de 1995 o Conselho da Convenção Batista do Estado de São Paulo decide que as suas propriedades ociosas seriam vendidas e o valor arrecadado seria revertido para a compra da sede da Faculdade de Campinas.

Dependências

A FTBC começou numa pequena sala do prédio da JURATEL, ficou apenas o primeiro semestre e foi transferida para a Igreja Batista Central de Campinas. Nas férias de final de ano de 81 e início do ano letivo de 82, a igreja construiu o seu edifício de educação religiosa e a biblioteca da Faculdade foi empacotada e guardada na casa do diretor em Nova Odessa. A secretaria, neste período, funcionou nas dependências da Segunda Igreja Batista de Nova Odessa, onde o diretor era pastor.

A FTBC ficou na Igreja Batista Central até o fim de 1992, por 13 anos e meio. Em 93 mudou-se para o prédio da Igreja Batista Vida Nova, no bairro Vila Nova. Algumas adaptações foram feitas e apesar do espaço pequeno, atendia as necessidades.

Em 1996, sob a direção do Pr Márcio Loureiro Redondo foi alugada uma parte do prédio da JURATEL e a Faculdade foi transferida. Uma boa reforma foi realizada com ajuda financeira do exterior e muito trabalho voluntário de vários irmãos. Hoje temos salas para administração e secretaria, 5 salas de aulas, a capela foi adaptada para ser

a biblioteca, a galeria serve como sala para digitação de trabalhos, a cantina de uso comum com a JUMOC e JURATEL serve como cantina, capela e sala de aula.

A Faculdade Teológica Batista de Campinas possui um corpo docente com 70% de Doutores, Doutorandos, Mestres e Mestrandos e foi avaliada e aprovada pelo corpo discente com quase nota máxima – quase 90%.

Comodato abençoado

Depois de todas estas lutas e muita negociação, a JURATEL finalmente resolveu dar sua sede em comodato à Faculdade Teológica Batista de Campinas, o que ocorreu com a sábia intervenção do Diretor Executivo da Convenção Batista Brasileira, Pr. Pastor Sócrates. Este acontecimento foi anunciado com emoção pelo Diretor da Faculdade, Pr. Natanael Gabriel da Silva, durante o seu relatório perante a 96a. Assembléia da Convenção Batista do Estado de São Paulo, reunida nas dependências da Primeira Igreja Batista em Atibaia.

Biblioteca

A FTBC possui uma Biblioteca informatizada, incluindo computadores para pesquisa em internet, com:

1. Um acervo de aproximadamente 13.000 volumes;
2. Periódicos;
3. Monografias, Dissertações e Teses;
4. Apostilas e Partituras Musicais;
5. CDs, DVDs, Fitas Cassetes e de Vídeo;
6. Material Infantil

Cursos principais oferecidos

1. Bacharel em Teologia (4 anos);
2. Música Sacra (3 anos);
3. CBL (3 anos);
4. Ministérios (1 ano)

Possui um programa de implantação de Igreja e treinamento na evangelização; experiência em várias áreas de ensino:

1. Música Sacra
2. Cursos Bíblicos de Liderança (sábados alternados)
3. Ministérios (cursos semestrais)

Diretores da FTBC

O primeiro diretor da FTBC foi o pastor Ilgonis Janait, que trabalhou nessa função nos dez primeiros anos. Também dirigiram a Faculdade:

Pr Eliézer Pereira de Barros, interinamente, 1988;

Pr Sebastião Lúcio Guimarães, 1988 - 1990;

Pr Onésimo Pereira do Nascimento Filho, interinamente, de julho a dezembro de 1990;

Dra. Sophia Gomes Steibel, 1991 - 1993;

Pr Júlio Oliveira Sanches, 1994 e

Pr Márcio Loureiro Redondo, dezembro de 1994 a julho de 1996.

Desde agosto de 1996 está sob a direção o Pr Natanael Gabriel da Silva. Por deliberação unânime do Corpo Docente da Faculdade, a Dra. Sophia Steibel recebeu o título de "Diretora de Honra" da FTBC (nota: dados extraídos, na sua maioria, do site da Faculdade).[88]

13

CAMPANHAS NACIONAIS DE EVANGELIZAÇÃO

A CAMPANHA DE 1965
"Cristo, a Única Esperança"

Como se recorda, em 1964 o Brasil entrou em crise política com a tomada do poder pelos militares e foi estabelecido um regime de ditadura. É maravilhoso constatar que o Espírito Santo já preparava um grande movimento entre nós para que o povo de Deus pudesse atravessar a crise nacional. Assim foi que em 1963, o Pr. Dr. Rubens Lopes, orador oficial no encontro anual dos missionários da Junta de Richmond em Salvador, Bahia, no mês de maio, teve a inspiração de desafiar os Batistas para uma campanha de âmbito nacional. Estava presente àquela conferência, além dos missionários americanos, o Dr. Frank K. Means, Secretário Geral da América Latina, da Junta de Richmond. O desafio foi acatado com impacto e muita emoção, e houve muitas lágrimas.

Mais tarde, a idéia foi levada para a Junta Executiva da Convenção Batista Brasileira, que acatou o desafio, transformando-o numa proposta para a assembléia convencional que se daria na cidade de Recife, em 1964. Justamente no ano em que estourou a revolução brasileira, foi votada a campanha com grande entusiasmo, por unanimidade, pela quadragésima sexta Assembléia Convencional, em janeiro de 1964, ficando eleito o Pr. Dr. Rubens Lopes, como presidente, e o missionário Henrique E. Peacock como Secretário Executivo e Tesoureiro.

Na mesma ocasião foram eleitos os Secretários Regionais – nove, que serviriam como ponto de ligação entre o Secretário Geral da Campanha e os Secretários Estaduais.

A diretoria da Campanha ficou assim constituída: Presidente, Dr. Rubens Lopes; 1º Vice-presidente – Dr. Werner Kaschel; 2º Vice-Presidente, Edgar Francis Hallock; 1º Secretário, José dos Reis Pereira; 2º Secretário, Arides Martins da Rocha; Secretário Executivo , Henrique Earl Peacock.

Os Secretários Regionais: Samuel C. Machado, Amélio Giannetta, Eber Vasconcelos, José Lins de Albuquerque, Bruci Oliver, Valdívio de Coelho, Charles Dickson, João Batista Martins de Sá e Loyd Moon.[89]

É muito importante observar que o Presidente da campanha era de São Paulo, bem assim vários outros componentes das comissões, além do secretário estadual.

Logo foi elaborado um excelente manual com todos os planejamentos e detalhes de execução da campanha e foi estabelecido o critério de contribuição financeira. Uma grande parte do dinheiro vinha dos Batistas do Sul dos Estados Unidos, via Junta de Richmond, mas os Batistas Brasileiros contribuiriam também com boa soma.

Citamos este começo de modo geral, para dizer que, infelizmente, não dispomos de arquivos na Convenção que nos possam fornecer elementos para um relatório dos reflexos desta campanha em São Paulo. A única fonte que poderia nos fornecer esse material seriam os arquivos do Pr. Dr. Rubens Lopes, mas não pudemos nos dar este trabalho.

Evidentemente, a Campanha Nacional de Evangelização: Cristo, a Única Esperança, marcou o País inteiro com aquela placa metálica com um barquinho, e marcou também todo o nosso Estado. Esperamos que um dia possamos fornecer todos esses dados.

A CAMPANHA DE 1999
"Jesus Cristo é a Única Esperança"

A Campanha Nacional de Evangelização de 1999 não conseguiu o sucesso da de 1964. É que na anterior havia certas motivações que não havia nesta. Principalmente porque não houve o fator financeiro que houve na primeira. Na primeira, os Batistas do Sul dos Estados Unidos injetaram muito dinheiro, o que permitiu um trabalho publicitário gigante e muito material de propaganda. Também não houve uma estrutura, um consenso estratégico como houve em 1964. Por exemplo, não houve um manual tão bem elaborado como na campanha anterior.

Em São Paulo, a grande ênfase foi dada a Missões Estaduais. Na verdade, o ano foi dedicado a novas frentes missionárias. A Convenção ainda vivia os resultados dos 10 anos do Projeto de Adensamento e havia muito resultado ainda decorrente daquele Projeto.

Na Revista São Paulo Missões, o Pr. José Vieira Rocha, então Presidente da Convenção, falando da Campanha, enfatiza o fortalecimento de Igrejas, anunciando a existência de 190 Igrejas no Estado com menos de 50 membros na ocasião. No

mesmo artigo, o Pr. Vieira registra que somos 900 Igrejas e cerca de 330 frentes missionárias, com a atuação de mais de 1.300 pastores e esposas.

Na edição especial de O Batista Paulistano em Revista, o pr. Zacarias Ferreira Lima, então coordenador do COMEVAN fala da campanha como uma oportunidade de estimular as igrejas e os crentes a um despertamento espiritual na área da evangelização, e disponibiliza seu Departamento para assessorar as Igrejas na campanha, fornecendo material, principalmente.

Tendo militado em São Paulo naquele tempo, este autor teve oportunidade até de oferecer material e estratégias de sua autoria para a campanha em São Paulo, mas não havia estrutura para comportar nosso material. Sentimos que, a nível nacional, não houve muito planejamento.

A nível de Associações na Capital de São Paulo, houve algumas concentrações em ginásios de esportes, mas os resultados não foram animadores.

De qualquer maneira, os Batistas do Estado de São Paulo estavam envolvidos na evangelização.

Não conseguimos mais material sobre os resultados desta campanha no nosso Estado.

14

PROJETO DE ADENSAMENTO 1983-1992

"Assim, pois, as igrejas em toda a Judéia, e Galiléia e Samaria tinham paz, e eram edificadas, e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e consolação do Espírito Santo" (At. 9.31 –ERC).

Antecedentes

O Projeto de Adensamento foi a arrancada mais audaciosa e maravilhosa em que os Batistas do Estado de São Paulo se envolveram.

E antes de entrarmos na consideração do seu conteúdo, queremos nos reportar, ainda que brevemente, a alguns fatores antecedentes.

O Pr. Salovi Bernardo, o luminar principal desse Projeto, alista, em artigo em O Jornal Batista de 15-10-1982, esses antecedentes:

1. Em 1973, a Convenção aprovou uma filosofia de Missões Estaduais que, nos 6 anos subseqüentes, permitiu iniciar novos trabalhos em cerca de 150 municípios onde não havia trabalho Batista. Em 120 deles, o trabalho ficou a cargo das Igrejas. Os demais, a Junta Coordenadora arcou com o envio de missionários. A Junta Coordenadora também ofereceu vários tipos de suportes, como foi o caso de treinamento de leigos para dirigir Congregações, cursos de evangelização, reforço à Escola Bíblica Dominical, a criação de uma agenda denominacional, encontros de líderes, e outros expedientes.

2. O encontro de Associações, para intercâmbio de idéias, também dinamizou o crescimento do trabalho Batista em São Paulo.

3. Criação de Projetos. Nesse clima, foram elaborados alguns projetos. Citamos três:

a) Pladibesp, plano qüinqüenal (1979-1983), com o alvo estabelecido de organização de 150 novas Igrejas no período;

b) Projeto Piracicaba. Foi elaborado em convênio com a PIB de Piracicaba, com o propósito de organizar 6 novas Igrejas em seis anos (1980-1986). Em 1980, três Igrejas já haviam sido organizadas e estava a caminho a organização da quarta Igreja. Fato interessante é que todas as Igrejas estavam se desenvolvendo bem.

c) Campanha de Evangelização Urbana da Grande São Paulo (1980-1982). Começou com a cooperação dos irmãos americanos do Texas, da cidade de Houston. Esse projeto deu muito certo e abriu portas para outros grupos americanos, que nos ajudam até o presente momento.

Estes foram alguns dos esforços que serviram de patamar para que se elaborasse o Projeto de Adensamento, cuja "santa ambição" era organizar no período de 1983-1992, 1000 (mil) novas Igrejas.[90]

O que é o Projeto de Adensamento?

No I Congresso do Projeto de Adensamento da Obra Batista no Estado de São Paulo, o Pr. Salovi Bernardo assim expõe as linhas principais deste Projeto:

É um Projeto Resposta

O Projeto de Adensamento surgiu da necessidade de se encontrar resposta para a adequação do esforço missionário dos batistas de São Paulo com vistas a ganhar São Paulo para Cristo, diante do fenômeno da urbanização da população paulista.

Ele está voltado para a realidade gritantemente visível que é o crescimento dos grandes centros urbanos do Estado à partir da capital.

Para aquisição deste fato basta lembrar que em 1960 com a população de 12.974.699, São Paulo tinha 65% ou seja 8.433.554 pessoas na Zona Urbana, em 1970 com a população de 17.771.948, tinha 80,40%, ou seja 13.276.239 pessoas na Zona Urbana. Em 1980, o último censo, com a população de 25.036.171, tinha 22.190.947, ou seja 88,63% pessoas na Zona Urbana.

Se o povo está vindo para as grande cidades é claro que nosso esforço evangelístico deve priorizar essas cidades, embora não devamos descuidar dos municípios menores.

Além do fator crescimento das populações urbanas, contribuíram para a criação do Projeto de Adensamento as seguintes razões:

1) a necessidade de uma estratégia apropriada para alcançar toda a população e todos os lugares de São Paulo;

2) e o desejo de tornar mais relevantes a presença e o testemunho Batista em São Paulo, tanto no sentido quantitativo como qualitativo.

É uma resposta desafiante

Ao propor organizar 1.000 novas Igrejas Batistas em São Paulo em um decênio 1983 - 1992, o Projeto quase apresenta um desafio inalcançável.

Talvez nunca se tenha feito algo semelhante em toda a história do cristianismo. Talvez nem mesmo se tenha pensado nessa possibilidade.

Os batistas de São Paulo levaram 84 anos para organizar 533 Igrejas e agora desejam organizar 1.000 em dez anos.

Levaram 84 anos para terem nestas Igrejas cerca de 80.000 membros e agora querem ter mais 150.000 novos crentes em 10 anos!

A análise de alguns dos alvos do Projeto de Adensamento nos leva à conclusão de que ele é tremendamente desafiante.

Vejamos os alvos já definidos:

1º - 5.000 Novos Pontos de Pregação (Pontos de pregação , EBDs filiais, Núcleos de Estudo Bíblico)

2º - 2.000 novas Congregações;

3º - 1.000 novas Igrejas ;

4º - Batizar 150.000 novos crentes;

5º - Treinar 50.000 crentes para aplicar seus dons, tempo e recursos na realização dos programas do Projeto, inclusive fortalecimento das Igrejas existentes, tanto na área de evangelismo como de Educação Religiosa;

Busca um Compromisso novo

A leitura dos propósitos e dos alvos do Projeto revela que ele busca um novo compromisso do povo batista com Deus, com sua responsabilidade de proclamar o Evangelho e com a salvação do povo de São Paulo.

Trata-se de um compromisso tão amplo e tão profundo que almeja aumentar a presença batista em São Paulo por torná-la mais relevante tanto quanto ao número, quanto à qualidade.

O projeto quer 1.000 novas Igrejas, porém não se trata só de mil Igrejas, e sim de Igrejas auto-sustentadas e reprodutivas, isto é, responsáveis, bem organizadas, porque bem iniciadas, vem desenvolvidas e bem estruturadas na verdade bíblica.

Trata-se de realizar uma evangelização que produza discípulos e não somente usufrutuários de benção da salvação.

Pessoas comprometidas com o Salvador e treinadas para serví-lo e testemunhar "As virtudes daquele que os chamou das trevas para sua maravilhosa luz"(I Pe. 2.9) e formadores de novas Igrejas.

Exige uma estratégia eficiente e eficaz

O Projeto de Adensamento por sua abrangência exige a estratégia da descoberta da responsabilidade de evangelizar São Paulo: "porque fomos escolhidos, nomeados e enviados"para realizar esta obra (João 15.16);

A estratégia não aceita a palavra impossível, porque Deus proverá (Gn. 22.8) e para Deus nada é impossível (Lucas 1.37);

A estratégia da multiplicação dos recursos, pois o Senhor nos dá a ordem "Ide pregai" Marcos 16.15, e promete "eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos". Mt. 28.20.

A estratégia de crer que o trabalho que é realizado para Deus sempre prosperará e , por isso, deve ser realizado com firmeza, constância , abundância na certeza de que nosso trabalho para o Senhor não será vão - I Co 15.28.

Além disto, o documento "SUGESTÕES DE COMO INICIAR O PROJETO DE ADENSAMENTO", que está à disposição de todas as Igrejas, ajudará muito na execução de uma estratégia eficaz.

Neste mesmo Congresso, serão apresentados outros elementos componentes da estratégia do Projeto.

Mobilizar todo o povo de Deus

Creio que o grande segredo do Projeto é o seu alvo de treinar 50.000 crentes para o serviço cristão.

Quem quiser pensar em organizar 1.000 novas Igrejas tem obrigatoriamente que pensar em MIL , muitas vezes, e para muitas coisas, e, sobretudo, em milhares de líderes treinados que estarão servindo nas Igrejas iniciadoras de novas Igrejas e outros que estarão servindo nas novas Igrejas.

São mil Pastores, mil diretores de EBD, são milhares de professores de EBD, de Tesoureiros, Secretários, Diáconos, Dirigentes de Pontos de Pregação, de Congregações, Pregadores, etc.

Tal Projeto só poderá vingar se conseguir mobilizar todos os crentes para o serviço do Senhor e formar uma forte liderança cristã para atender os reclamos da ordem de Cristo.

A mobilização há de ser tão ampla que não dispensará ninguém, nenhum talento, nenhuma energia, nenhuma dedicação e nenhum recurso.

Exigirá também a mobilização da criatividade do nosso povo para descobrir meios e processos novos para superar as dificuldades que surgirem.

Levar o evangelho a todas as Pessoas em todos os lugares

O Projeto persegue o ideal de levar a Igreja para mais perto do povo. Onde o povo está, aí deve estar uma Igreja, não só no sentido do Templo, mas no sentido neo-testamentário da presença dos salvos, salvando outros.

Alcançar todos os bairros e Vilas das Cidades. Bairros que já existem, bairros e vilas que se formarão cada dia, mês e ano.

Trata-se da idéia de criar uma malha de evangelização tão ampla, de forma a permitir que todo o povo de São Paulo esteja ao alcance da voz e do testemunho dos salvos por Jesus Cristo.

Assim como o apóstolo Paulo e Silas foram acusados: "Estes que tem alvoroçado o mundo, chegaram também aqui", que se diga dos batistas de São Paulo, em todos os lugares: "Eles também estão aqui".

Este é o projeto de Adensamento.

Grande desafio? Claro que é, mas como disse Guilherme Carey "Esperai grandes de Deus, empreendei grandes coisas para Deus" (Artigo do Pr. Salovi Bernardo, apresentado no I Congresso de Adensamento).

Os resultados a curto e a longo prazo

Às vésperas da comemoração do Centenário da nossa Convenção, o Pr. Salovi Bernardo, em artigo na Edição Especial de O Batista Paulistano (Junho de 2004), analisa os resultados do Projeto de Adensamento, onze anos depois, cujos dados principais alistamos abaixo:

1. Em 29 de março de 1993, em reunião solene na PIB da Penha foi realizado culto de gratidão a Deus pela realização do Projeto de Adensamento e para marcar o seu encerramento. Presentes, lideranças Batistas do Estado, das Associações e da Convenção Batista da Carolina do Norte dos Estados Unidos, centenas de representantes de Igrejas e, o que é mais marcante, representantes de Igrejas organizadas durante a execução do Projeto.

2. O alvo de 1.000 igrejas organizadas não foi atingido. Na verdade, foram organizadas apenas 262 Igrejas e criadas 350 congregações. Mas o esforço, o treinamento, o fortalecimento do povo de Deus pode ser considerado uma grande vitória.

3. Hoje, cerca de mais 200 Igrejas foram organizadas daquelas 350 congregações.

4. Alguns efeitos positivos do Projeto, a despeito de não ter alcançado um dos alvos principais, podem ser assim resumidos:

a) Uma revolução com estratégia e metodologia de trabalho. O povo de Deus aprendeu a trabalhar com mais inteligência e organização, o que não exclui o trabalho do Espírito Santo de Deus;

b) O povo de Deus acostumou-se a trabalhar com treinamento. No mundo de hoje, o povo precisa ser treinado;

c) Houve uma grande mobilização do elemento leigo de nossas Igrejas, e isso formou uma grande "bola de neve", que não para de aumentar;

d) As Associações de Igrejas Batistas também aprenderam a trabalhar com planejamento, treinamento e projetos

e) As organizações, como União Feminina Missionária, União Masculina Missionária, Juventude e outras, igualmente entraram no "bolo" desse despertamento para o trabalho organizado;

f) O Acampamento Batista de Sumaré foi transformado em Centro de Treinamento, com excelentes resultados

g) Os NEBs. Núcleos de Estudos Bíblicos nos Lares também despertaram o povo de Deus para o uso da Bíblia para a Evangelização.

Realmente, até hoje podemos sentir os resultados diretos e indiretos desse grande projeto. Deus seja louvado!

15

UNIÃO FEMININA MISSIONÁRIA

"Depois disso Jesus ia passando pelas cidades e povoados proclamando as boas novas do Reino de Deus. Os doze estavam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, de quem haviam saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, administrador da casa de Herodes; Suzana e muitas outras. Essas mulheres ajudavam a sustentá-los com os seus bens" (Lc. 8.1-3 –NVI).

As senhoras sempre fizeram o seu trabalho nas Igrejas locais, o que já vinha acontecendo nas primeiras igrejas organizadas nas diversas partes do País. Temos notícia de que, desde a fundação da Primeira Igreja Batista de São Paulo, em 06 de julho de 1899, as senhoras se reuniam para o seu trabalho. Mesmo porque as esposas dos missionários já traziam o modelo dos Batistas do Sul dos Estados Unidos, onde já havia uma União Feminina Missionária bastante operosa.

Só de passagem, lembremos que a primeira Sociedade Feminina Missionária surgiu no Brasil em Niteroi, em 9 de agosto de 1893, por iniciativa de D. Emma Morton Ginsburg, esposa do Missionário Salomão Ginsburg, e ela foi a primeira presidente, seguida de Maria Nascimento Trigueira, vice-Presidente; Isabel Costa, 1a. Secretária; e Sarah Freitas, 2a. Secretária. Note-se que isto aconteceu mesmo antes de ter surgido a Convenção Batista Brasileira.[91]

Mas, no sentido estadual, a organização teve início em 12 de outubro de 1906, nas dependências da Primeira Igreja Batista de São Paulo. Segundo se sabe, desde aquela época elas não deixaram de existir como organização denominacional.

Infelizmente faltam fontes, como por exemplo livros de atas desde o começo, para uma informação mais detalhada. Estamos nos louvando em trabalho feito pela irmã Ilona Lívia Petertevitz Tikerpe, publicado na edição especial de o Batista

Paulistano, mês de Junho de 2004, página 81, que apresenta alguns destaques em determinados períodos da história desta nossa importante organização.

1922 – Neste ano as senhoras reuniram-se em 25 de janeiro e elegeram uma diretoria para o âmbito geral, que foi a seguinte: Presidente – Ida Ricardo Meyer, Vice-Precidente – Arethusa Botelho, Secretária/Tesoureira – Almerinda Buenos, Secret´ria Correspondente – Maria Augusta da Silva (conhecida por D. Lica). Por este tempo, nas igrejas locais havia 11 sociedades no Estado e elas apenas se reuniam durante as Assembléias Convencionais e davam um relatório de suas atividades, mas ainda não havia um caráter de Assembléia.

1928 – Nesta ocasião, a assim chamada Sociedade de Senhoras do Campo Paulistano, passa a ser um departamento da Convenção Estadual e a realizar suas Assembléias Anuais, passando a se chamar: Convenção das Senhoras do Campo Paulistano. Essa primeira Assembléia deu-se no templo da Igreja Evangélica Batista de Campinas, e foi eleita a seguinte diretoria: Presidente – Arethusa Botelho, Secretária – Raquel Leite, Secretária Correspondente – Maria Augusta da Silva. Compareceram representantes de 7 igrejas do Campo Paulistano.

1938 – Mais um passo dá esta organização, elegendo a irmã Ignácia Coelho como líder das moças e crianças. Também foi levantada por elas uma oferta missionária para os missionários em Portugal, dentre eles, o casal Gobira.

1940 – Assembléia realizada em Bauru, com a presença de 60 pessoas: 40 senhoras, 17 moças e 3 representantes da sociedade de crianças. Outros fatos importantes dessa Assembléia: 1) Foi concedido o título honorário de Secretária de Correspondências à irmã Maria Augusta Silva (D. Lica); 2) A irmã Nadir Lessa inicia seu trabalho de itinerância entre as Igrejas da Capital Paulista. Ela foi a primeira presidente do Departamento Feminino da Associação da Capital. Alguns anos mais tarde essa irmã contraiu núpcias com o Pr. Enéas Tognini e passou a se chamar Nadir Lessa Tognini.

1942 – Neste ano destacam-se as seguintes notícias: 1) A pedido do Pr. Djalma Cunha, reitor do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro, as senhoras levantam a importância de 591$000 (quinhentos e noventa e um mil réis) para a aquisição de um piano para o Seminário. 2) Outra oferta levantada: (um conto e quatrocentos mil réis) para Missões Estrangeiras. 3) Finalmente, no mesmo ano foi levantada a oferta de 500$000 (quinhentos mil réis) para Missões Nacionais.

No mesmo ano, as senhoras começaram a usar o chamado "Padrão de Excelência" e o Manual de Senhoras, que muito ajudou ao trabalho feminino no Estado de São Paulo.

1943 – Neste ano também o destaque é para esforços financeiros. Foi levantada uma oferta para Educação Feminina, que alcançou a quantia de (um conto e cento e cinqüenta e três mil réis). Igualmente, foi realizada uma festa em 22 de junho de 1943, para adquirir fundos para a aquisição do mobiliário da Escola de Obreiras, na cidade do Rio de Janeiro.

A nota triste é que neste ano foi anunciado o falecimento da missionária americana D. Anne Luther Bagby, nos Estados Unidos, grande pioneira da obra de Evangelização e Educação no Brasil, principalmente no nosso Estado.

1944 – Neste ano, são registrados os seguintes acontecimentos principais: 1) Assembléia Anual realizada em 17-01, no templo da Igreja Evangélica Batista da Liberdade, na Capital de São Paulo, SP, com a presença de 33 sociedades representadas; 2) Começa o Lar Batista de Crianças, em Mogi das Cruzes, SP. Seus primeiros diretores foram: Pr. Antonio Lopes Silveira e sua esposa, D. Olinda Silveira Lopes. O nome inicial foi: "Abrigo de Mogi das Cruzes".

1946 – Neste ano registram-se dois fatos importantes: D. Olinda Silveira Lopes é eleita redatora da Página de Senhoras no Jornal "O Batista Paulistano", função que vai exercer até 1949. Outro fato importante foi a visita ao campo Paulistano das irmãs Ester Silva Dias, Presidente da União Geral de Senhoras do Brasil e de Miss Lou Landrum, missionária americana, e Secretária Correspondente e Tesoureira da União Geral de Senhoras do Brasil.

1950 – Os registros guardam apenas a notícia da visita, ao campo Paulistano, de Miss Minnie Lou Lanier, Secretária da União Geral de Senhoras Batistas do Brasil.

1951 – Neste ano, os registros constam apenas a visita de D. Ester Silva Dias ao campo Paulistano, trazendo palavras de encorajamento.

1952 – O destaque deste ano é o surgimento da organização Mensageiras do Rei, sob a orientação da União Geral de Senhoras Batistas do Brasil.

1953 – Na Assembléia Geral deste ano, registram-se a presença de 29 represetações de Sociedades de Senhoras, de 49 Mensageiras do Rei e 5 Sociedades de Moças.

1954 – Neste ano, a organização Mensageiras do Rei amplia seu trabalho a nível Estadual e é eleita a irmã Geny Miscolti, a primeira líder Estadual para o Campo Paulistano.

1955 – A nota principal deste ano é o trabalho da missionária norte-americana Ruby Davis instruindo líderes das crianças do Campo Paulistano sobre o funcionamento do Rol de Bebês.

1958 – A Assembléia deste ano contou com a presença de 86 Sociedades de Crianças, 33 Sociedades de Moças e a representação geral foi de 205 senhoras e 8 moças.

1963 – Neste ano é organizada a Casa Batista da Amizade, na cidade de São Paulo, sob a orientação de Miss Letha Saunders.

1966 – A irmã Gláucia Curvacho Peticov passa a ser a redatora do Boletim Informativo do Departamento de Senhoras do nosso Estado.

1967 – É fundado o recanto dos Avós pelas Senhoras Batistas da Capital de São Paulo, tendo à frente do empreendimento a irmã Zita Paulina Fenley Botelho. O nome oficial ficou: Recanto dos Avós e Associação de Fé Batista (ASFEB).

1969 – Dois fatos importantes neste ano: É realizado no Colégio Batista Brasileiro, de 31-05 a 01-6, o Primeiro Congresso para Sociedade de Moças. Também foi

elaborado o primeiro Regimento Interno do Departamento Feminino Missionário da Junta Executiva da Convenção Batista Paulistana, cuja relatora da Comissão foi a irmã Ilona Lívia Peterlevtiz Tikerpe.

1974 – Apenas um registro: realizado o Primeiro Simpósio de Liderança, na cidade de Santos, SP, tendo como coordenadora do evento a irmã Ilona Lívia Peterlevtz Tikerpe.

1979 – Registra-se neste ano a aprovação do primeiro Estatuto da União Feminina do Estado de São Paulo. Também foram homenageadas as primeiras Mensageiras do Rei – Rainhas Regentes em Serviço no Estado de São Paulo. Eram elas: Márcia Lacerda e Marilda Quaresma. A líder Estadual na época era a irmã Aparecida Costa Lima Ezaledo.

1980 – A Assembléia Anual contou com a presença de 275 mensageiras, representando 90 Igrejas no Estado. No dia 17-12, a nossa União Feminina Missionária do Estado de São Paulo tornou-se pessoa jurídica. Também foi realizado neste ano o Primeiro Congresso Missionário da União Feminina do Estado com grande êxito.

1982 – Foi realizado um grande congresso em comemoração ao Centenário da União Feminina Missionária Batista do Brasil.

1983 – O registro da participação nas comemorações do Jubileu de Diamante da UFMBB na cidade do Rio de Janeiro. Também foi realizada a primeira Feira do Coração em prol do Lar Batista de Crianças, com grande participação das Sociedades.

1984 – Neste ano registram-se dois intercâmbios importantes. As senhoras do nosso Estado fazem intercâmbio com as Sociedades do Estado do Espírito Santo, e as Sociedades de Moças com as do Estado do Paraná.

1989 – Três registros: 1) É elaborado o Caderno de Planejamento para as UFMB das Associações; 2) Realizados acampamentos de âmbito estadual para as Sociedades Femininas, Sociedades de Moças, Mensageiras do Rei e Sociedade de Crianças; 3) Comemorado o Jubileu de Safira (45 anos) da organização Mensageiras do Rei.

1990 – O destaque deste ano foi a hospedagem da UFMBB no seu 3o. Congresso Nacional, na sede das Faculdades Integradas de Guarulhos, nos dias de 6 a 8 de setembro. A participação aproximada foi de 1000 senhoras, vindas de todo o Brasil.

1991 – Neste ano foi estabelecido convênio com a Secretaria da Família do Bem Estar Social (órgão da Prefeitura de São Paulo – FABES) – no sentido de ajudar a Creche Casa Batista da Amizade, com 75 crianças matriculadas na faixa etária de 0 a 6 anos.

1993 – Hospedagem da UFMBB em Assembléia Anual, no dia 20 de janeiro, no Ginásio "Mauro Pinheiro", Parque Ibirapuera, São Paulo. A participação foi de mais de 1000 senhoras, de várias partes de todo o Brasil.

1995 – A UFMBESP se fez representar por uma delegação de 110 mulheres brasileiras na Aliança Batista Mundial, realizada em janeiro de 1996, em Buenos Aires, Argentina.

1997 – Neste ano a UFMBESP transferiu todos os bens móveis e imóveis e também a administração da Creche Casa Batista da Amizade, para o Lar Batista de Crianças, administrado pela irmã Esther Ferreira Purens. Outro fato importante desse ano: uma delegação de 52 mulheres comparece ao VI Congresso da UFMBB, realizado nos dias 11 a 14 de setembro, no Hotel Tropical em Manaus, Amazonas.

1998 – O fato mais importante deste ano foi a hospedagem, pela nossa UFMBESP das Uniões Femininas Missionárias Batistas da América Latina, em seu congresso realizado nos dias 4 a 7 de setembro, no Hotel Fazenda "Vale do Sol", na Cidade de Serra Negra, SP. Participaram do evento cerca de 501 senhoras, sendo 309 brasileiras.

1999 – Fatos principais deste ano: 1) Hospedagem da Assembléia Anual, realizada no dia 21 de setembro, na cidade de Serra Negra, SP, com a participação aproximada de 2000 senhoras, vindas de todo o Brasil. 2) Comemoração do Jubileu de Ouro das Mensageiras do Rei no Brasil. Contaram com a participação de um grande coral composto por 450 Mensageiras do Rei, sendo 350 de São Paulo, 100 dos Estados: Rio de Janeiro, Paraná, Bahia e Espírito Santo. A líder das MR do Estado de São Paulo na ocasião era a irmã Rosemary Cavalcanti Pereira.

2000 – 3º milênio. Fato principal: Participação do Congresso Nacional para Jovens Cristãs em Ação nos dias 3 a 6 de agosto, em Belo Horizonte, MG. A presidente era a irmã Débora Silva Lins e Silva e a presidente da Comissão Executiva a irmão Mércia Neto Madeira e Silva, sendo Secretária Geral desde 1992, a irmã Izoleide Matilde de Souza.

2001 – Com a presença de 2500 pessoas, foi eleita Presidente da UFMBESP e da Comissão Executiva a irmão Mércia Neto Madeira e Silva, em Assembléia realizada em São José dos Campos. Neste mesmo ano foram realizados vários eventos que, no entanto, por estarem bem perto de nós, não transcreveremos neste trabalho.

2002 - A Assembléia Anual foi realizada em 27 de julho na Igreja Batista Água Branca, sendo reeleita a diretoria do ano anterior. O evento contou com a participação de 3000 mulheres. No mesmo ano foi realizado o congresso estadual, na PIB do Brás, com a presença de 1000 mulheres. A participação especial foi da missionária de Missões Mundiais, a irmã Márcia Venturini. Outra vez foram realizados vários outros eventos importantes. Sobretudo, foi comemorado o centenário da Organização Amigos de Missões.

2003 – Na assembléia realizada na cidade de Santos, no Clube Caiçara , foi reeleita como presidente a irmã Mércia Neto Madeira e Silva, em 26 de julho. O tema foi: Igrejas Fiéis no Mundo de Hoje. Mais uma vez, vários eventos foram realizados durante este ano, dentre eles, a participação no Congresso da União Feminina Batista da América Latina, realizado na Cidade de Santiago, Chile, nos dias 28 a 31 de outubro, no Centro de Convenções Diego Portales. Na ocasião, uma linda apoteose foi apresentada sob a coordenação da nossa Presidente Estadual, irmã Mércia Neto Madeira e Silva e o grupo componente foi das irmãs de São Paulo.

2004 – Durante a 96a. Assembléia da Convenção Batista do Estado de São Paulo, realizada na cidade de Atibaia, na sede da Primeira Igreja Batista, as irmãs reunidas no sábado, dia 31, simplesmente saturaram o ambiente com centenas e

centenas de mensageiras. Oficialmente foram inscritas 1.200 mensageiras de várias regiões do Estado, representando 32 Associações, mas calcula-se que havia mais de 2000 senhoras presentes. Tornou-se totalmente impossível a inscrição de todas as mensageiras por falta de material. Os ônibus que as traziam de várias partes do Estado, em número de 58, congestionaram parte da Rodovia Fernão Dias e a entrada da Cidade de Atibaia.

Diretoria 2004

A nova Diretoria ficou assim constituída:
Presidente: Débora Silva Lins e Silva (Leste da Capital);
1ª Vice-Presidente: Ruth Tomas Cruz (Abamsul);
2ª Vice-Presidente: Rita de Cássia Andrade (Litoral Paulista);
3ª Vice-Presidente: Lindaura Lopes Pelegrini (Guarulhos e Adjacências);
1ª Secretária: Luci Lopes (Nordeste da Capital);
2ª Secretária: Rosemary Soares Crus (Jundiaí e Região);
3ª Secretária: Edilza Ribeiro dos Santos Emiliano;
4ª Secretária: Noemia Gomes Barbeiro (Nordeste da Capital).
A irmã Izoneide Matilde de Souza é a atual Diretora Executiva da UFMMESP.

16

UNIÃO MASCULINA MISSIONÁRIA

"Então o anjo do Senhor lhe apareceu, e lhe disse: O Senhor é contigo, varão valoroso" (Jz. 6.12 – ERC).

Os primeiros esforços para a formação da União Masculina Missionária começaram em 1960 quando, no Brasil Batista se começava a arregimentar os homens para o seu trabalho. A Convenção Batista do Estado de São Paulo designou um grupo de homens que pudessem organizar a União Masculina Missionária. O Secretário Executivo da Convenção na época, Pr. Salovi Bernardo, convidou o Missionário Will Morr, da Missão Conservadora e que cooperava com a nossa Convenção para um programa de arregimentação do homem Batista do Estado de São Paulo. Para os entendimentos e expedientes iniciais foram convidados os seguintes irmãos: Victoriano Cid Filho, Dirceu Cunha, José Silas Portieri, Rolands Sture, Paulo Alves Ferreira, Abner Cerqueira, Antenor Slonson e outros nomes que não foram registrados.

Depois de vários estudos, foi realizado um 1º Congresso, em 1974, nas dependências da Primeira Igreja Batista de São Paulo. Veio o 2º Congresso em 1978, na Igreja Batista em Vila Mariana e o 3º Congresso, em 1980, realizou-se na Igreja Batista Mauá.

Esses congressos, naturalmente, constituíam uma forma inicial de arregimentação e despertamento do homem batista o que, aos nossos olhos hoje pareceu bastante vagaroso.

A União Masculina Missionária do Estado de São Paulo só vai ser oficialmente organizada em 1982, ocasião em que foi eleita sua primeira Diretoria, que ficou assim constituída: Presidente: José Silas Portieri; lºVice Presidente: Dr. Dirceu Cunha; 2º

Vice Presidente: Pr. Elias Veloso do Carmo; 1º Secretário: Rolands Sture; 2º Secretário: Jonatas Gonçalves Capela.

A primeira Comissão Executiva da UMMESP ficou assim constituída: Dr. Dirceu Cunha, Silas Portieri, Nicolau Serviuc Filho, Cilas Alves, Eliezer Soares da Rocha, Gideon Nogueira, Pr. Elias Veloso do Carmo, Jonatas Gonçalves Capela e Rolands Sture. Na suplência: Deralci José dos Santos e Edwin Kivits.

De 1982, quando foi organizada, até o presente momento, a UMMESP teve a liderança dos seguintes Presidentes:

1982 a 1984 – José Silas Portiere (Hoje, pastor);

1984 a 1985 – Antenor Slonson (Hoje, pastor);

1985 a 1986 – Luiz Araújo Silva;

1986 a 1987 – Dr. Victorano Cid Filho

1987 – Dr. Dirceu Cunha foi eleito mas não tomou posse em virtude de ter assumido a função de 3o. secretário da CBESP;

1987 a 1991 – Silas Reinaldo da Costo

1991 a 1996 – Dr. Victoriano Cid Filho;

1996 a 1999 – Cilas Alves;

1999 a 2000 – Dr. Victoriano Cid Filho

2000 a 2002 – Cilas Alves;

2002 a 2004 – Adão Satgil da Silva

Dos grandes cooperadores com a nossa organização, destacamos alguns nomes que se tornaram pastores: Paulo Alves Ferreira, Abner Cerqueira, Eurico Zeedonis Strauss, Antenor Slonso, José Silas Portieri, Regino da Silva Nogueira, Paulo Roberto Moraes de Arruda e Moacyr Tang.

Homens que se destacaram no trabalho dos Embaixadores do Rei, organização que pertence à UMMESP: Alexandre Silage, Moisés Moura, Pr. Valdeci Alves e Saulo Roberto Pazini.

Diretoria 2004

Reunida em Atibaia, em julho de 2004, por ocasião da sua 22a. Assembléia anual, a UMMESP elegeu a seguinte diretoria, a última deste primeiro centenário: Presidente: Ezequiel Brás; Vice-Presidente: Cilas Alves; Primeiro Secretário: Jorge Luiz de Albuquerque; Segundo Secretário: Luiz Paixão; Primeiro Tesoureiro: Alberto Alves Filho; Segundo Tesoureiro: Railton Souza Carvalho

O Pr. Moacyr Tang é o atual Diretor Executivo da organização.

17

JUVENTUDE BATISTA

"...Jovens, eu lhes escrevo porque venceram o Maligno"
(1 Jo. 2.13b – NVI).

Segundo documento que nos foi passado pelo atual Presidente da Juventude Batista do Estado de São Paulo – JUBESP, ela teve seu início nos idos de 1919, mas não com esta sigla e sim como "Mocidade Baptista Paulista". Do dia e do mês não temos registro, mas do ano, temos. Estas informações estão contidas na Circular da Junta da Convenção das Uniões de Mocidade Baptista do Estado de São Paulo. Circular que foi veiculada pelo Jornal Batista.

Parece que por esse tempo, a Juventude não tinha sua Junta, mas era liderada pela Junta da Convenção Estadual.

Em 1921, circularam instruções para uma grande "Convenção" que aconteceria em Nova Odessa, o que ocorreu nos dias 13 e 14 de maio daquele ano. Essa programação foi grandiosa.

Para que se tenha uma idéia do fervor da juventude daqueles dias e do seu entusiasmo, transcrevemos algumas informações preparatórias para essa "convenção" em Nova Odessa:

"INFORMAÇÕES: 1 – Cada União deve escolher os seus mensageiros, que representem a sua União nas reuniões da Convenção e o secretario de cada União deve preparar a credencial, que apresente os nomes escolhidos á Convenção, que não deverão passar de 10 (dez). Isto não quer dizer, que so os mensageiros deverão ir á Convenção. De modo nenhum! Elles sómente representarão a União officalmente, mas todos os socios pódem e devem representar a sua União pessoalmente.

2 – Todos devem fazer o maximo esforço, para estarem presentes na primeira reunião da Convenção, no arrolamento dos mensageiros, para que os trabalhos convencionaes não soffram qualquer contratempo.

3 – Todas as Uniões devem avisar, o mais tardar, até o dia 06 de maio, o numero dos mensageiros que pretendem ir e a hora da partida do trem com que tencionam vir, ao seguinte endereço: - João Sprogis – Caixa Postal 12 – Nova Odessa, (linha Paulista). Este aviso é absolutamente indispensavel, sem o que, a U. M. B. de Nova Odessa, não se responsabilizará pela hospedagem, nem pela conducção.

4 – Todos devem ir á Convenção, munidos de boas ideas e dispostos a trabalhar. Ninguem deve pensar em gastar o tempo em passeios ou de outra qualquer maneira.

5 – Quem não fôr á Convenção, perderá grandes bençãos!

"Mãos ao trabalho, jovens, Vae já passando o alvor!"

Até á vista, na Convenção, brava mocidade Baptista Paulistana!".[92]

É muito gratificante ver como era entusiasmada a nossa Juventude já naquele tempo. Notem que este é um programa de 1921.

Outro dado curioso desse tempo é o programa daquela Convenção em Nova Odessa. Vejam o programa, cujo conteúdo transcrevemos na íntegra, até mesmo com a ortografia da época:

Programa da 3ª Convenção das U. M. B. do Estado de São Paulo, a realizar-se em Nova Odessa, nos dias 13 e 14 de maio de 1921

13 DE MAIO
A's 14,00 horas – Abertura da Convenção
A's 15,15 " " – Boas vindas aos mensageiros – por Ernesto Sprogis
- Resposta – Por José Escobar Bueno.
A's 14,30 " " - Chamada dos mensageiros (eleiçãoda directoria?)
A's 14,50 " " - Creação e nomeação de Comissões.
- Pequenos discursos de mensageiros e visitantes.
A's 19,00 " " - Diuscurso offical – por Silas Botelho ou – na sua falta, por Gabriel Motta (novo evangelista no Campo).
A's 20,00 " " – A moça christã, seus objectivos e a sua preparação – por D. Alice Bagby.
A's 20,30 " " – O valor da U. M. B. para o Unionista, para a Egreja e para a Patria – por Juvenal Ricardo.

14 DE MAIO
A's 8,00 horas – Culto devocioanl (Alguem da U.M.B. Santos).
A's 8,15 " " - O problema social do moço e a missão da U.M.B. em relação aos males sociaes – por João Diener.

A's 8,45 " " - O problema mental do moço, sua importancia, seus factores e a sua solução na U.M.B. – por José Escobar Bueno.
A's 9,15 " " – A evangelização do Estado de S. Paulo, e a sua relação com a mocidade baptista – por André Leekning.
A's 14,00 " " – Culto devocioanl – (Alguem da U.M.B. – de Nova Odessa).
A's 14,15 " " – Como tomar interessantes e proveitosas as reuniões espirituaes da U.M.B - por D. Olga Strehlneek.
A's 14,45 " " - Relatorios das diversas Commissões e discussão de pareceres (pelas Commissões nomeadas).
- Relatorio do Secr. Corresp. Com algumas suggestões para o futuro.
A's 19,00 " " - Palestra intima com os moços – por Sebastião de Souza. Palestra intima com as moças – por Alice Bagby.
A's 19,30 " " - A Grande Campanha da U.M.B., seus objectivos e como realizal-os – por F. M. Edwards.
A's 20,15 " " – A mensagem dos Baptistas para o Brasil e a sua relação com a mocidade – por Sebastião de Souza.
A's 21,00 " " - Ultimos negocios e encerramento

Naturalmente o leitor nota que estamos transcrevendo todo este material como aparece originalmente, na ortografia daquela época. Isto é história.

A atual liderança da Juventude declara, num dos relatórios prestados à Denominação, que "Nestes 65 anos de existência, a JUBESP esteve calcada na Palavra de Deus, na Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, no Pacto das Igrejas Batistas e também vinculada à Filosofia da Convenção Batista do Estado de São Paulo" Em 1999 a organização contava com 60 mil jovens batistas em todo o Estado.[93]

De um documento especial enviado pelo atual Presidente a este autor, transcrevemos o seguinte:

"Hoje temos resgatado esta alegria, que os irmãos no início do Século passado (XX), tiveram em servir ao Senhor Jesus. Regozijo que faz da atual diretoria, pessoas vibrantes em servir ao Mestre, no departamento de juventude, da Convenção Batista do Estado de São Paulo.

O momento atual é de estreitar relacionamento através das Estações Jubesp, onde há uma festa celebrativa ao Senhor Jesus em determinada região do Estado de São Paulo; fortalecer a nossa liderança através do treinamento de líderes, onde a liderança da Jubas apresentam suas necessidades locais e a Jubesp leva o material humano, prático e escrito; e proclamar o nome do Mestre Jesus, para os jovens que ainda não se arrependeram e o aceitaram, sendo que tais estão indo para casa do nosso inimigo. Está é a Missão da Jubesp: Treinar, integrar e Programar.

E temos sonhado em ver uma Juventude vibrante e apaixonada em servir ao Criador do universo. Sonhado com uma mocidade envolvida com os trabalhos sociais de sua Igreja, de sua comunidade, onde ele transmite o amor de Deus e de sua

denominação. Sonhado com uma Jubesp – os Jovens Batistas do Estado de São Paulo – sendo referencial de vida cristã e de caráter ilibado no Brasil e no mundo”.[94]

A Deus toda honra e toda glória.

Diretoria de 2004/2005 eleita em Atibaia:

Presidente: Daniel de Andrade Vieira
1º Vice-Presidente: Pastor Josué Salustiano da Costa;
2º Vice-Presiidente: Elias Bernardo Brito Júnior;
1ª Secretária: Helenice Balbina Ladislau dos Santos;
2ª Secretária: Kelly Divaine Braz;
1º Tesoureiro: Mário sérgio Cliquet;
2º Tesoureiro: Moisés Macedo Cavalhar.

18

ACAMPAMENTO BATISTA DE SUMARÉ

"Os apóstolos reuniram-se a Jesus e lhe relataram tudo o que tinham feito e ensinado. Havia muita gente indo e vindo, ao ponto de eles não terem tempo para comer. Jesus lhes disse: "venham comigo para um lugar deserto e descansem um pouco" (Mc. 6.30-31 – NVI).

O acampamento oficial dos Batistas do Estado de São Paulo, conhecido como "Acampamento Batista de Sumaré", na verdade é o Acampamento Batista Mary Elizabeth Vaughan. Como o nome é de difícil pronúncia para a maioria das pessoas, vamos chamá-lo de Acampamento Batista de Sumaré.

Foi oferecido pela irmã Mary Elizabeth Vaughan. A Junta Executiva, depois de vários estudos, optou por aceitar o oferecimento, cuja doação efetivou-se em Escritura de 10 outubro de 1959. O objetivo da doação era para treinamento e reciclagem de obreiros, retiros espirituais, recreação do povo de Deus, e outras atividades afins. A doação foi feita com "cláusula restritiva", isto é, somente para esses fins.

A gleba é de 5 alqueires paulistas, distante 1,5 km da cidade de Sumaré e 120 km de São Paulo. A área faz divisa com uma linda represa, onde se pode pescar e andar de barco, mas não havia nenhum melhoramento mais, nem mesmo árvores.

A primeira iniciativa de construção tomada pela Junta veio no início do ano seguinte, 1960, o que foi efetivado graças a uma oferta generosa vinda da outra América. Sob a supervisão do Pr. Bill Clinton e tendo como mestre de obras o irmão Demétrio Chepuck, a obra prosseguiu rapidamente e em agosto já estava sendo inaugurado o primeiro dormitório com um culto de ação de graças. A esta primeira celebração estiveram presentes, dentre outros ilustres obreiros, os pastores Bill Clinton, Luiz Rizzaro, Paulo C. Porter e Raini R. Peterlevitz, além de membros da igreja Batista local, pedreiros e vizinhos.

Em fins de 1960 foi criado o Departamento de Acampamentos e o Pastor Harold E. Renfrow foi escolhido para ser o seu Diretor. Durante sua gestão foi concluído o refeitório e quase terminou o outro prédio de 12 apartamentos.

Em janeiro de 1961 foi realizado o primeiro retiro espiritual, que foi feito pelas Mensageiras do Rei. As condições, naturalmente, ainda eram precárias.

Logo começaram os retiros dos pastores. Fotos daquele tempo, arquivadas na secretaria do acampamento mostram quadros muito interessantes. Em 1961, quando o dormitório não tinha nem água, nem piso pronto, nem janelas, aparecem pastores num sol escaldante, sem sombra, todos de paletó e gravata. Neste primeiro retiro de pastores, as reuniões são feitas debaixo de um grande rancho coberto de sapê.

Em fins de 1961 o pastor Renfrow retirou-se da direção para outros trabalhos e a irmã Mary E. Vaughan, a doadora da terra, assumiu interinamente a direção do acampamento.

Em fevereiro de 1962 assumiu a direção do acampamento o Pr. Raini R. Peterlevitz, então pastor da Igreja Batista em Sumaré. Durante esse ano foram realizados alguns retiros. Dentre eles, o das Mensageiras do Rei, com 120 participantes. Logo em fevereiro, vieram os Embaixadores do Rei. No carnaval foi realizado um retiro com as Uniões de Mocidade das Igrejas Batistas: da Liberdade, Primeira de São Paulo e Central de Campinas.

A primeira piscina, funcionando sem tratamento e bem rústica, apareceu em 1962.

Outra vez, fotos arquivadas na secretaria registram no verso informações sobre o retiro de pastores do ano de 1963, já com 108 pastores.

No único folheto informativo, de onde extraímos estes dados, preparado pelo Pr. Raini R. Peterlevitz, feito, portanto, no início da década de 60, o acampamento possuía um dormitório, uma casa de professores, um amplo refeitório, um prédio de 12 apartamentos, banheiros internos nos prédios, uma casa de zelador, água em todos os prédios e luz elétrica. A capacidade era para hospedar 130 pessoas.

Não temos registros de todos os anos do acampamento.

No decênio de 1972 a 1982, foi diretor o nosso querido missionário da outra América, Pr. Daniel Burt e sua esposa.

No período do Projeto de Adensamento da Convenção Batista do Estado de São Paulo (1983-1992), o acampamento praticamente foi transformado em centro de treinamento e foi largamente usado para esse fim, com excelentes resultados.

A partir de 1995, o acampamento foi reformado, recebendo: novos alojamentos, reforma geral da piscina com tratamento profissional e tamanho bem maior, construção de um campo de futebol gramado, cercado e iluminado, perfuração de um poço artesiano com capacidade para 20.000 litros/hora, o que resolveu de uma vez o problema da falta d'água; aumento da capela, capacidade para 450 pessoas sentadas; dois anexos no refeitório com a cozinha auxiliar (aberta); instalações elétricas modernas e vários banheiros externos. Continua em boas condições de uso uma segunda capela, para 80 pessoas.

O espaço para refeições, dividido em dois segmentos como já mencionamos, tem uma parte coberta, com capacidade para 180 pessoas. O espaço aberto comporta, confortavelmente, 200 pessoas.

Ao longo desses anos, o acampamento foi totalmente arborizado e gramado. Mas o tempo passou e as árvores alcançaram seu tempo limite de vida. Aconselhados por especialistas, os administradores do acampamento estão procedendo a substituição das atuais árvores por outras, o que está sendo feito dentro de uma especificação mais adequada.

Os arredores do acampamento estão sendo urbanizados, com a construção de condomínios fechados, o que ensejou o asfaltamento de boa parte da estrada de acesso. Surgiu, em dado momento, um temor de que a área do acampamento seria declarada urbana, o que aumentaria consideravelmente o valor do imposto, que passaria a ser urbano (IPTU), perdendo a categoria rural. No entanto, soube-se depois que o acampamento está protegido por legislação ambiental, pois faz divisa com manancial de águas.

A capacidade atual para hospedagem no acampamento é de 360 pessoas.

Em agosto de 2004, o irmão José Rubens Dantas exonerou-se do seu cargo de Diretor, que vinha exercendo desde 1995, tendo assumido o seu lugar o Pr. Nelson Leomar Gehwer.

19

ENTIDADES DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

"Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, especialmente aos da família da fé" (Gl. 6.10 – NVI).

Entidades com pessoa jurídica independente da CBESP

Lar Batista de Crianças

O Lar Batista de Crianças, segundo relatório da União Feminina Missionária do Estado de São Paulo, foi criado em 1944, em Mogi das Cruzes, com o nome de "Abrigo de Mogi das Cruzes. Seus primeiros Diretores foram: Pr. Antonio Lopes Silveira e sua esposa, D. Olinda Silveira Lopes.

Desde então, o Lar ampara e educa crianças e adolescentes carentes em situação de risco pessoal e social, ampara e educa hoje aproximadamente 1300 crianças distribuídas em 10 unidades na Capital. Entre elas: Mogi das Cruzes, Inúbia Paulista, Apiaí, Campo Limpo, Aclimação, Casa Lar, Creche Parque Ipê, Creche Jardim Umuarama e CBA.

Recebemos ajudas de várias fontes, como: órgãos públicos, empresas, igrejas, instituições e pessoas físicas, sendo que 80% destas receitas originam-se do Estado e Município. Lembramos que por meio da Convenção Batista do Estado de São Paulo, o Lar tem a cada dia penetrado em mais igrejas e recebido ajudas de muito auxílio.

Realizamos projetos sociais para incentivar e aumentar o número de parceiros que acreditam e investem no Terceiro Setor, não é de agora que o Lar recebe apoio

e respeito; as últimas gestões como do Pr. José Vieira Rocha, irmã Esther Ferreira Purens, Pr. Dáfines Serra Braga e atualmente irmã Ruth Carapetchov do Nascimento, dão prioridade pela qualidade no atendimento ao menor. Dessa forma lutar pelo o espiritual, o profissional e a conscientização de cidadania junto às crianças fazem parte do desafio do Lar Batista de Crianças que oferece um dos melhores serviços prestados à sociedade e reconhecimento nomeado pelo próprio CNAS principal órgão do Terceiro Setor no país.

Em 1983, a UFMBESP inicia o grande evento denominado Feira do Coração em prol do Lar Batista de Crianças.

Em 1997 a União Feminina Missionária do Estado de São Paulo transferiu todos os bens móveis e imóveis e também a administração da Creche Casa Batista da Amizade para o Lar Batista de Crianças, na época sob a administração da irmã Esther Ferreira Purens.

Ação Social de Fé Batista - ASFEB "Recanto dos Avós"

O Recanto dos Avós, entidade assistencial filiada à Ação Social de Fé Batista, nasceu do sonho de uma mulher corajosa, determinada, sensível às necessidades das pessoas carentes e com uma ampla visão e ideal de assistência social, no sentido de amparo e proteção aos idosos , a irmã Zita Paulina Ferley Botelho, da igreja Batista em Perdizes.

Percebendo que para algumas pessoas a velhice significava solidão e desamparo, D. Zita decidiu providenciar um local onde abrigar idosos nesta situação.

Numa reunião da União Feminina da Convenção Batista da Capital, convocou voluntários, cujos corações estivessem dispostos a aceitar o desafio do início da obra. Prontamente responderam ao chamado os seguintes irmãos: José Ximenes de Mesquita, Arethusa Borges Botelho, Dulce Fernandes Gomes da Silva, Placidina Chimara , Bianca Bataglia, Benedita Malbergh, e Zoraide Moncoff Wedemann.

Assim no dia 24 de Agosto de 1967 nasceu a AÇÃO FEMININA EVANGÉLICA através da qual se estruturou o trabalho de assistência e amparo aos idosos carentes. Tendo como sua primeira diretoria as seguintes irmãs:

Presidente: Zita Paulina Ferley Botelho; Vice – Presidente: Dulce Fernandes da Silva; Primeira Secretária: Zoraide Mincoff Wedemann; Segunda Secretária: Anete Silveira Wedemann; Primeira Tesoureira: Durvalina Pinheiro de Araújo; Segunda Tesoureira: Cleusa Domingos Gonçalves.

Inicialmente o Recanto dos Avós estava localizado em São Paulo, na Cidade Ademar. Era um sobrado com estrutura para um pequeno número de abrigados. As dificuldades eram muitas para prover recursos, manter a instituição e dar aos abrigados uma velhice com dignidade. Muitas lutas e muitos desafios que apenas servi-

ram como força motriz para estes pioneiros. Era preciso expandir. Deus abençoou estes irmãos na aquisição de uma chácara com 16.500m no município de Guarulhos, para onde foi transferida a instituição.

Nestes 37 anos de existência o Recanto dos Avós tem sido instrumento de bênção para centenas de idosos e seus familiares. Muitos deles receberam a salvação em Jesus através deste ministério. E esta mesma visão, este mesmo amor tem sido passada àqueles que continuam o trabalho.

Atualmente o Recanto dos Avós presta assistência a 32 idosos (25 mulheres e 07 homens), em regime de abrigo de longa permanência, com a missão de oferecer-lhes um lugar onde possam receber cuidados especiais com respeito e dignidade, oferecendo suporte para o enfrentamento das dificuldades próprias desta fase da vida, promovendo saúde e bem estar social, além de trabalhar para o fortalecimento dos vínculos familiares, apesar do contexto asilar, resgatando a dignidade e a auto estima.

A instituição é mantida por igrejas, especialmente os departamentos femininos, particulares, familiares dos residentes, e tem recebido alguma ajuda de empresas que tem se mobilizado para a responsabilidade social.

É administrada por um Conselho Administrativo composto por membros de diversas Igrejas Batistas do Estado de São Paulo, com uma Diretoria Estatutária que atualmente é formada pelos seguintes irmãos: Presidente; Dr. Maurício Vicente Góes de Sá; Vice – Presidente: Waldemar Paschoal; 1ª Secretária: Inês Inácio Puga (Todos da Igreja Batista Liberdade em São Paulo); 2ª Secretária: Vera do Carmo Messiano (1ª Igrja Batista de São Paulo); 1ª Tesoureira: Idalice Maria Valença de Sousa; 2ª Secretária: Ísis Valença de Sousa Santos (ambas pertencentes à Igreja Batista Central de Guarulhos), e como administradora a psicóloga Eunice Brito Nascimento, que vem atuando na função desde maio de 2002.

O ano de 2004 tem sido muito especial para o Recanto dos Avós pelo fato de poder ver sendo realizado o sonho de promover reformas nas suas instalações, com o objetivo de proporcionar conforto e segurança para os idosos. O Recanto está ficando cada vez mais bonito e continuará melhorando para que o nome do Senhor Jesus Cristo seja glorificado através desta forma de expressão do povo Batista de amor ao próximo cumprindo as palavras do próprio Jesus: ... “quando fizerdes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes...”

Policlínica Batista

A entidade hoje conhecida como Policlínica Batista, nasceu com o nome de Associação do Hospital Memorial Batista de São Paulo, em 29 de agosto de 1969, empreendimento que foi liderado pelos Pastores Salovi Bernardes e André Peticov. Ela subsiste na forma de Associação que elege sua diretoria, mas é entidade da Convenção Batista do Estado de São Paulo, e a ela presta relatórios regularmente.

A primeira Diretoria ficou assim constituída:

DIRETORIA
Presildente – Pr. João Duduch;
1º Vice-presidente – Pr.Orivaldo Pimentel Lopes;
2º Vice-presidente – Pr. Dr. Cesar Thomé;
3º Vice-presidente – Pr. Salovi Bernardes;
1º Tesoureiro – Waldemar Paschoal;
2º Tesoureiro – Dr. João Walfredo Thomé;
1º Secretário – Endel Willik ;
2º Secretário – Pr. Demétrio Coev.

CONSELHO FISCAL
Dr. José Vieira Rocha;
Pr. Silas Molochenco
Hilda Peticov

SUPLENTES
Pr. Silas Mello
Zita Botelho
Chrispim G. silva
Dulce G. Silva

Superintendência e Diretoria Clínica

Dr. Paulo Proscurshim

A entidade passou por várias dificuldades. Hoje continua existindo na categoria de uma Policlínica. Apesar de não funcionar em lugar específico, mas apenas por telefone, através do Presidente, a Policlínica continua oferecendo serviços da área de saúde, através de convênios,tais como: Consultas em várias áreas da medicina, exames pré-nupciais, check-Up, exames de análises clínicas e outros. A entidade dispõe de convênios com hospitais para atendimento de seus associados

Sua sede própria está emprestada a uma outra entidade filantrópica, Centro Dr. Tertuliano Cerqueira, que dá assistência a homens moradores de rua, oferecendo-lhes diariamente almoços e dando oportunidade para banho e pernoite. Um tipo de albergue.

Um terreno produto de doação em Ferraz de Vasconcelos foi invadido e até o momento não houve reintegração de posse.

A atual Diretoria, está assim constituída: Presidente, Pr. Jessé Gomes da Silva; Vice-presidente, Paulo Sergio Pacito; Secretário, Dr. Victório Vieira; Tesoreiro, Adilson Souza dos Santos.

20

PROBLEMAS DOUTRINÁRIOS

"Recomendo-lhes, irmãos, que tomem cuidado com aqueles que causam divisões e colocam obstáculos ao ensino que vocês têm recebido. Afastam-se deles" (Rm. 16.17 – NVI).

"Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina. Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos" (2 Tm. 4.2-3 – NVI)

Nesta oportunidade queremos abordar o assunto como desafios que surgiram para preocupar os pioneiros. Não temos registros detalhados de certos casos que são mencionados por nossos historiadores, pelo menos a respeito de alguns deles. O problema que temos mais registro é o do movimento de "renovação espiritual", que é da década de 60.

De qualquer maneira, levantamos o assunto, pois ele tem valor para as nossas avaliações no atual contexto em que vivemos.

O primeiro problema pentecostal

A primeira dificuldade que eclodiu no Estado, que não parece ter refletido tanto no nosso trabalho, foi o movimento da chamada "Congregação Cristã no Brasil". O movimento surgiu entre 1908 ou 1910, através de um Italiano chamado Luis Francescon. Inicialmente era Presbiteriano e vivia nos Estados Unidos. Mais tarde,

por experiência que teve, passou a desenvolver um movimento de caráter pentecostal entre os italianos de Chicago. De lá veio para o Brasil, para São Paulo onde iniciou seu movimento entre os italianos, que eram muitos naquela época, e daqui ramificou-se para o Paraná e para Minas Gerais. [95]

O Movimento "Assembléia de Deus"

Em 1910 eclodia em Belém do Pará, o movimento das Assembléias de Deus, com os jovens suecos de origem, mas radicados nos Estados Unidos, Gunnar Vingren, pastor batista, e Daniel Berg, que dividiram a Primeira Igreja Batista de Belém, causando-lhe muitos danos. O movimento alcançou São Paulo mais tarde, passando a ser mais uma preocupação para os pioneiros.[96]

O Movimento "Renovação Espiritual" – Década de 60

A década de 60 foi cheia de novidades negativas e positivas para os Batistas do Brasil. Uma dessas novidades foi o Plano Cooperativo que, votado em 1959, fortaleceu-se ao longo dos 10 anos seguintes. A grande Campanha Nacional de Evangelização também surgiu na mesma década, idealizada em 1963 e votada em 1964, que foi uma grande bênção.

Mas foi na década de 60 também que eclodiu a grande divisão do chamado "movimento de renovação espiritual". E todos sabemos de várias Igrejas nossas que deixaram a nossa Convenção por causa desse movimento e muitas outras foram divididas.

Como entendo que a história tem lições, e como fui testemunha ocular destes fatos, quero narrá-los, uma vez que, ao que eu saiba, poucos se têm dado o trabalho de fazê-lo, a não ser J. Reis Pereira, que também foi testemunha dos fatos. E isto explica certos acontecimentos que tivemos em São Paulo.

De repente surgiu por várias partes do Brasil um pregador que arrebatava multidões. Suas pregações eram de avivamento. Ele pastoreava, na ocasião, uma Igreja Batista em Vitória da Conquista, na Bahia. Seu nome era José Rego do Nascimento.

Pastor bi-vocacional, no início exercendo o ministério e trabalhando num Banco, era ele um homem insatisfeito com a sua vida espiritual. Certo dia, enquanto orava, manifestou-se nele uma gargalhada, que ele passou a chamar "mosto santo". E ali, num momento de êxtase, entendeu que havia recebido o "batismo do Espírito Santo". Abandonou seu trabalho no Banco e passou a exercer só o ministério pastoral. E passou a ser muito requisitado para pregar. Suas mensagens inspirativas, não há negar, eram arrebatadoras. Mas, por onde ia,certas manifestações aconteciam como:

a tal gargalhada (pois ele sempre contava sua experiência como sendo um padrão), e manifestações do “dom de línguas”, e outros. E, logo igrejas começaram a se dividir. Sempre ficava um grupo “ batizado” e um grupo “não batizado” e isto fazia divisão e levantava muitas críticas.

Na verdade, o movimento de José Rego do Nascimento vinha lado a lado com a atuação de uma missionária americana, sediada em Belo Horizonte, d. Rosalee Mills Apleby, que vinha escrevendo folhetos bem feitos e com mensagens de muita inspiração sobre avivamento espiritual. Ela mantinha um programa no Rádio, com o título de Renovação Espiritual.

No desejo de assumir uma Igreja que lhe proporcionasse expandir seus ideais renovacionistas, J. Rego do Nascimento aceitou o convite para a Igreja Batista de Lagoinha Lagoinha, em Belo Horizonte, igreja que havia sido organizada recentemente com o propósito de ser uma Igreja que fosse o exemplo de pureza e ardor evangelístico. Isto foi em 17 de maio de 1958. E então, herdou o programa de Rádio da missionária Rosalee M. Aplebee, continuou a escrever em O Jornal Batista e lançou o livro “Calvário e Pentecostes”, que esposava sua doutrina básica de avivamento.[97]

Na efervescência dos fatos, o CADS – Centro Acadêmico Dr. Shepard (onde este autor fazia o curso de Bacharel em Teologia), resolveu convidar o Pr. J. Rego do Nascimento para conferências no Seminário, o que era feito anualmente. A Direção do Seminário não aprovou, mas os alunos insistiram e o trouxeram assim mesmo.

Pela manhã ele trazia suas mensagens de inspirações que, na verdade, eram as mesmas proferidas em outros lugares, e já conhecidas. De qualquer maneira, elas tinham valor espiritual para os estudantes daqueles dias. Os tempos eram de bastante frieza espiritual. É bom lembrar que a fama corria e muitos crentes de diversas partes e até de outras denominações vinham assistir suas pregações no Seminário.

Mas, no final das conferências, J. Rego do Nascimento partiu para expor sua nova doutrina. Uma vez que todo mundo estava bastante tangido emocionalmente com as mensagens – o pregador era um desses tipos bastante “carismático”, agora era hora de ir para os “finalmente”. E então, escrevendo no quadro- de- giz da capela do Seminário, expôs a doutrina pentecostal sem qualquer cerimônia, com aquela velha alegação de que “Espírito Santo não é privilégio dos Pentecostais”.

Evidentemente, a polêmica que já estava esquentando durante a semana entre alunos, Reitor do Seminário, Dr. A Ben Oliver, e os professores, agora pegou fogo. J. Rego do Nascimento marcou uma vigília de oração na Biblioteca do Seminário para encerrar os trabalhos da semana. Os estudantes estavam divididos.

Este autor estava lá, acompanhado tudo. Na ocasião eu era pastor e estudante ao mesmo tempo. Minha Igreja, no subúrbio da Central do Brasil, era uma igreja de oração e funcionava bem. Sentia que minha vida, minha doutrina e minha devoção estavam certas e estava satisfeito.

A reunião começou tarde da noite. O clima era de expectativa. Foi realizada na antiga biblioteca, no andar de baixo do prédio principal de aulas. Havia alunos e visitantes na reunião. J. Rego do Nascimento tinha tudo preparado. A insinuação

era que deveria haver um “batismo do Espírito Santo”. Começaram as orações. Orações inflamadas, emocionadas. Na verdade, os ânimos estavam atiçados.

Na terceira oração, surgiu a tal gargalhada e então Rego do Nascimento disse: “é o mosto santo”! De um lado e de outro, as gargalhadas. Em alguns casos, pessoas desesperadas porque não haviam sido “batizadas”. Lembro-me de um colega que não vou identificar, que gritava dizendo que o Diabo não queria que ele recebesse o Espírito Santo. Alguns rolavam no chão de granito, gemendo. Um outro colega, calvo e muito branco – lembro-me da sua figura em pé, de cara para a parede, dando socos com a mão fechada e gritando que queria o “batismo”. Eu estava ali observando e orando. Afinal, eu era muito novo e não estava livre de confusão mental. Mas senti que deveria sair dali, entendendo que Deus não estava naquele clima. E saí.

O grupo continuou gritando até romper a manhã, quando a polícia chegou ao local por reclamação de vizinhos pelo barulho.

No outro dia, o clima no Seminário era de guerra, constrangimento, vergonha. Professores discutindo com alunos; alunos arrependidos por terem se exposto àquela situação vexatória. Outros, não queriam conversar sobre o assunto. E assim o Seminário entrou em crise.

Muitos jovens formandos, saíram dali e já foram criar problema nas Igrejas que haviam assumido, com uma posição doutrinária totalmente pentecostal.

Os resultados no Seminário, para os simpatizantes do movimento, eram alvissareiros. E J. Rego do Nascimento voltava para Lagoinha anunciando que o avivamento havia começado. O assunto repercutiu nacionalmente e começou a inquietação nos arraiais Batistas. Na Assembléia da Convenção Batista Brasileira realizada em Recife, em 1959, J. Rego Nascimento foi convidado a explicar suas opiniões aos pastores, mas não se chegou a um acordo.

Por esse tempo, juntou-se a J. Rego Nascimento, o Pr. Enéas Tognini, pastor da Igreja Batista de Perdizes, em São Paulo, e Diretor do Colégio Batista Brasileiro. A inquietação nos arraiais Batistas continuava.

Na Assembléia convencional de 1961, realizada em Vila Mariana, nada de especial aconteceu sobre o assunto. Ao contrário, talvez para “jogar água na fervura”, J. Rego Nascimento recebeu um mandato de três anos na Junta de Missões Estrangeiras, e Tognini passou a compor a Junta Executiva.

Em 1961, no entanto, na Assembléia da Convenção Batista Mineira, a Igreja Batista da Lagoinha era o grande problema e ela acabou sendo desligada da Convenção. Na verdade até mesmo os líderes da Igreja que haviam levado J. Rego Nascimento para lá, já estavam fora. Pastores contrários à saída da Igreja Batista da Lagoinha, retiraram-se com suas igrejas, cerca de 30, e formaram a Convenção Batista do Estado de Minas Gerais.[98]

Na Assembléia de Curitiba, realizada em janeiro de 1962, os Batistas mineiros, na pessoa do Pr. Muryllo Cassetti, da Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte, levantou o problema de improviso. Na ocasião foi proposto que se nomeasse um grupo para estudar a “doutrina do Espírito Santo à luz do que entendemos por doutrina batista”.

Por determinação do plenário, logo foi incluído o Pr. Rubens Lopes, que era o presidente da Convenção. E este nomeou os demais : três que esposavam as idéias de renovação espiritual – José Rego do Nascimento, Enéas Tognini e Achilles Barbosa; três que já haviam se manifestado contra as idéias de renovação espiritual – Reynaldo Purim, Delcyr de Souza Lima e Harald Schaly; cinco que se tinham mantido neutros – João Filson Soren, David Mein, Werner Kaschel, David Gomes e José dos Reis Pereira. Um desses renunciou e ficou em seu lugar Thurmaon Bryant. Esta foi a comissão dos treze que, por sinal, fez um grande trabalho.[99]

A comissão reuniu-se várias vezes, em diversos lugares, produziu um livro com os estudos, e apresentou um parecer. É muito importante guardar a redação desse parecer. Primeiro, "a comissão deixou de definir a expressão "batismo no Espírito Santo", pois nunca foi definido antes por declarações de fé batistas, mas afirmava que a crença em uma "segunda bênção", bem como na existência atual de dons de línguas e curas, não eram pontos de vista adotados pelos batistas brasileiros através dos anos; que o consenso dos batistas brasileiros era que a atuação do Espírito Santo, na vida dos crentes se faz através de um processo chamado "santificação progressiva"; que manifestações emotivas, por mais sinceras que sejam, não podem ser apresentadas como padrão a seer seguido por todos; que a ênfase dada à doutrina do "batismo no Espírito Santo" tem causado reuniões barulhentas, carregadas de emocionalismo, próprias do pentecostalismo e tem provocado manifestações de orgulho espiritual, bem como proselitismo de crentes que não adotam tais idéias".[100] Finalmente sugeriu-se que o assunto ficasse para a Assembléia seguinte.

O parecer foi aprovado por grande maioria. No decorrer do ano, J. Rego Nascimento e Enéas Tognini, retiraram-se da comissão.

Na assembléia seguinte, em janeiro de 1964, em Recife, a Comissão manteve todos os pontos anteriores e realçou que, quanto à doutrina do "Batismo do Espírito Santo" como uma segunda bênção, declaravam que não encontravam base nas Escrituras e que a plenitude do Espírito Santo e batismo no Espírito Santo são coisas diferentes. Também o relatório recomendava que as Igrejas continuassem intransigentes no seu repúdio ao mundanismo e se esforçassem no cultivo de uma vida espiritual intensa... e outras recomendações.[101]

O assunto foi definido na Assembléia de janeiro de 1965, em Niterói, ocasião em que algumas igrejas foram desligadas a pedido de Convenções Estaduais, como o caso de Minas Gerais e Espírito Santo. Uma longa discussão se estabeleceu. Remetemos os interessados ao trabalho de J. Reis Pereira, em seu livro História dos Batistas no Brasil, páginas 199-200, para todos os detalhes do assunto.

A história continua, e nós vivemos tudo, pois éramos pastor e missionário no campo mineiro. Não desejo prosseguir no seu relato, pois fugiria ao escopo deste livro. Só relatamos o assunto até aqui para que se tenha uma idéia de como esse movimento incidiu sobre a nossa Denominação em São Paulo.

Bom seria que a história toda de cada Igreja em São Paulo fosse contada. Afinal de contas, história é história. No entanto, apesar de possuir todas as informações

prefiro não entrar em detalhes nesta obra que tem um objetivo denominacional. Se o Senhor nos permitir, futuramente faremos uma obra sobre o assunto. Há certos aspectos da história que nos ajudam a corrigir a nossa trajetória e eles não devem ser deixados no esquecimento.

Outros problemas doutrinários têm surgido e atacado nossas Igrejas. Apesar de termos nos tornado muito tolerantes nestes últimos tempos, muitas Igrejas têm sido divididas. Com a proliferação de muitos novos grupos do chamado neo-pentecostalismo, e muitas divisões entre eles também, muitas vezes os Batistas acabam sendo envolvidos, principalmente pela inexperiência de alguns dos nossos pastores.

Aliás, toda a gama de resultados negativos nesta área se deve à falta de doutrinamento do povo de Deus. Milhares de membros das nossas Igrejas hoje não sabem porque são crentes Batistas. Um aluno meu, em um dos nossos importantes seminários, disse-me que era Batista por acidente: ele havia se convertido numa Igreja Batista, mas, segundo me falou francamente, não teria nenhuma razão para ser Batista.

Naturalmente, os líderes denominacionais sabem como é difícil lidar com as Igrejas quando elas entram em crise por questões doutrinárias.

À esta altura, vale a pena perguntar: será que neste próximo século, vamos dar valor à doutrina?

Desta situação doutrinária têm surgido vários outros problemas que, no entanto, não abordaremos nesta oportunidade. Na segunda divisão deste livro, onde tratamos de Introspectiva – Uma avaliação do Presente, abordaremos outros detalhes.

21

UMA CELEBRAÇÃO DIGNA DE REGISTRO

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Contrastando com os começos da nossa história, em que havia muita perseguição, no dia 20 de setembro de 2004, neste ano da nossa celebração do centenário, a Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo reuniu-se em sessão solene para homenagear os Batistas do Estado de São Paulo.

Na ocasião, falou o Pastor José Vieira Rocha, Diretor Executivo do Conselho Geral da CBESP, Diretor Executivo da OPBESP, e pastor, por muitos anos, da Primeira Igreja Batista do Brás, a terceira Igreja a ser organizada na Capital de São Paulo.

Achamos de grande valor transcrever o discurso do Pastor José Vieira Rocha, não só porque a celebração representa um marco histórico do centenário – e ele é o Diretor Executivo da Convenção, mas também porque ele enfoca alguns pontos mais recuados do que aqueles que abordamos, e alguns detalhes a mais que servem de subsídio ao nosso trabalho.

Transcrevemos na íntegra todo o material:

Extrato da Mensagem, "escorço histórico oral", de improviso e sem anotações, apresentada pelo Pastor José Vieira Rocha, no dia 20-09-04, na Tribuna de Honra do Plenário da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, na Sessão Solene de Celebração do Centenário da CBESP. A sessão foi requerida e Presidida pelo Pastor Dr. Deputado Vaz de Lima. Participação do Coral da PIB do Brás e presença da Liderança Batista do Estado de São Paulo, além de centenas de membros das Igrejas Batistas da Capital e do Interior. A Sessão Solene foi transmitida pela TV Assembléia.

"Exmo. Sr. Pastor Dr. Deputado Vaz de Lima e demais Exmos. Srs. Deputados à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo; Estimado Pastor Antonio Mendes

Gonçales, Presidente e demais membros da Diretoria da Convenção Batista do Estado de São Paulo; Estimado Pastor Dr. Valdo Romão, Presidente e demais membros da Diretoria da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – Secção do Estado de São Paulo. Estimados Diretores Executivos da CBESP e demais membros da mesa.

Agradeço a Deus e à Liderança da CBESP terem me escolhido para apresentar a mensagem nesta ocasião.

Falar sobre a história da CBESP é falar sobre a história das Igrejas Batistas filiadas; é falar sobre os Pastores, Diáconos, Jovens, Senhoras, Homens, Adolescentes, Juniores e Crianças que formam o povo Batista do Estado de São Paulo; é falar sobre a evangelização Pátria.

Principiemos por aqui:

As primeiras notícias que se tem sobre a evangelização do Brasil remonta à chegada do Comandante Villeganõn ao Rio de Janeiro, vindo da França em meados do Século XVI, trazendo em suas embarcações algumas dezenas de Pastores Calvinistas; quase 50 anos depois, (1612) outros franceses aportaram na costa do Maranhão, fato que se repetiria mais tarde (1642) e, pouco mais adiante, em meados do Século XVII, navios Holandeses aportaram no Recife, liderados pelo Holandês Maurício de Nassau, em cujas naus se incluem muitos religiosos evangélicos. Tais tentativas resultaram infrutíferas, posto que a história não registra frutos, resultado dessas expedições. Para alguns, os objetivos de tais expedições eram só mercantis, contudo, a presença de Pastores e líderes evangélicos em todas elas, apontam para o ardor e objetivos evangelizadores que nutriam. O domínio romano da época não permitiu que resultados mais expressivos ficassem registrados.

É válido recordar que nesses tempos a Europa estava em fervor religioso, motivada pela Reforma de Lutero, seguido de Calvino, Zwinglio, Knox e outros. A invenção da imprensa, por Gutemberg, contribuiria e muito para difusão das Sagradas Escrituras, o primeiro livro a ser impresso. É válido recordar, ainda, que os Batistas tiveram pela primeira vez o seu nome registrado formalmente em 1604, exatamente na Holanda, quando os resultados da Reforma eram contagiantes, especialmente pela liberdade que começava a ser desfrutada.

No Brasil, aproximadamente 150 anos depois da presença francesa e holandesa, em 1808, D. João VI, Rei de Portugal, que enfrentava crise política na Pátria-Mãe, transferiu sua residência para o Rio de Janeiro, fazendo instalar ali a Casa da Coroa, abrindo os Portos da Colônia ao comércio externo. Entre tantos comerciantes que passaram a freqüentar o Brasil Colônia, é possível perceber a presença de muitos ingleses, franceses e outros europeus, entre os quais muitos evangélicos. As portas se tornaram mais amplas e múltiplas quando, após a proclamação da independência (07-09-1822), o Imperador D. Pedro I reafirmou o interesse em receber povos

de várias partes do mundo, visando a efetiva colonização do Império, criando regalias formais a partir da Constituição de 1824. Tal constituição, declarando o Romanismo como religião oficial do Império, colocava restrições para existência de outros cultos, que nem podiam reunir-se em locais com aparência exterior de templo.

Sejamos gratos a Deus porque após aqueles tempos de restrições, hoje, podemos transformar este Plenário da Assembléia Legislativa em um templo para cultuar ao Eterno Deus. Sintamos o compromisso que isso nos impõe, sabendo que a liberdade hoje desfrutada fora conquistada com o sacrifício dos nossos antepassados.

Ao aproximar-se os meados do Século XIX o Império do Brasil já contava com a presença de Presbiterianos, Metodistas e Congregacionais. Ao redor de 1860 o Missionário americano, Batista, Thomas Jefferson Bowne chega ao Rio de Janeiro, para evangelizar grupo escravo que ele já contatara antes em sua missão na África. A permanência de Jefferson no Brasil é fugaz, retornando ele à sua Pátria em razão de grave enfermidade que o levaria à morte.

Motivados pela Guerra Civil ocorrida nos Estados Unidos em 1865, os americanos começam a buscar outras terras onde pudessem tentar a vida. O Brasil é um dos países escolhidos, e, em 1867, grupos de americanos que somavam mais de 8.000 pessoas desembarcam no pequeno Porto de Iguape, SP. Avançando para o continente escolhem a cidade de Santa Bárbara d'Oeste para adquirirem terras e fixarem residências, atuando na formação de forte agricultura. Entre os emigrados muitos eram evangélicos e entre esses, muitos eram Batistas.

Localizados em Santa Bárbara d'Oeste, após haverem adquirido terras, logo os emigrados instituíram um Cemitério, junto ao qual construíram uma Capela, o primeiro templo Batista construído no Brasil. Tento o Cemitério como o templo estão conservados e em pleno uso em nossos dias.

Já em 1870 os evangélicos publicaram um "Manifesto para Evangelização do Brasil". Tal manifesto, publicado na imprensa, contou com assinaturas de Presbiterianos, Metodistas, Congregacionais e, por um Batista, o jovem Pastor Richard Raticliff, um dos emigrados, cuja família havia sido ganha para Jesus, por ação de Thomas Jefferson Bowne nos EUA.

Em 10-09-1871, os Batistas emigrados dos EUA organizam a Primeira Igreja Batista em Santa Bárbara d'Oeste, em solo brasileiro., portanto. Anos mais tarde outro grupo de emigrados americanos fazem surgir outra Igreja Batista no Bairro da Estação, hoje a próspera cidade de Americana. A Estrada de Ferro que por ali passava, acabara de ser inaugurada por D. Pedro. I.

Enquanto isto, no Recife, PE, um Presbiteriano, Pastor Smith, ganhava para Jesus um Sacerdote Romano, Antonio Teixeira de Albuquerque. Após a conversão, Teixeira tentou refugiar-se em Maceió, AL, sua terra natal, mas, diante da perseguição romana, acode-se em Capivari, SP, por providência divina. Vindo a conhecer os Batistas em Santa Bárbara d'Oeste, aceita o Batismo, é ordenado como Pastor Batista e ajuda a comandar a evangelização de brasileiros, franceses, ingleses e outros povos.

Os Batistas de então, em Santa Bárbara d'Oeste, se unem para solicitar a Junta de Richmond, EUA para que envie Missionários ao Brasil. Em razão do trabalho de evangelização intenso que já realizavam entre os nativos, percebem a abertura dos brasileiros para receberem o Evangelho. Logo em 1881 chegam, William Buck Bagby e Ana Luther Bagby; Zacarias Taylor e Katarin Taylor. Os primeiros missionários, são recebidos em Santa Bárbara d'Oeste e logo filiam-se à Igreja Batista existente e começam a estudar a língua portuguesa, tendo Antonio Teixeira de Albuquerque com professor.

Pouco tardou para que os dois casais de missionários americanos, unindo-se a Antonio Teixeira de Albuquerque rumassem para Bahia, onde em 15-10-1882, com cartas de transferência das igrejas em Santa Bárbara d'Oeste, organizaram a Primeira Igreja Batista em Salvador. Em um ano aquela igreja já contava 70 membros.

O Pastor Antonio Teixeira de Albuquerque, casado, rumou para Maceió, onde organizou a Primeira Igreja Batista e onde ganhou seus pais para Jesus. Teixeira de Albuquerque teve vida curta, falecendo aos 46 anos.

O Brasil não resiste as pressões sociais e políticas, internas e externas, vendo capitular o Império, sendo proclamada a República, em 15-11-1889. Nela a liberdade religiosa estava consagrada na Constituição de 1891, ainda que, por enquanto, apenas no papel. A influência evangélica era forte em todas as grandes decisões da nação, incluindo a libertação dos escravos, em 13-05-1888.

De Salvador, os missionários seguiram para outras Capitais, plantando igrejas. De volta a São Paulo, com outros missionários recém-chegados foram organizando novas igrejas a partir de 1899 em São Paulo, Jundiaí, Santos, Campinas. Já em 1904 eram 7 Igrejas Batistas no Estado de São Paulo. Essas, reunindo-se em Jundiaí, organizaram em 16-12-1904 a Convenção Batista do Estado de São Paulo, então chamada de União Baptista Paulistana.

Em 1914 eclode a Primeira Guerra Mundial, que faria ferver até 1918 toda a Europa e parte da Ásia.. Em meio a Guerra (1917) a Rússia cai sob o domínio comunista, dominando inúmeras pequenas repúblicas ao seu redor. A Europa, destruída, vê muitos de seus habitantes saírem em busca de novas terras. O Brasil, e, principal-

mente São Paulo, com um grande avanço na agricultura, (café, cana de açúcar e cereais) torna-se alvo de muitos desses europeus e asiáticos. Fugindo do Comunismo, aportam por aqui: Alemães, Russos, Letos, Romenos, Búlgaros, Húngaros, Ucranianos, Lituanos, Estonianos, Espanhóis, Japoneses e diversos outros povos europeus.

Chega o ano de 1920 e "O Batista Paulistano", recém criado, publica: "Já são 20 Igrejas Batistas no Estado de São Paulo, somando 1.500 membros. Pastor Salomão Ginsburg, chamado de "o judeu errante no Brasil" exerce um notável papel, liderando a Denominação em São Paulo e no Brasil, destacando-se sua notável participação na fundação do nosso jornal.

A partir da chegada dos europeus, entre os quais muitos eram evangélicos, e, particularmente Batistas, a evangelização ganhou foros de explosão. Somaram-se a eles as dezenas de casais de missionários americanos que continuavam chegando, visando levar os brasileiros aos pés de Jesus Cristo.

Caminhar na história da CBESP é perceber a ação desses casais usados por Deus no proclamar o evangelho de Jesus Cristo em nossa terra, tais como Ratcliff, Teixeira de Albuquerque, Bagby, Taylor, Ingrand, Edwards, Bryant, Tolbert, Wolfard, Porter, Bell, Stauffer, Hedrick, Peacock, Clinton, Renfrow, Wedemann, Kaschel, Gatz; Kerr, Rutther, Grigoroviski, Korps, Yastrebov, Molochenco, Litvintichuck, Slobodticov; Augstroze, Ronis, Kraus, Kruklis, Berzins, Kolomietz, Maurmann, Peterlevitz, Larcchevitz, Balaniuck, Mauerberg, Janait, Tups, Cerpe, Jansevisck, Janovisck, Bember, Sniker; Martins Melhado, Rodrigues y Rodrigues, Croitor, Inoué, Kalutram, Willick, Martinoff, Diacov, Vovchenco, Tang; Nagi, Erdei,; Buck, Peticov, Horbatchzi, Genov, Coev, Purens.

Todos esses parte de muitos dos verdadeiros plantadores de igreja, missionários, evangelistas, doutrinadores, discipuladores, músicos, teólogos, conselheiros. Todas as regiões do Estado estão repletas de igrejas plantadas por essa gente corajosa e trabalhadora no Evangelho de Jesus Cristo.

Caminhar na história da CBESP é lembrar agradecidos alguns dos líderes nacionais, que representam milhares de operosos obreiros do Senhor, que fizeram e fazem a nossa história centenária, tais como Rubens Lopes, Antonio Lopes, Alberto Augusto, José de Oliveira Lima, Ox Schimenes, Ricado Mayorga, Olímpio Rudinin Leite, Joaquim Aguiar Severa, João Alves Lopes, Jorge Grek, Isaías Maurício da Rocha, Axel Frederico Anderson, José Siqueira Dutra, Altino Vasconcelos, Henrique Cyrilo Correia, Inácio Pinheiro Nunes, Severino Batista, Savério Leoto, João Hornos Filho, Adrião Bernardes, Manuel Tertuliano Cerqueira, Emydio José Pinheiro, Aníbal Pereira Reis, Jayme de Andrade, Crispim Gomes, Egydio Gióia, Alberto Blanco de Oliveira, Mário Natividade Valadão, Anatole Pirilampo, Fausto Vasconcelos, Juvêncio

Liberino de Oliveira, Enoque Medrado, Benedito Peçanha, José Mota dos Reis Pessoa, Onofre Cisterna, Roque Monteiro de Andrade, Raimundo Paiva Farias, Salovi Bernardo, Josué Nunes de Lima, Nelson Nunes de Lima, Irland Pereira de Azevedo, Francisco de Assis Chaves Carvalho, Plínio Moreira da Silva, Francisco Afonso de Carvalho, Gorgônio Barbosa Alves, Antonio Ernesto da Silva, Edson Borges de Aquino, Wangles Breternitz, Aloysio Furtado, Silas Botelho, Aretuza Botelho, Dagmar Barros Vidal, Dulce Crispim, Zita Paulino Fenley Botelho, Luiz Botelho de Camargo, Maria Augusta de Camrgo, José Novaes Paternostro, Rafael Gióia Martins, Edgar Martins, Gióia Júnior, Fausto Rocha, César Thomé, Antenor Santos de Oliveira, Domingos Gióia, Dirceu Cunha, Victorio Vieira, Antonio Conde, Antonio Egídio, Augusto Rosa, João Lemos, João Batista Martins de Sá, Enéas Tognini, Erodice Fontes de Queiroz, Djalma Cunha, Joaquim Bueno, Domingos D'Atílio, José Godinho, José Furtado de Mendonça, Silas da Silva Mello e uma interminável "nuvem" de testemunhas.

Conforme Hebreus, 12:1, estamos rodeados de uma grande nuvem de testemunhas que se deram pela Causa do Evangelho entre nós. Fica para todos nós a responsabilidade de um comprometimento de plena fidelidade à Palavra, integração absoluta e cooperatividade permanente, para honrar ao Senhor Jesus Cristo. Quando Jesus instituiu a Sua igreja Ele a instituiu para lutar contra as portas do inferno e para ser Vitoriosa. Nisto é que nos firmamos e avançamos.

Sob o comando da atual liderança da CBESP e da OPBB-ESP, presididas pelos Pastores Antonio Mendes Gonçales e Valdo Romão, respectivamente, vamos enfrentar os desafios do nosso tempo, comprometidos com o Senhor em passar para às próximas gerações uma CBESP, serva das igrejas, com raízes na Palavra e inteiramente dedicada a continuar a evangelização do nosso Estado, enquanto aguardamos a volta de Jesus no arrebatamento da igreja.

Somos hoje, 1059 igrejas e 370 Congregações, lideradas por 1.600 pastores, mas ainda temos o grande desafio de 250 municípios no Estado onde não temos a presença Batista. São cerca de 40 milhões de habitantes em nosso Estado, muitos dos quais estão à espera da mensagem de salvação eterna por meio de Jesus Cristo. É nossa tarefa "semear a Semente".

Há o "Ide" de Jesus que queremos cumprir sempre, debaixo da direção do Espírito Santo, que em nós opera, não só para honrar a memória dos que se deram para Jesus em nosso Estado, mas, principalmente, para dar ao Senhor Jesus toda a honra, e glória e louvor, porque Ele Reina pelos séculos dos séculos.102

Essa é a melhor maneira de Celebrarmos o Centenário da Convenção Batista do Estado de São Paulo.

II PARTE

INTROSPECTIVA – UMA AVALIAÇÃO DO PRESENTE

22

AVALIANDO O PRESENTE

"...o que está faltando não pode ser contado" (Ec. 1.15 – NVI).

"É melhor ter companhia do que estar sozinho, porque maior é a recompensa do trabalho de duas pessoas. Se um cair, o amigo pode ajudá-lo a levantar-se. Mas pobre do homem que cai e não tem quem o ajude a levantar-se! Se dois dormirem juntos, vão manter-se aquecidos. Como, porém manter-se aquecido sozinho? Um homem sozinho pode ser vencido, mas dois conseguem defender-se. Um cordão de três dobras não se rompe com facilidade (Ec. 4.9-12 – NVI)

Prelimanares

Nesta divisão do nosso livro, gostaríamos de trabalhar com dados precisos e oferecer uma amostragem valiosa ao nosso povo de hoje. No entanto, ainda não estamos preparados para tanto. Creio que, com o desafio deste livro, vamos nos estruturar melhor para o futuro, para que tenhamos condições estatísticas e históricas para uma avaliação eficaz. Afinal, avaliação é importante para uma vida e para uma organização.

Vamos trabalhar, portanto, com o que pudemos reunir. Em alguns casos, como na avaliação do Ministério Pastoral, vamos trabalhar com os únicos dados que temos, coletados ao tempo do centenário dos Batistas da Cidade de São Paulo – um pouco defasados, evidentemente.

Movimento Eclesiástico

Respaldamos este primeiro século com 1050 Igrejas em todo Estado e mais 370 Congregações, o que representa um número bastante animador.

Nos últimos 5 anos podemos registrar os seguintes resultados no crescimento no número de Igrejas:

Ano 2000, organizadas 28 Igrejas;
Ano 2001, organizadas 32 Igrejas;
Ano 2002, organizadas 36 Igrejas;
Ano 2003, organizadas 29 Igrejas;
Ano 2004, organizadas 20 Igrejas, até setembro.

Registramos, até julho de 2004, 108 Igrejas sem pastor, apesar de sabermos que há um grande número de pastores que não estão pastoreando. Registramos, ainda, 218 Igrejas pequenas, de até 50 membros, e o atual número de Batistas no Estado de São Paulo é de 157.403 (cento e cinqüenta e sete mil, quatrocentos e três).

Nossa Secretaria Executiva tem trabalhado com afinco no sentido de ajudar Igrejas pequenas, com programas especiais de reforço e despertando também a ajuda de Igrejas maiores, principalmente da capital, que estão fazendo grandes campanhas de intercâmbio de evangelização com as Igrejas pequenas em todo o Estado.

O Plano Cooperativo

As raízes do Plano Cooperativo estão na história dos Batistas do Sul dos Estados Unidos. Como já fizemos referência em capítulo anterior, os Batistas da América se dividiram em Batistas do Norte e Batistas do Sul por causa da escravidão, em 1845. Os Batistas do Norte hoje se chamam Batistas Americanos (American Baptists).

Os Batistas do Sul tornaram-se logo muito fortes e começaram a surgir Juntas: de Missões Nacionais, de Missões Estrangeiras, de Escolas Dominicais e de Beneficência. Com estas e outras organizações que reclamavam sustento, surgiu um sistema bastante lógico e apropriado que estava baseado na idéia do dízimo dos dízimos. Assim, em 1925, quando o trabalho de sua Junta de Missões Estrangeiras tinha vários missionários em outras partes do mundo, inclusive no Brasil e, particularmente, em São Paulo, foi criado e oficializado o Plano Cooperativo (Cooperative Program).

Este era um modelo que, naturalmente, estava latente nas mentes dos missionários que atuavam no Brasil. Mesmo assim ele só foi introduzido no Brasil 34 anos mais tarde, em 1959.

Vejamos como foi.

Em 1957, numa das salas do Colégio Batista Mineiro, em Belo Horizonte, antes de iniciar a Assembléia da Convenção Batista Brasileira que naquele ano se realizaria naquela cidade, um grupo de Secretários Executivos de Diversas Convenções Estaduais reuniu-se com a finalidade de estudar um plano de sustento para as nossas instituições. Na verdade, o que se desejava era encontrar uma adaptação do "Cooperative Program" dos Batistas do Sul dos Estados Unidos que lá vinha sendo uma bênção.

Até àquela data eram levantadas ofertas mensais nas Igrejas e tudo estava ficando cada vez mais difícil. Para amenizar um pouco as despesas, quase todos os secretários executivos eram missionários americanos, uma vez que não precisavam receber salário das juntas, pois elas não tinham as mínimas condições de arcar com tais despesas.

Os debates, em forma de dinâmica de grupo, foram proveitosos. Dali saiu um memorial que foi apresentado à Assembléia Convencional. Ficou decidido que se entregasse a matéria à Junta Executiva para estudo e que fosse apresentado na Assembléia seguinte. O memorial ficou registrado nos Anais da Assembléia de 1957, nas pp. 187/188.

No ano seguinte, em Mares, o assunto foi debatido com base no parecer favorável da Junta Executiva (Hoje Conselho Geral), mas o plenário ainda estava inseguro e o assunto foi remetido para a assembléia seguinte.

Nesse interregno, o então Secretário Interino, Pr. Werner Kaschel, (o secretário efetivo era o missionário Lester Bell, que estava de férias nos Estados Unidos) visitou os campos falando sobre o assunto e teve três grandes reuniões com Secretários Executivos em três ocasiões diferentes. A Junta Executiva preparou uma tabela e, com entusiasmo e plena convicção, na Assembléia de Recife, em 1959, o Plano Cooperativo foi aprovado e começou a ser posto em prática.

Ficou estabelecido que dali para a frente só haveria duas grandes ofertas no ano: Missões Estrangeiras e Missões Nacionais. Subentendia-se que haveria também, em cada Estado, seu dia especial de Missões. Com isto, ficavam suprimidas as ofertas para : Dia do Pastor, Dia d´O Jornal Batista, Dia do Seminário e o Dia da Bíblia. Todas estas entidades já estavam contempladas com uma fatia do plano cooperativo geral.

Da primeira tabela ficou acertado que as Igrejas dariam 10% de suas entradas mensais. Do montante das remessas, 50% ficaria com a Junta Estadual e os outros 50% iriam para a Junta Executiva Nacional para distribuição às demais instituições.

Os resultados logo se fizeram sentir. Um dos reflexos foi sobre as próprias Juntas Estaduais que, com pouco tempo puderam adotar Secretários Executivos brasileiros sustentados pelo Plano Cooperativo.

Nosso Estado, possuidor de uma das maiores Convenções do nosso Brasil Batista, como não poderia deixar de ser, aderiu ao Plano Cooperativo imediatamente.

Lamentavelmente o Plano Cooperativo que foi uma bênção para a nossa denominação no Brasil tem caído bastante nesta última década, o que levou as nossas Juntas Missionárias a fortalecerem as campanhas do chamado Dia Especial

e a lançar outros programas, de caráter individual, como é o caso do PAM, para suplementar o sustento dos campos.

Distribuição do Plano Cooperativo

Atualmente, o Plano Cooperativo em nosso Estado está assim distribuído:

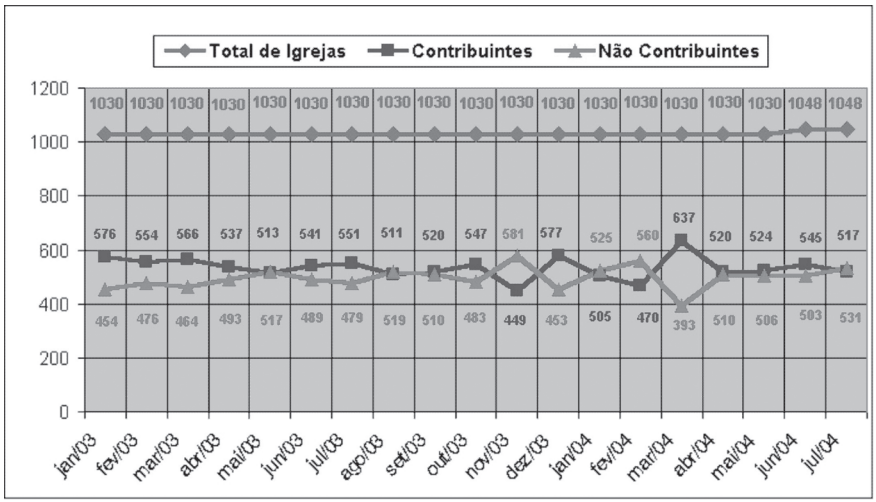
Convenção Batista Brasileira	25,00%
Missões Estaduais e apoio às Pequenas Igrejas	25,00%
Associações Regionais	15,00%
Educação Teológica	10,50%
União Feminina Missionária Batista do Estado de São Paulo	03,00%
União Masculina Missionária Batista do Estado de São Paulo	03,00%
Juventude Batista do Estado de São Paulo	03,00%
Comunicações	04,00%
Administração	10,00%
OPBB-SP	01,00%
AMBESP	0,50%

Cooperação Denominacional

Pela visão dos quadros abaixo, a média de igrejas que participaram do plano cooperativo de janeiro de 2003 a julho de 2004 é de 51,94%, num total de 535 Igrejas, perfazendo um montante médio mensal de R$ 142.296,78 (cento e quarenta e dois mil, duzentos e noventa e seis reais e setenta e oito centavos). A média das Igrejas não contribuintes é de 48, 06%, num total de 495 Igrejas, perfazendo um montante médio mensal de R$ 151.078,87 (cento e cinqüenta e um mil, setenta e oito reais e oitenta e sete centavos).

É bom que se diga de passagem, a bem da verdade histórica que, da média de Igrejas que cooperam (51,94%), consta um certo número de Igrejas maiores que cooperam com uma quantia apenas simbólica e não com 10% de suas entradas, como requer o Plano Cooperativo.

Esta média do volume de cooperação é mais ou menos geral em todas as Convenções Estaduais. Houve um tempo em que a média de Igrejas participantes do Plano Cooperativo era de 80%. Seria muito bom que fizéssemos um levantamento para detectar as causas dessa evasão. De qualquer maneira, notou-se um novo entusiasmo de adesões ao Plano Cooperativo no nosso Estado, principalmente nos primeiros meses do ano de 2004.



Área Social

1. Conselho de Ação Social da CBESP

A Área de Ação Social da CBESP procura conscientizar e assessorar as Igrejas Batistas do Estado de São Paulo na implantação e desenvolvimento de uma obra social eficaz. Assim é que procura atender a aspectos técnicos e profissionais.

O resultado tem sido valioso, havendo um grande número de Igrejas nossas envolvidas em diversos projetos de natureza social, como se pode constatar em notícia contida na edição especial de O Batista Paulistano, no. 81, de 1999.

2. Entidades Assistenciais

Das nossas entidades sociais, destacamos o Lar Batista de Crianças que mantém hoje aproximadamente 1.300 crianças e adolescentes distribuídas em 10 unidades na Capital, entre elas: Mogi das Cruzes, Inúbia Paulista, Apiaí, Campo Limpo, Aclimação, Casa Lar, Creche Parque Ipê, Creche Jardim Umuarama e CBA.

É bom que se diga que, não obstante ser administrado por gente nossa, o Lar Batista de Criança recebe seu sustento de órgãos públicos estaduais e municipais, num montante de 80%, e outra parte de empresários. No momento há uma grande campanha no sentido de trazer nossas Igrejas para cooperarem mais nesta manutenção.

O Recanto dos Avós presta assistência a 32 idosos (25 mulheres e 07 homens), em regime de abrigo de longa permanência, com a missão de oferecer-lhes um lugar onde possam receber cuidados especiais com respeito e dignidade, oferecendo suporte para o enfrentamento das dificuldades próprias desta fase da vida, promovendo saúde e bem estar social, além de trabalhar para o fortalecimento dos vínculos familiares, apesar do contexto asilar, resgatando-lhes a dignidade e a auto estima.

A Policlínica Batista tem sobrevivido, mas seu trabalho é difícil diante de grandes sistemas de saúde.

Na verdade, nesta área algumas Igrejas fazem um grande trabalho com suas clínicas beneficentes.

O grande trabalho social dos Batistas, além do Lar Batista de Crianças, é feito pelas Igrejas locais. Cada uma tem seus programas, de acordo com suas possibilidades. Um dos grandes programas exercidos pelas Igrejas locais é o do Multiministério ou Ministério Comunitário Cristão.

Patrimônio

A Convenção está ocupando a parte pronta do prédio próprio que começou a ser construído em 1996. A propriedade da Rua Conselheiro Nébias foi vendida, o que permitiu saldar todos os compromissos com a nova construção que vinham sendo administrados em dia, mas agora foram liquidados. Os escritórios estão bem instalados e o estacionamento, além de servir para funcionários e visitantes, ainda rende pequeno montante que é aplicado na Causa.

O Projeto desenvolvido com o Barco Luz do Tietê, que constituiu grande expectativa missionária no passado, deixou de ser viável por vários motivos, inclusive da própria região, foi vendido por decisão do Conselho. Outros projetos similares já estão funcionando, como: “Igrejas Sobre Rodas”.

A atual situação financeira da Convenção é equilibrada e estável, não havendo nenhum problema de dívidas, dentro dos programas que estamos desenvolvendo no campo.

Quando voltamos ao passado, aos primórdios da nossa história e lemos notas dos historiadores que diziam que não tínhamos nenhum templo nosso, e vemos hoje praticamente todas as nossas Igrejas com as suas propriedades, e a nossa própria Convenção com as suas propriedades, e até as nossas instituições, ficamos gratos a Deus pelas grandes bênçãos.

Avaliando nosso ministério Pastoral

Não temos dados estatísticos recentes para nos basearmos para esta avaliação. Mas temos algo de 1999 baseado em pesquisa de 1997, que pode nos dar alguma ajuda. Na ausência de outros dados mais recentes, creio que o que vamos apresentar vai ajudar de alguma maneira.

Pesquisa realizada em 1997

Em artigo publicado em O Batista Paulistano, edição especial de janeiro de 1999, por ocasião da celebração do Centenário dos Batistas da Cidade de São Paulo, o Pr. Edson Borges de Aquino publica dados de pesquisa realizada pelo SPAI, a pedido do Conselho Geral de nossa Convenção, realizado em 1997.

Apesar de ser de mais de 5 anos atrás, na ausência de outra pesquisa mais recente, estes dados vão nos dar uma idéia de como estamos hoje em termos de ministério pastoral.

"I – Faixa Etária - de 26 a 36 anos, 29,5%; de 37 a 49 anos, 38,2%; e com mais de 50 anos, 32,1%. A média de idade é de 45 anos, sendo na Capital entre 47 e 53 anos, na Grande São Paulo, entre 41 e 47 anos, e no interior, um pouco maior, 53 anos e mais.

II – Classe Social – B, 63,1%; C, 32,4%, e da classe D/E, 4,3%. Destes, 25,6% dedicam tempo parcial e 74,3%, tempo integral. Não foram encontrados pastores da classe A

III – Variação Salarial – Nas igrejas de pequeno porte, o salário varia entre R$ 300,00 e R$ 1.000,00, e nas igrejas de médio e grande porte, a variação é de R$ 1.000,00 a R$ 2.000,00, e daí para cima, em não muitos casos. A distribuição percentual de salários pastorais verificada indicou que 6,8 % ganham até 300,00 – 10,3% , entre R$ 300,00 e R$ 500,00 – 28,2%, entre R$ 500,00 e R$ 1.000,00 – 21,4%, entre R$ 1.000,00 e R$ 2.000,00 – 11,1%, de R$ 2.000,00 e para cima.

IV – Exercício Pastoral – Formados há entre 7 e 14 anos, sendo os de mais idade há mais de 25 anos. No exercício pastoral a média de permanência em uma igreja é de 5 anos, de modo geral. Na capital esta permanência é de 7,6 anos, na Grande São Paulo é de 5,1 anos, e no interior é de 3,9 anos.

V – Grau de Escolaridade do pastor – A grande maioria tem sua escolaridade muito mais elevada que a de seus pais, que eram operários e lavradores. Com cursos universitários, 89,1%, sendo que 88,2% cursaram teologia, e 13,8% com pós graduação, e situam-se entre os 26 e 39 anos de idade, representando 99,9%, entre 47 e 49 anos, 93,4% dos pastores. Acima de 50 anos o nível cai para 75,6%, que mesmo assim é elevado. Entre os que chegaram ao ministério pastoral acima dos 37 anos, apenas 3,4% têm primeiro grau incompleto. As opções de cursos, além de teologia, variam entre direito, pedagogia, psicologia e filosofia" (dados extraídos de artigo do

Pr. Edson Borges de Aquino, publicado no Batista Paulistano em janeiro de 199, p. 20).

Aplicação dos dados coletados à nossa realidade

I – A faixa etária média dos pastores entre os Batistas do Estado de São Paulo é de 26 a 53. Não considerando alguns de mais idade que ainda atuam, esse percentual constitui um grande potencial para o prosseguimento da obra.

II – Estando esse potencial pastoral situado entre as classes sociais B e C, com algumas variantes para a classe D, é nelas também que, via de regra se desenvolve o crescimento da Igreja, também com algumas variações.

III – Na variação salarial, que mostra 28,2% dos pastores recebendo entre R$ 500,00 e R$ 1.000,00, deve-se computar a residência do pastor. Neste caso, 40,2% dos pastores moram em casa pastoral da Igreja; 19,7%, moram em casas com aluguel pago pela Igreja. Evidentemente, somando-se os dois primeiros itens, restam cerca de 40% de Igrejas que precisam se despertar para cuidar desta parte para seus pastores. É claro que a variação salarial ainda é bastante desproporcional entre os pastores Batistas. Evidentemente, isto se deve ao nosso sistema Batista em que cada Igreja local é responsável pelo sustento do seu pastor, diferentemente de algumas denominações históricas que usam um sistema padronizado para o mesmo fim.

IV – Permanência do Pastor no Pastorado. A média de 5 anos de permanência de um pastor a frente de uma mesma Igreja é bastante preocupante. As causas devem ser estudadas. Dentre elas, podemos detectar falta de condições para o pastoreio, falta de compreensão e valorização do ministério pastoral, insatisfação pessoal do pastor com o trabalho da Igreja local, a própria precariedade do sustento e outras. Este é um levantamento que precisa ser feito.

V – Nível cultural geral e teológico. Em termos de pastores que possuem curso teológico, o nível oscila entre 88,2%, 89,1% e até 93,4%, isto de acordo com a faixa etária e o tempo de ministério. É um bom nível comparado com o de outros campos.[103]

À luz do que temos visto, e do que podemos observar de nossa vivência no ministério ativo nestes últimos tempos, podemos concluir o seguinte:

1. Em termos culturais, o nível tem aumentado. Há hoje muitos pastores com mais de um curso superior, além do curso de teologia e muitos pastores pós-graduados em teologia;

2. O poder aquisitivo dos pastores não tem aumentado. Parece, ao contrário, que tem diminuído.

3. Continuamos na luta pelo ministério integral, que é muito mais proveitoso para o pastor, para as Igrejas e para a Causa.

4. O aumento de instituições de ensino teológico, de um lado é bom, mas de outro chama-nos a atenção para a qualidade do preparo de obreiros.

5. O desafio é que haja cada vez mais pastores mais preparados e mais firmes nas nossas doutrinas.

Uma avaliação da nossa conjuntura eclesiástica

Geralmente não gostamos quando alguém começa a avaliar nosso trabalho, o desempenho de nossa Igreja ou de uma associação de Igrejas. E todo aquele que é dotado de bom senso evita tal procedimento pois torna-se, não raro, uma falta ética.

Neste momento, no entanto, a necessidade de uma avaliação se nos impõe. Afinal, crescemos muito neste primeiro século. Somos mais de mil Igrejas, e mais de 3 centenas de congregações. Precisamos nos dar uma oportunidade de rever nossa trajetória

Assim é que, por imposição desta honrosa tarefa que recebi, vou tentar levantar algumas questões que poderão ser de grande valor para nossa reflexão.

1. A Febre de Mega Igrejas

Atualmente, com os movimentos modernos de novas Igrejas e comunidades, têm surgido muitas Igrejas grandes. Líderes ambiciosos têm levantado suntuosos "santuários" e, pelo largo uso da mídia, arrebanham multidões, principalmente por explorar certas necessidades abundantes em nosso povo brasileiro. Na verdade, são Igrejas que se tornaram empresas e são mantidas na base de gestão de "marketeiros" de alto nível profissional.

Muitos dos nossos pastores e líderes Batistas, talvez por falta de uma reflexão mais profunda sobre o assunto e, quem sabe, por falta de um estudo mais profundo das Escrituras Sagradas, enchem os olhos com essas novidades e partem para praticar os mesmos métodos que aqueles estão praticando. No caminho, acabam por deixar para trás certos princípios Neotestamentários que são adotados pelos Batistas.

No entanto, tenho para mim que o Espírito Santo que foi deixado na terra para orientar as Igrejas do Senhor Jesus Cristo, não está querendo mega igrejas.

Com efeito, a linguagem do Novo Testamento, que compara uma Igreja a um rebanho, é de um conjunto inseparável pastor-rebanho, num trato de contato e proximidade. Assim como na realidade do gado ovino e caprino nos dias de Jesus, um pastor cuidava de, no máximo 100 ovelhas, entendemos que uma Igreja não deve ser exageradamente grande, a ponto de fazer desaparecer a figura do pastor na enormidade do empreendimento. Evidentemente, a igreja não precisa ser só de 100 membros. Isto aplica-se aqui na forma de princípio regulador. Notamos na Bíblia que, quando o fazendeiro era muito poderoso, possuía vários rebanhos e tinha um

pastor para cada grupo de ovelhas. Era assim com Jacó, por exemplo, que cada filho cuidava de um rebanho. Isto porque o pastor tinha de alcançar todas as ovelhas com os seus olhos, e a distância entre cada uma delas e o pastor deveria ser suficientemente curta para que fossem socorridas diante do ataque de uma fera ou de um ladrão. O pastor ficava o dia todo com as ovelhas e, em muitos casos, dormia entre elas, quando ficavam nos campos à noite (Lc. 2.8). Por isso Pedro recomendava: "pastoreai o rebanho de Deus" (1 Pd. 5.1-4). O pastor precisava ter convivência suficiente com cada ovelha para conhecê-la bem e saber quando estava doente. E até notar imediatamente quando uma ou outra ficava para trás, no retorno ao aprisco. É o caso da parábola da centésima ovelha que extraviou-se, mas foi buscada, e trazida de volta com alegria (Lc. 15.3-6).

Hoje, o que estamos vendo, é pastores que, querendo mudar a Igreja para certos modelos, põem fora, impiedosamente, crentes maravilhosos que sempre foram uma bênção na Igreja ao longo dos anos. Será que é isto que o Senhor Jesus quer? Seriam esses homens, realmente, pastores?

Esta é a razão porque veio uma perseguição sobre a Igreja de Jerusalém. Notem que ela logo tornou-se uma mega igreja. No dia de Pentecostes foram batizadas cerca de 3 mil pessoas (At. 2.41). Como resultado do milagre realizado por instrumentalidade de Pedro e João na vida de um homem coxo que pedia esmolas na chamada Porta Formosa do Templo, registrada nos capítulos 3 e 4 de Atos, houve quase 5 mil conversões só de homens, sem contar mulheres. Só por aqui, a Igreja de Jerusalém estava com quase 8 mil membros, ou, contando mulheres, muito mais. Todos os apóstolos estavam ali centralizados naquela grande igreja.

É evidente que eles não conseguiam se reunir no Templo dos judeus e se aglomeravam nas casas, mas a multidão criava muitos problemas assistenciais e administrativos, como se nota do expediente da eleição dos sete, registrado em Atos capítulo 6.

Então veio a perseguição por ocasião da morte de Estêvão e muitos foram dispersos para outros lugares e começaram a surgir outras Igrejas (At. 11.19-30).

Uma outra mega igreja que surgiu foi a de Roma. No início funcionava na casa dos crentes, principalmente de Áquila e Priscila (Rm. 16.3-5). Mas depois ela cresceu muito, principalmente a partir do tempo do Imperador Constantino, e veio a se transformar na atual Igreja Católica Romana, que ficou maior ainda mudando o sentido de igreja local para igreja universal, como alguns hoje também fazem.

A Igreja de Constantinopla, igualmente, cresceu muito, e acabou convertendo-se na Igreja Ortodoxa do Oriente (Grega – 867 AD)[104]. E daí surgiram as outras Ortodoxas, dentro da mesma linha da chamada Igreja Oriental.

Por outro lado, a linguagem dominante no Novo Testamento para crescimento da Causa de Deus é de multiplicação de Igrejas e não de multiplicação de crentes. É verdade que em Atos 6.7, antes da dispersão, o relato é de multiplicação do número de discípulos. Mas em Atos 9.31 o relato é que "as igrejas se multiplicavam". E o trabalho de Paulo e seus companheiros missionários foi de estabelecer Igrejas por toda a parte e elas se multiplicavam.

Naturalmente, não estou falando de Igrejas grandes. Temos algumas hoje no Brasil e funcionam muito bem. Mas a mega Igreja ultrapassa o limite da Igreja grande. É neste sentido que não cremos que o Espírito Santo esteja ocupado em formar mega igrejas.

2. Estratégias com Heresias Embutidas – O Sistema de Células

Na metodologia do crescimento de Igrejas, acreditamos em estratégias. Estratégia é um plano de ação para se alcançar determinado objetivo. Naturalmente notamos que o Espírito Santo não trabalha com estratégias semelhantes a um "sapato tamanho único", mas usa diferentes estratégias para diferentes contextos, dentro do tempo.

Uma dessas estratégias muito buscadas hoje é a das células, ou pequenos grupos.

Este é um programa "enlatado" trazido da Coréia do Sul e tem uma origem Pentecostal. Evidentemente, ali estão embutidos alguns elementos de heresia.

Estou citando a Coréia do Sul porque foi lá que o sistema fez sucesso pela primeira vez. Paul Yonggi Cho pode até não ser o "inventor" do sistema, mas ele foi o primeiro a apresentar um programa bem sucedido.

Hoje, muitos pastores estão ávidos por aplicar esta estratégia em suas Igrejas, para que consigam um "igrejão" bem rápido, como num processo de "chocadeira", como a de Seul. Recentemente acompanhei um dos nossos pastores que estava implantando este sistema na sua Igreja. Alertei-o sobre os perigos que corria. Hoje sua Igreja é tão pentecostal que não seria aceita nem numa Assembléia de Deus tradicional, e sua Igreja está para ser desligada da nossa Convenção.

Um outro pastor que estava implantando o sistema em uma igreja que sempre foi operosa e produtiva, falando da resistência de alguns líderes à nova estratégia, disse-me que se eles não aceitassem, seriam excluídos. E eu argumentei: como pode você botar fora pessoas maravilhosas pelas quais Cristo morreu e que foram trazidas para a Igreja de maneira tão extraordinária? Mesmo assim, ele foi em frente e fez exatamente como queria.

Neste sistema, se o pastor fizer algumas adaptações para expurgar aspectos pentecostais, até que pode funcionar. Mas via de regar, as primeiras coisas que acabam na Igreja são: a Escola Bíblica Dominical e o aspecto democrático administrativo da Igreja. Conheço igrejas em que o povo está jogando futebol aos domingos pela manhã porque não têm mais EBD.

Quando estava elaborando meu projeto de NEBs – Núcleo de Estudos Bíblicos nos Lares – tive o privilégio de visitar Seul, na Coréia do Sul. Acompanhei, quanto pude, o sistema de células implantado por Paul Yonggi Cho, e assisti um culto na sua mega igreja à beira do Rio, em Seul. O culto é maravilhoso e são milhares de pessoas em cada culto. O local de culto comporta duas vezes a lotação do Estádio Maracanãzinho, no Rio de Janeiro.

Dali fui assistir os trabalhos na principal Igreja Batista em Seul. Cheguei na hora da Escola Bíblica Dominical. A primeira coisa que tive de fazer foi tirar os sapatos e deixá-los na porta. Logo adentrei a um grande salão e vi vários grupos – várias classes – de pessoas sentadas no chão de um grande e limpo salão, com a Bíblia e uma revista de EBD na mão. Essa Igreja tinha na ocasião 15 mil membros e mantinha uma eficiente e operosa Escola Bíblica Dominical. Louvei a Deus pela diferença qualitativa.

Agora imaginemos se o Governo Brasileiro resolvesse acabar com as escolas públicas e particulares no País, e deixasse a tarefa de educar as crianças com os pais, nos lares. Será que daria certo? Será que o Espírito Santo está querendo que todas as Igrejas saiam por aí imitando Paul Yonggi Cho só porque conseguiu montar uma igreja de 500 mil membros? E será que isto funciona no Reino de Deus?

Repito: se algum pastor Batista está usando esta estratégia, com as devidas adaptações, e está dando certo, sem que se desfigure a natureza da Igreja, damos-lhe os parabéns. Todavia, cada caso é um caso, que deve ser examinado com cuidado, dependência do Espírito Santo de Deus, passando pelo crivo dos princípios Batistas.

E, afinal de contas, a Bíblia fala de Corpo, de membros do corpo, numa figura perfeita de funcionamento, mas nunca fala de células.

3. Estratégias com Heresias Embutidas – O G-12

O sistema de células acima comentado é, como alguém disse, como um "virus mutandi". Ele vai mudando de local em local, de tempos em tempos e se manifestando de maneiras diferentes.

É o que aconteceu com o sistema G-12, que tem causado muitos prejuízos à Causa de Deus entre os Batistas e, porque não dizer, entre outras Denominações Históricas. Igrejas têm sido divididas, depois de tantos anos de trabalho duro para um crescimento maduro. E, o que é mais lamentável ainda, propriedades têm sido esbulhadas e usurpadas.

Não temos espaço para entrar em detalhes desta estratégia. O Jornal "O Batista Paulistano", edição de julho/agosto de 2004, traz dois artigos de página inteira, escritos por grandes servos de Deus, como por exemplo: Pr. Dr. Josué Mello Salgado, pp.2/3, caderno D; Pr. Alberto Kenji Yamabuchi, pp.4/6, caderno D.

O movimento, que nasceu no seio do neopentecostalismo, pretende provocar o crescimento de igrejas pela estratégia de pequenos grupos. O autor do movimento é o líder da "Missão Carismática Internacional", César Castellanos Dominguez, que começou em Bogotá, Colômbia, em 1983. A sigla G-12 baseia-se no número doze dos apóstolos.

Segundo seu testemunho, Castellanos teve um diálogo com Deus, que lhe disse: “sonha, sonha com uma igreja muito grande, porque os sonhos são a linguagem do meu Espírito”.[105]

A estratégia na verdade é um conjunto de doutrinas e práticas pentecostais. Dentre outros pontos, citamos os seguintes:

Regressão Psicológica

Para começar, o assunto é polêmico até entre os profissionais da área. Alguns sequer o adotam. Mas no sistema G-12 a prática é o carro-chefe da experiência. Manipulada por leigos, que não são profissionais da saúde, a prática põe nas mãos dos líderes todos os segredos da vida da pessoa iniciada, com a desculpa de oferecer elementos para a orientação espiritual da pessoa. E isso põe a pessoa nas mãos do líder que manipulará toda sua vida.

Aliás, prática semelhante, mas com um outro objetivo, surgiu na Franca, com o que se chama “adoração do umbigo”. As pessoas se reúnem e se concentram numa profunda contemplação do umbigo e procuram regredir até ao umbigo de Adão, para terem uma deslumbrante visão do Paraíso.[106]

A prática da regressão não tem fundamento bíblico. O trabalho redentor de Cristo na cruz é suficiente para purificar a pessoa de todos os seus pecados. Os milhares de pessoas que se converteram conforme lemos no início do livro de Atos, não praticaram regressão alguma. Eles simplesmente creram em Jesus como salvador.

Na verdade, esse processo tem levado pessoas em crise para hospitais. Eu mesmo tenho sido procurado para ajudar pessoas totalmente atordoadas por este sistema. E o Pr. Delcyr de Souza Lima dá testemunho de pessoas que tiveram de submeter-se a tratamento psiquiátrico, depois do processo de regressão nos encontros do G-12, para que pudessem voltar à normalidade.[107]

Nossos pastores precisam voltar às origens do Novo Testamento. O crescimento da Igreja se dá pela proclamação do Evangelho, que é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê (Rm. 1.16,17).

Cura interior

Com o que supostamente se detecta com a regressão, vem então o que chamam de cura interior, ajudados pelo Espírito Santo. Mas que Espírito Santo é esse que precisa do ser humano, com processos duvidosos, para descobrir problemas interiores das pessoas?

O que a Palavra de Deus nos ensina é que o Sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo o pecado e que daí passamos a ser uma nova criatura. E a nova criatura vive em novidade de vida (1 Jo. 1.7; 2 Co. 5.17; Rm. 6.1-4). Ora, se é assim, e se temos alguns problemas ou traumas, no mínimo a nova criatura e a vida espiritual nos dá condições para convivermos conosco mesmos, e com nossos problemas. Essa invenção de cura interior anula o poder do Evangelho e não tem fundamento bíblico.

O Segredo

As coisas que acontecem nos famosos encontros, geralmente realizados em ambientes sofisticados e caros, não podem ser contados a ninguém. Eles só dizem que foi "tremendo". É uma armadilha bem montada. Na regressão, o iniciado fica nas mãos do seu líder. E depois vai conviver com os resultados de sua experiência sozinho, porque não pode contar e compartilhar nada para ninguém. Este tipo de procedimento, igualmente, não tem fundamento bíblico. A religião de Jesus é a religião dos "mistérios revelados". Tudo que estava encoberto, nos foi revelado por Cristo. E como vamos manter alguma coisa em segredo no Corpo de Cristo, que é a Igreja?

Estes são os pontos principais do sistema. E daí seguem-se os outros pontos: deificação do ser humano, confissão positiva, teologia da prosperidade, triunfalismo pessoal (que faz a pessoa atribuir a si mesma mais poder do que realmente tem – ver Rm. 12.3 – NVI), guerra espiritual, maldição hereditária.

Lamentavelmente não temos espaço para uma defesa bíblica exaustiva destes assuntos. Remetemos os leitores a O Batista Paulistano de julho/agosto de 2004 ou a livros que falam do assunto. Sobretudo, deixo aos líderes batistas um desafio: estudar a Bíblia. Estudá-la profundamente. Ela tem todas as respostas para estes assuntos.

Os líderes e grupos que estão tendendo para as doutrinas pentecostais, estão cada vez mais dando ouvidos às "visões" e "revelações" de falsos profetas, e abandonando a Palavra de Deus. Este, inexoravelmente, é o caminho da catástrofe espiritual.

Uma lição de vida

Tenho procurado, tanto quanto possível, não dar opinião pessoal neste trabalho que procura falar em nome do nosso centenário.

No entanto, não posso me furtar ao dever sagrado e até pastoral, de passar para a nossa posteridade uma lição de vida.

Ao longo de quase meio século de ministério pastoral Batista, e mais de meio século de liderança Batista, tenho atravessado por este "mar revolto" de ventos de doutrina, socorrendo Igrejas, membros de Igrejas, e até pastores. Vivendo um ministério intenso, de estudos, pesquisas da Bíblia; ensinando em Seminários no Brasil e no exterior; escrevendo, fazendo conferências teológicas, tenho podido filtrar as verdades entre experiências com Deus e pseudo experiências com Deus.108

Eis alguns rápidos conselhos sobre este assunto:

1. A insatisfação

Todos os líderes da nossa Denominação que caíram nas malhas do pentecostalismo estavam vivendo um momento de "insatisfação". E então diagnosticaram a "insatisfação" como falta do Espírito Santo, e partiram para um certo "batismo do Espírito Santo". Este é o grande erro. Na verdade, esse pessoal estava estressado, cansado de muito trabalho.

O próprio Senhor Jesus Cristo nos deixou esta advertência. Marcos 6.30-32 mostra Jesus convidando os apóstolos para irem a um lugar àparte, no deserto, e repousar um pouco, "porque havia muitos que iam e vinham, e não tinham tempo para comer".

A obra do ministério é cansativa, desgastante muitas vezes, e muitos pastores não atentam para isto. E, de repente, estão estressados. Aí levam a coisa para o lado espiritual.Quando isto começar, é melhor tirar umas férias e ir para uma praia ou para a beira de um rio, pescar, nadar, correr, caminhar.

O final da história de alguns dos líderes que caíram nesta situação no Brasil é bastante melancólico. Sei a história de todos eles. Mas deixo com os leitores a tarefa do levantamento, da pesquisa.

2. Cuidado com a experiência dos outros

Um grande perigo é querer que o que aconteceu com determinada pessoa tem de acontecer com todos. Experiências espirituais são acontecimentos pessoais e não podem servir de base doutrinária. Aliás, este é o grande perigo dos nossos dias: querer construir uma doutrina sobre uma experiência. Paulo, apóstolo, teve uma experiência fantástica: foi arrebatado até o terceiro céu. Vejam o que ele fala sobre o assunto: 2 Co. 12.1-10. Uma experiência forte pode valer para mim, mas não vai valer para outrem.

3. A diferença entre mudança de atitude e mudança de doutrina

No tempo do Rei Acabe, o povo de Israel debandou e seguiu o baalismo. Certo dia, o profeta Elias chamou Israel para um confronto. O fato está registrado em 1 Reis 18. À certa altura, Elias levantou-se para a sua tarefa combinada no confronto. Ele precisava apresentar um holocausto mas não poderia acender o fogo. Deus mandaria fogo do Céu. Quando se aproximou do antigo altar do Senhor, notou que estava no mato e todo quebrado pelo desuso. Afinal, fazia muito tempo que não funcionava. O verso 30 do capítulo 18 diz que Elias reparou o altar do Senhor que estava quebrado. Note-se que ele "reparou", mas não construiu um outro, de formato diferente.

Ora, todos sabemos que o altar do Antigo Testamento era construído segundo certas regras dadas por Deus. Isto estava ligado à doutrina e à liturgia da religião mosaica. Elias poderia ter pensado em reformar a religião naquele tempo, uma vez que o povo estava debandando com facilidade. Talvez fosse necessário "contextualizar" algumas coisas, nem que fosse na liturgia. No entanto, Elias reparou o mesmo altar e foi ali que Deus operou suas maravilhas.

Esta é uma grande lição. Quando as coisas começam a ir mal entre nós e o povo começa a esfriar, não é porque estamos precisando mudar a nossa doutrina. É preciso mudar a atitude. Só isto.

Aliás, foi o que aconteceu com a Igreja de Éfeso (Ap. 2.1-7). O Senhor Jesus mandou que João, exilado na Ilha de Pátmos, lhe escrevesse uma carta. Ela havia deixado o seu primeiro amor (Ap. 2.4). O desafio do Senhor àquela Igreja era que ela se lembrasse de onde havia caído, se arrependesse, e voltasse a praticar as primeiras obras, (ou atitudes - Ap. 2.5). Ora, arrependimento sugere pecado. Aquela Igreja havia cometido pecado e precisava arrepender-se e voltar ao que era. Não há aqui, nem de leve, qualquer sugestão para mudar a doutrina, mas para mudar a atitude.

Na verdade, fugindo ao fanatismo, muitos dos nossos obreiros estão deixando de pregar contra o pecado e as Igrejas estão deixando o mundo vir para dentro delas. É preciso tirar o pecado, conclamar o povo a uma santificação constante. É isto que faz a diferença no povo de Deus. Isto é mudar a atitude e não mudar a doutrina.

4. O problema do pecado do crente

Temos notado que certos líderes, quando caem em certos pecados de efeito social escandaloso, em vez de se humilharem, numa atitude honesta de arrependimento, partem para uma nova posição doutrinária. Obreiros mais antigos que estejam lendo esta página podem se lembrar de alguns casos. Evidentemente não podemos perder de vista a noção de que todos estamos sujeitos a quedas. Mas quando isto acontece, e caímos na tristeza, no mau humor, na insatisfação, o remédio é

confessar o pecado, reparar o erro e confiar no perdão do Senhor (1 Jo.2.1-2). Dentro desta atitude errada, têm surgido grandes movimentos de homens que procuraram esconder seus pecados partindo para uma outra arrancada doutrinária; para práticas extravagantes, espetaculares e começam a arrebanhar as multidões. Tudo isto funciona como uma capa que procura abafar o grito da consciência. É preciso ter cuidado com isto.

Naturalmente estou abordando todos estes assuntos com base em fatos que, no entanto, não quero especificar aqui. Isto é estatístico e sempre acontece assim. Seria bom nos precavermos para que não caiamos no ridículo.

Conclusão das avaliações

Tudo isto que vimos de dizer é porque muitos batistas hoje não sabem porque são Batistas. Eis porque a fidelidade doutrinária tem sido estremecida. Daí, muitas igrejas se dividem, quando não se dá o caso da Igreja toda deixar a nossa comunhão denominacional. As nossas lideranças, dentro do que é possível no nosso contexto Batista de autonomia das Igrejas, têm lutado e conseguido vitórias em muitos casos.

Afora os casos extremos, uma certa semântica vai acontecendo no nosso linguajar, na nossa liturgia, na nossa eclesiologia, na nossa pregação e, porque não dizer, na nossa doutrina. Mesmo assim, situações aparentemente anômalas têm sido toleradas e mantidas. Umas despencam até ultrapassar os limites da tolerância, e acabam sendo desligadas da cooperação denominacional; outras voltam e se recompõem. Eis porque não dá nem para mencionar quantas Igrejas deixaram a nossa Convenção nestes últimos anos. São os tempos trabalhosos, como dizia o Apóstolo Paulo.

Na verdade, pouco se fala de “ortodoxia Batista” ou de “fidelidade doutrinária”. Muitos apegam-se apenas à “fidelidade denominacional”, fazendo todo o esforço para continuarem na Convenção, mesmo em casos em que a Igreja já está doutrinariamente descaracterizada.

Por outro lado, neste grande aglomerado de mais de mil Igrejas, há pastores e líderes maravilhosos, capazes, eficientes, fiéis às doutrinas e à Palavra de Deus, que estão desenvolvendo igrejas vivas e maravilhosas. Não vamos citar ninguém porque correríamos o risco de fazer injustiça. Que estes prossigam vitoriosos!

III PARTE

PERSPECTIVA – UMA PROJEÇÃO DO FUTURO

Justificativa

A matéria constante desta divisão do nosso livro visa unicamente levar o povo de Deus chamado Batista, militante no Estado de São Paulo, a uma reflexão para futuros planejamentos. E, ainda mais, todo o material constante dos artigos que seguem são de inteira responsabilidade de seus autores, todos eles e elas, servos de Deus, operosos, acreditados na nossa Denominação.

Ao tomar a iniciativa de dividir o livro desta forma – e creio que é a maneira mais lógica possível – deparei-me com a falta de qualquer estudo ou planejamento nesta direção. Então me veio à mente este expediente: pedir a alguns dos nossos líderes que escrevessem artigos em determinadas áreas do nosso trabalho. Inicialmente, a idéia era pedir que cada um elaborasse a sua projeção de modo global. Depois, ouvindo a Comissão do Centenário e vários outros colegas, achei mais adequado trabalhar com áreas específicas, principalmente louvando-me no trabalho de pessoas militantes nas respectivas áreas. Uma das áreas que mais desejei trazer para este livro foi a da "fidelidade doutrinária". O autor escolhido, no entanto, teve tantas emergências neste período que se lhe tornou impossível terminar o trabalho.

Lamentavelmente não me foi possível conseguir colaboradores em todas as áreas que esta divisão exige. Uma das razões é a exigüidade de tempo – tempo para este autor, tempo para os colaboradores. Mas creio que o que conseguimos já vai ajudar bastante.

Escolhi, então, as seguintes áreas, que compõem a melhor parte do nosso todo, sob a responsabilidade das seguintes pessoas:

1. Uma Visão do Século XXI – Pr. Damy Ferreira
2. Evangelismo e Missões – Pr. Damy Ferreira
3. Depois dos Cem anos, Como Poderá Ser a Convenção?– Pr. Valdo Romão.
3. O Que Esperamos da Educação Teológica e Ministerial?– Prof. Lourenço Stelio Rega
4. Planejamento Estratégico de Crescimento de Igrejas na História da CBESP e para o Futuro – Pr. Salovi Berbardo
5. O Pastor Batista do Futuro: Pr. Irland Pereira de Azevedo
6. O Futuro das Crianças no Ministério Batista – Pr. Eli Fernandes
7. União Feminina Missionária – Uma Projeção do Futuro - D. Izoleide Matilde de Souza.
8. União Masculina Missionária – Uma Projeção para o futuro no Estado - Pr. Moacyr Tang
9. Perspectiva para a Juventude no Século XXI – Pr. Marcelo Santos

Damy Ferreira

23

UMA VISÃO DO SÉCULO XXI

"Escreva-se isto para as futuras gerações, e um povo que ainda será criado louvará o Senhor, proclamando: do seu santuário nas alturas o Senhor olhou; dos céus observou a terra..." (Sl. 102.18 – NVI)

Preliminarmente

Completamos nosso centenário no quarto ano do século XXI. Isto significa que entramos numa era bastante especial. O prosseguimento de nossa marcha, com certeza, precisa levar em conta vários fatores deste novo tempo. Uma das características motivadoras do nosso trabalho pioneiro era a falta de qualquer tipo de Igreja Evangélica por todos os lados. Hoje, esta situação mudou. Nossa pregação trabalha num contexto de muita competitividade de doutrinas, modismos e outros fatores desta área. As dificuldades de comunicação e de transporte para levar os missionários a alcançar o pecador foram transformadas em facilidades: a mídia, a internet, o telefone, o automóvel, o avião, o helicóptero, o computador e tantos outros recursos. Assim, tanto quem prega a sã doutrina como quem prega heresias, tem excelentes canais abertos e disponíveis.

Eis porque, à luz da nossa visão do passado e da avaliação do presente, a projeção do futuro do nosso trabalho é muito exigente e importante ao mesmo tempo.

Para que possamos nos situar melhor, vamos trabalhar um pouco, ainda que limitadamente, com:

Principais características deste novo século

O mundo deste novo século em que acabamos de adentrar será um mundo bastante modificado. O avanço da ciência e da tecnologia vai criando um contexto social totalmente estranho. E isto acontece numa velocidade tão rápida que o ser humano não consegue acompanhar com a sua adaptação.

Só para exemplificar, vejamos alguns aspectos:

1. Na área da comunicação

a) vídeo conferências em três dimensões, quase como se todas as pessoas estivessem presentes.

b) novos tipos de televisão com telas seletivas, em que tudo o que acontece na casa pode ser checado pela tela da televisão em funcionamento.

c) o celular global e outros avanços, vão prendendo o homem em torno se si mesmo e fazendo dele um pequeno deus, pois conseguirá tudo o que desejar nesta área.

2. a área de transportes

a) Viagens intercontinentais em menos de 2 horas. O avião sai da atmosfera, vai para um espaço sem atrito e desenvolve velocidades astronômicas.

b) Rodovias interligadas e "inteligentes" onde seu carro é "engatado" numa pista de alta velocidade programada com local certo de saída. Isto já está quase funcionando.

3. Na área da informática

a) Toda a casa ligada a um sistema de computador muito mais poderoso do que o que levou o primeiro homem à lua, com capacidade ilimitada de funções.

b) Internet. É imprevisível o que pode acontecer. As crianças, antes mesmo de aprender a ler já aprendem a lidar com computador. A internet põe o homem no mundo e deixa-o globalizado 24 horas por dia. Ele tem igreja virtual, e aí muitos não querem mais ir à Igreja; eles têm sexo virtual e por isso mesmo podem até desistir do contato pessoal com parceiros, e tudo o mais. Este é um dos mais eficientes esconderijos para o homem moderno.

c) Por outro lado, a transmissão do culto ao vivo pela internet, é uma bênção, e já é executada por algumas de nossas Igrejas.

4. Na área social

a) Declínio da habilidade de interação pessoal. Os relacionamentos: educação, economia, entretenimento, sexo, tudo passa a ser feito através das facilidades tecnológicas, sem contato humano ou intercâmbio de contato.

b) Não há necessidade de socialização direta, o que cria e já está criando pessoas solitárias e sem habilidade social (eremitas modernos), e com muitos problemas mentais.

c) Sem a responsabilidade da presença física, fica muito mais fácil o surgimento de grupos extremistas de todos os tipos que se reúnem virtualmente para criar o caos dando a impressão de resultados que nunca os afetarão diretamente.

d) Haverá muita corrupção e muita violência, pois escapará o referencial para definição de juízo de valores.

5. Na área de Informação

a) Nosso mundo moderno vive na base da informação. Por mais humilde que seja a pessoa, ela está ligada nos meios de comunicação para informar-se, nem que seja sobre futebol, sobre o desemprego ou sobre a criminalidade da sua cidade.

b) A informação passa a ser a coisa mais valiosa e a menos valiosa. Com o fácil acesso a qualquer tipo de informação passa a haver uma corrida e uma super valorização de informação nova ou não acessível por todos. Se a pessoa não tiver um bom senso crítico (o que tende a ser raro) tem dificuldade em direcionar suas pesquisas, pois pode-se perder muito tempo buscando a informação certa e necessária em meio a tanta desinformação.

6. Privacidade

a) será cada vez menor.

b) Internet, câmeras microscópicas, câmeras com capacidade de ver através de concreto, satélites que acompanham uma pessoa na rua, codificação genética, e outros.

c) Será, portanto, fácil saber tudo sobre todo mundo.

d) O que cria no homem uma atitude de vigilância constante sobre si, e medroso.

7. Na área da Ciência

a) Hoje, quando assistimos a várias séries de filmes de ficção, como star treck, (jornada nas estrelas), em que uma nave viaja pelo espaço visitando outras civilizações; em que o transporte é feito por tele-comando, mesmo antes do ano dois mil já

se deu o primeiro passo para tornar esse tele-transporte realidade, podemos ter uma idéia do mundo do futuro.

b) Um filme de ficção exibido recentemente mostra o mundo do espaço. Naves espaciais são tão comuns como carros. Homens comuns, naturalmente duma geração treinada para isto, pilotam suas próprias naves. Uma grande estação espacial é como uma verdadeira cidade, ponto de parada para quem viaja para outros mundos. Ali há hotéis, restaurantes, armazéns de suprimentos e lugar de divertimentos. Dali os viajantes pilotando suas próprias naves rumam para explorar minério na lua e em outros planetas, como sendo coisa comum. Imaginem uma igreja tentando botar um evangelista nesse circuito para alcançar essa gente para Cristo (se Cristo não voltar antes, é claro). Aliás, uma estação espacial gigante flutua no espaço em convênio com vários países e o Brasil é um dos sócios.

c) Prevê-se que no ano 2025 haverá verdadeiras fazendas submarinas. Este é um outro lado do espaço. Crianças crescerão nessas colônias submarinas e pessoas adultas passarão tanto tempo ali que mudarão totalmente seus comportamentos. Imaginem a nossa tentativa de evangelizar essa gente.

8. Na área da Medicina

A medicina está conseguindo cura para doenças difíceis, mas volta a crescer a mortalidade das doenças aparentemente fáceis, por aumento da resistência dos vírus. É o exemplo da tuberculose, que está reaparecendo com mais força do que no passado. Por outro lado, com a experiência de clonagem humana para fins terapêuticos, muitos problemas antes insolúveis poderão ser facilmente resolvidos.[109]

9. Ecologia

Tentativa constante para se equilibrar a natureza. A camada de ozônio. A poluição. Os estragos que o homem desavisado já causou no equilíbrio ecológico do mundo, já está afetando tremendamente o ser humano do futuro. Um dos mais graves problemas detectados nesta área é que a água tende a acabar no nosso planeta.[110]

10. Um mundo de cidades saturadas

Segundo estatísticas, em 1990 havia 1.000 (mil) cidades de mais de 100.000 (cem mil) mil habitantes no mundo. Atualmente sabe-se que, pela primeira vez na história, há mais gente nas cidades do que na zona rural no mundo inteiro e principalmente no Brasil. E a nossa São Paulo é uma das maiores metrópolis do mundo atual.

Já está se tornando insuportável viver numa cidade grande hoje em dia. Mas o mundo continuará se amontoando nas cidades por causa de certos recursos. E aí aumenta a violência, a criminalidade, a imoralidade, a incredulidade, o desemprego.

A poluição, em suas várias manifestações, continuará afetando o comportamento do ser humano. O contexto urbano, que aliás é um dos grandes temas de evangelismo hoje, ficará cada vez mais complicado para a evangelização. Vai crescer assustadoramente o uso de drogas e bebidas alcoólicas, ao lado da prostituição e outras formas de pecado.[111]

11. O fenômeno da globalização

Fala-se muito em globalização atualmente. Parece que a primeira tentativa de globalização foi o expediente da torre de Babel. Deus então resolveu confundir as línguas e espalhar o mundo. O homem deu a volta por cima, criou novas "torres". Os satélites de comunicação, por exemplo, são uma modalidade de torre, que permite a transmissão de notícias para o mundo todo de uma só vez, na velocidade da luz. E daí, a globalização do pecado. A globalização tem sido um fator de modificações tremendas na vida das pessoas.

Será nesse contexto que estará o homem pecador que vamos querer alcançar com a nossa evangelização.

O Homem do século XXI

Todo esse bombardeio de mudanças e influências de toda ordem, afetará grandemente o homem na sua mente, no seu sistema emocional e no seu comportamento social e espiritual. O reflexo dessa incidência aparecerá em diversas manifestações. Citamos apenas algumas:

1. Ateísmo. O ateísmo estará aumentando cada vez mais no mundo. Por um lado, o homem alcança recursos científicos e pensa que é todo poderoso. Por outro lado, ele vê o fracasso da religião e fica decepcionado. Em 1990 havia 233 milhões de ateus no mundo.

2. Materialismo. Em 1990 o número de materialistas declarados era de 866 milhões e está crescendo. O materialismo desvia o homem do sentido espiritual da vida.

3. Satanismo. Ao contrário do que se poderia imaginar, o satanismo, em diversas modalidades, vai crescendo no mundo. A Igreja de Satã está se multiplicando por todos os lados. "Nova Era" é uma das grandes agências do satanismo, e muitas pessoas, como que por revolta de incredulidade, estão se entregando ao satanismo. Tem-se percebido que muitos filmes infantis estão com doutrinas satânicas embutidas.

4. Ceticismo. Povo que duvida de tudo, não crê em nada. Vai vivendo a vida. “Quando, pois, o filho do homem vier, achará fé na terra?”

5. O endeusamento do homem. O corpo, as emoções, o sexo, a sabedoria – tudo tem sido idolatrado e continuará sendo. É a volta às mitologias antigas.

6. A ênfase da vida emocional. Percebe-se que o homem deste tempo, em vez de ser mais racional, tende a ser mais emocional. Talvez o próprio sofrimento da velocidade do progresso tenha criado este apelo à emoção. Um dos exemplos é o excessivo apelo às emoções sexuais dos nossos dias.

7. O Homem e a máquina. Por outro lado, uma boa parte do homem do século XXI viverá como máquina e com as máquinas, o que o fará frio para certas coisas sociais e espirituais.

8. E a pobreza continuará grassando pelo mundo, em virtude das dificuldades com a produção da natureza. Por exemplo, já se fala no reaproveitamento da água de esgotos. A previsão é tão catastrófica, que um filme foi montado em que um navegador solitário, que vivia no mar com sua embarcação, é assaltado por uma outra comunidade que também vivia numa plataforma marítima, só porque tinha um pouco de água potável e sabia de uma terra aonde ainda havia um pequeno riacho de água doce.

9. Tudo isto fará desenvolver um ser humano muito especial para ser alcançado pela pregação do Evangelho.

Damy Ferreira

24

EVANGELISMO E MISSÕES – UMA PROJEÇÃO PARA O NOSSO PRÓXIMO CENTENÁRIO

"O fruto da retidão é árvore de vida, e aquele que conquista almas é sábio"
(Pv. 11.30 –NVI).

Os leitores que estiverem interessados num aprofundamento da metodologia do evangelismo poderão recorrer ao nosso livro Evangelismo Total (Editora Horizonal, 5a. edição, Rio de Janeiro). Por ser este assunto bastante exaustivo, vamos nos dedicar apenas a sua parte geral.

Conceito de Evangelismo

Entendo que para fazermos uma projeção do futuro nesta área, temos que repassar alguns detalhes conceituais de evangelismo.

Ao longo da história, autores têm misturado o conceito de evangelismo com o de evangelização. A palavra "evangelismo" não aparece na Bíblia. No entanto, podemos conceituar evangelismo como sistema, ou conjunto de métodos, estratégias e técnicas, que tornam possível a evangelização. O evangelismo reúne os recursos, fornece as ferramentas, de que a evangelização lança mão para realizar sua tarefa. Em outras palavras, o evangelismo é a metodologia da evangelização.

Naturalmente, o evangelismo considera o evangelista, a mensagem, e o pecador a ser alcançado com o Evangelho. Nesse conjunto, o evangelismo trata da capacitação espiritual do evangelista e de todo o seu preparo, bem assim, define a mensagem, sua estrutura e a maneira como deve ser codificada para atingir o pecador. O objetivo da evangelização, que é levar o pecador a Cristo para salvação, é devidamente

esquematizado pelo evangelismo, que estrutura a verdadeira teologia da salvação para que esta não descambe para outros objetivos. Finalmente, o evangelismo procura tratar de uma análise do pecador, das influências que sofre no seu mundo interior, mergulhado que está neste contexto de pecado, e identifica, pela sabedoria do Espírito Santo, a maneira como alcançar o pecador no seu "status" e na sua localização ou no seu contexto. Tudo isto pertence ao âmbito do evangelismo

É o evangelismo, portanto, que dá à evangelização as condições adequadas para atingir o pecador, com toda a sua bagagem cultural, no contexto em que ele está. Em outras palavras: o evangelismo visa levar o evangelho aonde o pecador está.

Quando analisamos a história do evangelismo, desde os tempos da igreja primitiva, notamos que ele passou por várias modalidades de aplicação, de acordo com os contextos históricos que foram sendo formados. O direcionamento da mensagem do Evangelho ao povo judeu tinha uma abordagem diferente da abordagem feita aos gregos na evangelização da Ásia Menor. E essa abordagem era diferente também no contexto Romano, como aprendemos de Paulo.

Quando saímos do período apostólico, vamos notar uma outra fase de metodologia na evangelização, que tem uma grande ênfase nas controvérsias doutrinárias. Em paralelo, os famosos evangelistas itinerantes, fizeram sucesso.[112]

Com o estabelecimento da Igreja Católica Apostólica Romana, a linguagem da evangelização mudou bastante, passando a representar mais uma mera cristianização do que uma evangelização. O auge desta metodologia foi a idade das trevas, notadamente entre 1095 a 1291 em que surgiram as Santas Cruzadas, cuja "Evangelização" era mais uma conquista de povos para a Igreja Católica, uma cristianização pela força e o poder da espada.[113]

O famoso período da Inquisição mostra que evangelização era uma cristianização forçada, em que as pessoas eram martirizadas, caso não aceitassem as doutrinas da Igreja, já naquela época totalmente divorciadas das doutrinas originais do Novo Testamento.

Com a reforma protestante, o evangelismo assume outras formas, numa dinâmica mais evangélica.

Sem querer entrar em detalhes na teologia do evangelismo, queremos deixar claro que entendemos que não há evangelismo, nem evangelização sem o trabalho do Espírito Santo. Percebemos, no entanto, que o Espírito Santo trabalha conosco como seres humanos, com inteligência, cooperando conosco. Basta lembrarmos que ele enviou Filipe a um homem no deserto que precisava entender o Evangelho. Filipe foi a esse homem e usando um certo tipo de raciocínio, começando pela Escritura que lia, lhe anunciou a Jesus (Atos 8.26-40). O Evangelho de Marcos, capítulo 16:20 relata que o Senhor cooperava com os discípulos que saíram pregando o Evangelho. O apóstolo Paulo, disse: "fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns" (1 Cor. 9.22). Tudo isto mostra-nos que o Espírito Santo trabalha conosco, usando meios que podemos aplicar para a comunicação da mensagem do Evangelho para alcançar cada pessoa no seu próprio contexto.

O Lugar da Igreja no Evangelismo

Um outro aspecto neste assunto, para que possamos fazer uma projeção para o futuro, é a agência do evangelismo. Segundo o Novo Testamento, a tarefa de evangelizar foi dada aos crentes na qualidade de membros do corpo de Cristo, a Igreja. E isto não pode mudar, seja qual for o nosso mundo do futuro.

Entendem os eruditos das Escrituras que a Igreja surgiu efetivamente em Atos 2.1-42, na descida do Espírito Santo. E foi essa igreja, que se preparava para a sua formalização, que recebeu a incumbência de ser testemunha de Cristo (Atos 1.8). A mesma idéia de igreja reunida quando Jesus deu aos crentes a tarefa de pregar o Evangelho a toda a criatura, encontra-se em Mt. 28.16-20 e Mc. 16.9-20. Não é, pois, sem razão, que o apóstolo Paulo diz que Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela (Ef. 5.25b). Isto é, ao morrer pelo pecador, e salvá-lo, Cristo estava determinando que ele seria inevitavelmente incluído no Seu Corpo, a Igreja. Ainda mais: é pela Igreja que a multiforme sabedoria de Deus é conhecida (Ef. 3.10). E Cristo virá buscar a sua Igreja, que é chamada a noiva do Cordeiro

Eis porque nestes últimos tempos, tem havido um esforço muito grande para fugir desta realidade e eliminar o fator igreja do cristianismo. Daí, têm surgido muitas organizações missionárias sem vínculo com qualquer igreja. No entanto, esta tendência não resiste à prova das Escrituras.

Ao lado dessas argumentações bíblicas, podemos colocar a experiência e a convicção de grandes homens de Deus em evidência na evangelização nestes últimos tempos. Um livro bem recente, produzido por autores que trabalham na equipe de Billy Graham, livro esse que vem prefaciado pelo próprio Billy Graham, diz: "Evangelismo não deveria ser visto nem como o principal ministério da igreja, nem como ministério opcional...mas evangelismo deveria ser o pico da prioridade no ministério da igreja local". O mesmo livro cita Billy Graham: "Evangelismo é a missão central da igreja. Sem ele, os crentes tornam-se introspectivos com falta de propósito; o crescimento espiritual fica estagnado, o culto se torna superficial, e o egoísmo sufoca o espírito de dar" (pag. 67). Dentro desta mesma linha de pensamento, o grande teólogo Emil Brunner diz: "A igreja existe para missão, assim como o fogo existe para queimar". Os autores do referido livro dizem que Billy Graham só vem a uma comunidade para pregar quando convidado por uma Igreja.[114]

Tal é o conceito que têm esses grandes homens de Deus da Igreja em relação ao evangelismo ou à evangelização.

Que metodologia aplicar?

Que tipo de metodologia será mais apropriada para esse tempo?

Antes de prosseguir, vamos reafirmar que o Evangelho é o mesmo, o processo de salvação é o mesmo, o Espírito Santo será sempre o motivador e atuará em nós e

nos pecadores. Mas a metodologia terá que ser adequada a cada situação, a cada contexto.

Costumo dividir a metodologia do evangelismo em: Método, propriamente dito, estratégia e técnica. Quando tratamos de método, temos que entender que só há dois em evangelismo: Evangelismo pessoal e evangelismo de massa. Estas são as duas maneiras de alcançar a pessoa.

1 - Método

Que método será melhor para o século XXI, evangelismo pessoal ou de massa?

Jesus gostava muito de evangelismo pessoal. O Novo Testamento registra maravilhosos encontros de Jesus com pessoas. Um dos mais tocantes exemplos foi seu encontro com a mulher samaritana. Filipe era um grande evangelista pessoal, haja vista seu encontro com o eunuco. Paulo, trabalhou muito com evangelismo pessoal. Na prisão, por exemplo, ele ganhou muitas pessoas para Cristo e um deles foi Onésimo, o escravo de Filemon.

Quando passamos para os tempos pós-apostólicos, vemos que muita gente importante foi ganha pelo evangelismo pessoal. Michael Green diz:

"O testemunho pessoal de um ancião que se encontrou com Justino no campo e fez com que a conversa girasse em torno de Jesus marca o início da conversão desse homem, no começo do século II. Cipriano foi ganho através da palava pessoal de Orígenes. Há uma passagem encantadora no início do Octavius de Minucius Felix que esclarece bastante a maneira como essas conversas podem iniciar-se e ser conduzidas; neste caso, é à beira-mar, quando dois amigos se reúnem para uma caminhada ao longo da praia".[115]

Billy Graham diz que:

"o evangelismo de massa é a plataforma para o evangelismo pessoal".

E continua dizendo que o evangelismo de massa não é necessariamente a melhor forma de evangelismo. Ele crê que a mais efetiva forma de evangelismo é o pessoal.[116]

No mundo do século XXI as grandes cruzadas em estádios, por exemplo, poderão perder a motivação. Ficará cada vez mais difícil levar tanta gente a um estádio, a menos que o pregador prometa milagres para os doentes.

As séries de conferências ou cruzadas menores promovidas por Igrejas, igualmente, vão perdendo a eficiência. Os próprios crentes estarão envolvidos com a operação de suas próprias vidas no mundo moderno. Atualmente, por exemplo, já não se pode fazer uma série de conferências de semana toda. A semana Santa, por exemplo, que era usada inteiramente pelas igrejas para conferências, já não funciona. O povo de Deus prefere sair e viajar. O evangelismo de massa será menos eficiente, a não ser pelo rádio e pela Tv – nos moldes que continuam hoje.

A grande cartada do século XXI poderá ser o evangelismo pessoal, cada crente no seu contexto, ganhando seu amigo para Cristo.

2 - Estratégia

No mundo do século XXI temos que dar muita atenção à estratégia apropriada. Como se sabe, estratégia é o plano de ação que se usa para alcançar determinado objetivo. Vamos voltar às palavras de Jesus, quando disse que faria de seus discípulos pescadores de homens. Isto nunca foi tão verdade como agora. Imaginemos que o pecador é como certos peixes que vivem em determinadas profundidades do oceano. Temos que nos preparar com equipamento apropriado para aquele peixe, naquele lugar. O plano que vamos usar para apanhar aquele peixe, é a nossa estratégia.

Como alcançar, por exemplo, os milhões de pessoas que passam grande parte de seu tempo diante do computador, usando Internet? Teremos que entrar no "pesqueiro" dessa gente.

Tivemos a honra de ser um dos primeiros a escrever uma página inteira em O Jornal Batista, sobre a Internet como campo missionário sem fronteiras. Na ocasião compartilhei o meu programa Cybervida, pelo qual estava alcançando, dos Estados Unidos, milhares de brasileiros espalhados pelo mundo. Eu enviava uma mensagem por semana, e tenho uma pasta cheia de resposta de pessoas que foram alcançadas pela mensagem.

As igrejas devem usar a internet. Com uma "home page" é possível fornecer até estudos bíblicos, esboço dos sermões, pastorais de boletins e outras utilidades do serviço eclesiástico, o que não deixa de ser evangelismo.

3 - Técnica

A técnica é o recurso material que usamos para executar o método. A maneira como abordamos uma pessoa, como arranjamos o plano de salvação; o uso de argumento dedutivo ou indutivo; recursos audio-visuais, recursos gráficos, recursos eletrônicos – tudo isso é técnica. Aliás, a técnica do audio-visual, Deus usou no tempo de Gideão, com aquelas tochas dentro dos vasos e sendo acesas de impacto sobre os midianitas.

Vem então a pergunta: que técnica usaremos para comunicar o Evangelho no século XXI?

A resposta pode ser dada englobadamente dentro da metodologia: tudo deverá ser aplicado levando-se em conta o tipo de pessoa ou grupo de pessoas que queremos alcançar e o contexto aonde estão localizadas. Cada vez mais teremos que ter uma metodologia versátil e gente treinada, com capacidade espiritual para fazer as adaptações adequadas.

Missões e Evangelismo

William Ower Caryer, considerado um autor clássico de Missões, citado por um dos mais badalados autores da área – Francis Dubose – assim define Missões: "Missões significa a realização extensiva do propósito redentivo de Deus em Cristo por meio de mensageiros humanos.[117]

O Dr. Charles Timothy Carriker, em sua tese de doutorado intitulada "Teologia Bíblica de Missões", assim se expressa sobre o assunto: "Missões tem a ver com atravessar fronteiras. Descreve toda a tarefa que Deus designou à Igreja para a salvação do mundo. É a tarefa da Igreja em movimento; a Igreja que vive para os outros, a Igreja que está preocupada não somente consigo mesma; que "se vira às avessas" para o mundo. As fronteiras podem ser étnicas, culturais, geográficas, religiosas, ideológicas ou sociais".[118]

Convém, à esta altura, estabelecer uma diferença entre Missões e Evangelismo. Evangelismo é o sistema que oferece metodologia ao trabalho normal de evangelização realizado pela Igreja, na sua comunidade, executado pelos seus membros. Já Missões, assume algumas características próprias: tem fronteiras; tem missionários que são enviados; precisa de uma agência (a Igreja local e, em muitos casos, juntas, comissões por ela comissionados); assume, forçosamente, a natureza de empreendimento.

A característica principal é que Evangelismo ou Evangelização realiza-se no contexto da Igreja; Missões, atravessa fronteiras para realizar a Evangelização. De qualquer maneira, Missões vai precisar de Evangelismo quando atravessar suas fronteiras e atingir o contexto almejado.

Missões Urbanas - O grande desafio do futuro

Missões Urbanas, em última análise, é Missões da Cidade. "O adjetivo "urbano" vem de "urbe". Segundo o livro "A Cidade Antiga", "No mundo antigo, a cidade era a associação religiosa e política das famílias e das tribos; a urbe, o lugar de reunião, o domicílio, e sobretudo o santuário dessa sociedade...". Daí, "urbe" é a vida de seu povo e seus aspectos jurídicos e sociais.[119]

Um dos exemplos bíblicos mais extraordinários de Missões Urbanas encontra-se no livro de Jonas, quando Deus diz ao profeta: "Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim" (Jonas 1.2). E mais tarde: "Levanta-te, e vai à grande cidade de Nínive, e prega contra ela a pregação que eu te disse" (Jonas 3.2)

Em seu livro: "Teologia da Cidade", José Comblin diz:

“Desde que se produziu na humanidade, há seis ou sete mil anos, o que V. Gordon Childe chamou de revolução urbana , o movimento de urbanização não fez senão crescer, como se a humanidade, após amplas tentativas, tivesse descoberto, enfim, o modo de vida que lhe convém. É verdade que durante muito tempo o progresso foi lento. Até a revolução industrial, a população urbana representou apenas uma proporção mínima da humanidade: exatamente a pequena minoria onde se elaboravam os fatores do progresso”.

“Se a urbanização cresceu durante séculos muito lentamente, entrou, no século XIX e sobretudo em meados do século XX, em fase de repentina aceleração, que não se deterá senão no momento da mutação integral do gênero humano. No final deste século, a imensa maioria da população mundial é urbana e, dentro de cem anos, a antecipação de Aristóteles ver-se-á confirmada pelos fatos: o homem é um animal da cidade”.[120]

Desde 1945, com o término da II Grande Guerra o mundo passou a viver em cidades e durante o século XX proliferaram as chamadas megalópolis que se constitui de uma cidade centro, seus bairros, interligada a outras cidades satélites. Um exemplo disso é a chamada Grande São Paulo, com o sistema ABCD de cidades. Hoje calcula-se que 80% da população brasileira vive em cidades.

Pensando especificamente no nosso Estado, temos aí, a começar da Capital, outras megalópolis.

O fenômeno da megalópolis é tão gritante que Harvey Cox, em seu livro “Missões num Mundo de Cidades (Mission in a World of Cities), afirmou: “Os historiadores do futuro registrarão o século vinte como aquele em que o mundo inteiro se tornou uma enorme cidade”.[121]

Segundo relatório da ONU publicado em 1996, a projeção era que até o ano 2006 cerca de metade da população mundial estaria nas cidades, e que a população das cidades estavam crescendo três vezes mais rápido do que a população rural.122 (Cities Missions” – New Frontier. Roger S. Greenway & TimothyM. Monsma. Grand Rapid. Baker Books, p. 13).

Missões Urbanas
Várias fronteiras numa só cidade

A julgar pela definição de Missões que apresentamos acima, podemos considerar, ainda que de passagem, algumas fronteiras que determinam o campo missionário de uma cidade.

1. Fronteiras Étnicas. Nas grandes cidades como São Paulo, sempre se formam núcleos de imigrantes, pessoas de língua e cultura diferente. Um trabalho para alcançar esses grupos pela mensagem do Evangelho, é uma obra missionária. Há uma fronteira que precisa ser transposta.

2. Fronteiras Culturais. Um dos grandes exemplos no Brasil são as favelas. Hoje, a cultura desse povo e seu contexto envolvido geralmente com a criminalidade, exige um trabalho missionário especial.

3. Fronteiras Religiosas. Numa cidade grande, proliferam sistemas religiosos os mais exóticos e extravagantes, provenientes de outras partes do mundo. Alcançar esses grupos com a pregação do evangelho, exige um empreendimento missionário especial, mesmo porque entra o delicado problema dos direitos constitucionais sobre liberdade religiosa.

4. Fronteiras Ideológicas. No mundo intelectual, geralmente com seu foco nas universidades públicas e particulares, há grupos de alto nível de escolaridade envolvidos com filosofias diversas e que precisam ser alcançados com a mensagem do Evangelho. Para tanto, uma obra de capelania bem estruturada, pode romper a fronteira e levar muitas almas preciosas a Cristo. Isto é um empreendimento missionário urbano.

5. Fronteiras Sociais. No mundo da cidade há diversas camadas sociais que se distinguem como "grupos específicos". Aí entram pessoas portadoras de deficiências físicas e mentais (surdas, cegas, paraplégicas e outras); Presidiários (masculinos e femininos) que em São Paulo representam uma cidade dentro da outra; viciados em droga, que geralmente criam um mundo próprio em torno de si; moradores de rua; meninos de rua, e outros.

Todos estes segmentos da sociedade que formam uma grande cidade precisam de um tratamento missionário.

No futuro, o missionário urbano

No empreendimento missionário urbano, temos que dar atenção ao que chamamos missionário urbano. Ele há de ter uma vocação especial para a área, bem assim um treinamento específico para cada grupo com o qual vai trabalhar. Por exemplo: Os hospitais constituem hoje uma grande população que precisa de Cristo. No entanto um trabalho de capelania na área da saúde precisa contar com capelães devidamente treinados para o contexto. E assim, o trabalho com presidiários também.

Nosso espaço é pequeno para tratarmos do assunto a fundo. Nosso trabalho intitulado: Missões Urbanas, em três volumes, traz bastante subsídios sobre esta matéria (Vol. I).

Conclusões

1. O povo de Deus terá que estar cada vez mais preparado para evangelizar com espiritualidade e sabedoria no século XXI e, em particular, os Batistas de São Paulo,

no seu próximo século de atividades. Todos os crentes devem acompanhar o progresso e suas modificações na vida. Aliás, Billy Graham disse que o segredo da boa pregação é o pregador estar em dia: com Deus, com a Bíblia e com o mundo.

2. Como bom estrategista, o Diabo estará em dia com tudo, e será sempre uma resistência à altura da pregação do Evangelho. Portanto, o povo de Deus precisará sempre incluir o Diabo no seu programa de Evangelização, isto é, contar com a sua oposição.

3. O desafio da velocidade do aumento populacional e das dificuldades de se localizar o pecador é tremendo. As estimativas de 1990 mostravam que a população mundial cresceria, a partir do ano 2.000, em 95 milhões de pessoas cada ano. Será que estamos vencendo esta avalanche, ganhando para Cristo os que já existem antes que morram, e alcançando os milhões que estão nascendo cada ano? A nossa tarefa de anunciar o Evangelho a todas as gentes, para que venha o fim (Mt. 24.14), será cada vez mais difícil.

4. A igreja, agência de evangelismo é também a agência de integração do convertido. Ela também sofre as mutações dos tempos. Por isso precisa estar preparada para conduzir a vida cristã das pessoas de acordo com a vontade de Deus. Mais do que nunca, ela tem que definir sua natureza: se ela tem que transformar o mundo ou ser transformada por ele.

5. Finalmente, mais do que nunca, deveremos obedecer o quarto ponto do nosso resumo do Evangelho: a volta de Cristo. Jesus Cristo está voltando, e o mundo precisa estar avisado. Este é o sentido de Mateus 24.14.

Portanto, é tempo de levantarmos as nossas cabeças, e estarmos prontos para a evangelização do mundo, quando começamos a contar o nosso próximo centenário, dentro do século XXI.

Damy Ferreira

Fontes para os artigos de Damy Ferreira

1. Workshop: World Evangelization and Me
   Aliança Batista Mundial, agosto 16 e 17, 1990, Seul, Coréa

2. Leadership – A practical Journal forChurch Leaders – Cristianlity Today, Inc.
3. Crusade Evangelism and the Local Church. Sterling W. Huston – World Wide – A ministry of the Billy Graham Association, Minneapolis, Minnesota.
4. A Missão da Igreja no Mundo de Hoje – ABU e Visão Mundial (Vários autores)
5. Revista Discovery – 1997
6. Revista Isto É – Última edição de 1997
7. Pesquisas em Internet

25

DEPOIS DOS CEM ANOS, COMO PODERÁ SER A CONVENÇÃO?

Valdo Romão

Palavras Introdutórias

Eis diante de nós um assunto que sempre causa-nos uma certa inquietação. Como enxergar o futuro? Fugimos do tema tantas vezes até por uma questão bíblica, assim temos na Palavra de Deus: "Atendei agora, vós que dizeis: Hoje, ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos e teremos lucros. Vós, não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois apenas como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como faremos isto ou aquilo". Tiago 4. 13 a 15. Num primeiro momento somos alertados quanto ao fato de fazermos planos, quando não temos domínio sobre o amanhã, contudo, no mesmo texto bíblico há todas as possibilidades de planejarmos o amanhã, conquanto sejamos submissos à vontade do Senhor da história. Movidos por isso ousamos pensar no amanhã da nossa Convenção.

Saímos recentemente de um período que catalisou a atenção de muitos em todo o mundo, quando assistimos a realização dos jogos olímpicos, desta feita tendo como palco o local do seu nascimento, a Grécia. Dentre tantas modalidades de esportes que se viu, uma delas particularmente chamou-me a atenção; é a do lançamento do disco. O atleta ou a atleta posiciona-se sobre os seus pés impondo-lhes um tremendo esforço para servir de apoio para arremessar, o mais longe possível, o disco, e ganha aquele que mais distante jogar. Que isso tem a ver com o assunto presente? De igual forma só podemos lançar os nossos olhares para o futuro da

nossa Convenção se firmamos os nossos planos na história que temos escrito até aqui. Não podemos nos esquecer do que temos vivido e estamos vivendo, e simplesmente ignorar os fatos tão relevantes que construíram a nossa vida convencional, agora centenária, e apontarmos um futuro desconectado com o passado e com o presente.

Qualquer instituição como é a Convenção Batista do Estado de São Paulo, com lastro de vida que tem, não pode virar as paginas da sua história e desenhar um futuro, sem admitir a contribuição do passado. Se temos chegado até este tempo, temos que erguer um altar de louvor ao nosso Deus e tributar a Ele toda a nossa gratidão pelas vidas que deram-se nestes anos, e o que fizeram trouxe-nos como resultado o que hoje desfrutamos.

1. Considerando o Passado e o Presente, Lancemos os Nossos Olhos para o Futuro

Apoiados nos marcos da nossa história, ousamos lançar os nossos planos para o futuro. Isto é bíblico quando dependemos de Deus. Aliás, planejar é tarefa indispensável na construção de qualquer projeto. Foi o próprio Jesus, quando se referiu à atitude de previdente, que nos ensinou como deveria ser o nosso comportamento quanto ao futuro, quando disse: "Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, Dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar". Lucas 14. 28 a 30. O texto indica a necessidade de um projeto para se construir algo. Quando pensamos no futuro da nossa Convenção, somos levados a ter que enxergar que Convenção queremos? Logo, com base no que somos, lançamos nossos olhos para o futuro, e isto abre-nos oportunidade de idealizarmos novos objetivos e naturalmente temos que admitir correções, se isto for necessário. Esta é uma tarefa que até cabe sem que com isto estejamos desconsiderando o que temos feito.

Ousamos desenhar uma Convenção que não deixe, em nenhum momento, de atentar para o foco da sua razão de ser, contudo, não nos ocuparemos nas suas áreas de atuação que são os objetivos finais, como: a de missões e evangelismo, a teológica, educação, educação religiosa, música a assistência social, mas colocamos como objetivo de nossa modesta contribuição, refletir sobre a estrutura administrativa e de governo, que passa a ser o meio para a execução dos objetivos sociais da Convenção.

O tema é por demais oportuno, pois tem sido, desde a década passada, objeto de inquietação dos que militam com a administração, quer seja das empresas, quer seja das diferentes instituições que tem se apresentado no contexto social para atender

os anseios dos homens e mulheres, nas mais diversificadas tarefas por eles idealizadas.

Desde o começo da era da industrialização, quando o homem deixou de se ocupar com a atividade voltada para a sua própria subsistência, o que se tem visto é que, com o desenvolvimento e a ampliação das suas relações com estranhos, o levaram a ter que estruturar os seus negócios de maneira a atender as perspectivas que diante deles estavam, de ver crescerem os seus negócios, e isso lhes exigiu dar forma estrutural, e, não o fazendo, colocaria em risco a oportunidade de alcançar novos níveis no desenvolvimento das suas transações comerciais. Surgiu neste contexto todo, diferentes níveis de decisões, para que de alguma forma as metas de produção, distribuição de produtos, e satisfação dos clientes fossem alcançadas. Não foi diferente com as atividades prestadoras de serviços, das quais foram exigidas estruturas de controle, tendo também o mesmo objetivo de atender às expectativas dos tomadores de serviços.

Passados os anos, o crescimento da concorrência, o encurtamento das distâncias causado pelos meios mais rápidos de transportes, e de informações; a presença da informatização, o conhecimento on-line do que acontece no mundo, tudo isto contribuindo para um cenário composto de indivíduos que se ocupam com a qualidade do produto, o custo deste, o tempo para a sua satisfação, a otimização dos recursos financeiros e humanos, a luta acirrada pela conquista de mercado. A somatória destes fatos fez surgirem os projetos de reengenharia, os programas de qualidade, os chamados certificados ISO, aliás hoje companhias não mais contratam se não apresentarem tais certificações. Por conta de tudo isso as organizações religiosas, como as próprias igrejas, suas associações, suas convenções e outras instituições por elas criadas, também tiveram que rever a sua maneira de atuar, surgindo daí os programas de reestruturação, também chamados de “repensar” em algumas esferas.

Tudo isto não cai como surpresa pois quem integra estas igrejas e instituições por elas mantidas, são os mesmos atores que trabalham no contexto mais amplo da sociedade. Lá são cobrados; deles são exigidos mais agilidade nas decisões, otimização de recursos, enfim, melhor estrutura para permitir decisões mais ágeis, pois tem que dar satisfação. Cá, no nosso contexto convencional, não poderia ser diferente, pois temos que dar relatórios aos que contribuem para o sustento da estrutura. Como atender estes novos tempos, especialmente quando não mais se tem a passividade que outrora se via dentro das nossas igrejas e convenções.

2. A Convenção, Sua Natureza e suas Finalidades

Voltando na história, deparamos, no ano de 1993, com a realização de uma Assembléia Extraordinária da Convenção Batista do Estado de São Paulo, que aprovou a sua Filosofia, ocasião em que ficou definido, conforme o Manual do GT de Reestruturação publicado em 28 de junho de 1995, que a Convenção é:

Uma entidade religiosa sem fins lucrativos, composta de igrejas batistas que decidem voluntariamente se unir para viverem juntas a mesma fé, promoverem o reino de Deus e assumirem o compromisso de fidelidade doutrinária, cooperação e empenho na execução dos programas convencionais. A Convenção existe em função do propósito que o Senhor Jesus deu à sua igreja. Ela não substitui a igreja local, mas aglutina recursos, analisa e sugere métodos e planos, e proporciona às igrejas condições melhores para o cumprimento de suas funções. A Convenção é caudatária das igrejas, quando recebe delas condições e motivações para existir e operar; é também cadinho e foro, quando em suas assembléias, constituídas por mensageiros enviados pelas igrejas cooperantes, aprecia doutrina e praticas, relatórios das atividades dos seus órgãos e entidades, debate idéias e aprova diretrizes gerais; é ainda coordenadora quando recebe planos e programas como atividades que deva implementar visando a concretização das aspirações comuns às igrejas cooperantes.

Assim a Convenção incentiva e coordena a obra cooperativa das igrejas, buscando sempre fortalecer a visão sinótica e a ação sinérgética de igrejas e crentes, regida sempre pelos princípios da voluntariedade, da fraternidade, da solidariedade, do incentivo, e presidida pelo respeito à autonomia da igreja participante. A Convenção tem como finalidade estimular a criação de condições para abrir canais de cooperação, de congraçamento, de intercâmbio entre as igrejas da mesma fé e ordem, para que cumpram seus ideais e a missão dada pelo Senhor – do ideal da unidade da fé no pleno conhecimento do Filho de Deus, da maturidade cristã, objetivando a estatura da plenitude de Cristo; da construção de uma sociedade justa onde cada cidadão encontre seu bem estar e o desenvolvimento pleno de suas potencialidades; da formação de um povo para Deus através da ação da igreja e da glorificação do nome de Deus em todas as esferas da sociedade. (Manual de Documentos p.8)

Como está no documento referido, há um trilho traçado para a atuação da Convenção. O que não se pode ignorar é que existem limites para que a Convenção atue. Contudo, do documento se vê que a abrangência é grande. Eis porque talvez tenhamos de considerar como se pode fazer o que foi decidido de maneira pratica, construindo uma frase que sintetize a tarefa primordial da Convenção. A Convenção tem de se apresentar atuando dentro dos definidos limites da sua competência, limites estes provindos da sua fundação. Perder de vista a sua missão, como já se viu em alguns momentos da sua história, é empurrá-la para o descrédito. As igrejas são as únicas donas da Convenção, como bem está na filosofia aprovada por ela. A Convenção é caudatária das igrejas e não o contrário. As igrejas locais são o ponto de partida e de chegada da Convenção Batista do Estado de São Paulo.

Qualquer instituição deve ter bem definida a sua missão. Para que ela existe? Tal pergunta deve ser respondida para se ter um balizamento estabelecido que não dará oportunidade para andar por onde não se deve andar. Sabendo disto, as nossas ações todas serão na direção da missão. Não há mais lugar para ingerência em assuntos que não nos dizem respeito enquanto Convenção. Mais do que nunca, os

nossos passos estão sendo vigiados por aqueles que para a Convenção olham com um certo desdém, não entendendo a razão da sua existência.

Quando da realização do Congresso de Identidade Batista, realizado no contexto da 90ª. Assembléia da Convenção Batista do Estado de São Paulo, no ano de 1998, o Pr. Ed René Kivitz, falando sobre o tema "A Identidade Denominacional no Mundo Contextualizado", na última parte da sua fala assim disse:

"Creio que os Batistas seremos tão relevantes nesta virada de século e milênio quanto capazes de resgatarmos o conjunto ambição, visão e missão. Dizem que "para um barco que não sabe para onde vai, todo vento é a favor...ou contra, dependendo do estado de humor do marujo". Não podemos mais velejar ao sabor dos humores e da qualidade do relacionamento de nossas lideranças. Precisamos de uma carta de navegação que transcenda os personalismos e que mantenha o barco no rumo certo independentemente de quem seja o marujo ou para onde soprem os ventos. Mesmo porque...os ventos dos fins dos tempos não são tão favoráveis. Qualquer grupo que deseja ser relevante precisa saber onde quer chegar e como pretende chegar até lá. Não podemos mais nos reunir para apreciar relatórios de atividades sem o critério dos alvos pretendidos pelas atividades propostas. Não estamos aqui para receber informação de "quantas sapatarias foram visitadas, mas de quantos sapatos foram vendidos". Não precisamos saber como estamos andando, queremos saber se chegamos a algum lugar...para onde estamos indo. O que estamos tentando construir através da obra de cooperação de nossas igrejas locais? Qual será, daqui a dez anos, o fruto da atividade batista no mundo? Que ninguém duvide que prevalecerão no futuro somente aqueles que souberem claramente onde querem chegar e como pretendem chegar lá." (Ed René Kibitz p. 11)

Vivemos o tempo em que se exige das instituições um norte; aliás, o que foi referido pelo Pr. Ed René é o que se pede de qualquer agrupamento de pessoas que pretende desenvolver qualquer atividade na direção de atender os anseios das pessoas que integram a sociedade, ainda mais quando tais instituições são históricas e por isso mesmo provocam expectativas sobre elas. A contribuição da Convenção para as igrejas, sobretudo para com as pequenas, tem sido vista no sentido de como levar as grandes a se envolverem mais para atender a demanda exigida da Convenção, num tempo onde temos os questionamentos quanto ao papel da Convenção.

3. Planejamento Estratégico - uma Exigência

Antes de focarmos o assunto, pensamos ser oportuno compreender que a Convenção, conquanto desenvolva atividades afeitas às igrejas, pois ela existe para ajudar as igrejas que com ela cooperam, desenvolvendo atividades que tem a ver com a missão da igreja, não pode confundir-se Convenção com a Igreja; esta é diferente daquela, sua estrutura não é a mesma da igreja, seu governo também pode não ser o mesmo da igreja, bem assim seus gestores de igual forma.

Pensamos ainda ser oportuno registrar que tantas vezes se vê a maioria das nossas igrejas tentando cumprir com as suas tarefas que estão explicitas na Palavra de Deus, de maneira ineficaz, exatamente por lhes faltar um direcionamento mais técnico e não menos espiritual. Vê-se quase sempre a igreja desenvolver atividades, sem no entanto, considerar a eficiência e a eficácia destas atividades, deixando assim de aproveitar melhor os já poucos recursos financeiros e humanos.

Assim também se constata com as nossas organizações denominacionais, quer sejam aquelas que atuam com o fim de alcançar as senhoras, os homens, a juventude, assim como outras criadas pelas igrejas que deveriam ajudá-las nas suas tarefas, acabam por exigir delas tantos recursos que as leva à exaustão, passando desta forma um atestado de imunidade que faz a igreja afastar-se do convívio destas instituições por temor de que venha lhe sobrar compromissos que não gostaria de assumir. A nossa história tem registrado situações assim.

Surge então, vindo dos mais diferentes cantos de atuação onde as pessoas estão, o clamor por um planejamento, onde se contemple uma melhor otimização de recursos quer sejam humanos, quer sejam financeiros.

Cremos não ser por demais pretensão de nossa parte dizer que o presente já tem pedido. E o que dizer do futuro, que qualquer organização precisa responder para que ela exista, e que não há mais espaço para uma instituição que não se apresente com um planejamento estratégico, onde haja uma declaração de missão bem definida e de igual forma uma declaração de visão, que indique que instituição queremos ser.

Não se concebe mais a idéia de que vamos tocando, fazendo isto e aquilo sem que tenhamos bem definido para onde queremos ir com esta instituição criada pelas igrejas, que tem nelas membros que agora questionam a sua eficiência. Cremos que já vivemos o tempo onde se olhava para certas instituições vendo apenas seu lado romântico. Hoje não mais assim funciona, o que se pede delas é que atendam a sua razão de ser, sob pena de serem desconsideras.

No planejamento se pede que a organização tenha de maneira clara, a razão de sua existência e de como queremos que ela seja conhecida pelo público beneficiário, que são as suas igrejas. Temos que alimentar o planejamento com estratégias que permitam a instituição ser o que pretende. Suas ações devem ser objetos de um plano de implementação que diga quando estaremos passando por este estágio e quando chegaremos ao outro estágio, devendo ser visto de maneira clara quais os projetos que pretendemos desenvolver para cumprir a nossa missão. Mais do que nunca se pede um plano financeiro, onde se indique de onde virão os recursos para os projetos que queremos implementar. As organizações da sociedade em geral hoje já se ocupam com o marketing para dar visibilidade às ações dessas organizações. Trabalhamos muito bem com a mão de obra voluntária, durante muito tempo; hoje o que temos visto é que se pede uma mão de obra mais qualificada, até profissionalizada, aproveitando o universo de profissionais que estão dentro de nossas igrejas, que ainda não foram descobertos, para aplicarem seus conhecimentos a serviço da Causa.

Qualquer instituição que não se ocupar em construir um Plano Estratégico - e a Convenção não está fora disto - estará fadada a sofrer por falta de uma direção

definida, e com a "concorrência" que se vê cada vez mais acirrada, poderemos sofrer, ainda mais marcada pelo pós-modernismo, que levam as pessoas a descartarem as instituições até aqui concebidas como sólidas. Alguns até afirmam que já estamos vivendo um tempo pós-denominacional. Se olharmos com um certo critério o cenário que temos diante de nós, veremos que alguns grupos outrora fortes, já não o são mais; não se vêem ações voltadas para compromissos denominacionais. E então surge a pergunta: será que isto também já ocorre entre nós? Parece-nos que sim, mas há uma tendência de isolamento, uma certa auto-suficiência, especialmente pelas grandes igrejas. Isto pode estar indicando que as instituições outrora bem vistas, não estão contadas como necessárias, pois nelas não se vê o retorno que se espera, e pensamos que isto tem a ver com a falta de um plano estratégico, que na sua construção apura-se os pontos fortes, os pontos fracos, as oportunidades e as ameaças da instituição, e as estratégias para anular tudo que pode levar ao descrédito dela.

Assim é que a nossa estrutura denominacional, em todas as suas áreas, precisa buscar o preparo para enfrentar o futuro, e para isso teremos de lançar mão de instrumentos que nos permitam dizer quem somos e para onde queremos ir, bem como apresentemos de maneira profissional como desenvolveremos as nossas ações para atender o nosso público alvo que são as igrejas, razão de ser da Convenção e das Instituições e Entidades por ela criadas.

4. A Convenção e suas Instituições como Prestadoras de Serviços às Igrejas

Deve ficar bem definido que a Convenção assim como as instituições que orbitam em volta dela, como as que cuidam das áreas relacionadas às mulheres, homens e juventude, educação teológica, educação cristã, de assistência social e educacional, são prestadoras de serviços das igrejas.

Não se pode pensar que são mais que as igrejas, antes precisam saber qual é o seu lugar na relação com as igrejas. O futuro pede que isto seja visto como algo imprescindível; a aproximação destas instituições com as igrejas cooperantes da Convenção deve ser de respeito, de servas, ouvindo as suas necessidades e procurando oferecer ajuda para que cumpram com a sua missão como igrejas.

Não haverá lugar para imposições sobre as igrejas, onde esta ou aquela organização se apresente exigindo que as igrejas as recebam e implementem os seus programas. O caminho será inverso: elas tem de ouvir as igrejas e delas receber os seus pedidos.

Quem oferece serviços, deve compreender que o tomador do serviço é que tem o direito de dizer o que quer. Os pacotes fechados impostos não terão demandas para elas; serão produtos rejeitados. Isso leva as instituições a terem que redescobrir a razão pela qual foram criadas. Os seus executivos devem se aproximar das igrejas e apresentar um mostruário de "produtos" que melhor atendam às necessidades. E

se não os tiver, terão que produzi-los; esta é a lei do mercado.E não pensemos que o procedimento para as igrejas não é diferente deste.

Talvez tenhamos até que dissolver certas instituições que hoje estão na nossa estrutura. Não podemos mais sustentar financeiramente certas organizações quando elas não atendem as igrejas. Antes se apresentam apenas para exigir delas que desenvolvam este ou aquele programa; criem esta ou aquela organização dentro da igreja, quando ela não quer. A Convenção e as suas entidades têm de ser sensíveis às necessidades das igrejas e prestar serviços a elas naquilo que requerem, e não mais porque sempre foi assim. A Convenção e as suas Instituições terão de avaliar o seu papel, e de maneira honesta descobrir que os tempos exigem eficiência, um trabalho mais focado nas necessidades das igrejas e oferecido de maneira mais estruturado, considerando que do outro lado do "balcão" existe uma "clientela" que tem recebido ofertas de "produtos" que ela tem interesse. E, dependendo da maneira como são apresentados, acabam por ser mais atrativo e por isso mesmo são adquiridos e consumidos.

5. A Convenção, Suas Instituições e Seus Fóruns de Decisões

Vivemos muito tempo presos a uma estrutura hierarquizada, herdada do exército, especialmente americano. Os diversos níveis hierárquicos não permitiam que as ações fluíssem de maneira ágil. Os comandos se impunham e faziam valer as suas patentes, não dando lugar para ouvir os que de fato eram os atingidos pelas decisões. Tal estrutura alcançou as empresas e por conseguinte as outras instituições da sociedade. Tivemos todo o trabalho da reengenharia e para atender os novos tempos, os homens e mulheres entes da sociedade descobriram que suas decisões careciam de maior agilidade, e não podiam continuar mais reféns de estruturas ultrapassadas. Passamos pela onda da reengenharia e caminhamos na direção da qualidade, e tudo isto nos levou também como Convenção a repensar a nossa estrutura e deixá-la mais leve. No nosso Estado aprovamos em 1995 a nossa reestruturação.

Naquele ano dissolvemos juntas, criamos os conselhos de áreas, o conselho geral, o conselho fiscal, as assessorias; enfim adotamos uma estrutura que se nos apresentava como mais ideal. Passados estes anos, ajustes já foram feitos até para atender exigências legais.

Naquele período da história já havia um pedido para que nossas assembléias, como poder máximo de decisão, deixassem de ser cansativas, marcadas por discussões intermináveis que acabavam por desestimular os seus participantes. Pensou-se inclusive em ter assembléias bi-anuais e não anuais, sendo intercaladas por congressos que tratariam de assuntos de interesse das igrejas.

Ao lançarmos os nossos olhos para o futuro, estamos certos de que tal tempo irá nos exigir procedimentos diferenciados dos que hoje praticamos. Não se vê mais todo aquele apetite por assembléias, onde temas técnicos são discutidos, e debatedores derramam sua paixão pela tribuna. Hoje já se foge das discussões, apesar de alguns ainda insistirem em continuar ocupando espaços para demonstra-

rem a sua força de argumentos. Porém, quando tais discussões não mais se vêem, há aplausos provocados pela maioria.

Nossas reuniões convencionais tendem a ser mais inspirativas e menos deliberativas, e isso nos leva a redesenhar os nossos fóruns de decisões.

Os tempos vão exigir que tenhamos nas áreas de atuação da Convenção, conselhos constituídos não mais por indicação levando-se em conta a demografia batista; antes serão constituídos por aqueles que de fato tenham conhecimentos da matéria da área, até porque suas ações merecerão comprometimento até legal, dado a vigência do novo código civil brasileiro, que impõe compromissos que levam até àquele que integra o colegiado a ter que responder com o seu próprio patrimônio. No caso, isso levará a quem for indicado ter de medir o risco que corre e se tem capacidade para arcar com os possíveis danos que poderão advir da sua atuação.

Os Conselhos de área terão que melhor definir a sua missão, terão que planejar as suas ações; não poderão agir sem que tenha ampla visão das conseqüências das suas ações, como já aconteceu no passado.

As assembléias anuais ou com outra periodicidade, serão menos deliberativas e mais inspirativas. Não há mais disposição do nosso povo para discutir estatutos, regimentos, o que poderá ser preparado por profissionais que temos em nosso meio, e as suas conclusões serão homologadas pelas assembléias. Aliás, vimos isto em nossa ultima assembléia realizada em Atibaia.

Os relatórios deverão ser apresentados de maneira mais atraentes, com uso da multimídia, ou através de vídeos, onde os destaques serão apresentados sem as discussões, pois tais relatórios serão aprovados pelos conselhos constituídos por pessoas mais preparadas.

Sobre o Conselho Fiscal, este deverá atuar com mais profundidade para que os seus relatórios sejam mais substanciosos, devendo oferecer mais detalhes sobre a saúde financeira e patrimonial da Convenção e das Instituições. As auditorias não poderão ser mais superficiais; terão que trazer nos seus pareceres mais detalhes sobre as ações dos executivos; exigirá mais os princípios da economicidade, da transparência. As igrejas pedirão mais satisfação, pois não mais arcarão com os prejuízos advindos de má administração.

Os executivos da Convenção e das suas instituições deverão ser pessoas que tenham conhecimento no trato da administração; deverão ser gestores qualificados e afeitos às questões da política denominacional, sem que sejam necessariamente pastores, mas sendo pastores, que tenham as qualificações para o exercício da função.

Pela exigência das igrejas que vão cobrar os serviços para que justifiquem o envio de recursos, não haverá lugar para indicações que visem apenas apadrinhamentos sem que haja a competência necessária para o desempenho das funções. Os executivos passarão por avaliações periódicas e estas obedecerão critérios técnicos, levando-se em conta o desempenho e o cumprimento das metas estabelecidas nos planejamentos apresentados.

Conclusão

Diante das tendências atuais que são vistas nas empresas e instituições do chamado terceiro setor, que tem a sua característica semelhante à da Convenção bem assim as Instituições por ela mantidas; por se tratar de instituições com fins não econômicos também, poderão prevalecer se optarem por uma estrutura leve, descomplicada, ágil, desprovida de interesses personalistas, que tenha de maneira claramente definida a sua missão e a sua visão; que se apresente para o seu publico alvo com objetivos definidos e planos de ação coerentes. Como vimos, não há mais espaço para instituições que andam sem direção, sem projetos que de fato atendam às suas finalidades. Exige-se também fóruns de decisões constituídos por pessoas habilitadas que tenham senso de responsabilidade e que estejam comprometidos com os objetivos.

Outro item que deve merecer todo o cuidado para alcançar, no nosso caso as igrejas, é um plano de marketing que trabalhe com a visibilidade da Convenção e das suas Instituições e Entidades, mostrando de maneira objetiva a razão de ser delas e a sua importância para as igrejas, não perdendo de vista que são prestadoras de serviços.

Assim com os pés firmados na história escrita nestes cem anos, lancemos os nossos olhares para o futuro vendo a Convenção e as suas Entidades como instituições que estão como servas das igrejas e que não se confundem com igrejas, estas tem os seus princípios distintivos, seu governo praticado na história e aquelas não são igrejas. Confundi-las com igrejas é prejudicar a sua atuação e por isso mesmo impedi-las de ser ajustadas com os modelos administrativos disponíveis que farão delas organizações mais eficientes e eficazes, beneficiando assim as igrejas cooperantes, razão de ser destas instituições.

Deus nos dê a capacidade de admitir que a história até aqui escrita nos ensina a não repetirmos os erros do passado, quando insistimos em praticar as nossas ações no trato da Convenção e de suas instituições, desconsiderando os princípios de competência dos seus gestores e da sua estrutura funcional, impedindo o progresso tão esperado por todos; que aqueles que almejam estender os benefícios que se pode ter pelo trabalho cooperativo já visto, e que pode ser ampliado de maneira mais contundente, tendo como ponto de partida uma melhor estruturação e uma maior profissionalização nos diferentes níveis da nossa Convenção.

Pr. Valdo Romão, Advogado, Contador, Professor de Administração Eclesiástica e de Eclesiologia da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, Relator da Assessoria Jurídica da Convenção Batista do Estado de São Paulo, Membro do Conselho Fiscal da Convenção Batista Brasileira, Pós-graduando em Administração, Presidente da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – Secção do Estado de São Paulo, Pastor da PIB em Jardim Iva – São Paulo-SP.

26

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DE CRESCIMENTO DE IGREJAS NA HISTÓRIA DA CBESP E PARA O FUTURO

Salovi Bernardo

Introdução

Em 1953, assumi o pastorado da Primeira Igreja Batista em Marília SP, tornando-me assim, um obreiro do campo paulista, sempre dedicado ao ministério da igreja local e ao trabalho denominacional tanto regional, como estadual e nacional.

Eu havia aprendido o valor da Denominação Batista tanto no sentido bíblico doutrinário, como eclesiástico. Compreendi que ela é um instrumento da estratégia de expansão do reino de Deus na terra, e que o planejamento estratégico tem o poder de produzir e atrair recursos e apoios importantes para formação e crescimento de uma denominação.

A primeira lição que aprendi foi em casa, com meu pai, Pr. Antonio Bernardo Júnior. Depois, enquanto estudava nos Colégios e Seminário Batistas, convivia com muitos dos seus lideres, aprendendo com eles a importância da denominação, das suas Convenções Estaduais, da Convenção Batista Brasileira e das suas organizações.

Ao ser ordenado ministro batista, integrei-me a esta denominação para pastorear igrejas, organizar igrejas, servir nas suas instituições, participar de sua expansão e consolidação.

Vivi intensamente o ministério batista na igreja local e na denominação tendo como minha sede ministerial o Estado de São Paulo, onde pude acompanhar, ser

parceiro e coadjuvante desta segunda metade da história centenária da Convenção Batista do Estado de São Paulo.

Aprendi o valor insubstituível da igreja local. Entendi que as igrejas locais devem viver dentro da sua denominação. Ela está para as igrejas assim como o corpo está para os membros. Enobrece a cada um, oferecendo-lhes condições de se superarem pelo uso ampliado das suas potencialidades.

Descobri que as igrejas precisam de um referencial que se transforme no ponto de encontro das suas visões individuais, à luz da missão recebida de Jesus Cristo, o Senhor da Igreja e "buscando sempre fortalecer a visão sinótica e a ação sinérgica da igreja" [1] e dos crentes para a consecução de objetivos comuns.

A Convenção é este referencial, ponto de encontro, como declara a Filosofia da CBESP: "A Convenção existe em função do propósito que o Senhor Jesus deu à sua igreja. Ela não substitui a igreja local, mas aglutina recursos, analisa e sugere métodos e planos, e proporciona às igrejas condições melhores para o cumprimento de suas funções". [2]

Aprendi que a Convenção é a expressão organizada da Denominação e que deve ter uma visão apropriada da sua função e importância, sem a qual se tornará um mero escritório burocrático. Convenção sem planejamento não passa de ponto de encontro para tomar um cafezinho requentado.

Aprendi também, que liderança de Convenção que tem medo de tomar a iniciativa de propor um planejamento estratégico, sob a alegação de que esta atividade por parte dela é usurpação da autonomia ou soberania das igrejas, não entende o que ela é. Esta liderança tem grande dificuldade para entender questões básicas quanto à natureza e a força do próprio sistema batista; de entender a expectativa que as igrejas têm de que a Convenção cuida dos interesses delas; e de que a liderança convencional utilizará os recursos de que dispõe para agir em favor delas.

Não é possível ignorar que a Convenção tem como seu poder regente e soberano a sua Assembléia e que esta assembléia é formada por mensageiros credenciados e enviados por suas igrejas, e que cerca de um terço desses mensageiros são pastores, e os outros dois terços são compostos de lideres e membros das Igrejas cooperantes.

Outro valor importante que credencia a Convenção, a desenvolver e apresentar propostas de planejamento estratégico, via Conselho, é o deslocamento anual das Assembléias, tanto das Convenções Estaduais como da CBB; prática esta que facilita a participação de grupos diferentes de mensageiros a cada assembléia, atraídos pela proximidade do local de sua realização. Isto amplia a representatividade das igrejas.

Vale lembrar que as propostas de planejamento estratégico surgem por iniciativa do Executivo ou de um GT do Conselho da Convenção. O Conselho por sua vez, é composto de representantes da denominação estadual ou nacional como é sabido. Portanto, as pessoas que as discutem, já na primeira oportunidade, são representativas da própria Assembléia por serem eleitas por ela, por Convenções Estaduais ou Associações, ou organizações, e todos eles são membros de igrejas. Acrescente-se a estes elementos, o fato de que a sua aprovação final será sempre

feita por votação dos mensageiros das igrejas presentes nas Assembléia da Convenção.

Não há, portanto, que temer a formulação de um planejamento estratégico por parte de uma Convenção. O que se deve temer, é não ter um planejamento estratégico, elaborado de forma cuidadosa, integrante da visão e missão da igreja e que busca motivar estas mesmas igrejas a que cumpram o propósito de Cristo para elas neste mundo.

As resistências ao planejamento estratégico elaborado pelas Convenções, podem ser catalogadas numa das seguintes situações: 1- Desconhecimento do que seja planejamento estratégico; 2 – Desconhecimento do que seja uma Convenção Batista, sua natureza e finalidade; 3 – Desconhecimento das necessidades das igrejas locais e autônomas quanto a uma visão e atuação conjunta no reino de Deus; 4 – Desconhecimento do verdadeiro conceito de independência e interdependência; de autonomia e cooperação; de soberania e complementaridade; 5 – Interesse em que a Convenção não tenha ou perca sua relevância em relação às igrejas; 6 – Desinteresse pelo progresso do evangelho; 7 – Receio de aceitar desafio; 8 – Antipatia pela Denominação e Convenção; 9 – Visão muito particular do que seja a relação benefício e compromisso entre Igreja e Convenção ou Denominação.

O Planejamento estratégico para a Convenção deve ser sempre global

O planejamento estratégico deverá ser sempre holístico, isto é, com uma visão global, para estabelecer a interação das diversas áreas da missão da Igreja, para alcançar melhor utilização dos recursos existentes, e para desenvolver as ações que visam tornar seus objetivos em realidade.

A Filosofia da CBB dá bem uma dimensão da variedade de áreas que estão incluídas nos interesses da Convenção. Estas diferentes áreas precisam receber do planejamento estratégico as interações apropriadas de forma a que se somem e contribuam para os objetivos da Convenção e com isso, alimentar e reforçar a atuação das próprias igrejas.[3]

A formação da pessoa cristã genuína, exige mais que a evangelização como um programa que se limita a levar as pessoas a Jesus Cristo. Basta ver o que Jesus determina a seus discípulos na Grande Comissão (Mt. 28. 19 e 20).

Nesta celebração do centenário da Convenção Batista do Estado de São Paulo é preciso olhar para sua história buscando extrair dela lições para o futuro, especialmente no tocante ao Planejamento Estratégico.

Como era São Paulo até 1954, quando a Convenção completou cinquenta anos?

O Estado de São Paulo experimentou, desde o final do século XIX um grande crescimento populacional. Crescimento este, alimentado pela fertilidade das suas terras ainda cobertas pelas florestas de Mata Atlântica, fator que possibilitou a expansão das lavouras, principalmente a plantação do café, a verdadeira locomotiva do progresso paulista. Depois, começou a industrialização, devido à chegada de imigrantes europeus.

Esta imigração foi tão intensa, que basta ver os registros de 1877 a 1914; eles informam a chegada em São Paulo, de 1.819.220 imigrantes estrangeiros, dos quais 845.816 eram italianos. [4]

A população do estado que era de 837.000 habitantes em 1872 pulou para 2.280.000 em 1.900, passando para 9.134.000 em 1950.[5]

As ferrovias que começaram a ser construídas, cortavam o Estado em todas as direções, e sobretudo, fazendo a sua interligação com os grandes mercados nacionais e do exterior, pelo porto de Santos. Esta malha ferroviária garantiu o fluxo de transporte suficiente para assegurar o povoamento de todo o território estadual e promover o escoamento das riquezas produzidas.

Em 1954, a Convenção Batista do Estado de São Pulo completava 50 anos de organização, e havia em todo o estado cerca de 136 Igrejas Batistas, a maioria no interior. Poucas cidades tinham mais de uma igreja Batista.

O grande crescimento populacional, motivado pela chegada dos imigrantes estrangeiros e dos migrantes vindos de todas as partes do país não foi acompanhado pelo crescimento da obra batista.

Todavia, as sementes que mudariam essa realidade já estavam sendo plantadas. Muitos desses imigrantes e migrantes, se deslocaram para as periferias da Capital e da Grande São Paulo, e se estabeleceram ao longo das vias férreas e nos novos povoamentos que se formavam e, os que eram crentes batistas, começaram a abrir pontos de pregação em suas casas e congregações, apoiados por Igrejas da capital. Eles se tornariam igrejas nos anos seguintes.

No interior do Estado, as regiões de povoação mais recentes, chamadas de fronteiras agrícolas, como Alta Paulista, a Sorocabana e a Alta Noroeste, o trabalho batista tinha seu desenvolvimento com a organização de várias igrejas e especialmente devido à atuação evangelística de vários crentes, inclusive espanhóis, letos e outros eslavos. Os letos, a partir de 1922 construíram as colônias Palma e Varpa, no município de Tupã, entre a Alta Paulista e a Alta Sorocabana e muito cedo começaram a evangelizar os imigrantes de outras colônias e depois os brasileiros, iniciando ali várias igrejas.

Obreiros, como o Pastor João Gregório Urbieta que abriu trabalho em Araçatuba em 1932 e várias outras cidades da Noroeste, e João Rodrigues y Rodrigues, que se converteu na zona rural de São José do Rio Preto, em 1920, pela pregação de um

evangelista espanhol Damião Dias, foram alguns dos obreiros que evangelizaram dezenas de cidades das regiões araquarense e mogiana, pregando e plantando igrejas pelo interior do Estado.

A liderança Batista do Estado de São Paulo contava com a participação de missionários batistas norte-americanos que, à semelhança dos Bagbys, Taylors, Edwards, Porters, Clintons, Talberts e tantos outros, que trabalhavam na plantação de Igreja e na administração do campo, contribuindo com a visão e experiência que traziam do seu país para consolidar a obra que ia se desenvolvendo em nosso Estado.

Já havia uma liderança nacional que dirigia as Igrejas, a Convenção e o Colégio Batista. Estas eram as duas grandes organizações no âmbito nacional.

A Convenção contava ainda com a forte atuação da União Feminina Missionária e da Juventude Batista do Estado de São Paulo.

De forma independente, mas reforçando a presença e atuação batista em São Paulo, havia a Ordem dos Pastores Batistas do Estado de São Paulo e também o Lar Batista de Crianças. Funcionava em Varpa um Curso Teológico por Extensão, depois transferido para Bauru, transformando-se no Instituto Batista, hoje Seminário Teológico Batista do Estado de São Paulo.

Não havia ainda, uma filosofia de planejamento estratégico, entretanto isto não significava que não existissem calendários de atividades ou objetivos traçados. Pelo contrário, eram promovidas séries de Conferencias Evangelísticas, Campanhas Simultâneas, Treinamento de liderança para a EBD e outros.

A Junta Executiva, era quem mais atuava em prol do campo, em especial socorrendo igrejas, deslocando obreiros, trazendo obreiros de fora, especialmente buscando-os no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, visto que ainda eram poucas as vocações para o ministério entre os jovens.

O trabalho Batista em São Paulo de 1954 a 2004

Na segunda metade deste centenário que celebramos, aconteceram muitas mudanças no trabalho batista do nosso estado e na vida da Convenção. Alguns pontos significativos marcaram o período de 1954 a 2004 e podem ser assim destacados de forma sumariada.

1- A formação de uma forte liderança nacional. Entre esses líderes, o Pr. Rubens Lopes que foi o fundador da OPBSP e seu presidente, de 1942 a 1973; presidente da CBESP por 25 anos, de 1943 a 1966; 1969 e 1970. Sua liderança se tornou nacional, tendo exercido a presidência da CBB por 13 vezes e liderando a inesquecível Campanha Nacional de Evangelização, Cristo a Única Esperança. Tornou-se um líder batista mundial ao presidir a Campanha das Américas.[6] Muitos outros lideres que se destacaram no passado já foram chamados à presença do seu Salvador; outros já

se aposentaram e alguns poucos, continuam ativos. Todavia Deus tem levantado permanentemente novas lideranças que vão assumindo a responsabilidade de continuar desenvolvendo a obra do Senhor.

2- A atuação de leigos influentes como Dr. Silas Botelho, Dr. Savério Leoto, Américo Mancineli, Dr. João Walfrido Thomé, Professor Wangles Breterniz, Dr. Gióia Junior, Chrispim Gomes da Silva, Luis Botelho de Camargo, João Hornos Filho, Waldemar Paschoal, Dr. José Novaes Paternostro e entre as mulheres, Aretuza Botelho, Dagmar Barros Vidal, Maria Augusto de Camargo, Zita Paulino Fenley Botelho, só para exemplificar quantos fazem parte dessa gloriosa história da CBESP.

3- Campanhas de Evangelização.

As Campanhas e Cruzadas de Evangelização tiveram grande importância no crescimento da obra Batista em São Paulo e ofereceram oportunidades para o desenvolvimento de planos ou projetos específicos. Elas tiveram diferentes feitios. Conferências Evangelísticas realizadas nas igrejas locais, Campanhas Simultâneas de Evangelização, ou Cruzadas patrocinadas por pregadores batistas norte americanos, e realizadas em estádios, ginásios e praças.

Estas Campanhas precisavam de planejamento a fim de atender diferentes aspectos de sua realização, promoção e mobilização. O envolvimento de lideres e do povo contribuía de forma motivadora para levantar o ânimo dos crentes e para alcançar muitas pessoas com o evangelho. Pastores como Arthur da Mota Gonçalves, Walter Kaschel, Perry Ellis e Silas da Silva Melo lideraram muitas destas Campanhas e Cruzadas

4- Liderança nacional à frente da Junta Executiva da CBESP.

Nos primeiros 50 anos da CBESP, ela contou com expressiva liderança de missionários norte-americanos, como já vimos, porém na segunda metade, esta influência diminuiu devido ao grande número de lideres nacionais que surgiram e iam assumindo posições e dando sua parcela de contribuição.

Em 1965 o Pr André Peticov, pastor romeno, natural da Bessarábia, naturalizado brasileiro, foi eleito Secretário Geral da então Junta Executiva. Ele se converteu no Brasil pela influência da pregação dos letos e foi batizado em 1931. Sentiu a chamada para o ministério e estudou no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, formando-se em 1942. Naquele mesmo ano casou-se em segundas núpcias, pois era viúvo, com Gláucia Gonçalves Curvacho que era secretária do Departamento da Mocidade. Ela foi sua grande companheira, amiga e apoiadora nos seus ministérios

Ele havia realizado brilhantes ministérios à frente das Igrejas Batistas, em Quatá, SP e em Cachoeiro do Itapemerim, ES. Em 1953, assumiu o pastorado da Igreja Batista Ebenézer em São Paulo, capital. Permaneceu à frente da Igreja ate 1965.

Em 1960, devido à insistência do Dr. Edgar Hallock, Relator da Comissão Coordenadora da Hospedagem do Congresso da Aliança Batista Mundial, ele aceitou o convite para ser o Secretário Executivo da referida Comissão e coordenar todo o trabalho das suas 37 sub-comissões.

Terminado seu trabalho com a realização do Congresso da Aliança Batista Mundial, ele voltou para São Paulo e permaneceu à frente da Igreja até 1965, quando assumiu a função de Secretário Executivo e Tesoureiro da Junta Executiva.

Ele permaneceu como Executivo até o dia 20 de Setembro de 1976, portanto por 11 anos, tendo realizado um notável ministério à frente da Junta.

Ele declara no seu livro "O Testemunho de um Imigrante", que ao assumir sua função, São Paulo tinha 246 Igrejas e quando deixou, tinha 407 Igrejas.[7]

André Peticov trouxe para a Junta sua visão pastoral e evangelística. Seu dinamismo e entusiasmo, deram ao povo batista paulista, um novo sentido de responsabilidade e de cooperação denominacional

5- Surgimento do movimento de Missões Estaduais.

O Pr. André Peticov foi empossado na Secretaria da Junta Executiva, exatamente no ano da Campanha Nacional de Evangelização, Cristo a Única Esperança, na qual já estava engajado como obreiro apaixonado pela evangelização.

Ele teve a oportunidade e a visão de mostrar aos batistas paulistas sua responsabilidade pela evangelização de São Paulo. Suas campanhas de missões estaduais trouxeram um novo ímpeto à evangelização principalmente quanto à abertura de trabalhos em novos municípios.

Missões estaduais continuou recebendo impulso e atenção durante a minha gestão como Secretário da Junta (1976 a 1993), na expressão dos planos I PLANDBESP, E PROJETO DE ADENSAMENTO e continua, na atual gestão do Secretário Pr. Jose´Vieira Rocha, com ênfase sobre a ajuda a Pequenas Igrejas, sem se esquecer da plantação de Igrejas.

6- Fortalecimento do Plano Cooperativo, instrumento estratégicos.

O Plano Cooperativo foi, e é o primeiro e verdadeiro planejamento financeiro da denominação com repercussão na visão de planejamento geral. Criado pela CBB em 1959, teve em São Paulo na pessoa do Pr. André Peticov o seu entusiasta e persistente promotor. Sua famosa expressão ilustrativa, chamando-o de "bolo" ficou na lembrança dos batistas daquele tempo

O Plano Cooperativo foi o grande instrumento para São Paulo chegar gradativamente ao auto-sustento financeiro em 1980.

7- O surgimento de grande número de Associações.

A Associação de Igrejas Batistas da Alta Sorocabana organizada em 1942, foi a primeira a surgir no interior de São Paulo. Em 1974 já tínhamos 15 Associações, sendo a maior delas a da Capital.

Em 1979 a Associação da Capital decidiu liberar seus setores para se organizarem em Associações, assim terminamos 1982 com 29 Associações.

As Associações são grandes instrumentos para aproximar as igrejas, incentivá-las na prática da cooperação, na promoção e realização de objetivos comuns. Elas

oferecem também, excelente ambiente para o estudo de estratégias de cooperação, formação e capacitação de liderança para as igrejas.

A partir de 1976, elas receberam maior atenção por parte da CBESP, grandes incentivos na área de treinamento, de planejamento e de recursos metodológicos visando o aprimoramento de suas atividades.

Hoje existem 41 Associações. Este crescimento, especialmente depois de 1983, se deve ao Projeto de Adensamento que contribuiu para criar novos centros batistas e com isso adensar o número de igrejas, permitindo o surgimento de Associações no Interior, na Grande São Paulo e na Capital.

8- A criação da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

A criação da FTBSP foi um marco importante dentro da estratégia de crescimento da obra batista em São Paulo.

O ministério pastoral em São Paulo foi suprido durante muitos anos com pastores estrangeiros, com obreiros sem formação acadêmica, os chamados pastores leigos, pastores vindos de outros estados, pastores formados em Institutos, especialmente no Instituto, ou Curso por Extensão de Palma, depois Bauru, e pastores formados pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, e outros Seminários.

A criação da FTBSP abriu possibilidades para que as questões relacionadas com a vocação ministerial fossem colocadas diante do povo batista de nosso estado de forma mais vigorosa e ainda, para dar oportunidade aos vocacionados para que estudassem aqui mesmo em São Paulo, sem a necessidade de mudança para o Rio de Janeiro.

Por qualquer ângulo que se analise os 47 anos de existência da Faculdade Teológica se chegará à conclusão de que sua criação trouxe imensa contribuição ao nosso campo.

9- Criação de planos específicos e planejamento estratégico.

Em Janeiro de 1978, no relatório prestado à 70º Assembléia da CBESP pela Junta Coordenadora foi apresentando o I PLANDIBESP – Primeiro Plano de Desenvolvimento Integrado da Obra Batista no Estado e São Paulo. Ele introduzia várias idéias, tais como planejamento estratégico, planejamento integrado e planejamento e orçamento plurianual. Seus alvos deveriam ser alcançados em 5 anos, 1978 a 1982, com definição para os três primeiros anos e perspectivas para o quarto ano, ficando o último para definição posterior.

A proposta completa se encontra nas páginas 58 a 67 do livro da referida Assembléia.[8]

Foi o I PLANDIBESP que criou as bases para a realização do plano da organização das 20 igrejas num só dia, acontecido em setembro de 1982, e o desenvolvimento e criação do Plano do ADENSAMENTO, realizado nos anos de 1983 a 1993.

10 - Plantação de igrejas.

Como resultado da discussão sobre a evangelização de São Paulo havida na 64ª Assembléia da Convenção de 1972, em Araçatuba, foi elaborado por uma comissão eleita pela Assembléia e da qual fui relator, o documento "A Evangelização do Estado de São Paulo". Ele foi aprovado na 65ª Assembléia, em Nova Odessa em 1973 e foi transformado em lição com o titulo de "A Evangelização do Estado de São Paulo", para ser estudado pelas igrejas.[9]

Esta proposta de filosofia missionária, se transformou, a partir de 1977 no texto básico da estratégia missionária do campo paulista, e foi incorporado, tanto ao I PLANDIBESP como ao PLANO DE ADENSEAMENTO.

Qualquer plano de crescimento da obra do evangelho passa pelo equipamento dos leigos e pela plantação de igrejas, como ficou patente a partir de 1977, com a adoção do planejamento estratégico para o desenvolvimento do nosso trabalho, como a estatística da Convenção revela.

Organizada em 1904, com 7 igrejas; 1929 – 36 (29) igrejas – 1954 –148 (112) igrejas – 1979 – 427 (274) igrejas – 2004 – 1061(636) Igrejas.[10]

A necessidade de planejamento estratégico para o crescimento de igrejas

Todos os tempos exigiram dos lideres atenção para o planejamento, isto é, decidir o que, como, quanto, quando, com quem fazer e a que custo. Toda ação desenvolvida se dá no tempo, no espaço físico, dentro das realidades existentes, buscando caminhos para chegar a um ponto desejado.

A lição recebida por Moisés do seu sogro Jetro (Ex.18.13 a 27) é lapidar. Todos que não se sentam primeiro para ver como podem erguer a torre ou sair à guerra (Lc.14.27 a 32), estão destinados à inércia ou ao fracasso.

Assim tem sido durante toda a história e daqui para frente haverá maiores exigências de planejamento para as ações que queremos realizar.

A improvisação está condenada à morte. O improvisador só sobrevive porque encontra emprego nos arraiais dos que correm "atrás do prejuízo".

Como batistas, conscientes da nossa missão, temos que perscrutar o futuro com instrumentos extremamente adequados para identificar e localizar as oportunidades que ainda existem, para realizarmos a obra a nós confiada; e desenvolver as ações que nos permitam atender os desafios que Deus nos tem dado como crentes, Igrejas e denominação, se queremos ser relevantes e eficazes, em um tempo como esse.

É preciso estabelecer um planejamento estratégico com visão de futuro, que identifique nossas potencialidades, mobilize nossos recursos e desenvolva estratégias que nos capacitem a cumprir o ide de Jesus.

É preciso reconhecer a importância dos leigos, valorizá-los, destacá-los, promover sua inclusão na estrutura do crescimento da igreja local. Quem sabe, até reco-

nhecer o dom do Evangelista e tornar público este reconhecimento, dando tal título aos que se revelarem autênticos evangelistas.

É imperativo fazer-se um diagnóstico novo, atualizado, das necessidades do povo incrédulo; identificá-las e escolher as melhores estratégias que nos ajudarão ir ao seu encontro e alcançá-lo com o evangelho da graça redentora de Jesus Cristo.

É extremamente necessário recuperar a visão dos pastores de que eles são servos, e servos de Deus; recuperar também seu entusiasmo para com o ministério, a fim de levantar os que estão desanimados e descrentes no poder de Deus, e imobilizados diante da indiferença das igrejas e do mundo perdido. Ensiná-los de novo a fazer a oração de Atos 4. 24 a 31.

Urge encontrar uma maneira eficaz para convencer os pastores de que eles precisam aprender a trabalhar em e com equipe. Não estou falando só de equipe ministerial e sim, também, de equipe de homens, mulheres, jovens, adolescentes, e quem sabe até de crianças, transformando a igreja num verdadeiro centro de voluntariado. Voluntário liderando voluntário e com os recursos de mobilização, de capacitação e de motivação, adequados a essa modalidade de integração de pessoas aos programas de ações, voltadas para os que precisam de atendimento especial.

É preciso equilibrar melhor nossa educação teológica, sem perder a visão do preparo acadêmico, mas ao mesmo tempo levar o futuro pastor a adquirir maior paixão por Jesus e pelos que ele veio salvar.

É bom lembrar que, para mobilizar o povo e criar entusiasmo pela obra do Senhor, é preciso gerar ofertas e oportunidades de trabalho e não há maior oferta de trabalho, do que um planejamento estratégico de crescimento da igreja que inclua plantação de novas igrejas.

A visão das mega igrejas é boa, mas não é para todas as igrejas nem para todos os pastores. Todavia a visão de desenvolver um ministério vibrante, operoso, evangelizador, missionário, mobilizador dos crentes e de multiplicação de igrejas, é para todos e do interesse do reino de Deus, que almeja ver todos os crentes servindo ao Senhor, como recomenda Paulo em I Coríntios 15.58.

Bibliografia

1 – Filosofia da CBESP. Rumo e Prumo p. 36 – Ed. CBESP.
2 – Filosofia da CBESP. Rumo e Prumo p. 36 – Ed. CBESP.
3 – Filosofia da CBB. Livro da Convenção - 82ª Assembléia – 2002 – pgs. 80 e 81. Ed. CBB.
4 – Enciclopédia Delta Larousse.
5 – Idem.
6 – Livro do Jubileu de Diamantes –OPBB-SP. P. 16.
7– O Testemunho de um Imigrante – Ed. Própria p.13, 27 e 28, 37, 48.
8 – CBESP. Livro do Mensageiro 70º Assembléia – 1978 – ps 53 a 67. Ed. CBESP.
9 – CBESP. Livro do Mensageiro 66ª Assembléia – 1974 –p. 24. Ed. CBESP.
10 – Estatística da CBESP –2004.

Pr. Salovi Bernardo, Ex-Secretário Geral da Junta Coordenadora CBESP de 1976 a 1993, Ex-Secretário Geral do Conselho de Planejamento e Coordenação da CBB de 1993 a 2002 e membro da Academia Paulista Evangélica de Letras.

26

O PASTOR BATISTA DO FUTURO

Irland Pereira de Azevedo[1]

"O mundo está mudando. As antigas maneiras de fazer as coisas estão sendo substituídas, melhoradas e, algumas vezes, simplesmente destruídas, jogadas fora à medida que o mundo segue adiante (...) Esqueça a tranqüilidade dos remansos. Este é o mundo das águas turbulentas onde temos de mudar para sobreviver, onde temos de nos desenvolver para prosperar e, paradoxalmente, onde o próprio ato de mudar aumenta o risco de não conseguirmos sobreviver".[2]

Estamos a celebrar o primeiro centenário da obra batista institucionalizada, no Estado de São Paulo.

Com efeito, em setembro de 1871 surgiu a primeira comunidade batista no Brasil, em Santa Bárbara d´Oeste, SP, tendo seus cultos em língua inglesa, mas preocupada com a evangelização do Brasil, como o provam relatório e correspondência enviados à Junta de Missões Mundiais (Junta de Richmond). Diziam os irmãos da igreja em Santa Bárbara: "Esperamos, ainda, ter uma grande comunidade batista neste país, que será acrescida à grande família batista do mundo, ensinando, pregando e praticando a fé uma vez entregue aos santos".[3]

Em São Paulo foi ordenado o primeiro pastor batista no Brasil: o Pr. Antonio Teixeira de Albuquerque (1840-1887), em 20.06.1804, o mesmo que vai tornar-se fundador e primeiro pastor da 1a IB Brasileira, em Salvador, BA.

Em 6 de julho de 1899 é fundada a Primeira Igreja Batista em São Paulo e cinco anos depois organiza-se a entidade cooperativa das igrejas batistas de São Paulo, e vai-se solidificando a obra e o ministério do povo batista.

Neste ano de 2004 comemoramos 100 anos de história abençoada e marcha firme, tendo Jesus Cristo como Senhor, e a mensagem da salvação como bandeira.

Pois bem. Tempo de fazer história é também o de voltar os olhos para o futuro, a perscrutá-lo, e antecipar-lhe os horizontes. Como disse Kierkegaard, "para que a vida seja compreendida, temos de voltar os olhos para trás; mas para ser vivida, temos de olhar para frente".

Sabemos, de alguma forma, como foram os pastores batistas do passado:

- Muitos deles menos preparados academicamente, por falta de oportunidades e inclusive falta de seminários mais perto deles;
- com menos recursos bibliográficos para estudo e pesquisa;
- ousados, entretanto, e com espírito de pioneirismo e visão missionária;
- comprometidos com o ministério evangélico, tendo-o como a razão de sua vida;
- às vezes menos hábeis no relacionamento com as pessoas, porém recatados e ciosos da dignidade do ministério;
- cuidadosos em sua apresentação e sua indumentária;
- visitadores;
- homens que criam na Palavra de Deus e procuravam pregá-la com os recursos de que dispunham.

O que deles sabemos é que obreiros assim, de espírito pioneiro e desbravador, corajosos, abnegados e decididos pontilharam de luz a nossa história.

Ao olhar para trás, para os idos de sua infância ou juventude, membros de nossas igrejas pensam em seus antigos pastores e costumam dizer: "não se fazem pastores como antigamente".

E isso é verdade. Mas também é verdade que "não se fazem pastores para antigamente". Fazem-se pastores para hoje e para amanhã.

É mister lembrar, entretanto, o que querem dizer os antigos com essa frase, cheia de nostalgia. Não estão pensando nos recursos de que os pastores dispunham, de suas formas de pregação ou ensino, de suas "técnicas" de administração e liderança. Nisso, os atuais pastores são bem melhores, sem dúvida. Estão pensando, isto sim, no amor ao Ministério pastoral e às ovelhas de seu rebanho, no compromisso com a Palavra, no cuidado das ovelhas, no caráter que muitos dos antigos revelavam, como homens conscientes de seu chamado.

A percepção de alguns crentes mais antigos é que em muitos pastores de hoje faltam paixão e consagração e sobra preocupação com coisas materiais, status social e vantagens de natureza econômico-financeira.

Como será ou há de ser o Pastor do futuro?

O Pastor do futuro terá de adaptar-se às mudanças e aproveitar-se delas, como o surfista se aproveita das ondas altas e ameaçadoras para sobre elas "navegar" e alcançar seu objetivo.

Cabe ao Pastor lidar com uma questão séria: o que poderá e precisará mudar e o que deve permanecer? Distinguir o permanente e o transitório, o necessário e o contingente, o que é princípio e o que é método ou estratégia, o substantivo e inegociável e o adjetivo e negociável, eis o desafio para o Pastor do presente e do futuro.

É evidente que essas distinções têm que ver com nossa teologia, filosofia e estratégia do ministério pastoral, para um novo tempo.

Pois bem. Este capítulo, que é breve e despretensioso, pretende fazer um exercício de "futurologia", para dar atenção ao perfil e caráter do Pastor Batista do Futuro, seus compromissos, suas competências e desafios a que ele terá de responder.

Caráter e Perfil do Pastor Batista do Futuro

Como há de ser o Pastor Batista do Futuro?

Perfil aprovado pelo Conselho da CBB, há alguns anos, aponta qualidades desejáveis nos egressos dos seminários de nossa denominação no século XXI,[5] qualidades que entendo deverem exornar o caráter e emoldurar o perfil do Pastor Batista do Futuro.

O documento foi calcado em pesquisa e estudos importantes, inclusive de realidade e literatura doutros contextos.

Em relação aos novos líderes para o século XXI, Leith Anderson, por exemplo, assinala as seguintes qualidades que eles devem possuir:

a) sintonia com a cultura;
b) flexibilidade;
c) capacidade relacional;
d) capacidade de boa comunicação;
e) capacidade de grandes empreendimentos;
f) capacidade de assumir riscos;
g) piedade e integridade.[6]

Essas qualidades, acredito piamente, deve tê-las o pastor batista do futuro, pois sem sintonia com a cultura, flexibilidade em sua liderança e métodos administrativos, competência relacional e de comunicação, aptidão de sonhar, buscar grandes

empreendimentos e assumir riscos, e sem piedade e integridade, será impossível exercer um ministério pastoral eficaz, nem hoje, começos do século XXI, nem nos anos vindouros, especialmente em face das vertiginosas mudanças de nosso tempo.

Como dispõe o perfil da CBB a que fiz alusão, o Pastor Batista do futuro há de ter vida espiritual e caráter maduros, adequada formação acadêmica, aptidões para os ministérios da igreja, capacidade para bons relacionamentos e de trabalhar em equipe, porque passou o tempo do individualismo e singularidade no Ministério Pastoral.

Vou aproveitá-lo, aduzindo alguns elementos que me parecem pertinentes, ao pensar no Pastor de nossas igrejas para este século XXI.

Assim, quanto à vida espiritual e caráter, o Pastor batista do futuro há de:

> ter conhecimento pessoal de Deus e profundo conhecimento de Sua Palavra;

> ter vida espiritual autêntica e cultivo das disciplinas espirituais[7];

> ter integridade pessoal e caráter ilibado;

> ser bom como filho, marido, pai ou cidadão;

> ter boa reputação na igreja e na sociedade;

> ser humilde e estar consciente de sua interdependência (não se basta, não se isola, deseja mais aprender, busca e oferece mentoria);

> estar comprometido com os absolutos da revelação bíblica e do evangelho, em meio a um mundo de relativismos;

> ter unção e capacitação do Espírito para seu ministério de pregação e ensino.

Quanto à formação acadêmica, o Pastor batista do futuro há de

> dominar as disciplinas básicas do curso teológico;

> conhecer a bibliografia básica do curso teológico;

> conhecer ampla e profundamente as Escrituras Sagradas, o cristianismo e sua denominação, e ter compromisso com a Palavra, com a doutrina e com sua denominação;

> dominar as linguagens que lhe permitam comunicação com o mundo e a cultura.

> Desejar aprender mais e aproveitar oportunidades de melhor capacitação.

Quanto às aptidões para os ministérios da igreja, entendo que o Pastor batista do futuro deve

> ter conhecimento específico de sua área de atuação: seja ministério pastoral, educacional, musical, social ou outro;

> ter bom conhecimento de técnicas de administração e liderança, sem perder de vista o caráter sui generis da igreja como Corpo de Cristo;

> ter visão: visão de Deus e das oportunidades que Ele aponta nas circunstâncias e acontecimentos de nossa vida e da vida da igreja.

> Ter capacidade de trabalhar em equipe.

Compromissos do Pastor Batista do futuro

É evidente que o compromisso fundamental do pastor Batista do futuro há de ser o mesmo dos pastores de todos os tempos. É compromisso com Jesus Cristo, Sua Palavra e Sua Igreja. Compromisso de fidelidade, de lealdade, de dedicação.

São ilustrativas, a esse respeito, as imagens de que Paulo se vale para lidar com o múnus pastoral, em suas epístolas , notadamente as chamadas pastorais.

Nelas o Pastor é referido como mordomo, é soldado, é atleta, é lavrador, é operário, é pai, é mãe, construtor, servo e pastor.[8]

Todas elas envolvem responsabilidade, diligência, disciplina, paciência, perseverança, amor.

Sim, amor. A condição que Jesus estabeleceu para que Pedro pastoreasse o rebanho do Senhor foi responder afirmativa e sinceramente às perguntas "Amas-me?" que lhe dirigiu três vezes.

Por outro lado, e intimamente relacionado com o que apontei, o Pastor do futuro precisa assumir um compromisso com a excelência e a integridade. Excelência no que faz e integridade, no que é. O ser precede o fazer. O ser íntegro há de ter mãos dadas com o fazer bem as coisas, e buscar a excelência.[9]

Competências do Pastor Batista do Futuro

No passado, cria-se que a boa formação intelectual e acadêmica do Pastor constituísse garantia de um ministério bem sucedido.

A experiência contemporânea evidencia que o nível acadêmico é importante, o domínio de uma boa gama de conhecimentos é desejável, mas não essencial para a eficácia do ministério pastoral.

Obreiros de pouca formação teológica, mas portadores de outras competências têm-se mostrado mais eficazes e felizes no pastorado, respondendo às necessidades e anseios das igrejas de nosso tempo.

Quais seriam essas competências faltantes, sem de modo algum desprezar a sólida formação acadêmica?

Delas tem cuidado o ministério TOPIC[10], no Brasil.

O currículo elaborado para o treinamento e capacitação contínua de pastores cuida do que se denomina "Macro-Competências do Líder Pastoral Capacitado e em Amadurecimento" (LPCA).

O perfil do líder pastoral capacitado e em amadurecimento (LPCA), elaborado pela TOPIC-Brasil, é expresso em oito macro-competências que relaciono, a seguir, e aplica-se tanto ao pastor-presidente de igreja ou comunidade de 10.000 membros, como a um líder de grupo familiar ou célula em que o obreiro funciona como "líder pastoral". Os versículos referidos à frente de cada competência fazem-nos lembrar

a fundamentação ou o exemplo bíblicos, havidos como alicerce à vida e ministério de um pastor ou líder pastoral.

Como se pode observar, as "competências" se definem como bons relacionamentos, pois sabemos que o ministério pastoral é essencialmente relacional, a começar do relacionamento do pastor com Deus.

Pois bem. As oito "macro-competências" propostas e desenvolvidas pela TOPIC, e que acredito deverem caracterizar o Pastor Batista do futuro, são as seguintes:

1. Relacionar-se bem com Deus (Mt 22.34-38; veja Dt 6.4-7).
2. Relacionar-se bem consigo mesmo (Mt 22.34-40; 1 Tm 1.5; 3.1-7; 4.12, 15, 16;2 Tm 2.21).
3. Relacionar-se bem com sua família (1 Tm 3.4-5, 12; 5.8; Tt 1.6; Ef 5.21-34).
4. Relacionar-se bem com seus líderes (Exemplo da prioridade de Jesus neste sentido).
5. Relacionar-se bem com a igreja (Uma eclesiologia bíblica).
6. Relacionar-se bem com o mundo (Mt 28.18-20; At 1.8; 1 Tm 3.7).
7. Comunicar bem a Palavra (At 6.4; 1 Tm 4.13-16; 2 Tm 2.15; 3.16, 17; Tt 1.9).
8. Equipar, treinar, capacitar (Ef 4.11-12; ser "apto para ensinar" 1 Tm 3.2; 2 Tm 2.24).[11]

Quanto Pastor sai do seminário bem preparado, com excelente nível de conhecimento teológico, filosófico, pedagógico, bíblico, histórico, mas desprovido de capacidade nos relacionamentos, com Deus, consigo mesmo e com os outros!

O Pastor do futuro tem de priorizar os relacionamentos, e neles buscar excelência e integridade, se quer estar à altura de um mundo de alta tecnologia, mas de profundas carências do toque pessoal, dos relacionamentos que denomino redentivos.

Sim, além de ser bom pregador, bom professor, bom administrador, bom conselheiro, bom líder de equipe, o Pastor do futuro há de relacionar-se bem com Deus, consigo mesmo, com sua família, com seus líderes e liderados, com sua igreja, com o mundo e comunicar bem a Palavra e mostrar-se idôneo para treinar e capacitar outros.

Desafios ao Pastor Batista do futuro

Estou apercebido de que ser Pastor hoje é mais difícil do que há 40 ou 50 anos. E daqui a dez anos será ainda mais.

Há novos desafios a serem enfrentados, porque as mudanças estão a ocorrer com enorme e estonteante velocidade e os ventos de doutrinas falsas hoje sopram com violência muito maior do que nos anos passados.

Dentre os inúmeros desafios a que terá de responder o pastor do futuro, assinalo alguns, sem me deter na discussão de cada um deles, por economia de espaço e tempo.

> Desafio a manter-se firme e ancorado em sua fé, seu Deus e na Revelação de Deus nas Escrituras e em Cristo, num mundo de instabilidade e de devir heraclíteo.[12]

> Desafio de manter-se puro e piedoso, num mundo que, por todos os meios ao seu alcance, "celebra" a impureza e a impiedade.

> Desafio a confrontar os dilemas éticos, especialmente no campo da bio-ética e da engenharia genética e as situações em que vai ser chamado a afirmar a posição bíblica e cristã.

> Desafio metodológico, de lidar com o pluralismo de opções e diversidade de propostas e modelos de fazer igreja e ministério vis-à-vis os princípios da Palavra de Deus. Como mudar métodos e estruturas, sem afetar e demolir princípios fundamentais da fé, será uma empreitada difícil.

> Desafio querístico e hermenêutico, isto é: de pregar a Palavra de Deus, num mundo relativista, individualista, hedonista, consumista e que não sabe de valores imateriais e eternos; de pregar a Palavra que não é mais havida como "principium unicum" que fundamenta a fé e a vida, a pregação e o ensino.[13]

Enfim, como lidar com verdades absolutas num mundo relativista e que não as aceita, e num tempo de desconstrutivismo e desprezo do significado da palavra,em seu contexto histórico, cultural e literário?

> Desafio de conhecer e empregar novas tecnologias, a serviço da comunicação da Palavra, do Evangelho e da mensagem da igreja para um mundo secular e secularizante.

> Desafio de adotar um estilo de vida simples, num mundo cada vez mais materialista e consumista.

> Desafio, insisto, da busca de excelência e integridade no fazer, ser e viver.

Qual é meu anseio e qual é minha oração, nesta conjuntura da história do mundo, das igrejas cristãs e dos batistas brasileiros e do Estado de São Paulo?

Meu anseio é que os pastores do futuro venham a ser fiéis e comprometidos com Jesus Cristo e sua igreja, como Paulo, outrora: "Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus".[14]

Minha oração é no sentido de os pastores do futuro jamais deixarem de olhar para Jesus, como autor e consumador de sua fé, procurando apresentar-se diante de Deus aprovados, sempre a manejar corretamente a palavra da verdade"[15].

Bibliografia

1 IRLAND PEREIRA DE AZEVEDO. Ordenado ao ministério pastoral em 3 de setembro de 1960, pastoreou três igrejas: a PIB de Queimados, a IB do Méier, RJ, e a PIB em São Paulo. Desta é Pastor Emérito e atualmente (setembro de 2004) é Pastor interino. Professor de Seminário desde 1960, atualmente leciona na Faculdade Teológica Batista de São Paulo e no Seminário Teológico Batista do Espírito Santo,ES, além de ministrar cursos em outras instituições no

Brasil e no Exzterior. É autor de quatro obras: Terceira Idade ou Feliz Idade? (São Paulo: Ed. Círculo, 1999), De Pastor para Pastores: Um Testemunho Pessoal (Rio: Juerp, 2001), A Arte de Ser Sogra (Rio: Ed. OIKOS, 2004) e Imagens Bíblicas do Ministério Pastoral (São Paulo: Vida,2004). Como "Festschrift" (livro comemorativo) de seus 70 anos, foi editada pelo prof. Lourenço S. Rega uma obra sobre Paulo, Sua Vida e Presença Ontem, Hoje e Sempre (São Paulo: Vida, 2004). Outras obras estão sendo preparadas para futuro lançamento.

2 Randall P. WHITE et. Al. A Liderança do Futuro.São Paulo: Nobel, 1998, p. 15.

3 In: Betty Antunes de OLIVEIRA. Centelha em Restolho Seco: Uma Contribuição para a História dos Primórdios do Trabalho Batista no Brasil. Rio de Janeiro: edição da autora, 1985, p. 233.

4 Ibid. p. 125.

5 Trabalho preparado por uma comissão de que fui relator, submetido ao Conselho Geral da CBB e por ele aprovado, e que incluí no meu livro De Pastor para Pastores: Um Testemunho Pessoal (Rio de Janeiro: Juerp, 2001), p. 203-206.

6 Leith ANDERSON. A Church for the 21st Century: Bringing Change to Your Church to Meet the Challenges of a Changing Society. Minneapolis: Bethany, 1992, p. 64,65.

7 É bom que conheça, leia e aproveita, obras como as de Richard FOSTER. Celebração da Disciplina e Celebração da Simplicidade.

8 Dessas imagens tratei em meu livro Imagens Bíblicas do Ministério Pastoral (São Paulo: Vida, 2004).

9 Excelência e Integridade: Ministério Evangélico para o Século XXI é um curso que tenho ministrado em seminários e faculdades teológicas do Brasil e de Portugal. Nele acentuo a importância do binômio "excelência e integridade" para o ministério pastoral do novo século.

10 Training of Pastors International Coalition (TOPIC), introduzida em nosso país pelo Sepal, e hoje organizada no Brasil com o nome de TOPIC Brasil. Por ela têm sido preparados currículos e materiais da maior qualidade, baseados em princípios de andragogia, sobre a questão das competências do líder pastoral.

11 Mara LAU e David KORNFIELD. Visão Panorâmica para Líderes Pastorais Capacitados e em Amadurecimento. (LPCAs). Apostila de estudo. São Paulo: 2003.

12 Relativo a Heráclito (Éfeso c.540 a.C.- falecido 480 a . C.). Esse filósofo cria que a realidade estava no vir a ser contínuo. Nada era permanente. Para ele, a matéria primordial de toda realidade era o fogo. Diz ele: "não se pode tomar banho duas vezes no mesmo rio". Heráclito é considerado pai da dialética e de toda sorte de relativismo. (Vide: Ítalo SORDI. Red, chefe. Dizionario di Filosofia gli autori, le correnti, i concetti, le opere. 8. ed. Milão: RCS Rizozoli, 1988, verbete Eràclito.

13 "O efeito da demolição moderna da autoridade bíblica tem sido catastrófico. Sem as Escrituras como o principium unicum, como insistiam os reformadores, a teologia entra num caos. Se não existirdiferença significativa entre a Bíblia e as Fábulas de Esopo ou as (supostas) tábuas de oro de Joseph Smith, ficaremos abandonados a uma mistura desesperada de verdade e erro, própria a alimentar a hesisitação e o equívoco no púlpito. Privados do consenso normativo da autoridade bíblica, o pregador vai valer-se da psicologia popular, dos acontecimentos e notícias do dia ou de resenhas de livros para alimentar um rebanho faminto". (In: David L. LARSEN. The Anatomy of Preaching: Identifying the Issues in Preaching Today. Grand Rapids: Baber Books, 1992 (2nd printing), p. 24-25).

14 At 20.24 NVI.

15 Hb 12.1,2; 2Tm 2.15 NVI.

27

O QUE ESPERAMOS DA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E MINISTERIAL?

Lourenço Stelio Rega[1]

A educação teológica tem sido no Estado de São Paulo considerada também como ministerial, pois quando foi aprovada a Filosofia da Convenção Batista do Estado de São Paulo no início da década de 90 entendeu-se que a formação do obreiro deve abranger tanto o saber teológico, quanto a formação ministerial. Foi um grande passo, marco da história do ensino teológico no Brasil. Em termos nacionais, ao longo de mais de 100 anos, desde a fundação da primeira instituição no Brasil, em abril de 1902 (Seminário do Norte, em Recife, PE), nem sempre a área de educação teológica e ministerial foi tratada como uma área estratégica para garantir a manutenção do futuro das igrejas e denominação. Uma prova inconteste é que poucos seminários batistas no Brasil estarão conseguindo sua oficialização no sistema federal de ensino para obter autorização/reconhecimento de seus cursos de graduação em teologia, tendo em vista a ausência ou reduzida presença das ideais condições de ensino exigidas em lei, que não são tão exageradas. Creio que por muito tempo se considerou a área de educação teológica e ministerial como uma área apenas necessária para muito formar os quadros de obreiros para as igrejas e para a obra missionária.

Ênfases na história da educação teológica e ministerial

Ao longo de mais de cem anos de ensino teológico no Brasil, parece-me que tratamos os seminários mais como instituições de ensino reprodutivo e adestrador do que instituição de pesquisa e de formação de sujeitos históricos que precisam

ser preparados não apenas para serem sujeitos instrumentais, isto é que saibam fazer coisas, mas que estejam despreparados para cuidar de gente, gerenciando conflitos humanos. Ao longo desse tempo, parece-me também que muitos seminários se transformaram em usinas de guerrilheiros e lutadores, críticos e ácidos contra a vida da igreja e da denominação. Por isso, muita gente desconfia do ensino teológico e de seminários.

Por muito tempo dependemos também da oferta de mão de obra especializada vinda do exterior por meio de professores-missionários que aqui vieram e ainda, mesmo em pequeno número, têm servido. Muitos trocaram o conforto de sua nação para aqui nos servir. Muitos se adaptaram à nossa cultura e modo de viver, muitos outros não conseguiram. Mas enquanto puderam servir, os dirigentes denominacionais e dos seminários puderam ver o trabalho sendo realizado a "custo zero" para a instituição. Em contrapartida, nem sempre houve suficiente investimento nacional destinado à formação pós-graduada do quadro docente interno. No passado, muitos obreiros nacionais foram enviados ao exterior, desses, muitos não voltaram, outros que voltaram não se readaptaram à cultura de origem, outros não conseguiram o sustento ideal para se manterem apenas do magistério teológico e outros poucos acabaram conseguindo se readaptar e conseguiram um espaço em multiministério para poder dar retorno à pátria dos investimentos feitos.

Viver exclusivamente do magistério teológico batista no Brasil se não rara exceção, é algo que pode ser classificado como um milagre quase inconquistável. Quem consegue tem de dividir tempo com a direção de uma instituição teológica, coordenação acadêmica ou outro cargo burocrático. Mas também a impressão que se pode ter é que para alguém viver integralmente do magistério teológico possa parecer um luxo descabido e desnecessário, talvez mesmo pelos motivos acima citados ou mesmo pela nossa visão salvacionista que reduz o cristianismo na simples equação escatológica da salvação da alma do pecador perdido. Para isso não precisa muito treinamento ministerial, nem conhecimento teológico-doutrinário. Basta pregar o plano da salvação. Mas pensar assim é caminhar para um reducionismo pernicioso, imaginando-se que apenas a alma do indivíduo seja importante para Deus. Mas sobre isso vou falar mais adiante.

Formando pastores ou teólogos?

Por um bom tempo, talvez duas décadas (a de 70 e a de 80), fomos tentados pela máxima pragmática, de que era preciso formar pastores, não teólogos. Foi uma discussão de surdos, mas que produziu efeitos maléficos para o progresso do cristianismo. Os resultados estão aí bem à nossa frente. Os seminários formaram, em sua maioria, pastores, que sabiam fazer as coisas (pregar, visitar, redigir uma ata, dirigir uma assembléia da igreja, batizar sem sufocar ou afogar o candidato, ser um bom "clínico geral" que pudesse fazer de tudo o que viesse pela frente, etc.), mas que

não conseguiram se aprofundar o suficiente no estudo da Palavra de Deus e na compreensão das tendências do mundo (hoje vivemos o mundo que foi produto das tendências de algumas décadas passadas) para preparar o povo para viver o cristianismo puro e simples, mas com todo compromisso diante do caos ético, cultural, social e histórico que caracteriza a sociedade contemporânea, e nem sempre saíram preparados para saber lidar com os conflitos humanos e muitas vezes nem com os seus próprios. Talvez por isso muitos pastores perderam sua autoridade e credibilidade diante de suas ovelhas e muitos pastorados se tornaram curtos, pois o conteúdo desatualizado se esgota rapidamente. Os seminários formaram pastores, não teólogos, isto significou formar gerações de líderes que estavam preparados apenas para atender às necessidades imediatas do povo e pregar o evangelho com uma concepção salvacionista do evangelho; significou formar líderes num ambiente reprodutivista e adestrador, com reduzido ou sem nenhum espaço para a reflexão e para a descoberta de que, como líder, era um sujeito histórico participante da construção da vida, em vez de apenas dela consumidor. Estes líderes nem sempre receberam os instrumentos necessários para trazer respostas atualizadas à igreja e denominação. Muitos, depois de formados, foram para o curso de Direito e acabaram se fixando numa cosmovisão jurisdicionista da vida denominacional e eclesiástica resultando num processo burocratizante e legalista da denominação e igrejas, não que o lado jurídico não seja importante, mas que acabou se tornando um fim em si mesmo. Hoje parece-me que a tendência é terminar o curso teológico e o pastor ir para o cursos de psicologia ou psicanálise e acabar caindo na tentação de transforma o púlpito, não numa tribuna (como os egressos do curso de Direito), mas num divã, psicologizando seus sermões, em vez de falar ao coração do povo. Novamente digo, não que a psicologia não seja importante, mas a teologia não pode ser por ela construída e o trabalho pastoral é de pastoreio não de psicanálise ou de psicoterapia, isso é tarefa para profissional habilitado.

Já que o paradigma desse tipo de formação foi o pragmático, vamos então ser pragmáticos para saber se funcionou. Formar "pastores e não teólogos" produziu o que temos aí à nossa vista: fraqueza doutrinária, perda de autoridade e credibilidade pastoral, fraqueza apologética na defesa de uma teologia sadia, surgimento de movimentos que têm balançado a igreja não apenas com ventos de doutrinas, mas práticas que levam a igreja mais a se assemelhar a empresas perdendo o seu senso de comunidade, perda de identidade sobre a natureza da igreja que tem levado líderes a buscar o método certo para fazer a sua igreja funcionar. Se estes líderes tivessem recebido dos seminários o treinamento não só instrumental (aprender a fazer coisas), mas também teológico (e com outros enfoques, dos quais vou falar mais adiante), sem dúvida conseguiriam conhecer suficientemente a natureza da igreja, sua missão e papel no mundo, de forma a não necessitar correr atrás de "fórmulas mágicas" para saber fazer a sua igreja funcionar e crescer. Educação é assim mesmo, os resultados do que se faz hoje não aparecem logo, mas a história não perdoará, em seu tempo desnudará o produto das práticas escolares de hoje

nos seminários. Minha preocupação nisso, é perguntar sempre quais as conseqüências futuras de nossos paradigmas atuais de educação teológica e ministerial?

Esse tipo de ensino apenas ocupava a função da memória para guardar as doutrinas, o verbo chave aqui seria o SABER, o MEMORIZAR. O aluno nem sempre tinha a oportunidade de REFLETIR, de formar a sua convicção sobre as doutrinas que deveria crer, dentro do que seria natural no modo batista de pensar.[2] A opção educacional era a da "educação bancária" citada por Paulo Freire. Além disso esse tipo de educação instrumental privilegia o FAZER, transferindo aos alunos as técnicas que respondem à pergunta "como fazer isso ou aquilo?" Formar pastor, mas não teólogo, é isso mesmo, a formação privilegia o adestramento, a domesticação, a reprodução. Por isso mesmo poderia não haver necessidade de se preocupar com a formação pós-graduada da docência nacional. Assim, muitos seminários acabaram provavelmente sendo instrumentos de dominação ideológica pragmática, teológica e levando muitos líderes a uma situação de letargia quanto à reflexão, pois estavam desprovidos de ferramentas necessárias para a manutenção de seu trabalho de compreensão da sociedade contemporânea à luz das Escrituras, nem sempre compreender a complexidade dos relacionamentos ou mesmo a sua vida interior e nem sempre em condições de competir com o crescimento do número de universitários, profissionais liberais, executivos e até empresários na membresia das igrejas, que, em contato mais próximo com a realidade cotidiana geralmente acabam não conseguindo obter as respostas bíblicas para viver como cristãos significativos num mundo caótico e conturbado. Será preciso formar pastores, mas pastores-teólogos que possam conseguir atender essa tão importante demanda.

Eu nunca vos deixei de anunciar TODO DESÍGNIO de Deus ... (At 20.27)

Esta frase, proferida pelo apóstolo Paulo aos presbíteros da igreja de Éfeso, indica seu cuidado em não deixar passar nada da vontade de Deus na transmissão de seu ensino. Se em nosso ministério alguma estratégia, alguma doutrina ou ensino omite parte da verdade de Deus podemos chamar isso de reducionismo. Reduzir o conteúdo do que Deus transmitiu como verdade gera graves conseqüências. Se o ensino teológico for reducionista os resultados se estenderão por gerações e a verdade de Deus será prejudicada.

Se voltarmos para a gênese de nossa história batista no Brasil será possível observar que a concepção do evangelho que recebemos, que acabou gerando o nosso modo batista de pensar e agir no Brasil, foi proveniente do que é conhecido pelos historiadores da igreja brasileira como "protestantismo conversionista", isto é, a visão protestante que prega a conversão como condição sine qua non para que a pessoa possa ser aceita por Deus e pertença ao seu reino. Há quem não creia que

haja necessidade de uma pessoa se converter, defendendo uma concepção universalista. Neste ponto, como batistas, somos conversionistas.

Até aqui podemos dizer que não há conflito de nossa posição conversionista com o ensino das Escrituras. A questão surge quando, na linha do tempo, a visão dos primeiros missionários (batistas ou não) demonstrava ser salvacionista, isto é, focalizando e centralizando tudo do evangelho no ensino da salvação. Assim, com o tempo foi se construindo uma teologia (que era importada em grande parte) soteriocêntrica, isto é, centralizada na doutrina da salvação como eixo hermenêutico e, portanto interpretativo de tudo o mais, que passou a ser o paradigma gerenciador da vivência eclesiástica e paradigma formador dos quadros de obreiros para as denominações conversionistas. O salvacionismo também passou a ser o paradigma norteador da agenda de prioridades denominacionais, focalizando o trabalho ligado ao testemunho da fé para a conversão de pessoas ainda não salvas. Assim, o trabalho de missões passa a ter local privilegiado na agenda dos eventos das igrejas e denominacional. O resultado positivo disso tem sido que os batistas do sul dos Estados Unidos e os batistas brasileiros são os que se destacam na obra missionária, sem contar ainda o importante fato de que muitas pessoas se renderam e têm se rendido aos pés do Mestre e encontrado o caminho da vida eterna.

Mas no campo da formação teológica isso fez o foco recair sobre o treinamento salvacionista dos alunos de modo a seguirem a priorização da pregação do evangelho quando no campo depois de formados, havendo assim um caráter de circularidade. As pessoas ouvem o evangelho, se o aceitam são salvas, depois de salvas assumem o compromisso de pregar para que outras sejam salvas, que depois de salvas pregam para que outras sejam salvas e assim por diante. Quanto à salvação de vidas, creio que temos de agradecer a Deus a oportunidade desta ênfase, mas quanto à redução do evangelho todo a apenas a salvação precisaremos repensar, pois temo que estivemos palmilhando o terreno do reducionismo que omitiu importantes fatos, o mais importantes deles é que o centro gerenciador da Teologia é a própria teologia, isto é, a doutrina de Deus, de modo que a salvação se tornou necessária para trazer a pessoa humana de volta a Deus, contra quem se rebelou, uma vez que Deus não teria criado a pessoa para que fosse salva, pois se assim pensarmos, teremos que defender também que Deus criou o ser humano para cair para depois ser salvo. Deus nos criou para a sua glória, a rebelião no Éden desviou-nos desse caminho, por isso é que todos pecaram e carecem da glória de Deus (Rm 3.23). Depois de salvos devem viver para a glória de Deus (1 Co 10.31) que inclui a necessidade de que o salvo também pregue o evangelho, mas não somente isso, muito menos que isso seja o seu alvo principal ou sua atividade-fim. Aliás a sua atividade-fim é glorificar a Deus desenvolvendo uma vida de lealdade ética, de adoração e de serviço cristão por meio dos seus dons dados por Deus. Isso é o evangelho integral, o evangelho em que o centro da linha histórica do tempo está não na cruz, mas na pedra removida do sepulcro (Veja Romanos 1.4).

Se ensinarmos apenas que a salvação é importante, reduziremos inclusive a natureza e missão da igreja, colocando que apenas a missão dirigida ao mundo

(evangelização e missões) é importante. Mas se o evangelho é integral, a missão da igreja também o é. Em primeiro lugar temos a missão dirigida a Deus (glorificá-lo, ser leal a ele), mas também a missão dirigida a si mesma como igreja que proverá o amadurecimento cristão e o preparo para que o salvo possa glorificar e ser leal a Deus, além de incluir o treinamento para o serviço cristão. Assim, a missão integral da igreja é de natureza tríplice (a Deus, a si mesma e ao mundo).

Isso tudo influenciou e influencia o ensino teológico e ministerial pois nos seminários os obreiros são preparados dentro de uma cosmovisão teológica e para atender o que se torna impulsor da vida eclesiástica. Uma coisa é treinar obreiros numa visão salvacionista, outra numa visão do evangelho integral. Uma visão é reducionista e diminui os enfoques de treinamento, outra é ampla e requer a descoberta de outras variáveis, tais como, desenvolver o ensino teológico considerando que nem todos os alunos serão pastores, nem evangelistas e nem missionários. Assim, a concepção integral do evangelho exige um treinamento orientado para os dons, talentos e tendências dos vocacionados. Um ensino assim é mais caro e requer o tratamento mais amplo das práticas educacionais, especialmente no campo dos estágios ministeriais. Mas também requer uma revisão no pensar teológico que deixa de ser soteriocêntrico para ser teocêntrico. Sendo assim, vamos considerar alguns fatos que poderão abrir novas janelas para um promissor futuro da educação teológica e ministerial batista no Brasil.

O futuro requer uma educação teológica e ministerial integral que considere o aluno como um todo e não apenas como um obreiro serviçal

Um dia um líder regional me procurou e me perguntou se eu poderia ir à inauguração do seminário de sua região. Aí perguntei se eles já tinham decidido que modelo educacional iam seguir, quais os objetivos educacionais pretendidos, etc. Ele me respondeu: bem, nós já temos o prédio e o estatuto, o diretor, a data da inauguração e fizemos propaganda, tudo aprovado pela Junta da Associação. O que mais precisariam? Bastava inaugurar o seminário.

Poderemos até pensar que o ensino envolve apenas o papel do professor ministrando a lição em sala de aula, uma lousa e os alunos. A verdade é que existe uma série de fatores que influenciam diretamente todo processo e prática educativa. Estes fatores determinarão a visão que devemos ter de Deus, do mundo, do homem, da sociedade, etc. Numa outra oportunidade poderei explicitar as principais alternativas educacionais.[3]

Por incrível que pareça, não basta ter um prédio com boas salas de aulas, uma biblioteca e até professores com pós-graduação, se quisermos construir uma educação teológica e ministerial para o futuro. Veja que antes mesmo de se elaborar a matriz curricular, será preciso que haja o estabelecimento de uma declaração de

valores e objetivos educacionais que será norteadora do sistema educacional. Mas mesmo antes de se estabelecer quais os objetivos educacionais que desejamos atingir será preciso decidir sobre qual modelo educacional vamos adotar para compor o nosso sistema de ensino. Pois isso vai determinar, entre outros fundamentos, a composição da estrutura, do espaço físico, dos equipamentos necessários, do volume de conteúdo a ser ministrado.

Há diversos modelos que podemos adotar para elaborar um projeto educacional para um seminário. Em termos mais simples indicar sete modelos principais, mas vamos indicar um oitavo que é mais compatível com a visão cristã da educação:

1. Modelo humanista. Neste caso a ênfase é na formação da pessoa, de seu caráter. A preocupação não será tanto com matérias teóricas ou doutrinárias. O currículo se concentrará em matérias como ética cristã, santificação, etc. É o modelo do SER.

2. Modelo situacionista. A preocupação neste modelo é o atendimento às necessidades, tendências e demandas atuais do mundo, do programa da igreja ou da denominação. Neste caso é traçado um perfil para o obreiro baseado nestas tendências. Que perfil de obreiro queremos? Baseado nessas tendências e demandas, traça-se um perfil do aluno que se espera alcançar no cumprimento da carga curricular. Um dos principais riscos aqui é a constante desatualização do ensino neste modelo, uma vez que o ambiente está em contínua mudança.

3. Modelo pragmático. A ênfase neste modelo é treinar os alunos na operacionalização de tarefas no cumprimento de um programa de atividades. Neste caso, mais do que saber um conteúdo, o aluno deve aprender a fazer coisas (pregar, visitar, aconselhar, discipular, etc.). É o modelo do FAZER.

4. Modelo academicista. O importante neste modelo é a formação acadêmica do aluno. Há ênfase no conhecimento e espera-se que o professor ensine o aluno a pensar. O currículo se concentra em matérias teóricas e doutrinárias. É o modelo do PENSAR.

5. Modelo especialista. A preocupação aqui está em treinar o aluno num ministério ou saber específico, sem se deter em qualquer outro caráter da sua formação. É um modelo válido à medida que se almeja prover capacitação técnica e acadêmica aos alunos, à partir de uma formação genérica já existente.

6. Modelo social-comunitário. Aqui a preocupação não é tanto com o ensino, mas com o desenvolvimento da interação de cada aluno com o grupo a que pertence. As atividades educacionais valorizam sobremaneira a vivência em grupo. Em geral são utilizadas técnicas de dinâmica de grupo como recursos didáticos do professor. É o modelo do CONVIVER.

7. Modelo afetivo. O importante neste modelo é a formação afetivo/emocional do aluno. A preocupação é com os seus sentimentos e com a adaptação do contexto à realidade afetiva do aluno. É o modelo do SENTIR.

8. Como pudemos observar cada modelo converge para uma ênfase educacional enfocando um lado da formação teológica. Tomado separadamente, cada modelo valoriza apenas um aspecto do indivíduo. A proposta é criar um envoltório em torno

de cada ênfase unindo-as num MODELO INTEGRAL DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA. A proposta é criar um envoltório em cada ênfase e interligá-las almejando a formação integral do aluno – SABER / REFLETIR, CONVIVER, FAZER, SER e SENTIR.

O modelo integral de educação cristã, em vez de enfatizar apenas um aspecto do indivíduo, enfoca integralmente a formação de vidas maduras do ponto de vista intelectual, social, operacional ou pragmático, pessoal (ontológico) e afetivo. Assim, será preciso rever todo projeto educacional da instituição, seja o estabelecimento dos objetivos educacionais, seja o planejamento curricular, do conteúdo programático, do conteúdo das aulas, enfim, a didática adotada pelo professor, a visão do aluno, etc.

Como se pode observar, para atingirmos profundos e permanentes objetivos com a educação teológica e ministerial, será preciso rever todo processo educacional que temos desenvolvido e estarmos dispostos a assumir o custo, seja financeiro, operacional, material, em mão de obra ou temporal. Qualquer falha na escolha do modelo a ser adotado representará graves distúrbios em todo processo do trabalho educacional.

Na Filosofia da Convenção Batista do Estado de São Paulo, esta compreensão alterou a designação de Educação Teológica para Educação Teológica e Ministerial (ETM), numa tentativa de ampliar o conceito do modelo do ensino teológico.

Este modelo integral de ETM que proponho pode ser ilustrado pelo diagrama a seguir:

Figura 1 – Educação Integral

Quando olharmos o aluno como um todo, focalizando o processo educacional e as práticas escolares sob a óptica dos cincos verbos de ação pedagógica – SABER/ REFLETIR, CONVIVER, FAZER, SENTIR e SER – conseguiremos reforçar a sua formação de modo a servir adequadamente ao reino de Deus de modo mais amplo, pois estará preparado não apenas do ponto de vista do conhecimento teológico

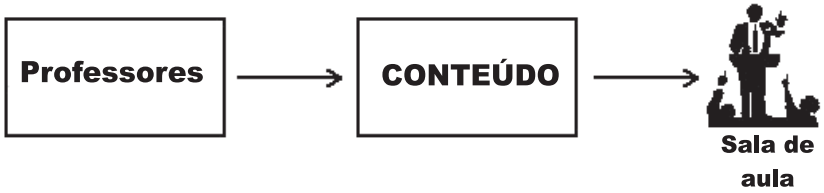
(SABER) e da prática ministerial (FAZER), mas também emocionalmente (SENTIR) equilibrado para manter relacionamento (CONVIVER) saudável com suas ovelhas, família e com o mundo, por meio de um caráter (SER) irreprovável que será modelos para outros seguirem. Esses verbos de ação pedagógica se constituirão em focos transversais que "tingirão" toda prática escolar e ambiente educacional.

O futuro requer uma educação teológica e ministerial orientada por valores cristãos e objetivos contextualizados em vez de uma educação conteudista

Numa certa ocasião um líder me procurou e disse que o seminário dele tinha o melhor currículo do Brasil, pois ele solicitou as grades curriculares dos melhores seminários e retirou de cada grade as melhores disciplinas para "montar" o currículo de seu seminário. Isso é um exemplo clássico de currículo conteudista. De fato o que ele tinha era uma grade, uma prisão, não uma matriz curricular. O que ele fez não foi elaborar e planejar essa matriz, mas "montar" com tesoura e cola aquilo que é uma das peças mais importantes da vida de uma instituição de ensino.

Chamo de educação conteudista aquela que parte do conteúdo e tem nele a centralização do seu sistema educacional e práticas escolares. Em vez disso, a educação teológica e ministerial consistente parte de outra fonte, que por fim determinará não somente o conteúdo, mas também a sua forma de oferta. Se buscamos uma educação à luz da visão cristã, então essa fonte deverá ser primariamente construída por valores cristãos e depois por objetivos educacionais contextualizados que nortearão todo sistema de ensino, incluindo a formação e avaliação docente, ministração das aulas. Neste sentido será possível conseguir um processo educacional adequado para formar obreiros contextualizados e biblicamente fundamentados para que possam levar a igreja e denominação a se desenvolverem de modo equilibrado. Compare os dois desenhos abaixo que demonstram algumas diferenças entre uma educação orientada por conteúdos e uma educação orientada por valores cristãos e objetivos educacionais contextualizados.

Figura 2 – Educação conteudista



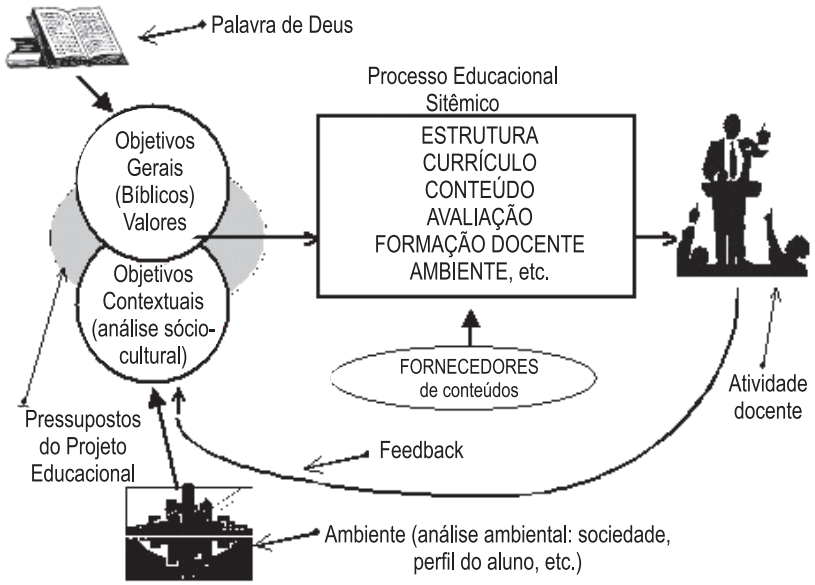


Figura 3 –
Educação
orientada por valores cristãos e objetivos educacionais contextualizados

Somente com uma educação orientada por valores cristãos e objetivos educacionais contextualizados será possível conseguir planejar os fins a serem alcançados e qual será o perfil de obreiro que se pretenderá formar.

O futuro requer que consideremos o caráter estratégico da educação teológica e ministerial para a denominação e para as igrejas[4]

É preciso que consideremos que a educação teológica tem um caráter estratégico para o crescimento denominacional e das igrejas. "A educação teológica, o 'pivot' de nosso crescimento, falando do ponto de vista humano, não poderia estacionar naquilo que foi no seu princípio no Brasil, nem mesmo no que foi há um ou dois decênios no passado."[5]

"Os seminários não devem preocupar-se tanto com o número de estudantes, mas com a qualidade."[6] Se os seminários confessionais precisam de qualidade e não podem ter recursos próprios vindo de uma justa cobrança das taxas de ensino, espera-se que a denominação priorize o seu sustento, inclusive na formação e capacitação docente contínua. A denominação exige professores capacitados, seminários estruturados, poucos alunos por sala de aula, para que a qualidade seja alcançada, mas o seu investimento na obra de educação teológica é reduzido.[7] Este é um paradoxo para o qual ainda não se obteve solução no meio batista brasileiro.

No atual momento, a educação teológica no Brasil está entrando numa nova fase, onde a improvisação já não pode mais ser buscada. As exigências legais para a oficialização dos cursos e instituições teológicas demandam sérias e custosas providências, seja para o provimento de um adequado espaço físico para toda a estrutura escolar, seja para a qualificação da biblioteca e do corpo docente, seja para o aperfeiçoamento de métodos e práticas gerenciais especializadas. A sobrevivência das instituições de ensino teológico no meio batista no Brasil dependerá da ampliação da visão e do seu reposicionamento na agenda de prioridades denominacionais.

Sem precisar mencionar os recursos financeiros do exterior, que no passado afluíam para a manutenção dos seminários, é possível lembrar que, por muito tempo, a docência teológica mais especializada era composta em sua grande maioria por missionários estrangeiros, tornando-se isso financeiramente vantajoso para as instituições e para a denominação. É só lembrar que foram raras as ocasiões em que os grandes seminários denominacionais estiveram livres de dificuldades financeiras. A prática indicou que nem sempre o missionário treinava e capacitava brasileiros para que houvesse gradual substituição de seu trabalho pela mão de obra nacional. Até um determinado momento, professores e alunos de destaque recebiam convites para realizar sua formação pós-graduada no exterior. No meio batista isso ocorreu com o envio de pessoas especialmente aos Estados Unidos. Nem sempre houve readaptação cultural no retorno do novo professor ao País. Eis aqui uma outra janela para estudos. Muitos acabaram voltando para o exterior, ou não conseguiram aqui sobreviver exclusivamente do ensino, como ocorria com os missionários. Em geral o sentimento era de frustração. Quando o missionário se aposentava, um outro vinha em seu lugar e o ciclo recomeçava. Ultimamente as agências missionárias deixaram de priorizar a educação teológica e o número de missionários estrangeiros nessa área no Brasil já se torna bem reduzido, bem como o seu sustento financeiro. Como nem sempre se investiu, seja em termos motivacionais, seja em termos financeiros, na formação pós-graduada em professores nativos, hoje um dos grandes dilemas é o reduzido quadro docente nacional com capacitação pós-graduada.[8]

Será preciso que a denominação batista estabeleça e assuma o mais urgente possível o papel e função estratégica que a educação teológica naturalmente possui para a manutenção de sua identidade e o aperfeiçoamento de sua missão.

Se, por exemplo, a denominação planeja ter 500 novas igrejas daqui a um determinado tempo, será preciso considerar não apenas os investimentos e dedicação na

obra evangelizante e missionária. Muito mais do que isso, será preciso investir na formação teológica e ministerial dos futuros obreiros que serão os líderes dessas novas igrejas. Mas será preciso pensar não apenas em novos pastores, mas numa complexa malha de líderes que manterão as novas igrejas. Lois Mckinney[9] oferece uma tabela proporcional de obreiros necessários por pessoas lideradas. Por exemplo, para cada grupo de 10 pessoas, o ideal seria haver um líder local não remunerado. Pequenas congregações com cerca de 30 pessoas, também precisariam de dirigentes com um pouco mais de responsabilidade. E assim por diante.

A título de exemplo é possível considerar alguns dados referentes aos batistas do Estado de São Paulo.[10] No manual do Mensageiro de 2000, da Convenção Batista do Estado de São Paulo, foi publicada uma tabela classificando as igrejas quanto ao número de membros: [11]

TIPOS DE IGREJAS	**n.º de membros**	**1999 n.º de igrejas / %**	**projeção igrejas novas – 2009**
Muito pequenas	de 5 a 50	190 – 20,1%	71
Pequenas	de 51 a 150	485 - 51,4%	181
Médias/ Pequenas	de 151 a 300	210 – 22,2%	78
Médias	de 301 a 700	42 - 4,4%	16
Médias/Grandes	de 701 a 1000	9 – 1,0%	4
Grandes	acima de 1001	8 - 0,9%	3
	subtotais	944 – 100%	353 – 37,4%
Total projetado para 2009			**1.297 igrejas**

Quadro 1 – Tipos de igrejas por quantidade de membros ano de 1999 e projeção para 2009 – Estado de São Paulo

Um outro fato que pode ser ainda considerado é que na última estatística (ano de 1.999), o Estado possuía 944 igrejas[12] totalizando 139.849 membros nas igrejas batistas. Em 1989 havia 687 igrejas, com 93.082 membros. Em 10 anos isto representa um crescimento numérico de 37,4%, para as igrejas e 50,2% para o número de membros:

	1989	1999	% e quantidade	projetado – 2009
Igrejas	687	944	37,4% - 353	1.297
Membros	93.082	139.849	50,2% - 70.204	210.053

Quadro 2 – Projeção de crescimento – Batistas do Estado de São Paulo

É claro que o crescimento de uma denominação não pode ser medido apenas em termos numéricos. Há um conjunto de fatores que se constituem em ingredientes numa lista de referenciais demonstrativos de crescimento. Por exemplo, espírito cooperativo, consciência de grupo, crescimento doutrinal, crescimento convivencial, crescimento em representatividade política ativa, crescimento no atendimento social das comunidades etc. Um dos fatores mais utilizados é o referencial numérico. A título de exemplo será utilizado apenas este fator, que é o de mais fácil mensuração e percepção.

Assim, se for considerado apenas o crescimento numérico dos batistas do Estado de São Paulo nesses últimos dez anos e for projetado o mesmo coeficiente para mais dez anos a partir da época da estatística, é possível prever quantos e quais tipos de obreiros serão necessários ao final do período (ano de 2.009). Veja a tabela a seguir construída a partir dos referenciais fornecidos por McKinney em conjugação com os dados estaduais:

Categorias de Líderes[13]	**Membros novos**	**Média líderes/membros**	**Crescimento 10 anos**
Nível 1 Líderes locais não remunerados 70.204	1:10	7.020	
Nível 2 Dirigentes de pequenas igrejas/congreg.	14.111	1:50 (20,1 %)	282
Nível 3 Dirigentes de igrejas médias	36.085	1:150 (51,4 %)	241
Nível 4 Dirigentes de igrejas médias/grandes	15.585	1:250 (22,2 %)	62
Nível 5 Dirigentes de igrejas grandes	4.423	1:500 (6,3 %)	9
Nível 6 Líderes associacionais ou regionais -	1:3500	20	
Nível 7 Teólogos e instrutores	Alguns para todo o Estado		

Quadro 3 - Projeção de obreiros necessários

Em resumo, quando a denominação projetar o seu crescimento para daqui um certo tempo, será preciso conjugar aos esforços o preparo e a formação adequada dos obreiros na qualidade e quantidade suficiente para que as futuras igrejas não fiquem desguarnecidas de líderes e assim todos os esforços venham a se perder. Como vimos na tabela acima, temos de formar não apenas pastores titulares, mas diversos tipos de obreiros que precisarão ser formados para que o crescimento seja sustentável de modo que as igrejas sejam fortalecidas e seus membros cuidados adequadamente para que tenham sua vida espiritual amadurecida cada vez mais e fortalecidas doutrinariamente de modo que não venham a ser arrebatados por todo vento de doutrina e heresias. Assim, não somente a formação teológica e ministerial deverá contemplar a quantidade, mas também a especificidade ou especialidade do líder. Por exemplo um líder do nível 1, necessariamente terá um treinamento diferente do que for destinado ao treinamento de um líder do nível 4. Além disso se o sistema educacional de um seminário contemplar apenas a formação de alunos do nível 4 a 7, a região ficará sem o suprimento adequado de líderes para os demais níveis, que formam a maior exigência.

Neste sentido constantemente está sendo feito um apelo à consciência denominacional[14] para que a obra educacional venha a ser contemplada com presença marcante na agenda das preocupações, planejamento global e investimento denominacional. Os seminários e os desafios da educação teológica não podem mais sobreviver sozinhos, seja em seu planejamento, seja em seu sustento.

O custo operacional necessário para se manter os seminários tem elevado as taxas de ensino a um patamar que tem tornado proibitivo o acesso aos bancos escolares de jovens vocacionados desprovidos dos recursos financeiros necessários. Neste sentido pouco se está podendo fazer apenas utilizando os pequenos recursos financeiros de nossos seminários – não há superávit, não há mais bolsas oferecidas pelas agências missionárias estrangeiras e os doadores são em pequena quantidade.

Assim, é possível prever que se não houver pronta e imediata ação da denominação em enviar os recursos financeiros necessários e suplementares, o estudo teológico acabará por se tornar um privilégio apenas de uma elite que possui os recursos para cobrir as despesas de seus estudos.

Ter seminários eficientes e eficazes, com sustento suficiente para as pesquisas e treinamento adequado de obreiros, é uma das garantias para o futuro de uma denominação.

Palavras finais

Hoje já não se pode mais iniciar um seminário como se inicia um ponto de pregação, de modo improvisado. Tenho observado que há muitos seminários oferecendo precária formação teológica e ministerial, sem um projeto pedagógico ade-

quado, sem condições de espaço físico, sem biblioteca com suficientes obras para atender às necessidades dos alunos, ou mesmo com poucas obras de qualidade. Muitos seminários, até batistas, sequer demonstram estar regularizados em termos fiscais e trabalhistas, por isso mesmo conseguem cobrar um preço reduzido de mensalidade, promovendo uma espécie de concorrência (não achei termo melhor) desleal com seminários que procuram investir recursos e tempo em melhores condições de ensino. Constantemente recebo publicidade de seminários (felizmente nenhum batista) oferecendo diplomas de bacharel, mestre e até de doutor em teologia, bastando para isso apenas pagar algumas taxas e fazer alguns poucos trabalhos. Já tomei conhecimento de pastores que obtiveram diplomas nestas instituições, pela simples satisfação de ter o título "doutor" na frente de seu nome. Há seminários que oferecem também graus de mestre e doutor em teologia em convênio com instituições do exterior, mas sem a devida autorização do Ministério da Educação. Enfim, há inúmeras situações irregulares preocupantes que poderão indicar a existência de caminhos "mais fáceis" para se obter um diploma.

Com a oficialização do ensino teológico no Brasil, dentro de mais algum tempo em que o governo vier a determinar, os seminários que não ingressarem no sistema federal de ensino, obtendo a sua autorização/credenciamento, serão obrigados a não mais oferecerem cursos de graduação (bacharel em mestrado em teologia). Será um momento de sofrimento, mas particularmente já tenho escrito sobre isso há algum tempo nos veículos denominacionais. Se estes seminários começarem hoje a investir na formação docente, em suas bibliotecas, em adequar o espaço físico, treinamento de pessoal técnico-administrativo e outras providências, provavelmente conseguirão dar conta a tempo de continuarem a oferecer treinamento e capacitação teológica e ministerial.

Ao realizar esta obra precisaremos constantemente rogar a Deus sabedoria para as decisões diárias e capacitação para realizarmos com eficiência e eficácia esta tão importante obra. Amém!

Lourenço StelioRega

Bibliografia

1 Lourenço Stelio Rega é Bacharel em Teologia, Mestre em Teologia (especialização em Ética), pós-graduado em Análise de Sistemas, Extensão pedagógica em Ensino Superior, Licenciando em Filosofia, Mestre em Educação (especialização em Historia da Educação) e Doutorando em Ciências da Religião. Foi Deão da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, onde hoje é o seu Diretor Geral e professor de Ética, Bioética, Filosofia da Religião e Grego do NT. Ex-presidente da Associação Brasileira de Instituições de Ensino Teológico (ABIBET).

2 Sobre isso veja o livro AZEVEDO, Israel Belo de. A celebração do indivíduo – a formação do pensamento batista brasileiro. São Paulo: Vida Nova, 2004.

3 Um texto resumido, mas muito útil, sobre isso é MIZUKAMI, Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo : EPU, 1986.

4 Texto extraído e adaptado de REGA, Lourenço Stelio, A educação teológica batista no Brasil: uma análise histórica de seu ideário na gênese e a sua transformação no período de 1972 a 1984. São Paulo: PUC-SP, 2001 [Dissertação de Mestrado em Educação], pgs. 176-181.

5 Silas Alves Falcão, "Diretrizes para a educação teológica no Brasil" in Revista Teológica, Rio de janeiro: Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Ano VII, n. 15, p. 66, janeiro de 1957.

6 Silas Alves Falcão, "Diretrizes para a educação ....", op. cit., p. 69.

7 Há uma iniciativa da Convenção Batista do Estado de São Paulo, a primeira no meio batista brasileiro, em que se dedica mensalmente 1,5% da arrecadação do Plano Cooperativo para a formação pós-graduada de docentes dos seminários estaduais. Este plano já está em prática e professores da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e de Campinas já estão sendo preparados com essa ajuda financeira.

8 Conforme informações concedidas por representantes de seminários batistas na XIVª Conferência da ABIBET, em Fortaleza, CE, de 9 a 11/10/2000. Ad Tempora.

9 McKinney, 1975, pgs. 84 a 86. A Dra. Lois McKinney é professora da Faculdade Teológica Batista de São Paulo

10 Tomamos como exemplo os dados que foram publicados na dissertação. Considerando-se além disso que os dados últimos que foram publicados datam de 2002 e não estão detalhados como os de 1999.

11 Anais 92ª Assembléia da Convenção Batista do Estado de São Paulo (São Caetano do Sul, SP)., pgs. 106 e 113.

12 Sem contar as congregações ou frentes missionárias. Em 2004 este número está por volta de 1050 igrejas (também sem contar as congregações ou frentes missionárias).

13 Segundo Mckinney, 1975, pgs. 84 a 86.

14 Veja Lourenço Stelio Rega, "A educação teológica e o futuro das igrejas" in Jornal Batistas Paulistano, outubro de 1998, p. 2.

28

O FUTURO DAS CRIANÇAS NO MINISTÉRIO BATISTA

Eli Fernandes

Sinto-me imensamente honrado com o convite do Pr. Damy Ferreira para tomar parte neste trabalho, no qual reflito sobre o investimento que os batistas devem realizar, em prol do futuro do ministério com as crianças em nossas igrejas.

Antes de tudo, é necessário saber quem é esse ser para quem queremos levar a educação cristã, conhecer as realidades de seu desenvolvimento cognitivo, psicológico, sócio-cultural e religioso.

Tentaremos, inicialmente, caracterizar a situação existencial da criança, para depois indicar algumas alternativas de ação para os líderes batistas, preocupados com o futuro da criança.- Que é a infância, senão "um período da vida que tem valor em si mesmo. A criança não é um adulto em miniatura, mas um indivíduo que deve ser amado e respeitado de acordo com suas necessidades e direitos específicos."

Segundo a psicanálise, ao nascer, a criança goza da condição de planta, está inserida na situação de prazer, usufruindo as condições que lhe permitem as circunstâncias.

Na convivência com os pais, aparecem a limitação e os desejos, de forma natural. O pai transmite princípios e a mãe investe no simbólico.

Na educação do filho,são transmitidos um nome e uma tradição a partir do histórico de cada família. Mas, à medida que a criança vai crescendo e entrando no universo da igreja e da escola, vai se surpreendendo, porque ingressa no desconhecido, onde é tratada diferentemente de como o é na família.

A igreja e a escola precisam ser vistas pelos educadores como algo que desliga a criança da família. Daí a importância de uma abordagem integrada de educação família/escola/igreja, nenhuma desacreditando a outra.

A igreja tem de repensar seu papel na educação das crianças, refletindo sobre o tempo em que vivemos, os modelos desastrosos dos casamentos atuais, a felicidade individual colocada em primeiro lugar, e a criança crescendo sacrificada em lares desestruturados.

Os pais reconhecem sua culpa e procuram compensá-la através do consumismo (comprando tudo para os filhos,para comprá-los). Está assim estabelecida a idéia da falsa felicidade no lar. E a psicanálise não apresenta senão elucubrações sobre o tema, como crianças/pais/ papéis, a fim de que não desistamos da busca das soluções.

Outras ciências prestam colaboração para melhor compreensão da infância. A psicologia lançou uma nova luz sobre a motivação, o desenvolvimento moral e religioso, o dinamismo da aprendizagem através de processos e etapas. A sociologia ajudou a descobrir a influência do ambiente da sociedade celular - a família, o valor do grupo e a questão da pressão social.

A medicina assevera que a criança aprende antes de nascer. A mãe falando com o filho ainda em gestação é um procedimento antigo. Os gregos ensinavam as mães a educar o filho na gravidez, para que este aprendesse a reverenciar seus deuses.

A Bíblia conta que João Batista, no ventre de sua mãe, manifestou-se com um salto de alegria quando Maria, visitando Isabel, saudou-a. Na época do comunismo, os russos estabeleceram como um dos pressupostos da doutrina bolchevista, a máxima de que "Deus não existe", incutindo o ateísmo na cabeça dos recém-casados, para que estes falassem aos nascituros, ternamente, sobre a inexistência de Deus. Hoje, pais sem cultura religiosa criam filhos indiferentes, e igrejas que não refletem seu papel na educação cristã infantil vêem crescer crianças sem compromisso com Deus. Minha proposta para o futuro da criança diz respeito ao futuro da própria Denominação, é simples: Estabelecimento de um programa de Pastoreio de Crianças. PASTOREAR versus ENSINAR.

Conhecimento Bíblico

Muitas vezes a criança estuda e sabe muito a respeito de Jesus, mas não vive como ele pela combinação de uma série de fatores.

Conhecimento bíblico é importante, mas não o suficiente para o que objetivamos: uma real e singular mudança de vida dessas crianças. Por que, biblicamente, pastorear é tão importante? Respondo com a vida de Davi. Ele era um pastor que se tornou um gênio militar, estrategista, poeta, escritor, vindo a ser rei por 40 anos. Foi um homem politicamente bem sucedido, brilhante. No Salmo 23, a palavra escolhida por Davi para melhor descrever o seu Deus, quanto ao relacionamento pessoal com Ele, foi PASTOR.

Jesus, quando quis mostrar aos discípulos qual a sua posição em relação a eles, dentre as centenas de metáforas da cultura da época, apresentou-se como PASTOR.

João 10:14-15 : “Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas.”

Cristo ressurreto, aparecendo aos discípulos quando tinham ido a uma pescaria, dá a Pedro a missão de PASTOREAR suas ovelhas: João 21:17 : “ ...Disse-lhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas.” E Pedro, ao escrever suas cartas, revela que não se esquece da missão outorgada por Jesus: incumbe a Igreja e presbíteros de PASTOREAR ovelhas.

1 Pedro 5:2 : “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós,...”

Esta missão foi-nos passada, através dos tempos. Pastorear é cuidar de pessoas, amá-las, auxiliá-las, encaminhá-las à vida vitoriosa.

Pastorear é também ensinar. Em Romanos 10:17, Paulo nos diz que a fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus. Inferimos que é nossa missão ensinar as crianças. Na infância aprendemos as primeiras histórias bíblicas e memorizamos os primeiros versículos. E por que será que há tantos adultos que freqüentaram a igreja, decoraram versículos, aprenderam hinetos, ouviram a história de Moisés, Davi, Sansão, e hoje estão afastados de Jesus e da igreja? É porque foi alcançada apenas sua mente.

Enquanto ensinar hoje é uma troca de informações, direcionada à mente, como no sistema grego de ensino, PASTOREAR foca a mente, coração e alma, como no sistema de ensino dos hebreus.

É possível aprender determinadas coisas, ainda que não concordando com elas. O aprendizado pode não influenciar o que pensamos. É por isso que o ensino da Escola Dominical não tem correspondido às nossas espectativas. O ensino influencia, mas não promove necessariamente mudanças nas atitudes, que é o real objetivo de quem lida com as crianças.

Como exemplo disto, o Dr. Howard Hendricks faz referência a um garoto que tinha uma extraordinária facilidade para decorar as Escrituras, ganhando diversos concursos de memorização de versículos. Um certo dia, foi pego roubando dinheiro na escola. Quando confrontado sobre o que havia feito, ele defendeu-se dizendo não achar qualquer correlação entre o que havia feito e o que havia aprendido na Escola Dominical. Possivelmente algum professor da classe de crianças da EBD tenha-lhe ensinado passagens bíblicas, mas não tenha acompanhado aquele menino como deveria. Não alcançou seu coração, não lhe apontou Jesus como o modelo a ser imitado.

Paulo diz, em Romanos 12:2 “E não vos conformeis a este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

A palavra transformar deriva de metamorfose,”termo empregado na geologia para designar modificação interna na rocha, que acaba por desencadear uma mudança exterior na mesma”. Isto é o que Paulo está sugerindo: uma mudança, desde

o interior, que promove as demais mudanças de vida e a alegria de ser como Jesus é. Se você acreditar em algo em seu coração, certamente tenderá a viver de acordo com o que crê. Mas quando você conhece apenas em sua mente, retém na memória, pode viver de modo diferente.

Quantos intelectuais e filósofos tiveram acesso à Palavra de Deus na infância e nunca se uniram a qualquer igreja? Foram ensinados, mas não pastoreados.

Aspectos Importantes do Pastoreio de Crianças

1. Equipe de Professores Pastoreando Crianças

Os professores serão discipulados quanto à necessidade das mudanças radicais no trato da criança, treinados e acompanhados pelos pastores locais, para o exercício do PASTOREIO DE CRIANÇAS. Estas serão divididas por faixa etária, em pequenos grupos, para que seus professores as conheçam bem e sejam por elas conhecidos.

Elas se assentarão em círculos, com o seu professor, que irá atuar como um facilitador da discussão. As crianças vão pensar em exemplos da vida real e como aplicar os princípios aprendidos à luz do que estão recebendo. O método de trabalho em grupos pequenos contempla uma realidade: crianças querem aprender sendo parte do processo. No Pastoreio de Crianças a transmissão de conhecimento bíblico objetivará fazer, das verdades bíblicas, algo vivo no crescimento das crianças. Não pode ser mero armazenar de informações, mas resultar em mudança de vida.

1) Pastorear é envolver e comprometer a criança com a Bíblia.

Há um provérbio chinês que diz: “Eu escuto, mas esqueço, eu vejo, mas não lembro, eu faço e entendo.” Os estudiosos dizem que a criança retém em média 10% do que ouve, 50% do que vê e 90% do que ouve, vê e experimenta. Então para melhorar a assimilação que se traduza em compromissos, devemos envolver as crianças no processo de aprendizado, motivando-lhes a participação na discussão sobre as verdades aprendidas, formular-lhes perguntas que as façam refletir sobre os assuntos, sempre usando uma linguagem que elas possam entender e que seja apropriada à experiência delas na realidade de cada faixa etária.

É necessário ligar os princípios bíblicos a situações concretas do dia a dia. No preparo dos líderes, lembrar que o pensamento da criança funciona na direção do que é concreto. Para que elas entendam algo abstrato, como perdão e amor, precisarão vê-los demonstrados no exemplo, no modelo dos seus líderes.

Na EBD, podemos encorajá-las a agirem de acordo com o que aprendem, mesmo quando fora da Igreja. Podemos dar-lhes sugestões de como lidar em determinadas situações, com base nos princípios bíblicos aprendidos.

2) Líderes de Crianças, Pastoreando-as com o Exemplo

Os professores devem ser exemplo das verdades bíblicas que as crianças recebem no ensino.Elas estão em formação e observam constantemente o nosso comportamento nas diferentes situações, para estabelecerem finalmente o que é certo e o que é errado. Ouvem o que ministramos e observam como somos e agimos. Elas imitam os modelos de seus pais, professores, pastores e educadores.

3) Líderes de Crianças, Pastoreando-as, Esperando Sempre o Melhor delas

Nos Estados Unidos, experts em Educação de Crianças concluíram precipitadamente que seis alunos de uma escola, no quesito inteligência, tinham QI muito alto, quando na verdade o QI deles estava num plano de absoluta normalidade. É que, ao final de um ano de observações mais acuradas do QI da classe, observaram que aquelas crianças haviam elevado seus QIs apenas com a mudança de atitude dos professores para com elas. A maneira como você olha para a criança e lhe diz "você pode fazer melhor que isto" com confiança nelas pode estimular-lhes um melhor desempenho.

4) Líderes de Crianças, Pastoreando-as, Falam-lhes do Evangelho com entusiasmo

Não podemos deixá-las enfadadas com a Palavra de Deus. Para que isso não aconteça precisamos lembrar-nos de que quanto menor a criança, menor o período durante o qual ela consegue prestar atenção. O ideal seria não falarmos continuamente por mais de 6 a 10 minutos.

2. O Conhecimento Pessoal das Crianças

O Ministério com os pequeninos nos moldes do Pastoreio com Crianças proporciona efetivo desenvolvimento, estreito relacionamento com elas que, por conseguinte, estarão mais abertas tanto para aprender como para falar. Estabelecer relacionamento vai além da memorização de seus nomes: é importante conhecê-las mesmo, como indivíduos únicos. Todas as crianças querem ser conhecidas e amadas e para isso é preciso:

a) Aprender a ouvir as crianças. Os líderes de pequenos grupos de crianças na EBD devem ouvir 75% do tempo e falar 25%. Quando as ouvimos com interesse, elas percebem que nos importamos com elas, o que facilita a comunicação.

b) Aprender a questionar as crianças. Apesar de haver uma série de perguntas que podem ser feitas às crianças, temos que ter o cuidado de não abordá-las com um interrogatório. À medida que estabelecemos um relacionamento sincero com elas, fica mais fácil descobrir seus interesses, seu prato predileto, o esporte que pratica, seu animal de estimação, etc.

c) Deixar que as crianças nos conheçam. Assim estaremos propiciando-lhes espaço e inspirando-lhes confiança e segurança para que elas abram seus corações.

3. Crescimento Espiritual

O Pastoreio de Crianças contribui para a formação de uma personalidade cristã mais próxima de Jesus. É o que vimos no início - a idéia de ligar o conhecimento ao coração, levando a criança a um relacionamento com Deus. Nossa grande missão é fazer discípulos em todas as nações, como está escrito em Mateus 28:19-20, é ensiná-los a obedecer e mover-se na direção de Jesus, com confiança, sem medos.

Quais são os fatores que retardam ou impedem que as crianças se acheguem a Jesus?

Medo, pressão, pais incrédulos, podem ser fatores importantes. É bom perguntar à criança o que a está impedindo de tomar a decisão de aceitar Jesus. Conceitos espirituais são muito abstratos para as crianças que aprendem primeiro o sentido concreto. Por exemplo, amor, bondade, onipresença de Deus, só são entendidos aos 11 ou 12 anos, com o desenvolvimento do pensamento abstrato. Então para ensiná-los, nós precisamos trazer estas informações para um âmbito concreto, visível. Pode-se falar da onipresença de Deus, dizendo à criança que Ele está sempre com ela, em qualquer lugar, vendo tudo, sabendo de tudo.

Falta de objetividade ao ajudar o crescimento espiritual da criança. É preciso ser intencional, objetivo ao ensiná-las.

4. Atender às Necessidades

No Pastoreio de Crianças temos de envolver-nos com elas, atendendo-lhes as necessidades que chegam ao nosso conhecimento. Em Gálatas 6:2, lemos: “Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a Lei de Cristo” E isto tem que ser verdade, principalmente com um líder de um grupo de crianças. Às vezes, crianças estão passando por processos emocionais difíceis e precisam de apoio, como no caso de famílias desfeitas, brigas entre as próprias crianças, dificuldades na escola, entre outros problemas. Orar é essencial no pastorear, mas não é tudo. Um pastor,

que assiste sua ovelha ser atacada por um lobo apenas orando, não é um pastor, mas apenas alguém que está tomando conta dela. Um pastor tem que se envolver, ser um bom ouvinte, mesmo sabendo que não vai poder resolver todos os problemas. Mas ele tem que estar por perto e perguntar como pode ajudar. Quem sabe, levando alimento, orando juntos, visitando, ouvindo, aconselhando, dando suporte financeiro.

O líder tem que tomar a iniciativa, não pode esperar ser requisitado. Alguns dizem que a falta de notícias é sinal de boas notícias, mas na realidade pode ser somente uma falha nossa, por não perguntar.

5. Encorajamento

Provérbios 25:11 nos mostra como é importante uma palavra de encorajamento. Larry Crabb (3) escreve sobre encorajamento: "é a expressão que auxilia uma pessoa a querer ser um cristão melhor, mesmo quando a vida é dura".

O encorajador é alguém que está se comprometendo pessoalmente com a outra pessoa. Ele diz: Eu escolho ajudar você em suas necessidades, porque o meu foco é você e não eu.

Para isto é preciso estar sempre com a mente alerta, ligada, como um radar, procurando oportunidades de encorajar a criança.

Quais os meios para se encorajar uma criança?

1) Encorajamento verbal

Segundo Larry Crabb, o encorajamento verbal inclui a idéia de uma pessoa ajudando outra em uma jornada, encorajando o viajante a continuar apesar dos obstáculos e da fadiga. Algumas vezes o encorajamento verbal é simplesmente chegar ao lado de alguém e dizer a palavra certa na hora certa e incentivá-lo a dar o próximo passo. É preciso falar do amor ao invés do medo. Sentimentos como medo ou ansiedade são comuns nas crianças. Muitas vezes, em seus lares, elas podem não estar recebendo um amor incondicional e, muitas vezes os pais nem percebem isto . As crianças podem vir para o grupo com insegurança, mas se estivermos atentos podemos interferir, dizendo o quanto gostamos dela, mesmo que ela erre, e que sempre estaremos lá para ajudá-la. O medo de ser abandonado ou de não ser amado desaparece quando ela entende que o amor é incondicional. E fica mais fácil entender o amor incondicional de Deus. Encorajar é edificar uma criança. Lembrar que um elogio para o grupo tem poder muito limitado para gerar afeto. O melhor é um elogio direcionado para cada criança.

2) Encorajamento não verbal

Pode ser através de ações Um toque físico (um abraço, um afago) adequado pode significar muito para a criança, pois elas respondem muito bem a este tipo de encorajamento. No livro "As Cinco Linguagens da Criança", o toque físico aparece como uma delas. É preciso descobrir qual é a linguagem do amor para a criança. Para alguns a linguagem pode ser a dos presentinhos, para outros a das palavras e assim por diante. Podemos descobrir isto por suas respostas aos métodos que empregamos, ou simplesmente observando. A consciência de estar sempre alerta às necessidades infantis é que pode dar o poder de encorajamento à mais trivial das conversas.

6. Compartilhar com a Família

O trabalho do líder no Pastoreio de Crianças é suplementar ao trabalho da família, criando um fundamento espiritual que irá levar a criança a desenvolver um relacionamento com Jesus. A idéia não é substituir a função da família, por isso o compartilhar é muito importante.

Mas para que isso aconteça é necessário que o Líder do Pastoreio de Crianças da EBD cumpra algumas etapas: Apresentar-se primeiramente às crianças e depois aos pais.

O passo seguinte é apresentar as crianças umas às outras para que haja entrosamento entre elas.

Depois, repete-se o procedimento com os pais. Perguntar aos pais o que se pode fazer para ajudar a criança com qualquer problema, desde coisas bem simples como uma alergia até os grandes problemas, como a perda de um ente querido. É importante estabelecer uma relação de confiança com os pais, para que eles se sintam à vontade em compartilhar dúvidas com o líder. Participar aos pais as coisas boas e progressos que seus filhos estão fazendo e comunicar as coisas ruins que eles possam ter feito, sempre tomando o cuidado de avisar as crianças antes,dando-lhes a chance de se corrigirem. Convidar os pais para virem à escola dominical. Lembrar que primeiro eles devem ser convidados apenas para visitar a EBD e depois convidá-los para serem voluntários. Esta participação dos pais ajuda na construção do relacionamento com as famílias e funciona particularmente bem com as famílias que estão chegando à igreja. E as crianças vibram quando os pais participam das atividades.

O líder de pequeno grupo pode também oferecer-se ou ser convidado para assistir a atividades das crianças fora da igreja, como um jogo de futebol, uma audição de piano, etc.

7. O ambiente ideal para Pastorear

Para conseguirmos pastorear é necessário criar condições ou todo o trabalho será frustrado. É praticamente impossível conseguir-se resultados satisfatórios em uma classe com mais de 25 crianças.

Os principais problemas que dificultam o pastorear hoje em nosso meio são:

a) Relações superficiais com as crianças, o que facilmente acontece em uma classe de 25 a 35 alunos. Numa classe deste tamanho, os líderes se tornam "fazendeiros" e não pastores.

b) Falta de entusiasmo - Começamos com muita energia e ânimo, mas eles são logo consumidos e ficamos nos perguntando: por quê? A frustração é devida à falta de resultados.

c) Freqüência flutuante das crianças - pode ser causada pela falta de entusiasmo dos líderes e conseqüentemente das crianças.

d) Um grande rodízio de voluntários - na falta de resultados, a freqüência flutuante leva os líderes ao desânimo e ao cansaço e eles acabam abandonando o trabalho.

e) Falta de qualidade do trabalho - não se pode aprofundar as lições com um número muito grande de crianças no grupo.

Conclusão

Há muitas outras razões pora que haja uma radical mudança na EBD, visando um futuro feliz e sólido para as crianças nas Igrejas Batistas.

Para que isto aconteça precisamos treinar, discipular, equipar os líderes e professores das crianças, a fim de que os mesmos sintam-se aptos para cuidar das crianças, com coração de pastor, vendo-as como ovelhas que necessitam de ensino e acompanhamento.

A Igreja Batista da Liberdade começou o Pastoreio de Crianças há dois anos e tudo mudou para melhor. Promovemos encontros de líderes, convencemos a diretoria e demais obreiros da Igreja, fornecemos treinamento, cursos, para a formação de uma excelente equipe. Todos assinaram um documento dedicando, formalmente, um ano de suas vidas ao Pastoreio de Crianças. Ao final desse tempo, no culto em ações de graças renovaram seus compromissos.

Não é possível darmos o que não temos, explicar o que não entendemos. Pastorear Crianças requer experiência e preparo.

Seja qual for o tamanho da sua igreja, as pessoas se sentirão próximas e bem cuidadas se forem divididas em pequenos grupos. Isto vale também para o Ministério com Crianças.

Sonhar com o futuro promissor para as crianças das igrejas batistas é iniciar novo processo na consciência de que o futuro chegou. Esta construção exige o decidido papel de muitos voluntários.

Bibliografia

-Pastoreando o Coração da Criança - Autor: Tedd Tripp, Ed.Fiel
-Como Educar Seus Filhos Seg. a Bíblia-Autor John MacArthur, Ed.Cultura Critã
-Apascenta Os Meus Cordeiros- Vários Autores, APEC
-Como Ser Pastor de Crianças - Autor Eli Fernandes, APEC
-Conta-se Uma História - Diva Schlottfeldt, Imprensa Metodista
-Pastoreio de Crianças - Willowcreeck Cummunity Church

A Igreja WellowCreeck, Pr. B.Haybles, já aplica a metodologia do Pastoreio de Crianças há dez anos. Igrejas no Brasil, como a Igreja Batista da Liberdade, Igreja Batista do Morumbi e outras no Mundo já fazem o mesmo. Sinto-me honrado em tomar como base o Pastoreio de Crianças da WellowCreeck, tão expressiva igreja. Em todos os casos do Pastoreio de Crianças a experiência tem ensinado que este tem sido e há de ser um dos caminhos pelos quais as igrejas percorrerão, se é que queremos forjar nas vidas das crianças o caráter de Jesus, através do modelo de vida de seus líderes e professores.

29

PERSPECTIVAS PARA A JUVENTUDE DO SÉCULO XXI

Marcelo Santos

"Confia ao Senhor as tuas obras, e os teus planos serão estabelecidos" Pv. 16:3

Estamos vivendo não só entre a juventude, mas na igreja de uma forma geral, o tempo das "Ondas Eclesiásticas"que aparecem e desaparecem com a mesma velocidade: soprar, dente de ouro, latido santo e tantas outras aberrações.

É o futuro-presente que costumo chamar, mesmo a contra-gosto de alguns, de Pós-modernidade Gospel, onde se deixa de pregar a verdade em troca de templos cheios e boas arrecadações. Por conta disso temos produzido uma geração de jovens analfabetos da Palavra de Deus. Gente que não sabe diferenciar livros do Novo e Antigo Testamento. As escolas dominicais andam em baixa e os cultos de oração na maioria das vezes tem uma freqüência sofrível.

O objetivo deste texto é de alguma forma contribuir com aqueles que tem de enfrentar a dura, mas gratificante tarefa de viver a realidade cotidiana do ministério com Jovens. Não tem a pretensão de ser um modelo ou uma "receita de bolo", mas estabelecer alguns princípios, a partir de experiências bem sucedidas, e do aprendizado com erros, que deverão ser utilizados e adaptados de acordo com a realidade de cada um.

No final do texto está inclusa uma bibliografia que poderá ajudar aos que desejarem mergulhar mais profundamente no tema.

Antes de qualquer coisa é preciso destacar que existem alguns princípios básicos para o trabalho com a juventude do século 21:

1.As realidades são diferentes e variam de igreja para igreja. Por isso, não vale a pena comparar um ministério com qualquer outro.

2.Esta é uma estratégia de grupo, ou seja, de trabalho em equipe.

3.O resultado do trabalho com jovens não aparece da noite para o dia. Leva tempo. Em alguns casos mais, em outros menos.

Planejando atividades para o Ministério

Quando se trata de juventude, há sempre duas formas de realizar o trabalho: desenvolver um projeto ou implementar uma ação. O ideal é optar por um projeto a curto, médio e longo prazo.

Trabalho com juventude requer tanto uma visão abrangente das oportunidades como um planejamento em curto prazo a fim de avançar ao próximo nível.

Os projetos, mesmo a longo prazo, tem a tendência de ser freqüentemente mais "revolucionários". Ações sem projeto são bem mais arriscadas.

O que geralmente se encontra hoje em dia é a realidade de uma juventude com um grande potencial, mas um tanto desmobilizada, trabalhando em cima de eventos e não de projetos e com a preocupação em cumprir o calendário anual.

A tendência para este novo século é de projetos bem elaborados e consistentes. Isso leva tempo, mas o investimento vale a pena. Neste ponto algumas definições são importantes: Planejar a partir dos objetivos claros, planejar pensando em pessoas. Perceber que programas são necessários, mas não o objetivo final.

O primeiro passo deve ser envolver os jovens no projeto. Não adianta muito ter um bom projeto, se a juventude não "comprar a idéia". Algumas dificuldades podem surgir pelo caminho, pois sempre haverá aqueles que só estão interessados em eventos. Algumas posturas e atitudes são fundamentais para enfrentar situações como estas: identificar o problema, pedir a Deus discernimento, ser ético, confrontar, aprender a tirar lições positivas do conflito, aprender a esperar o inesperado.

Outra coisa que precisa ser trabalhada é a rotina de programas. Muita das vezes o jovem não é atraído, porque não se apresentam alternativas de programas e métodos. Os encontros seguem um script que todos já conhecem de cor e salteado. Para superar isto algumas ações se fazem necessárias:

Buscar o ambiente certo para cada programa, diversificar as ênfases e atividades e quando necessário, mudar a estrutura. Deve ficar sempre claro que a estrutura deve existir em função das pessoas e não as pessoas em função da estrutura.

Neste processo é preciso lembrar que toda mudança requer uma combinação de humildade, coragem e visão. Não se pode perder de vista que "quem ama seu sonho mais do que as próprias pessoas o destroem".

O realismo sincero é a primeira base do êxito. A partir do momento em que se põe os pés no chão, as mudanças começam a acontecer mais facilmente.

O processo de transição

Num processo de transição existem três tipos de postura:

Idealismo – Um dos perigos de um bom projeto de inovação é o sonho de uma utopia evangélica, através de mudanças ideais.

Pessimismo – Olhar com desdém todo o esforço por fomentar uma mudança significativa sobre a atual situação.

Equilíbrio Bíblico – A realidade funcional de uma mudança significativa está a meio caminho entre o sonho ideal e o pessimismo paralisante. Reconhecer e aceitar tal realidade funcional é condição básica para levar adiante qualquer esforço de mudança.

Em alguns momentos haverá a tentação de desistir do projeto por conta dos inimigos da transição. As características gerais destes inimigos são:

- Desejo de Obter segurança – Sem a aventura no deserto não há a alegria da liberdade. Não há avanço, não há progresso.(Ex. 14:12)

Falta de Coragem para Renunciar – Mudar quer dizer abandonar alguma atitude que havíamos seguido durante anos.

A Exagerada Institucionalização – A estrutura torna-se mais importante do que as pessoas. Qualquer projeto de transição que não considere as pessoas está fadado ao fracasso.

Neste processo de transição aprende-se que existem alguns aspectos que são fundamentais e precisam ser levados em consideração: ser baseado na Palavra de Deus, ser baseado em necessidades comprovadas, acontecer como resultado de uma percepção concreta e não devido às pressões de modismos, caminhar sem romper com suas raízes,respeitar a história construída até o momento, permitir o diálogo contínuo, começar pequeno e caminhar gradativamente, sem pressa ou radicalismo.

Quem pretende investir em juventude também precisa aprender a fazer planos, desde o princípio de sua atuação, preparando o momento em que não mais estará à frente de seus liderados. Jesus treinou e preparou os mais bem-sucedidos líderes de equipe de todos os tempos. Suas realizações, após a partida dele, atestam que a liderança pode e deve ser passada adiante, mediante um adequado investimento no planejamento da sucessão.

Neste processo, é importante levar em conta as seguintes etapas: reconhecer a necessidade, orar pedindo os líderes certos, fazer o discipulado pessoal, propor o desafio, escolher os mais indicados, confirmar o comprometimento, definir funções e responsabilidades, conviver com os sucessores, ensinar a exercer a liderança, atribuir autoridade.

Conclusão

Muitas vezes a nossa oração é para que Deus nos use, mas Paulo nos ensina falando ao jovem Timóteo (II Timóteo 2:15), que a nossa busca deve ser pela aprovação de Deus, pois se formos aprovados por Deus, certamente ele nos usará no seu Reino e junto à juventude nesta nova etapa da história da Convenção Batista do Estado de São Paulo.

Pr. Marcelo Santos
Pastor da Igreja Batista da Graça/SP
1º Secretário da JUMOC/CBB
Professor da FTBSP
Mestre em Ciências da Religião
Graduado em Teologia e licenciado em História

Bibliografia

Fields, Doug - Um Ministério com Propósitos – Edit. Vida
Kilinski, K. Wofford, J. Organização e Liderança na Igreja Local -Editora Mundo Cristão
Hocking, David - As Sete Leis da Liderança Cristã – Abba Press
Habecker, Eugene, Redescobrindo a Alma da Liderança Ed. Vida
Horrel, J.Scott – Ultrapassando as Barreiras – Vol. I/II- Editora Mundo Cristão
Seibert, Erní W. – A Igreja Hoje: Organizada a Partir dos Seus Objetivos Editora Concórdia
Barba, George – Igrejas Amigáveis e Acolhedoras – Abba Press
Pritchard, Ray e Briner, Bob – Lições de Liderança de Jesus – United Press
Robinson, Darrell W. – Igreja Celeiro de Dons – Juerp.
Linthicum, Robert C. – Revitalizando a Igreja – Edit. Bom Pastor
Paula, Wellison M. – Simplesmente Igreja – Cháris Editora
Price, Donald E. (org.) – Conflitos e Questãoes Polêmicas na Igreja – Edit. Vida Nova

30

UNIÃO FEMININA MISSIONÁRIA UMA PROJEÇÃO DO FUTURO

Izoleide Matilde de Souza

Preliminares

Visão: Uma Instituição comprometida com a formação cristã missionária para a expansão do reino de Deus.

Missão: Viabilizar a educação cristã missionária de crianças, meninas, adolescentes, jovens e mulheres, a fim de que comprometam com a expansão do reino de Deus

Objetivo Geral: Viabilizar a educação cristã missionária na igreja local a fim de que seus membros reconheçam a soberania do Deus Triúno e cumpram a grande Comissão.

Entendemos que o projeto UNIÃO FEMININA MISSIONÁRIA BATISTA iniciado em 1908 seguiu o modelo dos Estados Unidos, o que era natural na época, visto que a liderança era na sua quase totalidade composta de missionárias americanas.

Algumas modificações foram feitas no decorrer dos anos, mas as mudanças decorrentes do aparecimento do rádio, TV, Internet, etc. tem ritmos diferentes. O processo de mudança é cada vez mais rápido. A tendência é aumentar para um futuro próximo.

Costumes estão mudando e infelizmente valores também. Entendemos que os valores que adotamos são cristãos e inegociáveis. No entanto, precisamos estabelecer o que é um valor e um costume. Os costumes podem ser refeitos e reaprendidos. Valores, não.

Em pesquisas recentes, constatou que em nossas igrejas a membresia é formada por entre 65 a 75% de mulheres; um enorme contingente.

I – Projetando o futuro de acordo com o presente

Diante do espelho presente, elaboramos um projeto visando entender, alcançar, motivar, envolver a mulher nos programas missionários e/ou atividades em nossas igrejas, ajudando-a em seu crescimento espiritual, despertando-a para a realização da tarefa para a qual Deus a vocacionou, independente da estrutura adotada pela igreja.

1. Traçar um perfil das mulheres de nossas igrejas, de acordo com as seguintes características:

- As mais novas com filhos pequenos e adolescentes, trabalhando fora, sustentando a casa, uma boa parte sozinhas sem marido, sem tempo para devocionais pessoais e atividades na igreja, muitas com maridos não crentes;
- As mulheres com a família bem estruturada com marido e filhos sem dependência dos pais financeiramente;
- As mulheres de mais idade, algumas aposentadas, grande número de viúvas. Muitas dependendo financeiramente de filhos casados, muitas cuidando de netos enquanto as filhas ou noras trabalham;

2. Ter cadastro de mulheres por profissões em comum.

3. Usar o meio de comunicação para alcançar as mulheres que fazem uso da Internet.

4. Apresentar estudos, palestras, salas de bate-papo com assuntos previamente estabelecidos e anunciados com a presença de um profissional da área que seja conhecido e respeitado pelo grupo. Além de estudos, colocar à disposição matérias para Culto em Família, de maneira criativa, incluindo sugestões biográficas.

5. Oferecer programas alternativos que contemplam as faixas etárias: crianças, pré adolescentes, adolescentes e jovens, levando em consideração liderança, espaço e tempo que a igreja dispõe para este trabalho.

6. Colocar à disposição das Instituições de ensino teológico da denominação (Seminários, Faculdades Teológicas, Institutos), currículo sobre a União Feminina e sua importância no desenvolvimento e crescimento da igreja local.

II - Visão para o futuro na área de capacitação

Elaborar e colocar à disposição das Igrejas e Associações literaturas contendo:

* Curso para Capacitação de Líderes produzidas em: Vídeo, CD, DVD;

* Programas alternativos para o trabalho com mulheres, jovens e adolescentes;

* A atuação da Mulher Cristã na Igreja local e na comunidade através da evangelização;

* Conhecendo as literaturas produzidas pela UFMBB;

* Fortalecer o trabalho das Associações;

* Produzir folders e divulgar com intensidade, através de Congressos, Simpósios, Encontros nosso objetivo que é Missões e Evangelismo;

* Realizar Congressos de Educação Cristã em parceria com a Faculdade Teológica.

III - Visão númerica para o futuro

Que todas as Igrejas Batistas do Estado de São Paulo, possuam em sua estrutura, espaço para atuação da mulher (Mulher Cristã em Ação), crianças (Amigos de Missões), pré adolescentes e adolescentes (Mensageiras do Rei) e jovens (Jovens Cristãs em Ação).

Conclusão

Com isso teremos uma denominação forte, igrejas integradas, cumprindo sua missão evangelizadora, cujos membros sejam comprometidos com a adoração, serviço e expansão do Reino de Deus. Famílias sadias social e espiritualmente, fruto de uma educação cristã recebida com padrão. Para honra e glória de nosso Deus.

31

UNIÃO MASCULINA MISSIONÁRIA UMA PROJEÇÃO PARA O FUTURO BATISTA NO ESTADO

Moacyr Tang

Nosso Departamento teve seu início com muitos outros dentro de nossa Denominação, ou seja, suprindo necessidades das Igrejas operantes.

Mas, o intuito maior, foi o trabalho missionário. Criar nos Homens Meninos (Embaixadores do Rei), Homens Rapazes (Gamistas) e nos Homens "Maduros" (Sociedade Masculina) de uma Igreja Batista, o espírito missionário.

E isto vem acontecendo a muitos anos. Hoje, com as "novidades" que ocorrem em nosso meio, algumas Igrejas vem deixando de lado a verdadeira missão da Igreja, que é a Evangelização, para partir para o trabalho com o homem, mas a maioria sem um fundamento bíblico, mas sim, social.

Esquecendo tudo que passou, vamos olhar para o futuro. Um futuro, dentro dos padrões batistas.

O futuro é hoje

Estamos dentro dos princípios Bíblicos que é o IDE DE JESUS, e para tanto, nos preparamos para o trabalho missionário, tanto em nosso Estado, como em outros, através de Mutirões Missionários. O Mutirão a nível de Brasil, chama-se: MUNAMI: que quer dizer: Mutirão Nacional Missionário. Já houve sete mutirões e o último, no dia 12 de Outubro, nas cidades de Cruzeiro, Cachoeira Paulista, Queluz, Lavrinhas e Piquete.

Para que se tenha uma idéia: Cruzeiro possui quase 100 mil habitantes com apenas duas Igrejas Batista, num total de 80 membros; Cachoeira Paulista, 12 mil habitantes, e perto de 40 crentes. Nesta cidade, concentram-se os Católicos Carismáticos com inúmeros Congressos, existe uma sede espírita de Alan Kardec e ainda um Santuário da Santa Cabeça. Queluz possui quase 12 mil habitantes. Uma única Igreja Batista com 18 membros. Predomina nesta cidade os Pentecostáis radicais e estão aderindo ao Ecumenismo. Lavrinhas possui quase 7 mil habitantes com apenas uma Congregação Batista. Piquete possui quase 20 mil habitantes, com apenas uma Congregação Batista. Aqui, como em todas estas cidades, predomina o Catolicismo muito influente na cidade.

Estiveram conosco nessa obra do Senhor, os Homens dos seguintes Estados: além de São Paulo, as duas Convenções do Estado do Rio (Carioca e Fluminense), do Espírito Santo, Minas Gerais, Brasília. Estiveram mais de 500 irmãos, levando a Mensagem redentora as cidades onde imperam os Carismáticos e os Kardecistas.

Como nossa obrigação é a pregação do Evangelho, para o próximo ano, estaremos promovendo mais um Mutirão a nível de Estado de São Paulo, e continuaremos cooperando como Mutirão Nacional.

Nossa filosofia é TRABALHO. Para o próximo ano, estaremos implantando mais três acampamentos (nosso tradicional é na última semana de Março, em Sumaré) atingindo municípios longe da capital. Dividimos o Estado em quatro, e em cada uma parte, um Acampamento. Não serão todos no mesmo dia, mas com uma alternância de 15 dias.

Continuando nossa Filosofia, todo domingo temos um trabalho diferente, pode ser um ensaio do coro masculino, uma visita – tanto a um membro como a um não crente, um programa muito bem feito com o auxílio da nossa Revista O Homem Batista, uma programação com o intuito de nos prepararmos para as Assembléias, realizando uma em nossa União onde se pode instruir tarefas como cobrá-las, etc.

Paralelamente aos dias de reuniões, dirige-se um Ponto de Pregação ou uma Congregação, incentivo aos homens a serem Professores na EBD.

Continuamos com o Treinamento de Liderança, ou aprimoramento, em todas as Associações que se sentirem com essa necessidade. Pena que para muitos parece não haver essa necessidade, e aí o trabalho não flui.

Gostaríamos de, mais uma vez, poder contar com o apoio dos Pastores, para que o trabalho possa avançar e os próprios pastores possam usufruir dos resultados. Por exemplo, os pastores poderão ser grandemente beneficiados tendo homens de suas Igrejas pregando nas Congregações, nos pontos de Pregação, nas visitas (tanto a lares como nos hospitais, presídios, etc). Nosso trabalho é suave como o fardo de Jesus. Só que exige dedicação e perseverança.

Nossos Congressos são a cada 2 anos. E sempre foram inspirativos e insparadores. Só quem não participa é quem perde.

Nossos garotos (Embaixadores do Rei) também têm o seu Congresso a cada 2 anos, e intercalando os Congressos, as Olimpíadas, sempre a cada 2 anos. Só quem não conhece o trabalho maravilhoso que é instruir um menino nos caminhos do

Senhor, como é nossa obrigação: “Construir meninos para não remendar homens” é que não sabe. Existe um certo “gosto” de vitória quando você presencia seu “garoto” respondendo as questões bíblicas com tanto conhecimento que, realmente, nos enche de alegria.

Só quem não conhece este trabalho é que realmente não o valoriza. Lamentavelmente, muitos dos nossos Líderes, desconhecem essa preciosidade que se chama Embaixador do Rei. É como aquela estória do Mendigo que passou a vida toda mendigando em cima de uma mesma pedra, na entrada da cidade. Só depois de sua morte, quando a pedra foi removida, encontrou-se um tesouro ali enterrado. Viveu em cima de um tesouro sem o saber, por isso não pode beneficiar-se dele. Assim são aqueles que não estão despertados para valorizar esta maravilhosa organização. Nunca saberão o que perderam, pois não tiveram a coragem de tirar a pedra.

Para as próximas décadas, os HOMENS continuarão a pregar, testemunhar, levar cestas básicas, instruir, ensinar, entre muitas outras coisas que agradam a nosso Deus. Desde que organizados, poderão usar nosso grande nome: SOCIEDADE MASCULINA MISSIONÁRIA, lógico que, BATISTA.

Nossos próximos Mutirões Missionários, Congressos e as Assembléias, serão sempre um bálsamo para nossos corações e nós gostaríamos que fosse para todos os HOMENS de nossas Igrejas.

O Futuro das organizações

Quanto ao FUTURO, este a Deus pertence, só que nós podemos muitas vezes tirar a pedra, como na ressurreição de Lázaro. E se não o fizermos, seremos cobrados no “amanha” de nossas vidas. Quantas Igrejas terão coragem de ter estas organizações dentro de suas “teorias” atuais?

Nosso AMANHÃ é hoje, desde que seja feita a vontade dAquele nos chamou das trevas para sua maravilhosa luz. Não nos cansemos de fazer o bem, mas principalmente aos domésticos da fé. E se os meninos de nossas Igrejas não estiverem enquadrados nesta fé?

São Paulo 100 anos. Nestes anos findos, muitas glórias. E se as quisermos continuar contando, precisamos continuar o que de bom foi feito até aqui, pois “em time que está ganhando, não se mexe”.

Nesta pequena reflexão, podemos sentir que a vontade de Deus é que ninguém se perca mas que todos cheguemos a estatura do varão perfeito de Deus. Se depender de minha Igreja, dos HOMENS, a ela integrados, terei condições de alcançar a todos? Por favor, pense nisto e passe a cooperar com essa Organização que só tem trazido bênçãos aos que estão longe do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Muitos testemunhos temos ouvido e os queremos ouvir muito mais, por isso é que apelamos. Colabore com a sua Igreja instituindo nela a União Masculina

Missionária, que nada mais é do que as Organizações masculinas: Sociedade Masculina Missionária, Grupo de Ação Missionária e os Embaixadores do Rei.

Uma vez que homens, meninos e rapazes continuarão existindo neste próximo século, sem dúvida nossa União Masculina Missionária também continuará seu trabalho.

Colaboração do pastor Moacyr Tang,
Secretário Executivo da União Masculina Missionária
Batista do Estado de São Paulo – UMBESP.

EPÍLOGO

A Parábola do Pequeno Riacho

Um pequeno filete de água cristalina brotou da terra na encosta de uma montanha. Seguindo a inclinação topográfica natural da região, foi deslizando por entre as elevações. À proporção em que passava, juntavam-se ao pequeno filete outros filetes, de maneira que o seu volume foi aumentando. Quando chegou ao vale, já era um pequeno riacho. E então já havia peixes em abundância, e suas águas formavam pequenas cachoeiras que podiam ser usadas para usinas hidrelétricas, e suas águas claras e frescas serviam para dessedentar as populações da região. Suas águas, seu curso serpenteado e suas pequenas cachoeiras, formavam um quadro de rara beleza para os olhos.

Então avançou pelo vale. Ali, o pequeno riacho começou a receber águas de outras procedências, muitas delas carregadas de poluição e sujeira, e materiais diferentes da pureza que o pequeno riacho vinha reunindo no seu curso. Assim, à medida em que rolava pelo vale, engrossava o seu volume com águas barrentas, cheias de detritos de cidades grandes, e o pequeno riacho foi perdendo sua identidade. Agora já não era mais o pequeno riacho, mas o grande e caudaloso rio, de águas de todas as fontes e procedências.

Certo dia, o pequeno riacho, agora rio caudaloso, começou a enfadar-se com a tarefa de correr sempre entre as mesmas margens e decidiu romper com aquela situação rotineira. Durante uma tempestade na região, o pequeno riacho encheu-se e transbordou. Por vários dias suas águas, somadas às águas das enxurradas, bateram fortemente sobre suas margens, erodindo-as e danificando-as totalmente. Quando a enchente passou, aquelas águas espalhadas pelo vale não voltaram mais para

o seu leito normal. O pequeno riacho havia se partido em diversos outros filetes de água que se perderam na grande extensão do vale, deixando de ser a fonte de riqueza que sempre havia sido. E toda a comunidade lamentava o desaparecimento do pequeno riacho, dos seus saborosos peixes e de suas maravilhosas quedas d´água.

Isto é uma parábola[123]. Mas é mais ou menos isto que acontece com uma igreja ou com uma denominação evangélica. Ela nasce pequena e pura. Começa a avançar no curso normal da vida religiosa. Enquanto avança, cresce e aumenta o seu volume de adeptos. Mas outras "águas" vão se juntando ao seu curso. Um dia, as águas estranhas às origens do "pequeno riacho" decidem romper com as regras, com as doutrinas, que constituem a beleza e a riqueza de sua carreira, e aí ela se divide em pequenos cursos insignificantes, perde a sua força e, sobretudo, a sua identidade.

Algumas denominações evangélicas sérias, que sempre primaram pela obediência à Palavra de Deus, e por isso foram uma bênção para milhões de vidas, estão ultrapassando suas margens com um excessivo desejo de liberdade e liberalismo. Impressionam-se com as "enchentes" de multidões que querem ingressar no seu "curso", mas que não pertencem às suas "águas". De repente, suas águas se espalham por todo o vale, mas quando a "enchente" passa, as águas não voltam e se perdem. No fim, o lindo riacho torna-se um movimento fraco e frustrado, que nunca atinge o mar, pois evapora-se com o calor das lutas do vale.

As ondas modernas de práticas estranhas à Palavra de Deus estão matando nossas igrejas. No momento, tudo parece uma verdadeira "enchente". Mas isso vai passar e, lamentavelmente, nunca mais voltaremos ao que éramos.

Espero que o povo de Deus chamado Batista, às voltas com tantas inovações deste tempo, saiba conservar o curso da verdade calçada na Palavra de Deus. E que, principalmente na doutrina, a regulamentação da Palavra de Deus defina sempre as margens dentro das quais as igrejas devem permanecer para fazerem a vontade de Deus, e chegarem ao seu objetivo proposto.

Esta é uma ilustração do que pode ter acontecido conosco ao longo destes cem anos.

O riacho que nasceu no templo

Mas a idéia do "pequeno riacho" me leva a pensar naquela maravilhosa narrativa de Ezequiel 47.1-12, que alguns tradutores titulam como "correntes purificadoras", e que poderia ser a ilustração do que deveria acontecer conosco.

Aliás, segundo os melhores intérpretes de Ezequiel, a partir do capítulo 40 até o fim do livro, trata-se da restauração de Israel, onde o autor apresenta várias ilustrações sobre o assunto, e esta, das águas que nascem no templo, é uma delas.

As águas fluíam da área do altar, para o Portão Oriental, passava para o exterior do templo e daí corria para o Mar Morto. No percurso, não há menção de nenhum afluente, isto é, ele não recebe águas de nenhuma outra fonte. O fluxo aumenta pelo poder de Deus (Yaweh). O "homem" que está com o profeta mede as águas quatro vezes: na primeira medida, as águas dão nos tornozelos; na segunda, nos joelhos; na terceira, na cintura; na quarta as águas já se tornaram um rio caudaloso, que só se pode atravessar a nado.

Rodeando pelas margens do rio, o profeta nota muitas árvores de ambos os lados. Essas árvores darão frutos todos os meses, e suas folhas nunca murcharão e seus frutos não cairão. Seus frutos servirão de comida e suas folhas de remédio para os povos. Também há muito peixe, e por onde as águas passarem produzirão vida. Até o Mar Morto será purificado por aquelas águas. São águas purificadoras.

Naturalmente, esta é uma profecia referente a Israel primeiramente, e ao Reino Messiânico. No entanto, eu gostaria que esta figura e ilustração fosse a história do nosso povo Batista do Estado de São Paulo no seu centenário.

Nós nascemos, realmente, do altar, isto é, de um ambiente de adoração perfeita ao Senhor, ainda que no começo, sequer possuíssemos um templo. As águas que se foram aumentando deveriam não receber nenhum afluente ou tributário estranho até que se tornasse rio caudaloso, como na verdade somos hoje.

Nossas águas deveriam ser purificadoras da nossa sociedade e cheias de vida. Ao longo do nosso "rio" deveria haver muito fruto e muito remédio para todos. Nossas águas poderiam ser um grande referencial.

Lamentavelmente, nossas águas têm sido contaminadas, nossas árvores, em muitas áreas, morrem ou não dão fruto. Numa equívoca desculpa de contextualização, transbordamos de nossas margens e nos misturamos com outras "águas". A poluição doutrinária mata os "peixes" do nosso "rio", e perdemos o nosso potencial de vida.

Tudo isso acontece porque não temos medido as águas. É preciso "medir" periodicamente, avaliar para controlar o fluxo das águas para o seu destino final. Só assim teremos vida para este mundo doente.

No apagar das luzes do nosso primeiro centenário e no raiar do segundo, precisamos rever nossas águas. Sobretudo, precisamos cada vez mais definir nossos objetivos e saber exatamente para onde devemos ir com as nossas águas.

O rio de águas vivas

Já que estamos usando rios como ilustração no encerramento deste livro, permitam-me reportar-me a mais um.

Em João 7.37-39, lemos: "E, no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, que venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre. E isso disse ele do Espírito, que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado".

A figura que Jesus usa aqui de "rios de águas vivas" é inspirada no ato que estava sendo praticado naquele dia. Era a festa dos Tabernáculos. O povo se reunia para relembrar o tempo em que vivia em tendas. No último dia, um sacerdote, acompanhado de grande multidão jubilosa ia ao Tanque de Siloé, tirava água em um vaso de ouro e, voltando para o Templo, o derramava sobre o altar. O povo vinha com júbilo e no templo, o povo cantava o Halel, que era o cântico dos Salmos 113 a 118. Este ato, naturalmente, relembrava o dia em que Moisés fez fluir água da rocha no deserto para dar de beber ao povo. O Senhor Jesus aproveitou a idéia para dizer que nEle não haveria apenas um vaso de água, mas correriam rios de águas vivas (águas correntes) do seu interior, referindo-se à presença do Espírito Santo na vida do crente.

Tenho observado que o nosso grande problema nestes últimos tempos é não compreendermos bem a doutrina do Espírito Santo. O Senhor Jesus Cristo disse que os que cressem nEle receberiam o Espírito Santo e isso se tornaria como um rio de águas vivas, fluindo do seu interior. Mais tarde, o apóstolo Paulo, interpretando os ensinos do Senhor Jesus, vai dizer que nós somos o templo, o santuário do Espírito Santo (1 Co. 6.19-20).

O que os nossos pioneiros faziam no início da obra Batista no Brasil e em São Paulo, era pregar o Evangelho que leva o pecador a um novo nascimento (Jo. 3.3), tornando-se uma nova criatura (2 Co. 5.17). Neste ato, ao crer em Jesus como seu Salvador, o pecador recebe o Espírito Santo. E então flui o Rio de águas vivas. Há hoje muita gente ensinando diferente, mesmo Batistas, e as pessoas que não passaram por uma genuína conversão, ficam buscando certos programas religiosos que nada têm a ver com a Palavra de Deus.

É esse rio, fluindo de cada vida Salva, formando o corpo de Cristo que é a Igreja, que faz jorrarem as águas purificadoras de que o nosso Brasil tanto precisa.

E então, onde está o nosso rio?

Damy Ferreira

APÊNDICE

Para que fique para a posteridade, transcrevemos neste livro, em forma de apêndice, a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, que é adotada pelas Igrejas que cooperam com a nossa Convenção Batista do Estado de São Paulo.[124]

Não sei como os nossos Batistas daqui a 20, 30 ou 50 anos vão ver esta declaração. E possível até que alguns fiquem chocados com tudo isto. Mas aqui está exatamente o que os Batistas adotam neste tempo, e é o que nos trouxe até aqui. Que o nosso Deus nos ajude a prosseguir crendo assim.

Declaração doutrinária da Convenção Batista Brasileira

I - Escrituras Sagradas

A Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana(1). É o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens(2). Sendo Deus seu verdadeiro autor, foi escrita por homens inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo(3). Tem por finalidade revelar os propósitos de Deus, levar os pecadores à salvação, edificar os crentes e promover a glória de Deus(4). Seu conteúdo é a verdade, sem mescla de erro e por isso é um perfeito tesouro de instrução divina(5): Revela o destino final do mundo e os critérios pelos quais Deus julgará todos os homens(6). A Bíblia é a autoridade única em matéria de religião, fiel padrão pelo qual devem ser aferidas a doutrina e a conduta dos homens (7). Ela deve ser interpretada sempre à luzB da pessoa e dos ensinos de Jesus Cristo (8).

(1) SI 119.89; Hb].I; ls 40.8; Mt 24.35; Lc 24.44, 45; Jo 10.35; Rm 3.2; IPe I.25; IPe I.21.
(2) ls 40.8; Mt 22.29; Hb 1.1, 2; Mt 24.35; Lc 24.44, 45; 16.29; Rm 16.25, 26; IPe 1.25.
(3) Ex 24.4; 2Sm 23.2; At 3.21; 2Pe 1.21.
(4) Lc 16.29; Rm I.16; 2Tm 3.16, 17; lPe 2.2; Hb 4.12; Ef 6.17; Rm 15.4.
(S) Sl 19.7-9; Sl 119.105; Pv 30.5- Jo 10.35; 17.17; Rm 3.4; 15.4-, 2Tm 3.15-17.
(6) Jo 12.47, 48; Rm 2.12, 13.
(7) 2Cr 24.19; Sl 19.7-9; ls 34.16; Mt 5.17, 18; ls 8.20; At 17.11; Gl 6.16; Fp 3.16-, 2Tm 1.13.
(8) Lc 24.44, 45; Mt 5.22, 28, 32, 34, 39; 17.5: 11.29, 30; Jo 5.39, 40: Hb 1.1, 2; Jo 1.1, 2, 14.

II – Deus

O único Deus vivo e verdadeiro é espírito pessoal, eterno, infinito e imutável; é onipotente, onisciente e onipresente; é perfeito em santidade, justiça, verdade e amor(1). Ele é criador, sustentador, redentor, juiz e senhor da história e do universo, que governa pelo seu poder, dispondo de todas as coisas, de acordo com o seu eterno propósito e graça(2). Deus é infinito em santidade e em todas as demais perfeições (3). Por isso, a ele devemos todo o amor, culto e obediência(4). Em sua triunidade, o eterno Deus se revela como Pai, Filho e Espírito Santo, pessoas distintas mas sem divisão em sua essência(5).

(1) Dt 6.4; Jr 10.1; Sl 139; lCo 8.16; 1Tm 2.5, 6; Ex 3.14; 6.2, 3; Is 43.15; Mt 6.9; Jo 4.24; 1Tm 1. 17; Mt 3.6; Tg 1.17; 1Pe 1.16, 17.
(2) Gn 1.1; 17.1; Ex 15.11-18; Is 43.3; At 17.24-26; Ef 3.11; 1Pe 1.17.
(3) Ex 15.11; Is 6.2; Jó 34.10.
(4) Mt 22.37; Jo 4.23, 24; 1Pe 1.15, 16.
(5) Mt 28.19; Mc I.9-11; 1Jo 5.7; Rm 15.30; 2Co 13.13; Fp 3.3.

1. Deus Pai

Deus, como Criador, manifesta disposição paternal para com todos os homens(1). Historicamente ele se revelou primeiro como pai ao povo de Israel, que escolheu consoante os propósitos de sua graça(2). Ele é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem enviou a este mundo para salvar os pecadores e deles fazer filhos por adoção(3). Aqueles que aceitam Jesus Cristo e nele crêem são feitos filhos de Deus, nascidos pelo seu Espírito, e, assm, passam a tê-lo como Pai celestial, dele recebendo proteção e disciplina(4).

(I) ls 64.8; Mt 6.9; At 17.26-29; lCo 8.6; Hb 12.9.
(2) Ex 4.22, 23; Dt 32.6-18; ls 1.2, 3; Jr 31.9.
(3) Sl 2.7; Mt 3.17; Lc 1.35; Jo 1.12.
(4) Mt 23.9; Jo 1-12, 13; Rm 8.14-17; GI 3.26; 4.4-7; Hb 12.6-11.

2. Deus Filho

Jesus Cristo, um em essência com o Pai, é o eterno Filho de Deus(1). Nele, por ele e para ele, foram criadas todas as coisas(2). Na plenitude dos tempos ele se fez carne, na pessoa real e histórica de Jesus Cristo, gerado pelo Espírito Santo e nascido da Virgem Maria, sendo em sua pessoa verdadeiro Deus e verdadeiro homem(3). Jesus é a imagem expressa do seu Pai, a revelação suprema de Deus ao homem(4). Ele honrou e cumpriu plenamente a lei divina e obedeceu a toda a vonta-

de de Deus(5). Identificou-se perfeitamente com os homens, sofrendo o castigo e expiando as culpas de nossos pecados, conquanto ele mesmo não tivesse pecado(6). Para salvar-llos do pecado morreu na cruz, foi sepultado e ao terceiro dia ressurgiu dentre os mortos e, depois de aparecer muitas vezes a seus discípulos, ascendeu aos céus, onde, à destra do Pai, exerce o seu eterno Supremo Sacerdócio(7). Jesus Cristo é o único Mediador entre Deus e os homens e o único suficiente Salvador e Senhor(8). Pelo seu Espírito ele está presente e habita no coração de cada crente e na lgreja(9). Ele voltará visivelmente a este mundo em grande poder e glória, para julgar os homens e consumar sua obra redentora(l0).

(1) Sl 2.7; 110.1;Mt 1.18-23; 3-17; 8.29; 14.33; 16.16, 27; 17.5; Mc 1.1; Lc 4.41; 22.70; Jo 1.1, 2; 11.27; 14.7-11; 16.28.
(2) Jo 1.3; lCo 8.6; Cl 1.16, 17.
(3) Is 7.14; Lc 1.35; Jo 1.14; Gl 4.4,5.
(4) Jo 14.7-9; Mt 11.27; Jo 10.30, 38; 12.44-50; Cl 1.15-19; 2.9; Hb 1.3.
(5) Is 53; Mt 5.17; Hb 5.7-10.
(6) Rm 8.1-3; Fl 2.1-11; Hb 4.14, 15; lPe 2.21-25.
(7) At 1.6-14; Jo 19.30, 35; Mt 28.1-6; Lc 24.46; Jo 20.1-20; At 2.22-24; lCo 15.4-8.
(8) Jo 14.6; At 4.12; lTm 2.4-5; At 7.55, 56; Hb 4.14-16, 10.19-23.
(9) Mt 28.20; Jo 14.16, 17; 15.26; 16.7; 1Co 6.19.
(10) At 1.11; lCo 15.24-28; 1Ts 4.14-18; Tt 2.13.

3. Deus Espírito Santo

O Espírito Santo, um em essência com o Pai e com o Filho, é pessoa divina(1). E o Espírito da Verdade(2). Atuou na criação do mundo e inspirou os homens a escreverem as Sagradas Escrituras(3). Ele ilumina os homens e os capacita a compreenderem a verdade divina(4). No dia de Pentecostes, em cumprimento final da profecia e das promessas quanto à descida do Espírito Santo, ele se manifestou de maneira singular e irrepetível, quando os primeiros discípulos foram batizados no Espírito, passando a fazer parte do corpo de Cristo que é a Igreja. Suas outras manifestações constantes no livro de Atos confirmam a evidência da universalidade do dom do Espírito Santo a todos os que crêem(5). O batismo no Espírito Santo sempre ocorre quando os pecadores se convertem a Cristo, que os integra, regenerados pelo Espírito, à igreja(6). Ele dá testemunho de Cristo e o glorifica(7). Convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo(8), opera a regeneração do pecador perdido(9), sela o crente para o dia da redenção final(10); habita no crente(11); guia-o em toda a verdade(12); capacita-o para obedecer à vontade de Deus(13). Distribui dons aos filhos de Deus para a edificação do corpo de Cristo e para o ministério da igreja no mundo(l4). Sua plenitude e seu fruto na vida do crente constituem condições para a vida cristã vitoriosa e testemunhante(15).

(1) Gn 1.2; Jó 23.13; Sl 51.11; 139.7-12; ls 61.1-3; Lc 4.18, 19; Jo 4.24; 14.16, 17; Is 15.26; Hb 9.14; lJo 5.6, 7; Mt 28.19.

(2) Jo 16.13; 14.17; 15.26.
(3) Gn 1.2; 2Tm 3.16; 2R, 1.21.
(4) Lc 12.12; Jo 14.16, 17, 26; lCo 2.10-14; Hb 9.8.
(5) Jl 2.28-32; At I.5; Lc 24.29; At 2.41; 8.14-17; 10.44-47; 19.5-7; lCo 12.12-15.
(6) At 2.38, 39; lCo 12.12-15.
(7) Jo 14.16, 17; 16.13, 14.
(8) Jo 16.8-11.
(9) Jo 3.5; Rm 8.9-11.
(10) Ef 4.30
(11) Rm 8.9-11.
(l2) Jo 16.13.
(l3) Ef 5.16-25.
(l4) lCo 12.7,11; Ef 4.11-13.
(l5) Ef 5.18-21; Gl 5.22, 23; At 1.8.

III - O Homem

Por um ato especial, o homem foi criado por Deus à sua imagem e conforme a sua semelhança e disso decorrem o seu valor e dignidade(1). Seu corpo foi feito do pó da terra e para o mesmo pó há de voltar(2). Seu espírito procede de Deus e para ele retornará(3). O Criador ordenou que o homem domine, desenvolva e guarde a obra criada(4). Criado para a glorificação de Deus(5), seu propósito é amar, conhecer e estar em comunhão com o seu Criador, bem como cumprir sua divina vontade(6). Ser pessoal e espiritual, o homem tem capacidade de perceber, conhecer e compreender, ainda que em parte, intelectual e experimentalmente, a verdade revelada e para tornar suas decisões em matéria religiosa seni a meditação, interferência ou imposição de qualquer poder humano, seja civil ou religioso(7).

(1) Gn 1.26-31; 18.22; 9.6; 51 8.1-9; Mt 16.26.
(2) Gn 2.7; 3.19; Ec 3.20; 12.7.
(3) Ec 12.7; Dn 12.2, 3.
(4) Gn 1.21; 2.1; Sl 8.3-8.
(5) At 17.26-29; lJo 1.3, 6, 7.
(6) Jr 9.23-24; Mq 6.8; Mt 6.33; Jo 14.23; Rm 8.38, 39.
(7) Jo 1.4-13; 17.3; Ec 5.14; lTm 2.5; Jó 19.25, 26; Jr 31, 3; At 5.29; Ez 18.20; Dn 12.2; Mt 25.32, 46; Jo 5.29; lCo 15; lTs 4.16, 17; Ap 20.11-30.

IV - O Pecado

No princípio o homem vivia em estado de inocência e vivia em perfeita comunhão com Deus(1). Mas, cedendo à tentação de Satanás, num ato livre de desobediência contra seu Criador, o homem caiu no pecado e assim perdeu a comunhão com Deus e dele ficou separado(2). Em conseqüência da queda de nossos primeiros

pais, todos somos, por natureza, pecadores e inclinados à prática do mal(3). Todo o pecado é cometido contra Deus, sua pessoa, sua vontade e sua lei(4). Mas o mal praticado pelo homem atinge também o seu próximo(5). O pecado maior consiste em não crer na pessoa de Cristo, o Filho de Deus, como Salvador pessoal(6). Como resultado do pecado, da incredulidade e da desobediência do homem contra Deus, ele está sujeito à morte e à condenação eterna, além de se tornar inimigo do próximo e da própria criação de Deus(7). Separado de Deus, o homem é absolutamente incapaz de salvar-se a si mesmo e assim depende da graça de Deus para ser salvo(8).

(1) Gn 2.15-17; 3.8-10; Ec 7.29.
(2) Gn 3; Rm 5.12-19; Ef 2.12; Rm 3.23.
(3) Gn 3.12; Rm. 5.12; Sl 51.15; ls 53.6; Jr 17.5; Rm 1.18-27; 3.10-19; 7.14-25; Gl 3.22; Ef 2.1-3.
(4) Sl 51.4; Mt 6.14, 15; Rm 8.7, 22.
(5) Mt 6.14, 15; 18.21-35; lCo 8.12; Tg 5.16.
(6) Jo 3.36; 16.9; lJo 5.10-12.
(7) Rm 5.12-19; 6.23; Ef 2.5; Gn 3.18; Rm 8.22.
(8) Rm 3.20, 23; Gl 3.10,ll; Ef 2.8, 9.

V – Salvação

A salvação é outorgada por Deus, pela sua graça, mediante arrependimento do pecador e da sua fé, em Jesus Cristo, como único Salvador e Senhor(1). O preço da redenção eterna do crente foi pago de uma vez, por Jesus Cristo, pelo derramamento do seu sangue na cruz(2). A salvação é individual e significa a redenção do homem na inteireza do seu ser(3). É um dom gratuito que Deus oferece a todos os homens e que compreende a regeneração, a justificação, a santificação e a glorificação(4).

(1) Sl 37.39; Is 55.5; Sf 3.17; Tt 2.9-11; Ef 2.8, 9; At 15.11; 4.12.
(2) Is 53.4-6; lPe 1.18-25; lCo 6.20; Ef 1.7; Ap 5.7-10.
(3) Mt 16.24; Rm 10.13; lTs 5.23, 24; Rm 5.10.
(4) Rm 6.23: Hb 2.1-4: Jo 3.14; lCo 1.30; At 11.18.

A regeneração é o ato inicial da salvação, em que Deus faz nascer de novo o pecador perdido, dele fazendo uma nova criatura em Cristo. É obra do Espírito Santo, em que o pecador recebe o perdão, a justificação, a adoção como filho de Deus, a vida eterna e o dom do Espírito Santo. Nesse ato o novo crente é batizado no Espírito Santo, é por ele selado para o dia da redenção final, é liberto do castigo eterno dos seus pecados(1). Há duas condições para o pecador ser regenerado: arrependimento e fé. O arrependimento implica mudança radical do homem interior, por força do que ele se afasta do pecado e se volta para Deus. A fé é a confiança e aceitação de Jesus Cristo como Salvador e a total entrega da personalidade a ele por parte do pecador(2). Nessa experiência de conversão, o homem perdido é reconciliado com Deus, que lhe concede perdão, justiça e paz(3).

(1) Dt 30.6; Ez 36.26; Jo 3.3-5; lPe 1.3; Tg 1.18; lCo 5.17; Ef 4.20-24.
(2) Tt 3.5; Rm 8.2; Jo 1.11-13; Ef 4.32; At 11.17.
(3) 2Co 1.21, 22; Ef 4.30; Rm 8.1; 6.22.

A justificação que ocorre simultaneamente com a regeneração é o ato pelo qual Deus, considerando os méritos do sacrifício de Cristo, absolve no perdão o homem de seus pecados e o declara justo, capacitando-o para uma vida de retidão diante de Deus e de correção diante dos homens(1). Essa graça é concedida não por causa de quaisquer obras meritórias praticadas pelo homem, mas por meio de sua fé em Cristo(2).

(1) ls 53.11; Rm 8.33; 3.24.
(2) Rm 5.1; At 13.39; Mt 9.6; lCo 1.30; 2Co 5.31.

A santificação é o processo que, principiando na regeneração, leva o homem à realização dos propósitos de Deus para a sua vida e o habilita a progredir em busca da perfeição moral e espiritual de Jesus Cristo, mediante a presença e o poder do Espírito Santo que nele habita(1). Ela ocorre na medida da dedicação do crente e se manifesta através de um caráter marcado pela presença e pelo fruto do Espírito, bem como por uma vida de testemunho fiel e serviço consagrado a Deus e ao próximo(2).

(1) Jo 17.17; lTs 4.3; 5.23; 4.7.
(2) Pv 4.18; Rm 12.1.2; Fp 2.12, 13; 2Co 7.1; 3.18; Hb 12.14; Rm 6.19; GI 5.22; Fp 1.9-11.

A glorificação é o ponto culminante da obra da salvação (1). É o estado final, permanente, de felicidade dos que são redimidos pelo sangue de Cristo(2).

(1) Rm 8.30; 2Pe 1.10,ll; 1Jo 3.2; Fp 3.12; Hb 6.11.
(2) lCo 13.12; lTs 2.12; Ap 21.3, 4.

V – Eleição

Eleição é a escolha feita por Deus, em Cristo, desde a eternidade, de pessoas para a vida eterna, não por qualquer mérito, mas segundo a riqueza da sua graça(1). Antes da criação do mundo, Deus, no exercício de sua soberania divina e à luz de sua presciência de todas as coisas, elegeu, chamou, predestinou, justificou e glorificou aqueles que, no correr do tempos, aceitariam livremente o dom da salvação(2). Ainda que baseada na soberania de Deus, essa eleição está em perfeita consonância com o livre-arbítrio de cada um e de todos os homens(3). A salvação do crente é eterna. Os salvos perseveram em Cristo e estão guardados pelo poder de Deus(4). Nenhuma força ou circunstância tem poder para separar o crente do anior de Deus em Cristo Jesus(s). O novo nascimento, o perdão, a justificação, a adoção como filhos de Deus, a eleição e o doni do Espírito Santo asseguram aos salvos a permanência na graça da salvação(6).

(I) Gn 12.1-3; Ex 19.5, 6; Ez 36.22, 23, 32; 1Pe 1.2; Rm 9.22-24; 1Ts 1.4.
(2) Rm 8.28-30; Ef 1.3-14; 2Ts 2.13, 14.
(3) Dt 30.15-20; Jo 15.16; Rm 8.35-39; 1Pe 5.10.
(4) Jo 3.16, 36; Jo 10.28, 29; 1Jo 2.19.
(5) Mt 24.13; Rin 8.35-39; 1Jo 2.27-29; Jr 32.40.
(6) Jo 10.28; Rm 8.35-39; Jd 24; Ef 4.30.

VI- Reino de Deus

O reino de Deus é o domínio soberano e universal de Deus e é eterno(1). É também o domínio de Deus no coração dos liomens que, voluntariamente, a ele se submetem pela fé, aceitando-o como Senhor e Rei. É, assim, o reino invisível nos corações regenerados, que opera no mundo e se manifesta pelo testemunho dos seus súditos(2). A consumação do reino ocorrerá com a volta de Jesus Cristo, em data que só Deus conhece, quando o mal será completamente vencido e surgirão o novo céu e a nova terra para a eterna habitação dos remdos com Deus(3).

(1) Dn 2.37-44; Is 9.6, 7.
(2) Mt 4.17; Lc 17.20; 4.43; Jo 18.36; 3.3-5; Mt 6.33; IPe 2.9, 10.
(3) Mt 25.31-46; 1Co 15.24; Ap 11.15

VII – Igreja

Igreja é uma congregação de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé. E nesse sentido que a palavra “igreja” é empregada, no maior número de vezes, nos livros do Novo Testamento(1). Tais congregações são constituídas por livre vontade dessas pessoas, com a finalidade de prestarem culto a Deus, observarem as ordenanças de Jesus, meditarem nos ensinamentos da Bíblia para a edificação mútua e para a propagação do evangelho(2). As igrejas neotestamentárias são autônomas, têm governo democrático, praticam a disciplina e se regem em todas as questões espirituais e doutrinárias exclusivamente pela Palavra de Deus, sob a orientação do Espírito Santo(3). Há nas igrejas, segundo as Escrituras, duas espécies de oficiais: pastores e diáconos. As igrejas devem relacionar-se com as demais igrejas da mesma fé e ordem e cooperar, volutariamente, nas atividades do reino de Deus. O relacionamento com outras entidades, quer sejam de natureza eclesiástica ou outra, não deve envolver a violação da consciência ou o comprometimento da lealdade a Cristo e sua Palavra. Cada igreja é um templo do Espírito Santo(4). Há também no Novo Testamento um outro sentido da palavra “igreja” em que ela aparece como a reunião universal dos remidos de todos os tempos, estabelecida por Jesus Cristo e sobre ele edificada, constituindo-se no corpo espiritual do Senhor, do qual ele mesmo é a cabeça. Sua unidade é de natureza espiritual e se expressa pelo

amor fraternal, pela harmonia e cooperação voluntária na realização dos propósitos comuns do reino de Deus(5).

(1) Mt 18.17; At 5.11; 20.17, 28; lCo 4.17; lTm 3.5; 3Jo 9; lCo 1.2, 10.
(2) At 2.41, 42.
(3) Mt 18.15-17.
(4) At 20.17, 28; 6.3-6; 13.1-3; Tt 1.5-9; lTm 3.1-3; Fp 1.1; lCo 3.16, 17; At 14.23; Pe 5.1-4.
(5) Mt 16.18; Cl 1.18; Hb 12.22-24; Ef 1.22, 23; 3.8-11; 4.1-16; 5.22-32; Jo 10.16; Ap 21.2, 3.

VIII - O Batismo e a Ceia do Senhor

O Batismo e a Ceia do Senhor são as duas ordenanças da igreja, estabelecidas pelo próprio Senhor Jesus Cristo, sendo ambas de natureza simbólica(1). O Batismo consiste na imersão do crente em água, após sua pública profissão de fé em Jesus Cristo como Salvador único, suficiente e pessoal(2). Simboliza a morte e o sepultamento do velho homem e a ressurreição para uma nova vida em identificação com a morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus Cristo e também prenúncio da ressurreição dos remidos(3). O Batismo, que é condição para se ser membro de uma igreja, deve ser ministrado sob a invocação do nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo(4). A Ceia do Senhor é uma cerimônia da igreja reunida, comemorativa e proclamadora da morte do Senhor Jesus Cristo, simbolizada por meio dos elementos utilizados: o pão e o vinho(5). Nesse memorial, o pão representa o seu corpo, dado por nós no Calvário, e o vinho simboliza o seu sangue derramado(6). A Ceia do Senhor deve ser celebrada pelas igrejas até a volta de Cristo e sua celebração pressupõe o Batismo bíblico e o cuidadoso exame íntimo dos participantes(7).

1) Mt 3.5, 6, 13-17; 26.26-30; 28.19; Jo 3.22, 23; 4.1, 2; lCo 11.20, 23-30.
2) At 2.41, 42; 8.12, 36-39; 10.47, 48; 16.33: 18.8.
3) Rm 6.3-5; Gl 3.27; Cl 2.12; 1Pe 3.21.
4) Mt 28.19; At 2.38, 41, 42; 10.48.
5) Mt 26.26-29; 1Cor 10.16, 17-21; 11.23-29.
6) Mt 26.29; lCo 11.26-28; At 2.42; 20.4-8.

IX - O Dia do Senhor

O domingo, dia do Senhor, é o dia do descanso cristão, satisfazendo plenamente a exigência divina e a necessidade humana de um dia em sete para o repouso do corpo e do espírito(1). Com o advento do cristianismo, o primeiro dia da semana passou a ser o dia do Senhor, em virtude de haver Jesus Cristo ressuscitado nesse dia(2). Deve ser para os cristãos um dia de real repouso em que, pela freqüência aos

cultos nas igrejas e pelo maior tempo dedicado à oração, à leitura bíblica e outras atividades religiosas, eles estarão se preparando para "aquele descanso que resta para o povo de Deus"(3). Nesse dia os cristãos devem abster-se de todo trabalho secular, executando aquele que seja imprescindível e indispensável à vida da comunidade. Devei-n também abster-se de recreações que desviem a atenção das atividades espirituais(4).

(1) Gn 2.3; Ex 20.8-11; 31.14-17; Is 58.13, 14; Mt 12.12; Hb 4.4.
(2) Jo 20.1, 19, 26; At 20.7, Ap 1.10; lCo 16.1, 2.
(3) Hb 4.9,10, 11; Ap 14.12, 13.
(4) Ex. 20.8-11; 31.15; Jr 17. 21, 22, 27; Ez 2.2.8; M t 12.12.

X- Ministério da Palavra

Todos os crentes foram chamados por Deus para a salvação, para o serviço cristão, para testemunhar de Jesus Cristo e promover o seu reino, na medida dos seus talentos e dos dons concedidos pelo Espírito Santo(1). Entretanto, Deus escolhe, chama e separa certos homens, de maneira especial, para o serviço distinto, definido e singular do ministério da sua palavra(2). O pregador da Palavra é um porta-voz de Deus entre os homens(3). Cabe-lhe missão semelhante àquela realizada pelos profetas do Velho Testamento e pelos apóstolos do Novo Testamento, tendo o próprio Jesus como exemplo e padrão supremo(4). A obra do porta-voz de Deus tem uma finalidade dupla: a de proclamar as boas-novas aos perdidos e a de apascentar os salvos(5). Quando um homem convertido dá evidências de ter sido chamado e separado por Deus para esse ministério, e de possuir as qualificações estipuladas nas Escrituras para o seu exercício, cabe à igreja local a responsabilidade de separá-lo, formal e publicamente, em reconhecimento da vocação divina já existente e verificada em sua experiência cristã(6). Esse ato solene de consagração é consumado quando os membros de um presbitério ou concílio de pastores, convocado pela igreja, impõe as mãos sobre o vocacionado(7). O ministro da Palavra deve dedicar-se totalmente à obra para a qual foi chamado, dependendo em tudo do próprio Deus(80. O pregador do evangelho deve viver do evangelho(9). Às igrejas cabe a responsabilidade de cuidar e de sustentar adequada e dignamente seus pastores(10).

(1) Mt 28.19, 20; At 1.8; Rm 1.6, 7; 8.28-30; Ef 4.1-4; 2Tm 1.9; Hb 9.15; 1Pe 1.15; Ap 17.14.
(2) Mc 3.13, 14; Lc 1.2; At 6.1-4; 13.2, 3; 26.16-18; Rm 1.1; 1Co 12.28; 2Co 2.17; Gl 1.15-17: Ef 4.11, 12; Cl 1.21-26.
(3) Ex 4.11, 12; Is 6.5-9; Jr 1.5-10; At 20.24-28.
(4) At 26.19, 20; Jo 13.12-15; Ef 4.11-17.
(S) Mt 28.19, 20; Jo 21.15-17; At 20. 24-28; lCo 1.21; Ef 4.12-16.
(6) At 13.1-3; 1Tm 3.1-7.
(7) At 13.3; 1Tm 4.14.
(8) At 6.1-4; 1Tm 4.11-16; 2Tm 2.3, 4; 4.2, 5; 1Pe 5.1-3

(9) Mt 10.9, 10; Lc 10.7; 1Co 9.13, 14; 1Tm 5.17, 18.
(10) 2Co 8.1-7; Gl 6.6, Fp 4.14-18.

XI – Mordomia

Mordomia é a doutrina bíblica que reconhece Deus como Criador, Senhor e Dono de todas as coisas(1). Todas as bênçãos temporais e espirituais procedem de Deus e por isso devem os homens a ele o que são e o que possuem e, também, o sustento(2). O crente pertence a Deus porque Deus o criou e o remiu em Jesus Cristo(3). Pertencendo a Deus, o crente é mordomo ou administrador da vida, das aptidões, do tempo, dos bens, da influência, das oportunidades, da personalidade, dos recursos naturais e de tudo o que Deus lhe confia em seu infinito amor, providência e sabedoria(4). Cabe ao crente o dever de viver e comunicar ao mundo o evangelho que recebeu de Deus(5). As Escrituras Sagradas ensinam que o plano específico de Deus, para o sustento financeiro de sua causa, consiste na entrega pelo crente de dízimos e ofertas alçadas(6). Devem eles trazer à igreja a sua contribuição sistemática e proporcional, com alegria e liberalidade, para o sustento do ministério, das obras de evangelização, beneficência e outraS(7).

(1) Gn 1.1; 14.17-20, Sl 24.1-, Ec 11.9; 1Co 10.26.
(2) Gn 14.20; Dt 8.18; 1Cr 29.14-16; Tg 1.17; 2Co 8.5.
(3) Gn 1.27; At 17.28; 1Co 6.19, 20; Tg I.21; 1Pe I.18-21.
(4) Mt 25.14-30; 31-46.
(5) Rm 1.14; 1Co 9.16; Fp 2.16.
(6) Gn 14.20; Lv 27.30; Pv 3.9,10; Ml 3.8-12; Mt 23.26.
(7) At 11.27-30: lCo 16.1-3. 2Co 8.1-15: Fp 4.10-18.

XII - Evangelização e Missões

A missão primordial do povo de Deus é a evangelização do mundo, visando à reconciliação do homem com Deus(1). É dever de todo discípulo de Jesus e de todas as igrejas proclamar, pelo exemplo e pelas palavras, a realidade do evangelho, procurando fazer novos discípulos de Jesus Cristo em todas as nações, cabendo às igrejas batizá-los e ensiná-los a observar todas as coisas que Jesus ordenou(2). A responsabilidade de evangelização estende-se até aos confins da terra e por isso as igrejas devem promover a obra de missões, rogando sempre ao Senhor que envie obreiros para a seara(3).

(1) Mt 28.19, 20; Jo 17.20; 20.21; At I.8; 13.2, 3: Rm I.16: 10.13-15: 2Co 5.18-20: l Ts. 1.8; 1 Pe 2.9, 10.
(2) Mt 28.18-20; Lc 24.46-49; Jo 17.20; At I.8.
(3) Mt 28.19; At I.8; Rm. 10.13-15.

XIII - Educação Religiosa

O ministério docente da igreja, sob a.égide do Esplrito Santo, compreende o relacionamento de Mestre e discípulo entre Jesus Cristo e o crente(1). A Palavra de Deus é o conteúdo essencial e fundamental nesse processo e no programa de aprendizagem cristã(2). O programa de educação religiosa nas igrejas é necessário para a instrução e o desenvolvimento de seus membros, a fim de "crescerem em tudo naquele que é a cabeça, Cristo" Às igrejas cabe cuidar do doutrinamento adequado dos crentes, visando à sua formação e desenvolvimento espiritual, moral e eclesiástico, bem como motivação e capacitação sua para o serviço cristão e o desempenho de suas tarefas, no cumprimento da missão da igreja no mundo(3).

(1) Mt 11.29, 30; 23.10; Jo 13.14-17.
(2) Jo 14-26; lCo 3.1, 2; 2Tm 2.15; lPe 2.2, 3; 3.15; 2Pe 3.18.
(3) SI 119; 2Tm 3.16, 17; 4.2-5; CI I.28; Mt 28.19, 20; At 2.42; Ef 4.11-16; 6.10-20; Fp 4.8, 9; 2Tm 2.2.

XIV - Liberdade Religiosa

Deus e somente Deus é o Senhor da consciência(1). A liberdade religiosa é um dos direitos fundamentais do homem, inerente à sua natureza moral e espiritual(2). Por força dessa natureza, a liberdade religiosa não deve sofrer ingerência de qualquer poder humano(3). Cada pessoa tem o direito de cultuar a Deus, segundo os ditames de sua consciência, livre de coações de qualquer espécie(4). A Igreja e o Estado devem estar separados por serem diferentes em sua natureza, objetivos e funções(5). É dever do Estado garantir o pleno gozo e exercício da liberdade religiosa, sem favorecimento a qualquer grupo ou credo(6). O Estado deve ser leigo e a Igreja livre.

Reconhecendo que o governo do Estado é de ordenação divina para o bem-estar dos cidadãos e a ordem justa da sociedade, é dever dos crentes orar pelas autoridades, bem como respeitar e obedecer às leis e honrar os poderes constituídos, exceto naquilo que se oponha à vontade e à lei de Deus(1).

(1) Gn 1.27; 2.7; SI 9.7, 8; Mt 10.28; 23.10; Rm 14.4, 9, 13; Tg 4.12; 1 Pe. 2.26;3.11-17.
(2) Js 24.15; I Pe 2.15, 16; Lc 20.25
(3) Dn 3.15-18; Lc.20.25; At 4.9-20; 5.29.
(4) Dn 3.16-18; Dn 6; At 19.35-41.
(5) Mt 22.21; Rm 13.1-7.
(6) At 19.35-41.
(7)Dn 3.16-18; 6.7-10; Mt 17.27; At 4.18-20; S.29; Rm 13. I-7: lTm 2.1-3; Tt 3.1; lPe. 2.13-17.

XV - Ordem Social

Como sal da terra e luz do mundo, o cristão tem o dever de participar em todo esforço que tende ao bem comum da sociedade em que vive(1). Entretanto, o maior benefício que pode prestar é anunciar a mensagem do evangelho; o bem-estar social e o estabelecimento da justiça entre os homens dependem, basicamente, da regeneração de cada pessoa e da prática dos princípios do evangelho, na vida individual e coletiva(2). Todavia, como cristãos, devemos estender a mão de ajuda aos órfãos, às viúvas, aos anciões, aos enfermos e outros necessitados, bem como a todos aqueles que forem vítimas de quaisquer injustiça e opressõeS(3). Isto faremos no espírito de amor, jamais apelando para quaisquer meios de violência ou discordantes das nornias de vida expostas no Novo Testamento(4)

(1) Mt 5.13-16; Jo 12.35, 36; Fp 2.15.
(2) Mt 6.33; 25.31-46; Mc 6.37; Lc 10.29-37; 19.8, 9; Jo 6. 26-29; Mt 28.19.
(3) Ex 22.21, 22; SI 82.3, 4; Ec ll.l, 2; Mq 6.8; Zc 7.10.
(4) Is 1.16-20; Mq 6.8; Mt 5.9; Lc 3.10-14; At 4.32-35; 2Tm 2.24; Filemon; Tg I.27

XVI - A Família

A família, criada por Deus para o bem do honrem, é a primeira instituição da sociedade. Sua base é o casamento monogâmico e duradouro por toda a vida, só podendo ser desfeito pela morte ou pela infidelidade conjugal(1). O propósito imediato da família é glorificar a Deus e prover a satisfação das necessidades liumanas de comunhão, educação, companheirismo, segurança, preservação da espécie e bem assim o perfeito ajustamento da pessoa humana, em todas as suas dimensões(2). Caída em virtude do pecado, Deus provê para ela, mediante a fé em Cristo, a bênção da salvação temporal e eterna e, quando salva, poderá cumprir seus fins temporais e promover a glória de Deus(3).

(1) Gn 1.27; 2.18-25; Js. 24. 15; I Rs. 2.1-3; Ml. I2.15; Mc. 10.7-9, 13-16; Ef. 5.22, 23; 6.1-4; Cl 3.18-25; lTm 3.4, 8; Hb 13.4; I Pe. 3.1.7.
(2) Gn I.28; 2.18-25; SI 127.1-5; Ec 4.9-13.
(3) At 16.31, 34.

XVII – Morte

Todos os homens são marcados pela finitude, de vez que, em consequência do pecado, a morte se estende a todos(1). A Palavra de Deus assegura a continuidade da consciência e da identidade pessoais após a morte, bem como a necessidade de

todos os homens aceitarem a graça de Deus em Cristo, enquacito estão neste niundo(2). Com a morte, está definido o destino eterno de cada homem(3). Pela fé os méritos do sacrifício substitutivo de Cristo na cruz, a morte do crente deixa de ser tragédia, pois ela o transporta para um estado de completa e constante felicidade na presença de Deus. A esse estado de felicidade as Escrituras chamam "dormir no Senhor"(4). Os incrédulos e impenitentes entram, a partir da morte, num estado de separação definitiva de Deus(5). Na Palavra de Deus, encontramos claramente expressa à proibição divina da busca de contato com os mortos, bem como a negação da eficácia de atos religiosos com relação aos que já morreram(6).

(1) Rm 5.12; 6; 1Co 15.21, 26; Hb 9.27; Tg. 4.14.
(2) Lc 16.19-31; Hb 9.27.
(3) Lc 16.19-31; 23.39-46; Hb 9.27.
(4) Rm 5.6-11; 14.7-9; l Co 15.18-20; 2Co 5.14, 15; Fp 1.21-23; l Ts 4.13-17; 5.10; 2 Tm 2.11; 1 Pe. 3.18; Ap 14.13.
(5) Lc 16.19-31; Jo 5.28, 29
(6) Ex 22.18; Lv 19.31; 20.6, 27; Dt 18.10; lCr IO.13; ls 8.19; 38.18; Jo 3.18; 3.36; Hb 3.13.

XVIII- Justos e ímpios

Deus, no exercício de sua soberania, está conduzindo o mundo e a história a seu termo final(]). Em cumprimento à sua promessa, Jesus Cristo voltará a este inundo, pessoal e visivelmente, em grande poder e glória(2). Os mortos em Cristo serão ressuscitados e os crentes ainda vivos, juntamente com eles, serão transformados, arrebatados e se unirão ao Senhor(31. Os mortos sem Cristo também serão ressuscitados 14). Conquanto os crentes já'estejam justificados pela fé, todos os honiens comparecerão perante o tribunal de Jesus Cristo para serem julgados, cada um segundo suas obras, pois através destas é que se i-nanifestam os frutos da fé ou da incredulidades,. Os ímpios condenados e destinados ao inferno lá sofrerão o castigo eterno, separados de Deus(6). Os justos, com os corpos glorificados, receberão seus galardões e habitarão para sempre no céu, com o Senhor(7).

(I) Mt 13.39, 40; 28.20; At 3.21; l Co 15.24-28; Ef 1.10; 2 Pe. 3.10.
(2) Mt 16.27;24.27-31; 26.64-, Mc 8.38; Lc 17.24; 21.27; At. 1.11; 1 Ts.416; 1 Tm. 6.14,15; 2 Tm. 4.1,8; Tt 2.13; Hb 9.28; Ap I.7.
(3) Dn. 12.2,3; Jo. 5.28,29; 6.39, 40, 44; 11.25,26; Rm. 8.23; 1 Co. 15.12,58; Fl. 3.20,21; Cl. 3.4; 1 Ts. 4.14-17
(4) Dn. 12.2; Jo. 5.28,29; At. 24.15; 1 Co. 15.12-24
(5) Mt13.49, 50; 25.14-46; At 10.42; lCo 4.5; 2Co 5.10; 2 Tm 4.1; Hb 9.27; 2 Pe.2.9; 3.7; 1 Jo. 4.17; Ap. 20.11-15; 22.11, 12.
(6) Dn 12.2,3; Mt. 16.27; 18.8, 9; 25.41-46; Mc 9.43-48; Lc 16.26-31; Jo 5.28, 29; Rm. 6.22, 23; l Co 6.9, 10; 2 Ts.I.9; Ap 20.11-15.
(7) Dn.12.2, 3; Mt 16.27; 25.31-40; Lc 14.14; 16.22,23; Jo 5.28,29; 14.1-3; Rm. 6.22,23; l Co 15.42-44; Ap. 22.11,12.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Fernando H. Mendes de. Constituições do Brasil. Editora Saraiva, São Paulo, 1967.

ANTUNES, Bety. Centelha em Restolho Seco. Uma Contribuição para a História dos Primórdios do Trabalho Batista no Brasil. Edição da autora, 1985.

COMBLIN, José. Teologia da Cidade. Edições Paulinas, São Paulo, 1991.

CRABTREE, A R. História dos Batistas do Brasil. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1962 - I Vol – até o ano 1906.

DURANT, Will. História da Civilização. Companhia Editora Nacional, São Paulo, Vol. 10, 1957.

FERREIRA, Damy. Evangelismo Total. Editora Horizonal, Rio de Janeiro, 2004, 5a. edição.

FERREIRA, Damy. Clonagem Humana e Outros Temas da Bioética. Revista de EBD. Editora Socep, Santa Bárbara D´Oeste, 2002.

FERREIRA, Damy. O Meio Ambiente Segundo o Seu Criador. Revista de EBD, Editora Socep, Santa Bárbara D´Oeste, 2004.

GREEN, Michael e outros. A Missão da Igreja no Mundo de Hoje. Editora ABU e Visão Mundial, 1984.

GREEN, Michael. Evangelism Through the Local Church. A Division of Thomas Nelson Publishers, Nashville, USA, 1992.

GREENWAY, Roger S. & Timothy M. Monsma. Cities – Missions´ New Frontier. Baker Books, Grand Rapids, Michilgan, 1989, second edition.

HARRISON, Helena Bagby, O Gigante que Dorme. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1947.

HUSTON, Sterling W. Crusade Evangelism and the Local Church. World Wide, Minneapolis, Minnesota, USA, 1986.

JÚNIOR, Geraldo Sesso. Retalhos da Velha São Paulo. Edotpra Maltese – Prefeitura do Município de São Paulo, 1995.

MACHADO, José Nemésio. A Contribuição Batista para a Educação Brasileira. Juerp, Rio de Janeiro, 1994.

MESQUITA, Antônio Neves de. História dos Batistas do Brasil. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro – II Vol. De 1907 a 1935.

MUIRHEAD, H.H. O Cristianismo Através dos Séculos. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1951.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. Perseguidos, mas Não Desamparados. Juerp, Rio de Janeiro, 1999.

PEREIRA, José dos Reis. História dos Batistas do Brasil. Juerp, Rio de Janeiro, 1982 - de 1882 a 1982.

PEREIRA, José dos Reis. Breve História dos Batistas. Juerp, Rio de Janeiro, 1987.

RONIS, Osvaldo. Uma Epopéia de Fé: A História dos Batistas Letos no Brasil. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1974.

SANTOS, Marcelo. O Marco Inicial Batista. Tese de Mestrado. Edição do Autor, são Paulo, 2003.

SOBRINHO, João Falcão. Confrontando Heresias à Luz da Bíblia. Juerp, Rio de Janeiro, 2003.

Notas e referências bibliográficas

1 O Batista Paulistano em Revista, ano 81, p. 1
2 Marcelo Santos. O Marco Inicial Batista. Edição do autor, 2003, pp. 59-60.
3 Idem, idem, p. 27
4 Idem, idem, pp. 53-88.
5 Pesquisa pelo site: http://www.prodam.sp.gov.br/dph/historia/
6 Geraldo Sesso Júnior. Retalhos da Velha São Paulo. Maltese. Prefeitura do Município de São Paulo, 1985, p.53.
7 Pesquisa pelo site: http://www.prodam.sp.gov.br/dph/historia/
8 Idem, idem, pp.54,55.
9 A R Crabtree. História dos Batistas do Brasil (Até o ano 1906), Vol. I. Casa Publicadora Batista, 1962, p.294.
9 Pesquisa pelo site: http://www.prodam.sp.gov.br/dph/historia/
10 A R Crabtree. História dos Batistas do Brasil (até o ano 1906), Vol. I. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1962.
11 A R Crabtree. História dos Batistas do Brasil (Até o ano 1906). Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1962, p. 57.
12 José dos Reis Pereira. História dos Batistas no Brasil. Juerp, Rio de Janeiro, 1982, p.10.
13 A R Crabtree. História dos Batistas do Brasil (Até 1906). Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1962, p. 66.
14 Idem, idem, p. 44.
15 Idem, idem, pp. 44/46.
16 Constituições do Brasil, Organização, revisão e índice de Fernando H. Mendes de Almeida, Editora Saraiva, São Paulo, 1967, pp. 3-85.
17 Idem, idem, pp. 195/196.
18 José dos Reis Pereira. História dos Batistas no Brasil. Juerp, Rio de Janeiro, 1982, p. 11.
19 Idem, idem, p. 12.
20 Idem, idem, p. 13.
21 Edson Borges de Aquino. Os Batistas do Estado de São Paulo. Rio de Janeiro, 15-10-1982, p. 63.
22 Osvaldo Ronis. Uma Epopéia de Fé: A História dos Batistas Letos no Brasil. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1974, p. 105.
23 Idem, idem, pp. 162 e 221, respectivamente.

24 A R Crabtree. História dos Batistas do Brasil (Até 1906). Casa Publicadora Baista, 1962, p. 295.
25 José Vieira Rocha. Discurso proferido na Assembléia Legislativa de São Paulo, por ocasião de homenagem que aquela Casa prestou aos Batistas de São Paulo, em 20 de setembro de 2004.
26 Rubens Lopes. Artigo publicado em O Batista Paulistano, por ocasião da celebração dos 75 anos da Convenção Batista do Estado de São Paulo – Set. Dez. 1974 - Jubileu de Diamantes.
27 A R Crabtree. História dos Batistas do Brasil (Até 1906). Casa Publcadora Batista, Rio de Janeiro, 1962, p. 285.
28 Idem, idem, pp. 285,286.
29 Idem, idem, p. 286, 287.
30 Idem, idem, p. 289.
31 Antonio Neves de Mesquita. História dos Batistas do Brasil – de 1907 a 1935. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1940, p. 91.
32 A R Crabtree. História dos Batistas do Brasil (até 1906). Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1962, p. 290.
33 Idem, idem, p. 292.
34 Idem, idem, p. 292.
35 Helena Bagby Harisson. O Gigante que Dorme. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro. Série: Heróis Cristãos, Vol. II, 1947, p. 10.
36 José dos Reis Pereira. História dos Batistas no Brasil. Juerp, Rio de Janeiro, 1982, pp. 19/20.
37 A R Crabtree. História dos Batistas do Brasil. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1962, pp. 230,231.
38 Osvaldo Ronis. Artigo publicado em O Batista Paulistano, edição especial do Centenário dos Batistas de São Paulo, 1999, p. 11.
39 Já em 1906, havia surgido uma Igreja Batista Russa em São Paulo, com 55 membros, segundo nos relata A R Crabtree, em seu livro: História dos Batistas do Brasil (até o ano de 1906), p. 295. Mas parece que desapareceu com a mudança de seus membros para outros Estados, o que era comum acontecer com imigrantes naquela época.
40 José dos Reis Pereira. História dos Batistas no Brasil.Juerp, Rio de Janeiro, 1982, p.186.
41 Idem, idem, pp. 186/187.
42 Idem, idem, p.187.
43 Idem, idem, p. 187.
44 Idem, idem, p. 188.
45 José dos Reis Pereira. História dos Batistas no Brasil. Juerp, Rio de Janeiro, 1982, p. 9.
46 Idem, idem, p. 80.
47 Antonio Neves de Mesquita. História dos Batistas do Brasil. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1940, p.92.
48 A R Crabtree. História dos Batistas do Brasil. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 2962, pp. 291,292.
49 José dos Reis Pereira. História dos Batistas no Brasil. Juerp, rio de Janeiro, 1982, p. 35.
50 José Nigro, O Batista Paulistano, 30 de junho de 1931.
51 Revista Missões São Paulo, 2004, p. 72.
52 Antonio Neves de Mesquita. História dos Batistas do Brasil (de 1907 até 1935). Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1940, pp. 233/234.
53 Idem, idem, pp. 330-332.
54 O Jornal Batista. Pr. Edson Borges de Aquino, 15 de outubro de 1982, p. 63.
55 Antonio Neves de Mesquita. História dos Batistas do Brasil (de 1907 a 1935). Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1940, p. 335.
56 Idem, idem, p. 331
57 O Jornal Batista. Pr. Edson Borges de Aquino, 15 de outubro de 1982.
58 Idem, idem, p. 63
59 Antonio Neves de Mesquita. História dos Batistas do Brasil (de 1907 a 1935). Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1940, p. 234.

60 Antonio Neves de Mesquita, História dos Batistas do Brasil (de 1907 a 1935). Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1940, pp. 234.
61 Livro do Jubileu – 1942-1967 (Prata) – pp.19/20.
62 Texto elaborado pelo Pr. Francisco Cid, a partir de entrevista recente feita ao Pr. Iber Vasconcelos, filho do Pr. Altino Vasconcelos, cedido ao autor.
63 Dados extraídos de artigo assinado por D. Nanci F. L. Melleiro. Revista Missões São Paulo, 2004, p. 88
64 Histórico elaborado a partir de documento escrito pelo atual Presidente da ODBESP, a pedido do autor.
65 José dos Reis Pereira. História dos Batistas no Brasil. Juerp, Rio de Janeiro, 1985, p. 22.
66 A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira acha-se transcrita na íntegra no final deste livro, sob o título "apêndice".
67 Manoel Avelino de Souza. O Centenário e as Crenças Baptistas. O Jornal Baptista, Rio de Janeiro, edição de 7 de setembro de 1922, pp. 15/18.
68 Antonio Neves de Mesquita. História dos Batistas do Brasil (de 1907 a 1935). Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1940, p. 137.
69 Idem, idem, 226.
70 José dos Reis Pereira. História dos Batistas no Brasil. Juerp, Rio de Janeiro, 1982, pp. 41/42.
71 Idem, idem, pp. 43/44.
72 José Nemésio Machado. A Contribuição Batista para a Educação Brasileira. Juerp, Rio de Janeiro, 1994, p. 32.
73 Idem, idem, p. 55.
74 Idem, idem, p. 56.
75 Idem, idem, p. 58.
76 Idem, idem, p. 59.
77 A R Crabtree. História dos Batistas no Brasil (até 1906). Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1962, p. 295.
78 José Nemésio Machado. A Contribuição Batista para a Educação Brasileira. Juerp, Rio de Janeiro, 1994, pp. 72-74
79 Idem, idem, p. 76.
80 Idem, idem, p. 75.
81 O Jornal Batista, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1922, p. 49.
82 O Batista Paulistano, São Paulo, edição especial do Jubileu de Diamante dos Batistas da Cidade de São Paulo – 1999-1974 – ano de 1974.
83 Livro da Celebração dos 60 anos da Igreja Batista de Perdizes, São Paulo, pp. 13/14.
84 A R Crabtree. História dos Batistas do Brasil. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1962, p. 288.
85 Idem, idem, p. 295.
86 Pr. Nelson Nunes de Lima, relatório do diretor. Livro do Mensageiro da Assembléia de Atibaia, 2004, p. 204.
87 Dados extraídos de artigo publicado em O Batista Paulistano, edição especial de 1999, autoria do Prof. Lourenço Stelio Rega, a propósito do centenário dos Batistas da Cidade de São Paulo, p 5.
88 Dados extraídos na íntegra, principalmente quanto aos elementos históricos, do site: www.teologicadecampinas.com.br
89 Manual da Campanha – 1964.
90 Pastor Salovi Bernardo. O Desenvolvimento do Trabalho Batista do Estado de São Paulo. O Jornal Batista, 15-10-1982, pp. 64/65.
91 José dos Reis Pereira. História dos Batistas no Brasil. Juerp, Rio de Janeiro, 1982, p74.
92 Documento fornecido pelo Dr. Daniel Andrade Vieira, atual presidente da Juventude Batista do Estado de são Paulo.
93 Pr. José Augusto Nicolau. O Batista Paulistano, edição Revista especial para o Centenário dos Batistas da Cidade de são Paulo, 1999, p. 19.
94 Informações, por escrito,do atual Presidente, Dr. Daniel Andrade Vieira.

95 José dos Reis Pereira. História dos Batistas no Brasil. Juerp, Rio de Janeiro, 1982, p. 110.
96 Idem, idem, pp. 110/111.
97 Idem, idem, p. 195.
98 Idem, idem, p. 197.
99 Idem, idem, p. 197.
100 Idem, idem, pp.197/198.
101 Para tomar conhecimento de todo o material, ver José dos Reis Pereira. História dos Batistas no Brasil, Juerp, Rio de Janeiro, 1982, pp. 193-200.
102 Pastor José Vieira Rocha, Pastor, Professor, Sociológo e Advogado; Pastor da PIB do Brás, Diretor Executivo da CBESP; Diretor Executivo da OPBB-ESP; Professor de História, graduado em 1975 e registrado no MEC.
103 Pr. Edson Borges de Aquino,"O ministério Pastoral Batista Hoje", O Batista Paulistano, edição especial para o centenário dos Batistas da Cidade de São Paulo, edição de janeiro de 1999, p. 20.
104 H.H. Muirhead. O Cristianismo Através dos Séculos. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, Vol. I, 1951, pp.238/239.
105 João Falcão Sobrinho. Confrontando Heresias à Luz da Bíblia.Juerp, 2003, p. 154, citando o livro: Sonha e Ganharás o Mundo, de Roberto Alves Nascimento.
106 Jamierson Oliveira. Revista: Defesa da Fé. Instituto Cristão de Pesquisa, no. 71, pp.10-15.
107 João Falcão Sobrinho. Confrontando Heresias à Luz da Bíblia. Juerp, Rio de Janeiro, 2003, p. 156, citando Delcyr de Souza Lima – Modelo G-12, Revelação de Deus ou Criação de Homem
108 Ver no site da Igreja Batista Central de Osasco: www.batistacentralosasco.com.br um estudo intitulado: Experiência com Deus.
109 Damy Ferreira. Clonagem Humana e Outros Temas da Bioética. Editora Socep, Santa Bárbara D´Oeste, são Paulo, 2002, pp.16-19.
110 Damy Ferreira. O Meio Ambiente Segundo o Seu Criador. Editora Socep, Santa Bárbara D´Oeste, SãoPaulo, 2004.
111 A obra de Damy Ferreira em três volumes, intitulada: Missões Urbanas, o Vol. III – Operação Jericó – é apropriado para campanha evangelística visando ganhar uma cidade para Cristo. Edição do autor.
112 Michael Green. Evangelism Through the Local Church. A Division of Thomas Nelson Publishers, Nashville, USA, 1992.
113 Will Durant. História da Civilização. Companhia Editora Nacional. Idade da Fé. Vol. 10, 1957.
114 Sterling W. Huston. Cruzade Evangelism and the Local Church. World Wide, Minneapolis, Minnesota, 1986, pp.67/69.
115 Michael Green. Artigo no livro: A Missão da Igreja no Mundo de Hoje. ABU Editora e Visão Mundial, 1984, p. 73.
116 Sterling W. Huston. Crusade Evangelism and the Local Church. World Wide, Minneapolis, Minnesota, 1986, pp. 67/68.
117 Francis Dubose. Classics of Christian Missions. Broadman Press, Nashville, 1978, p. 31.
118 Charles Timolthy Carriker. Missão Integral – Uma Teologia Bíblica. Apostila, p. 4.
119 Damy Ferreira. Evangelismo Total. Editora Horizonal, 5a. Edição, Rio de Janeiro, p.171.
120José Comblin. Teologia da Cidade. Edições Paulinas, São Paulo, p. 10.
121 Damy Ferreira. Evangelismo Total. Editora Horizonal, Rio de Janeiro, 5a. Edição, pp.172/173.
122 Roger S. Greenway & Timothy M. Monsma. Cities Missions – New Frontier. Grand Rapid. Baker Books, p. 13.
124 Extraído do Livro: Breve História dos Batistas. José dos Reis Pereira. Juerp, Rio de Janeiro, 1987, pp. 101-113.

Prazer em ensinar e aprender.

O Colégio Batista Brasileiro é orgulho para os batistas. Com mais de um século de existência, está localizado em região nobre da cidade de São Paulo, sendo reconhecido pela excelência do seu trabalho fundamentado nos princípios cristãos, direcionado para o ensino infantil, fundamental e médio.

Rua Dr. Homem de Mello, 537 - Perdizes - São Paulo/SP
Fone: 38746363 - www.cbb.g12.br

CBB 1902-2004 103 anos Batista COLÉGIO

Acampamento Batista

Mary Elizabeth Vaugahn

S u m a r é

100.000m2 de área verde

Capela 1
capacidade para
450 pessoas
sentadas

Capela 2
capacidade para
80 pessoas
sentadas

Piscinas
para adultos
e crianças

2 campos de
futebol, oficial
e mini, gramados
sendo um deles
com iluminação

Quartos para preleitores,
chalés, alojamentos separados
parahomens e
mulheres

capacidade para
290 pessoas

Alimentação self-service,
pratos variados.
Refeitorio interno para 180 pessoas
Refeitorio externo para 200 pessoas

E mais...
Campo de Bocha
2 campos de vôlei gramados
Mesa de ping-pong

Informações e Reservas
de 2º à 6º feiras das 8h30 as 17h00
Fone: (19) **3873.1944**

www.acampamentobatista.com.br
e-mail: abs@desktop.com.br

PUBLICIDADE

Jornal O Batista Paulistano
Eventos
Agendas Congressos
Livros de congressistas e instituições educacionais
Stands para a Convenção

Telefax: (011)**
6647-6176
9835-5420
Clarice
9232-5072
Pr. Salovi

E-mail: salovi@directnet.com.br
Rua José Tabacow, 250, Tatuapé, CEP 03321-001 São Paulo SP

@rteri@

Lugar de fazer arte

Agenda
Anúncio
Jornal
Revista
Folder
Cartão

(11) 6705-4810
9856-0907

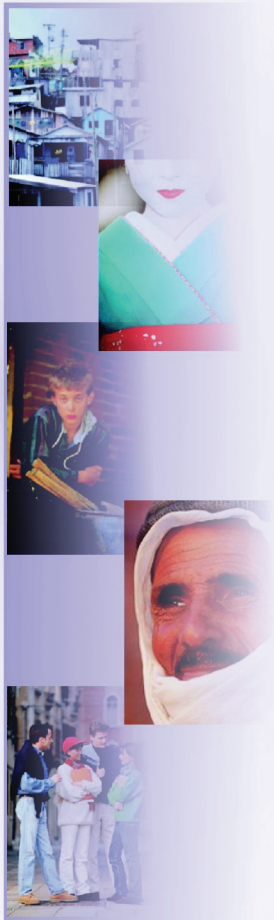
arteri@uol.com.br

MISSÕES
em um mundo *sem fronteiras*

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Plano de Adoção PAM SP Missionária

FAVELADOS
JAPONESES
MENORES DESASSISTIDOS
POVO RIBEIRINHO
UNIVERSITÁRIOS



O **PAM-SP** Plano de Adoção Missionária de São Paulo é mais um programa criado pela CBESP com o objetivo de apoiar projetos missionários, visando o crescimento do Reino de Deus. Ele visa abrir portas para abençoar as igrejas (tanto as que cooperam como as que recebem a cooperação) e para abençoar o crescimento do Reino de Deus entre os seres humanos, especialmente aqueles seres humanos que ainda não têm a Jesus como Salvador.

O **PAM-SP** não substitui nem o nosso Plano Cooperativo e nem as nossas Ofertas de Missões Estaduais, cujos recursos destinam-se a outras metas e programas das Associações, da CBESP e da CBB.

O **PAM** consiste em uma cooperação especial e voluntária que as igrejas decidem encaminhar para o sustento de um obreiro ou para implantação de uma nova frente missionária que se abre, especialmente onde ainda não havia a presença Batista na pregação do evangelho de Jesus Cristo.

O **PAM** pode ser formado por mais de uma igreja, incluindo ou não a CBESP.

250 Municípios no Estado de São Paulo estão sem trabalho Batista.

Convenção Batista do Estado de São Paulo
Rua João Ramalho, 440, Perdizes
CEP 05008-001 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 3801-4403
E-mail: cbesp@uol.com.br
missoescbesp@uol.com.br

CBESP - Bradesco - Ag. 092-2 - c/c 12.056-1

Faculdade Batista da Teologia do Grande ABC

NOSSA MISSÃO

A Faculdade Batista de Teologia do Grande ABC existe para ser Centro de Capacitação para liderança cristã, cooperando para a lapidação de vocacionados da igreja local, organizações eclesiásticas e missões, buscando sempre um perfeito equilíbrio entre a teoria e a prática, a intelectualidade e a espiritualidade, academicismo e a vida pessoal.

Informações: 4436-6836
contato@faculdadeabc.com.br

CURSOS

Bacharel em Teologia
Duração: 4 anos
Requisito: Ensino Médio

Seqüencial em Ministério Bíblico
Duração: 2 anos
Requisito: Ensino Médio

Médio em Teologia
Duração: 3 anos
Requisito: Ensino Fundamental

Gestão da Música na Igreja
Duração: 1 ano
Requisito: Ensino Fundamental

Complementação Teológica
Duração: 2 anos
Requisito: Nível superior

abibet
ABIBET
Associação Brasileira de Instituições Batistas de Ensino Teológico

www.cbbauru.com.br

colégio Batista de Bauru

DO BERÇÁRIO AO ENSINO MÉDIO

R. Vivaldo Guimarães, 9-80
J. Estoril Bauru - SP
Fones (14) **3234-1622 / 3234-7187**
ouvidoria@cbbauru.com.br

Faculdade Teológica Batista de Osasco e Adjacências
FatBoa

Preparando vocacionados para servir

O melhor ensino teológico da região

ASSOCIAÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS DE OSASCO E ADJACÊNCIAS - AIBOA

Cursos
- BACHAREL EM TEOLOGIA
- BACHAREL EM EDUCAÇÃO CRISTÃ
- MATÉRIAS AVULSAS

- Pré-requisito: Ensino médio completo
- Duração: 8 semestres
- Aulas presenciais noturnas das 19:00 às 22:00 horas

TODOS OS PROFESSORES COM PÓS-GRADUAÇÃO E/OU MESTRADO EXPERIÊNCIA NO MINISTÉRIO PASTORAL E MAGISTÉRIO TEOLÓGICO

Rua Virgínia Crivilari, 82 Centro
CEP 06097-000 OSASCO - SP

E-mail: fatboa@fatboa.org.br
Site: www.fatboa.org.br

Tels. (11) **3609-1143** (o dia todo)
(11) **3654-3743** (à noite)

Plano Cooperativo

A CBESP assim distribui os recursos que recebe:

Convenção Batista Brasileira	25,00%
Missões Estaduais e apoio às Pequenas Igrejas	25,00%
Associações Regionais	15,00%
Educação Teológica	10,50%
União Feminina Missionária Batista do Estado de São Paulo	03,00%
União Masculina Missionária Batista do Estado de São Paulo	03,00%
Juventude Batista do Estado de São Paulo	03,00%
Comunicações	04,00%
Administração	10,00%
OPBB-SP	01,00%
AMBESP	0,50%

O Plano Cooperativo é o dízimo dos dízimos (10%), que as igrejas filiadas remetem à CBESP para custeio do programa que ela realiza. Este valor, somado à Oferta de Missões Estaduais, constitui-se a única fonte de recursos para o trabalho Batista, empreendido no Estado de São Paulo.

Convenção Batista São Paulo

Bradesco - Agência 092-2
Conta Corrente 12.056-1

Peça o Boleto para remessa

Tel.: 011 3801-4403 Fax 011 3673-7959
E-mail: cbesp@uol.com.br

Campanha
2 0 0 5

Missões em São Paulo

Efésios 2.17,18

Alvo Missões
600 Mil Reais

Alvo PAM-SP
200 Mil Reais

CBESP - Bradesco
Ag. 092-2 - c/c 12.056-1

Somados os valores que a CBESP recebe das igrejas e aplica no Estado, concluímos que 75% são aplicados em Missões, restando para as áreas de administração, teológica, música, ação social e educação cristã, apenas 25%.

Queremos investir ainda mais em Missões, entendendo que aqui reside a nossa motivação e a nossa responsabilidade maiores. Vamos continuar enxugando as despesas administrativas, reduzindo-as ainda mais a estrutura votada pela CBESP, contempla Missões com o destaque de que agora o Diretor Executivo é o Secretário de Administração e Missões Estaduais. Isto significa colocar Missões no destaque que merece.

Convenção Batista Brasileira

Convenção Batista São Paulo

CBESP - BRADESCO
Agência 092-2 - Conta Corrente 12.056-1
Peça a Boleta para remessa
Tel. (11) 3801-4403 Fax (11) 3673-7959

Ainda temos 250 Municípios no Estado de São Paulo sem trabalho Batista.

O que faremos?

Algumas igrejas do Estados já estão atuando para que esses municípios sejam alcançados. Elas sabem que os valores recebidos na Oferta de Missões e no PAM-SP (Plano de Adoção Missionária São Paulo), são investidos integralmente na obra de Missões.

Ore

Contribua

Coopere

A CBESP mantém diversas frentes missionárias, incluindo evangelização de japoneses, universitários, favelados, presidiários, menores desassistidos e apoio a pequenas igrejas.

Caso sua igreja ainda não participa, informe-se, ore e contribua! Leve sua Igreja a participar do Plano Cooperativo e a levantar a Oferta de Missões Estaduais e alcançaremos, juntos, os municípios que ainda não têm o trabalho batista!.

Convenção Batista São Paulo

Convenção Batista do Estado de São Paulo
Rua João Ramalho, 440, Perdizes
CEP 05008-001 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 3801-4403
E-mail: cbesp@uol.com.br
missoescbesp@uol.com.br

CBESP - Bradesco - Ag. 092-2 - c/c 12.056-1

Missões
em um mundo sem fronteiras
Cristo aos extremos da terra
MISSÕES MUNDIAIS
www.jmm.org.br

Plano Cooperativo

A CBESP assim distribui os recursos que recebe:

Convenção Batista Brasileira	25,00%
Missões Estaduais e apoio às Pequenas Igrejas	25,00%
Associações Regionais	15,00%
Educação Teológica	10,50%
União Feminina Missionária Batista do Estado de São Paulo	03,00%
União Masculina Missionária Batista do Estado de São Paulo	03,00%
Juventude Batista do Estado de São Paulo	03,00%
Comunicações	04,00%
Administração	10,00%
OPBB-SP	01,00%
AMBESP	0,50%

O Plano Cooperativo é o dízimo dos dízimos (10%), que as igrejas filiadas remetem à CBESP para custeio do programa que ela realiza. Este valor, somado à Oferta de Missões Estaduais, constitui-se a única fonte de recursos para o trabalho Batista, empreendido no Estado de São Paulo.

Convenção Batista São Paulo

Bradesco - Agência 092-2
Conta Corrente 12.056-1

Peça o Boleto para remessa

Tel.: 011 3801-4403 Fax 011 3673-7959
E-mail: cbesp@uol.com.br